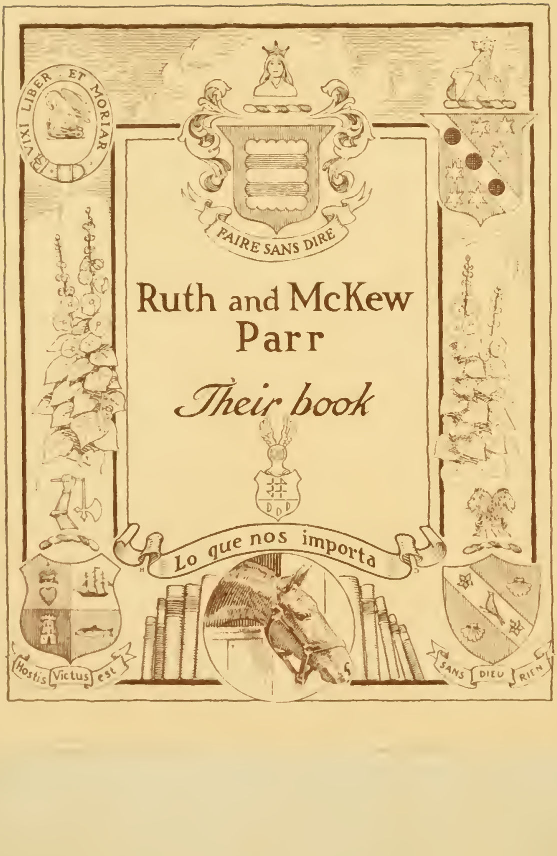
I VIXI LIBER ET MORIAR
FAIRE SANS DIRE
Ruth and McKew Parr
Their book
Lo que nos importa
Hostis Victus est
SANS DIEU RIEN

N. F. 112

McKEW PARR COLLECTION

MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY

PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961

COLOMBO.

TOMO SEGUNDO.

COLOMBO

POEMA

POR

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

TOMO SEGUNDO.

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR Nº 69.

1866.

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1866.

COLOMBO.

CANTO XX.

Reflexo criador da essencia diva,
Alma poesia, encanto harmonioso,
Echo animado dos arcanos d'alma,
Fórma brilhante das visões da mente,
Afortuna o meu ser, feliz transpondo-o
Em patrio adejo ás majestosas plagas
Do mundo de Colombo, aonde outr'ora
Venturoso aspirei, ao sol fecundo,
As virtudes do amor e d'amizade.

Coroada de eterna primavera,
Fulgindo gemmas, rescendendo aromas,
Sorrindo generosa e hospitaleira,
Vem, oh Musa brasilia, vem saudosa
Ao Elba, onde suspiro em grato anhelo,
Voar commigo ás regiões queridas;
Lá onde a natureza viridante

Meu berço adorna de incessantes flores,
Auras bafeja, que o valor inspiram,
E na fonte sonora e crystalina
Do engenho satura as melodias!

Candida luz, que a vida me afagaste
Na aurora da existencia, vem renata
Mostrar-me o sitio em que vagi na infancia,
A nava em que sorri, ditoso, outr'ora,
E a pedra ingrata, immerecida, injusta,
Onde em pranto acordei, só vendo azares!
Vem, oh astro de amor, vida segunda,
Flôr celeste da interna primavera,
Abrir-me a estancia em que transluz a patria,
Entre véos de suspiros e saudades,
A cara patria, que não vejo ha um lustro!
Sobre as azas do tempo se apagaram
Dias de lucto, que o vulgar não sente,
E no exilio espontaneo só revivem
Os momentos de amor e de amizade!

Vem, oh candida luz, como si fôras
Raio divino que na mente estala
Em ondas de harmonia, e n'alma infunde
Canto que eterne com sublime accento
Desse elysio sem par as louçanias,
A grandeza, a esperança, o fado, e a gloria:

Lampeja no meu hymno a luz do genio
De omnimodo fulgor; apaga as trevas
Da materia, e no Olympo da belleza
Meu ser colloca, endeosando o metro.
Mostra-me a patria, destes frios longes,
Como a palma que adita plaino adusto,
E a sombra ameiga a desejada fonte.

Vôa, oh filho do céo, meu pensamento,
Sobre os fluidos ethéreos, que ultrapassam
As balisas do tempo; vai ditoso
Aspirar novo lume, novo encanto
Na pureza do céo americano:
Pelas mysticas leis, mostra a meus olhos
O Cruzeiro do Sul, brasilio emblema;
Quero beijal-o, e sublimar meus labios
Para digno exaltar o natalicio
D'America, e mostrar em vivos quadros
Seu fado luctuoso ou resplendente;
E como a virgem do oceano ignoto,
Que em ouro convertera a luz phebéa,
Em prata os raios de Lucina bella,
E o orvalho de céo em diamantes,
Aos pés cahira do Europêo sedento!
E como escrava, lacrimosa, oppressa,
Tinta a fronte de sangue, rota a aljava,
O templo em cinzas, o solar rendido,

Entregue á cupidez, á tyrannia,
Gemêo tres sec'los, té que Deos lhe désse
De novo a antiga liberdade, abrindo
A seus olhos vendados novas glorias.

Sóbe, e transpõe no divinal arrojo
A baixa esphera em que labuta o homem.
Fatidico demostra seus destinos.
Sóbe ao culme explendente, immune ao raio,
Do majestoso, eterno Chimborazo,
E lá, onde a montanha antes dos mares
Bebe o lume da aurora, e se corôa
Dos arrebões do occaso, quando a noite
No Amazonas espelha a plumbea face,
Proclama, oh pensamento, a grandiosa
Missão do Novo Mundo, e a desse Imperio
Gigante do Equador, nos dias aureos
Em que o nauta pélagio alçar a quilha
Ao viso diamantino flanqueado
Do Arino e do Amular; e veja o orbe
Nesse annel fluvial, que aduna os mares
Do Prata e do Amazonas ao oceano,
O Grypho Imperial dos Brasileiros
Dizer á Aguia de Washington: „Subamos;
Coroados do sol da liberdade,
Contemplemos, irmães, nossa grandeza.“

Tocando á méta do infernal peryplo
Colombo estava, e pelo termo ancioso.
Com os olhos n'um mar que alaga os pólos,
Via o Revelador de sobre as ondas
Condensado bulcão, subindo a espaços,
A esphera perfilar, crescer ao móto,
E pouco a pouco despontarem niveos
Agudos picos borbotando flammas!
O guerreiro christão taes almenaras
Nos montes turdetanos jamais vira,
Nem taes chammas no Oeta luctuoso
O pio Philocthetes, quando Jove
Queimou a pyra em que finara Alcides!

Ao gyro regular do globo astuto,
Tricintadas montanhas recresciam,
Brotando do recosto immensos ríos
A um e outro mar: os do poente,
Que ás faldas vinham se emergir, no plaino
De bibulo deserto, eram regatos
A par dos outros, que do flanco opposto
Tres imperios ingentes fecundavam.
Não eram montes os que ao céo subiam;
Mas tres mundos extensos sobrepostos,
Como si a Italia supportasse o Cobi,
E este a Zembla, quando o Capro estua.

COLOMBO.

Si tua alma versuta ardil infando
Contra mim preparou, estou fronteiro
Ás niveas metas do trevoso oceano.
Não me illudes com velhos preconceitos:
A terra é um espheroide, e não leziria
Do oceanico río dos homerides.

PAMORPHIO.

Sempre em lucta commigo! sempre atado
A um juizo contrario! Es bem o homem
Que apalpando a verdade inda duvída!
O que vês sobre a linha acroceraunea
Destes grandes vulcões é tudo novo:
São os grandes phanaes do porto anciado,
Glorio remate do teu nobre escopo,
A incognita mansão, a chave de ouro
Que ora vai descerrar a nova idade.

„Contempla, escuta, e pasma, e não duvides.
Este mundo que surge, ingente e bello,
Qual vaga imagem de confuso mytho,
Por gente aventurosa foi trilhado
Em seculos remotos. Foi nos dias
Em que a estrella polar guiava o nauta,
E o homem, seus annaes, suas conquistas,
Á fallivel palavra confiava.
Immenso, recortado em hemispherios,

Entre dous oceanos isolado,
Vezinho apenas, na polar estancia,
Do velho mundo, os filhos seus incultos
Em deoses converteram quantos viram
De raça estranha nos perdidos tempos
Em que a historia era o verbo, e o lar o archivo.
O Phenicio, que o ambar permutava
Nas plagas da Sarmacia; o Dano hardido,
Que em debil vime ultrapassara a Thule,
E o pescador de Erin n'elle aportaram,
Pelos ventos do acaso compellidos;
O Malaio, senhor deste oceano,
Tambem o vira, e os ronceiros juncos
Do niponio Mikado, quando em Yeddo
Os dous sceptros unia. Desses tempos
E homens fallarão um dia os Sagas,
O papyro do bonzo, a pedra ermada,
E a vaga tradicção, livro dos mortos.

COLOMBO.

Si assim foi, não é gloria o que me espera,
Alêm do fito que piedoso almejo!

PAMORPHIO.

O homem não inventa, só descobre;
E o descobrir é gloria só concessa
Aos eleitos do céo. Que mais aspira
Tua grande ambição?... Buscas um porto
Alêm do largo oceano, — e um Mundo encontras!

Que maís queres do céo, do mar, da terra?!
Hoje inicías a prescripta phase
Da unidade da terra, abrindo os mares
Á lei que os homens fraternisa, e iguala.
Mais feliz do que Henrique, a idade assentas
Em que a mente vai ser força centupla,
E a vida das nações uma unidade,
Que por Deos graduada irá crescendo
Com novos meios, conducentes sempre
A vencer da materia o rude imperio.
Com dôr prevejo quanto agora digo!
Ah! si fôras um Anjo decahido,
Poderias pesar o mal que sinto
Ao ver do inferno espedaçar-se o throno,
E a Cruz ovante refundir a terra.

„O dia em que subio do pólo ingrato
Ás brandas regiões o homem rubro,
O tempo o escurecêo: o livro azteca
E o quipo nodoado o não poderam
Demarcar aos vindouros, nem a pedra,
Alliada dos deoses precursores.
Estes montes que vês, estes convalles
Do pólo ao equador, cheios de tribus,
Berço hão sido e sepulchro de outros povos,
Antes que Imox, o primitivo, aos homens
Do sol o gyro prescrevesse, e Calli

Ensinasse em Panuco as boas artes;
E o claro demiurgo, em Cusco, aos Incas
Legasse os fructos da missão divina.
Este mundo, que sóbe contornado
De fumo e raios, de vulcões e neve,
Como tocando na mansão dos astros,
E onde agora florescem dous imperios,
Séde ha sido de povos consumidos,
Pouso de tribus, que os tufões da morte
Arrancaram do sólo, descarriando-as
Qual grei perdida em espessura ingrata.

„Estas serras, do Inca *Antis* chamada,
E esta linha de neves *Ritisuyo;*
Estas zonas já petreas, já floridas,
Monumentos sem par; estas espaldas
De estereis alcantis, soidões sem echo,
E esta falda maior, de verde eterno,
Biblias de terra são, em que estampara
Adonay seu poder, sua grandeza!
Alli, na penha rude e selva inculta
Tens um mudo epitaphio, e nos vestigios
De extinctas gerações a historia e o passo
Do homem que o passado deificara,
Antes que o cedro astlanico frondoso
Protegesse o mitote, o sacro baile
Das tríbus Chichimecas juncto, aos deoses;

Antes que os Tambos, de solar progenie,
Ao taqui harmonioso origem dessem,
E a prole sancta no Huatanay fundasse
De Manco o throno juncto ao monte sacro.
Para tanta grandeza e formosura
O raio visual d'aqui é curto:
Subamos do Pandorio ao viso extremo,
E lá, patente a promettida terra,
Verás, Moysés do mar, teu Novo Mundo."

E do novo Abarim vencido o tope,
Vio Colombo de um lanço o vasto mundo,
Que America se chama, e extasiado
Genuflexo cahio, assim dizendo:
„Almo lume do amor mais puro e sancto,
Sol do infinito no horizonte eterno,
Meu Deos, minha esperança, eu te agradeço
Deste momento a previsão tão grata
Que em minha alma a verdade delineia
Com as côres do céo! . . Tudo está claro!
Eis a terra da Cruz, da fé de Christo!
Serás um dia, oh Novo Mundo, o espelho
Da unidade christã! orgam sagrado.
Á gloria do Senhor, por teus mil templos,
Do epico alvanel aos céos erguídos,
Cantarás a doctrina do Evangelho,
Como estas montanhas, e estes valles

No seu hymno vernal d'eternas flores.
Vejo em teus ang'los perennaes auroras,
E o sol da redempção banindo as trevas
Do espirito mendaz que te escravisa! . .
Tudo vejo, e alêm, no grande oceano,
De Castella e de Lysia os estandartes
No ar fulgindo as gloriosas cruzes.
Lá vem da Iberia novo Abrahão piedoso
Erguer as tendas na virginia plaga,
Alçar o tabernac'lo! . . Vem do Tejo
Novo Isac ensinar o sancto verbo
Da hostia do Calvario, e um grande Estado
Entregar a Jacob, alli, aonde
Fulgura em céo mais puro a Cruz siderea,
Não vista do Europeo! . . Bem como em alva
De estiva quadra, mana a terra effluvios,
Alçando coruchéos, niveos zimborios,
Assim diviso na extensão mil templos
De pios votos com amor subindo
Ao céo que ampara o promettido Imperio,
Filho de Affonso, e da guerreira prole
Que estampara no peito a cruz vermelha!
Grande, como seus paes, ha de algum dia
A nova geração com nobres feitos
Esse Imperio elevar, centro futuro
Do sancto e bello, do sublime e grande!

PAMORPHIO (comsigo mesmo).

Soprar-lhe-hei o bairrismo, que amesquinha
O patrio amor, e açula os vis instinctos.

COLOMBO (proseguindo).

E meus olhos mortaes não hão de vel-o!
Não importa, meu Deos; triumphe a Igreja,
Cresça a sancta doctrina como a chuva,
Que a terra anima e fertilisa os campos;
Floresça o grande Imperio á Cruz votado,
E as azas do Senhor sobre elle pousem,
Como as d'aguia que os filhos acalenta."

Alçado o Nauta, na mudez fecunda
Em que tudo se alcança e se pondera,
Longo tempo ficou, bebendo encantos!
Eram seus olhos attrahentes imans
De paineis que a palavra em vão descreve;
Dous colibrios ardentes, voejando
Em delirio de amor, gratos fruindo
Nas flores da natura o nectar d'alma.

COLOMBO.

Que nome ha dado a este mundo o homem?

PAMORPHIO.

Não tem nome geral, mas ha de tel-o.
Como fôra no berço o mundo antigo
Na idade petrea, tem os varios nomes
Dessas tribus que vês. A grande idéa,

Que liga ao chão paterno o amor e a gloria,
E os homens n'um só povo á lei sujeito,
E obedecendo a um chefe, só firmou-se
Nos dous grandes imperios que estás vendo.
O do norte, electivo no governo,
Fundado por Mexí, d'elle houve o nome;
E o do sul, que de paes a filhos passa,
Obra de Manco, de nações conjuncto,
Se diz Tahuantesuyo. Do primeiro
O nome ficará; mas o segundo
Rude engano dar-lhe-ha de um río o nome.
Na miragem que houveste, o céo cobrio-te
A face opposta do painel futuro;
Calou as glorias da esperança ultrice
Que alenta os brios do tenaz inferno.

COLOMBO.

Não me aterras, malvado! Ouvi a Christo.
O tempo é o padrão em que Deos grava
Suas leis soberanas e infalliveis;
E os decretos de Deos ninguem abroga!
Na ampulheta que a vida mede aos povos,
Já pende o bago extremo, o que a teus idolos
A virtude prenuncia ha de sem custo
Em breve emmudecer, e nos augures
O terror infundir. Fóge o embuste
Do logar em que a Cruz planta a verdade.

E porque chamas novo a um mundo velho,
Onde ha ruinas e paços, morte e vida,
E os elos sociaes no solo impressos,
E na selva e cidade demarcados
Os extremos da vida humanitaria?!
A pedra solitaria e carcomida,
Cenothaphio e balisa do passado,
Fórma da crença no alternado tempo,
Aqui me falla agora a mesma lingua
Que nas ruinas do Egypto, Roma, e Grecia,
No velho mundo ouvi! Não medra o artista
De engenho criador ao pé das brenhas,
Mas sim ligado a um culto e leis propicias,
Fructos da fé, do tempo, e esforço humano.
Aquelle cedro, que no tronco annela
Pesados evos, e sombreia o tecto
Daquelle immenso templo o está dizendo,
E assim a palma secular, a yuca,
O alóes punçante, a espatulada tuna
Por sobre essas abobadas antigas,
Esses pensis jardins do tempo hortados,
Da fera asilo e de crueis memorias!
Quanto vejo uma historia me retraça
De eventos sobre eventos, como em Karli,
Ellora, e Thebas, onde o braço abrira
No saxeo flanco desmedidos templos! . . .
A industria é legendaria: em cada lettra

Tem um cyclo, uma phase, um drama inteiro,
Si culto engenho interrogal-a sabe!
Não é nova esta terra! Colligados
No solo vejo do progresso os passos,
Si da choça erradia subo ás moles,
E do chefe sem leis ao soberano!
Tudo aqui claramente se revela.
Anima estas ruinas co'a palavra,
Luz que evoca as origens, e alma infunde
No arcabouço de pedra das idades.

PAMORPHIO.

A teu rogo benigno, serei breve
Discorrendo dos tempos primitivos;
Seguro no presente, e serei amplo
No futuro que aguarda o Novo Mundo.

„Sobre dous hemispherios assentado,
E entre dous oceanos suspendido,
Como balança que o porvir pondera,
Por seu novo destino ha muito anceia.
Contempla o como é bello, grande, e rico!
Vê quantas maravilhas, quantos dotes
Generosa estampou-lhe a Providencia!
Antecias zonas, alternando climas,
Golfos bolçando protectoras abras,
Plagas abrindo portuosas angras,
Lagos piscosos confluindo ríos,

Montes que ostentam em acclive throno
As annuas estações, o pólo e o Eden,
Valles fecundos, dilatados campos,
Solo embrechado de metaes e gemmas,
E quanto á industria e á cubiça offrece
A opulenta natura, nunca exhausta.

„Antes que á luz revoque, e surja em carne
A rude larva do incola primevo,
Contempla estas escadas himalaycas,
Talhadas para os pés de Deos somente,
Que vão de ambos os mares graduando
Tres climas em tres mundos sobrepostos!
Mede esse río, ou esse mar composto
De ingentes paranás, Thyphéo das aguas,
Que as cem frontes arboreas alto pousa
Na espalda humente dos alpestres Andes!
Onde nesse orbe decorrido has visto
Maravilhas iguaes? De pólo a pólo
Se estende a gigantesca cordilheira
Cristada de vulcões, qual monstro hirsuto
Pela espinha jorrando fogo e fumo,
E dos flancos de pedra borbotando
Oppostos ríos aos dous grandes mares!
Onde a natura contrapoz taes scenas?!
No mesmo ponto, variando os climas,
Desce do pólo ao equador, e atira

O liken glacial juncto á palmeira,
Ou mescla o silvo d'aguia acroceraunea
Ao ruflar do colibrio, amor das flores!

„Que estupenda grandeza e majestade!
Aqui tudo sublima a dupla vida
Da mente e dos sentidos, quando a aurora
Estende a facha tricolor dos Andes,
E o sol apaga dos vulcões a flamma.
Si o dia estes paineis apura e esmalta,
A noite os não extingue, quando a lua
Com seu bafo de prata os esclarece,
Diamantisa as correntes, põe phantasmas
Nas penhas, e nos echos ais e prantos;
Ou perfila no céo estes vesuvios,
Temerosos brandões, phanaes erguidos,
Quaes não vira a ciosa Clytemnestra
D'Argos, na noite em que do Ida ao Athos,
E deste ao Egiplanto, e á regia inquieta,
Saudara a flamma que trazia a nova
De que Troia vencida ardia em ruinas.

Aqui é outra a voz, a força, a furia
Dos soltos elementos, quando irosos,
Como dous campos de inimigas hostes,
Se entrechocam, rompendo entre as quebradas
Os elos da cadeia ethérea em flammas,

Ou bramando qual mar tempestuoso!
Ah! si os viras, após estiva calma,
Alinhados em nuvens pardacentas,
Quaes longas serpes colleando iradas,
Vomitando trovões, raios, diluvios,
Abalando as montanhas, arrancando
As penhas e as florestas, refervendo
Nos fundos valles as lodosas aguas;
Ou n'alpina angustura, pranteando
N'harpa gemente do pinhal hirsuto,
Caudalosos verterem mil torrentes
Que ao mar conduzem millenarios troncos,
Então, cheio de horror, vendo a natura
Ulular, como a esposa enviuvada,
E o vulcão, pelas trevas vomitando
A purpura solar, mudar em brasas
A torrente e o abysmo! . . . o que dirias?

COLOMBO.

Quanto és grande, meu Deos, pois que assim fallas!

PAMORPHIO.

Poupaste-me a palavra; eu te agradeço.
Ardem-me os labios si tal nome acato,
E este fogo vem d'Elle, inda implacavel!
Todas estas montanhas, ríos, valles,
Grutas, abysmos, desolados ermos,
Não são desertos, não: sobre elles gyram
Criadas legiões n'alma dos tempos,

Espiritos fallazes, oriundos
De minha inspiração; numes propicios,
Invisiveis archêos, causas e effeitos
Do que o homem percebe e não explica
Nas horas da fortuna; e em lucta co'elles
Furias temidas, desastrosas larvas,
Deoses ferozes, animaes sangrentos,
Em que entronca o selvagem das montanhas
A cruda estirpe, que o attrai ao crime.

„Que immensas convulsões, e que desordens
Alli sulcara o tempo, sempre em móto,
Desde a altura hibernal á base estiva,
Do vulcão ao rochedo, e deste aos campos
Onde esponte o cajú loureja os favos,
E a pitanga os rubins pende nos ramos!
Si do reino das musas e bromelias
Ao alto sóbes, onde o campo esmalta
O dormente e escarlate floripondio;
Si do aprisco friento da vicunha
Galgas a penha em que floreia as plumas
O endemico lupino, e d'elle vôas
Á humaripa, e á felpuda pulluaga,
Que a neve rompem da mansão hibernia;
Uma nova epopéa de mil vozes
Te dirá novo genesis tremendo,
E o que antigo pyromis não soubera:

Altos montes, que outr'ora foram plainos;
Lagos assentes em vulcões extinctos;
Adustas penhas sobre antigos rios;
Reinos sepultos que a espessura encobre;
Mares cobertos de formosas veigas,
E cidades immersas no oceano;
Revoltos mundos, sepulturas mutuas,
Um contínuo volver, lucta incessante,
E o progresso adejando entre os desastres!

„Não vês no circo helifluo, o céo tocando,
Quaes métas tropicaes de bronze e jaspe,
O alto Chimborazo e o Antisana,
Reis d'Antisuyo, resplendendo as mursas
De neve eterna juncto ao sol ardente,
Como dous atalaias, que devassam
Do pólo ao equador o Novo Mundo,
E as raias medem dos oppostos mares?
Nunca o cimo varrêo-lhes, no equinocio,
O tufão eversor, nem d'aguia o surto,
Que alcança as ribas do maior dos ríos
Que entre elles desce ao atlantico oceano!
O ruc, ave gigante, infesto ao Cafre,
Que faminto suspende ás afras nuvens
O preado elephante, os não transpõe,
Mas somente o condor, que bebe raios,
E a prole aninha na cratera ardente!

Nesta zona central, onde se esgalha
Em arterias vitaes o rei dos ríos,
A natura não dorme nem descança:
A nevoa matutina que fluctua
Á flor do Tungurágua, qual cardume
De aéreas fadas, revezando o curso,
Sóbe aos Andes, e desce em catadupas;
Como a flor da caóba, sobre as auras
Adejando, remonta o Rio-negro,
E vai erguer nas margens caudalosas
O tronco ingente juncto ás largas balças
Onde explende a nymphéa gigantesca,
Em que um novo Indostão poria o berço
De novo Brama, e o centro do universo!
E o grão que a enchente leva, e se abre em flores,
Como a nympha, que appensa á folha, estala,
Soltando a borboleta furtacôres,
Bella imagem da phenix da natura.
Tudo quanto respira o ar e o lume,
Adeja, marcha, ou se propaga immovel,
Aqui duplica, como a abelha os favos,
A planta o fructo, e o passarinho a prole.
No eterno outomno, ao oriente eterno,
Qual flavo gyrasol, voltado o homem
Só cura de colher a messe esponte
Nos vergeis da natura, como as aves
Que o divino cultor hospeda e farta.

Neste mundo, portento de prodigios,
Cavou a natureza, equidistantes
Das métas tropicaes, dous nobres lagos,
Em que o sol divinal recebe o culto
De dous sceptros estranhos. No do norte,
Si só o coração do prisioneiro
Nas aras de Tlaloc o céo abranda,
No do sul basta a alpaca ao sacrificio,
E de Ynta, o pae da luz, applaca as furias.
Si alli se embebe a truculenta pedra
De sangue humano, e se cultiva e véla
Com aulico explendor a tyrannia,
Acolá vive a lei n'um throno de ouro,
Que o Inca paternal constante guarda.
Si teus olhos da mente não falceiam
O nobre escopo, teu empenho alcanço . . .

COLOMBO.

Dice-te ha pouco: anima-me estas ruinas,
Esta immensa necropolis, juncada
De huacas e palacios, mortos, vivos,
De um passado tão longo e tão escuro,
Que parece tocar á infancia do orbe!

PAMORPHIO.

Aos ermos hyperboreos remontemos,
Para assim discorrer com mór proveito.
Deixa nas furnas do polar deserto
O misero Esquimáo que odeia as fontes,

Bebe o rancido azeite, e conta a vida
Por dias semestraes, e não por annos!
Não vejas nos tristonhos, frios valles
O antecio Patagão, de immundos lares,
E o tosco Ignense nas ermadas penhas
Do fero promontorio, onde os pampeiros
Eversores do mar, da terra açoutes,
Á luz algente do Acarnar dormitam.
No Auca marcial, intonso, e livre,
E no opposto Alonquino, tens a astucia
Do valor primitivo; e no ambulante
Minoano dos páramos salgados,
No feroz Iroquez, senhor dos lagos,
Não ha muito que ver: são semiferas
Alheias á moral, servas do instincto,
Como o Xarrua e o Huron, que as duras carnes
Oppoem ao frio vendaval e á neve!
Do imbele Guarany, que nasce escravo
Nas aguas do Uruguay, fronteiro á taba
Do nobre Guaicurú; e do Cariba,
Que á bilingue consorte veda a parte
No diario festim, não discorramos,
Nem do estulto Bacari, hybrido galho
Dos Arinos e Pascos fugitivos:
Immersos na rudez do aspro silvicola,
Só á carne obedecem. Mais felizes,
Nest' hora sem porvir, gozam da vida

O altivo Carijó, que bebe ferro
Nas aguas do Ipanema, e o Tamoyo
Cantor das selvas, domador das ondas,
E o Tupí, que se crê prole tupania,
Pisando a estancia reservada á gloria
De um grande imperio, maravilha do orbe,
Si a Lusa estirpe triumphar do inferno.
Nessas devezas, onde o Mura afina
A flauta dialogal, e onde memora
A hegira que do Inca o libertara;
Na espessura, da suina sombreada,
Aonde o Cachapoya, espavorido,
Não toca a pedra de Quelap enferma,
Temendo as mumias de minaz contagio;
Onde o Pongo lhes fecha a orla infausta
Da torre de Chupan, huamal Tarpeia,
E o Tecuna passeia o deos de estopa,
Outro imperio virá, si a cruz templaria
Da estirpe marabá cahir aos odios
Do egoismo brutal, ruina da patria . . .

COLOMBO.

Deos dice á Cruz: caminha, vence, e impera,
E os decretos de Deos são infalliveis.
Tudo a Cruz vencerá, e mesmo o inferno,
Quando Christo fundir-lhe as bronzeas portas.
E o theandrico pé curvar a fronte
Do inimigo de Deos, talvez contricto!

PAMORPHIO.

A crença é uma esperança, e a esperança
Um sonho da vigilia: os sonhos mentem.
Si desejas mais luz, evita a réplica.

COLOMBO.

Tudo já está prescripto. Continúa.

PAMORPHIO.

Do selvagem polar, do que navega
Em largos paranás, no salso indomito;
Do que vence no Ontario as tempestades,
E em tosco lenho o Niagara afronta;
Do leso Californio sem arbitrio,
Do Pahutal que vil piaga animaliza;
Do Illino errante, e do Nathechez vencido,
Garfos perdidos de uma estirpe illustre,
E d'outras tribus que por hi vagueam,
Os teus olhos afasta, que a mais alto
Se devem remontar neste momento.

„Alli, onde se esgalha em longos deltas
O Mississipe immenso, hão de algum dia
Os lizes fenecer, horror do inferno,
Quando o bison, senhor das verdes navas,
Fugir de uma aguia, extremalhar-se pavido
Ao remigio tonante entre as estrellas,
E na terra implantar, . . . não digo: treme,
Tu que adoras os reis, que és d'elles servo.

COLOMBO.

Debelará a Cruz essa nova aguia?

PAMORPHIO.

Ah! Não.

COLOMBO.

Então não tremo. Continúa.

PAMORPHIO.

Estas, que vês do Missoury ás fozes,
Do grande río contornando as margens,
Relvosas médas, desmedidos muros,
Sustendo selvas millenarias, marcam
Da prisca gente a itineraria róta,
Quando Zichen, Moisés das rubras hordas,
Cedera ao Chichimeca alvo e barbado
O delta e o grande río, e, proseguindo
Pelas orlas do mar, alçou as tendas
Em Tampico, e fundou seu novo reino.
Vestigios de outras éras, mal te apontam
O caminho de povos que passaram,
E o silencio engolio em mudas trevas.
Como o escravo do Turco, que ora pisa
Na campa egregia da famosa Athenas,
De Phidias os primores calcinados,
Assim estas que vês tribus indoceis,
Indiff'rentes conculcam essas ruinas,
De seus odios ultrizes só curando.
O raio exhumador que quebra as pedras,

E o gladio antigo do sepulchro arranca,
Ou volve ao dia secular ossada;
A torrente que escalva, e esbroa a terra,
E extrahe a setta do finado, e a leva
Á areia mobil das vizinhas margens;
O ferro escavador que aparta as rochas,
E abre longos abysmos, hão de um dia
A sciencia ajudar, quando estas tribus,
Tristes Illotas, no corcel ganharem
Rapida fuga a seus crueis algozes.

„Desditosos morgados da natura,
D'hoje a cem lustros, profugos, e escusos,
Só patria encontrarão na sepultura!
Ao ferro e fogo do Europêo sedento,
Como raça maldicta, hão de extinguir-se!
Não affectes desdens aos meus prenuncios,
Que nem sequer taes males te adumeram:
Tão grande é do porvir o horrendo aspecto!
Sobre os miseros ossos destas victimas,
Após que houverem no covil das feras
O berço, a fome, o desespero e a morte,
N'um calvario de opprobrio ha de elevar-se
A cruz de Christo, para horror dos tempos!
Eu, desse monte de memoria infanda,
Soltarei a serpente vingadora,
Que ha de nas veias da futura estirpe

O veneno instillar de fratricidio.
Da longa expiação de sangue e prantos,
De mutuas proscripções, de odios continuos,
E provanças crueis, ha de arrancal-a . . .
Mais não quero dizer-te, pois que a lucta
Será longa e tenaz. Ahi tens o Mexico,
A undosa côrte do primeiro imperio,
Fluctuando nas aguas, qual balceiro
De argenteas flores, nunca vistas do homem!

COLOMBO.

CANTO XXI.

Eis a grande cidade mexicana!
Eil-a suspensa no formoso lago,
As galas sumptuosas reflectindo,
Qual candida nymphéa á flor do rio
Sorrindo ás ondas que a seus pés murmuram.
Veneza singular, não d'arte hellenea
Vestindo andrajos, mas de uma arte nova,
Filha do proprio engenho, as niveas galas
Ostentando sem par. Como naumachia,
Ornada em torno de Alpes e Vesuvios,
De villas e vergeis, quintas e flores,
Assim resplende o mexicano lago,
Reflectindo nas margens pitorescas
Oitenta villas, nemerosos parques,
Jardins reaes, habitações pasmosas,
Olentes balças, fluctuantes hortas.
O lombardo colono, affeito ao bello,

Nunca em seus lagos de marmoreas orlas
Tal prodigio encontrou, nem o do Lido
Menestrel pescador, sorrindo ás grimpas
Da raínha formosa do Adriatico.

„Eil-a, a côrte famosa, o nobre assento
Do grande cesar que este imperio adita!
Montezuma fastoso, que escurece
No luxo e na grandeza o Chim e o Persa!
Possesso agora de fataes augurios,
Triste e combusto de roaz remorso,
Ás aras vai do deos Vistilipustli,
Seu Marte e protector, pedir conselho.
Do alto do Tlaloch, entre os mil craneos
Dos filhos de Tlascala, o deos aguarda
No altar sangrento o talho obsidiano
Que arranca os corações na pedra d'aguia,
Onde o rubro Topílsin colhe os fados
Com avita sciencia, e os transmitte
Ás quatro jerarchias deste imperio.
Antiga usança, que memora a pena
Do versuto Copil, quando excitara,
Na prisca idade, em Manicalco, o Chalca
Contra os seus, que vencendo-os, justiçosos,
Do infame proditor o peito abriram,
E o vivo coração arremessaram
Neste lago tão bello, e tão formoso,

Que a teus olhos suspende a gran cidade.
É crença que da entranha infida vira
Mexi, o patriarcha, sobre um' ilha,
Uma serpe e um tunal surgirem junctos;
E do alto do Acopilco tambem vira
Aguia mavorcia sobre a tuna olhando
Para o sol, e preando um ave estranha.
Eis a origem do culto e da devisa
Desta Tenoxtitlan, — Tunal na pedra —
Assim chamada; e que o não fôra, si antes
Em crudo sacrificio não tivessem
Chachalmúas crueis á real Tocci
Escorchado o virgineo corpo, e entregue
A pelle ao culto do feroz mitote!
O pae trahido, que bofé a dera
Para madre dos deoses mexicanos,
Irritado brandio a lança ultrice,
Chamou ás armas Mechoacan em peso,
E os filhos de Mexi lançou no lago,
Peanha de crystal desta cidade.

„Tu, que a pompa real dos Doges viste
N'altiva Gênua e senhoril Veneza,
Que em Sevilha e Granada contemplaste
Das regias a opulencia, acaso tinhas
Desta occulta grandeza alguma idéa?

COLOMBO.

E como tel-a, tendo-a Deos fechada
Entre dous oceanos para os homens?
Sinto desejos de ir comtigo agora
Esta côrte estudar, correr-lhe as ruas,
Medir-lhe as praças, os canaes, e os muros,
Subir ao templo, visitar seus deoses,
E a teu lado colher mais amplo estudo;
Pois que tudo conheces.

PAMORPHIO.

Não te movas."

Cresce o globo fronteiro e se avizinha,
Espraia a curva, o ambito alargando
Pelos quatro horizontes; como vagas
Emanadas de um centro se irradiam,
A um bello vellejar no largo oceano;
Brilha no centro, simulando um disco,
Que alarga o limbo de fulgente prata,
O niveo lago, suspendendo alegre
A formosa cidade mexicana!
Não miragem fugaz ao passo do homem,
Qual nos ermos se pinta ao sol occiduo,
Mas sempre clara e firme, o nauta envolve
De altivos templos, majestosos paços,
Canaes, ruas, e praças espaçosas,

Nas quaes caminha, ouvindo o borborinho
De estranho dialecto; gente encontra
Nova em côr e no trajo, em tudo nova.

Nos quatro bairros das posseiras tribus,
Que um deos, chamado Capulteco, ampara,
Viram a tenda do barqueiro innupto,
A choça esconsa do artesão faminto,
A casa baixa do peão, que á feira
Leva e permuta do colono a messe,
A tenda do herbolario, a do fanqueiro,
A do ourives, que de ouro e prata abunda,
A do habil ceramico, exhibindo
Mil caprichosos, coloridos vasos,
A do esteireiro, que suspensos mostra
Seus tecidos de palhas multicores,
E os palacios dos grandes no districto
Que o nome dêo á imperial cidade.
No rapido trajecto, e á voz do guia,
Não vio Colombo nas humentes ruas
Do grande emporio exercitar-se o ladro,
Retinir a moeda nas permutas,
Nem sorrir a lascivia a véos abertos.
Alli não deslizava entre mil juncas
O ligeiro tancá, vendo brilharem
Em nutantes theatros, e hostarias,
Dourados lupanares. O remeiro,

Que impelle o esquife, não modula endeixas;
Mas só escuta na encanada villa
A celeuma confusa e trabalhada
De um milhão de bateis, varios no porte,
Na fórma, e na riqueza que conduzem.
Noites de orgias, deslumbrantes noites
Da brilhante Cathay, azo de crimes;
Firmamentos de amor, serões ardentes,
Rivaes do dia nos palacios de Adria,
Aqui não medram, nem sequer nas horas
Em que o filho do sol em risos folga
Ao som do tamborim no páteo augusto,
Ou no adro sagrado, memorando
A idade prisca no mitote alegre.

Por condão infernal, sem vistos serem,
Os secretos umbraes do paço invadem.

Que estranha architectura! que riqueza
Na fórma e na materia, estylo e ornatos!
Dir-se-ia, ao vel-a, que o compasso egypcio
Lhe dera o molde e as dimensões titaneas,
Si ella não revelasse um cunho proprio.
O pilone do Nilo, sanqueado,
O arco perfeito da sombria Etruria,
O fastigio e o amphiprostylo da Grecia,
De Roma as arcarias e os zimborios,

O coruchêo da India, e as sonorosas
Torres lombardas, e pontudas grimpas,
Aqui não formulara a mão do artista;
E nem da China as sobrepostas tendas,
Abrindo ao vento as tintinantes abas!
De um novo aspecto a artefactada pédra
Na estructura e desenho se reveste!

Nas vinte portas das ligadas regias,
Sobre as vergas de jaspe esvoaçava
O timbre imperial: aguia suberba
Preando um tigre nas possantes garras;
E no plano ascendente, precintado
De largas tarjas com meandros varios,
Alternados de frestas atticurgas,
Imita a pedra no matiz as tramas
Da leve esteira, rematando a mole
Pesado friso de ondeadas serpes,
Contornado de vasos de mil flores.

Era um dia festivo. Immensa turba
No páteo principal, em torno ás aguas
Sussurantes de um jorro crystallino,
Ao som dos tamborins circumgyrava,
Soltando coplas, e dançando alegre.
Como alterna o rumor onda espumosa
Co'o sopro vário do tufão na selva;

Assim o canto marcial crescia,
Dando ao passo cadente ora o rebombo
Do longinquo trovão, ora o das vagas.
No ledo torvellim volantes pares,
Frisando apenas co' as velozes plantas
O chão sonoro, pelo ar maviam
As sôltas vestes, sacudindo as frontes
De medonhas carrancas mascaradas.
Assim trajado, ainda hoje adora
O Tecuna indolente o deos Tupana,
No alto Javary, vestindo as fórmas
De peixes, de aves, de animaes, e insectos.
No centro, rodeando a sáfia orquestra,
Juncto aos trinta senhores, que de um brado
Cem mil guerreiros cada um levanta,
Bailavam os tres mil, que, em largos feudos,
Fruem as rendas do restante imperio.
Entre elles e o gran circ'lo que abrangia
O páteo, divagava a leda turma
Dos facetos truões, dictos soltando.
Era bello o painel, mas incompleto:
Entre os corpos nervosos não se via
Contrastar da mulher as doces fórmas,
Nem da voz argentina o canto amado,
Que desce aos corações, e as almas prende.

Entram no templo destinado á pélla,

Onde perde o vencido o manto, e envida
A propria liberdade! Vão á estancia
Em que o docto chronista em longas telas,
Qual escriba nilense, configura
Os eventos da patria. D'aqui passam
Ás salas dos archivos, consagradas
Aos nove imperadores. Na primeira,
Em caixas de ouro se encerrava a biblia
Dos tres deoses de Aztlan, somente abertas
Ao chefe e ao grande antiste. Em varias arcas
De incorrupto cypreste se occultavam
Os hymnos sacros, tradições, e lendas
Do mystico peryplo, começado
Nas sete furnas do paiz das garças,
E findado no lago mexicano.
Tambem se via em coloridas telas,
Por entre os mythos da bifurca extirpe,
Transluzir o Tolteca, industriando
O troglodita imberbe, e unido ao prisco
Nemrod das brenhas caminhar ao pouso
Da pedra basilar do novo imperio.
Não faltavam as annuas trabalhadas
Do primeiro monarcha, Acamapistli,
Sangue de Tocci, cujo nome sancto
Emblemaram n'um punho asindo flechas.
Humilde pescador em plaga estranha,
Cauto e brando reinou, poupando luctas,

E ao porvir confiando seus designios.
Suspenso no salão, patente estava,
Qual immota sentença, lei perpetua,
O rescripto que dera juncto á morte,
Pondo nas urnas da eleição seu throno.

O proximo salão continha os fastos
Do bom Vissilonitli, o Penna-rica,
De sangue ungido sobre o altar dos deoses,
Quando em conselho os anciãos da patria,
E os reis de Tambo e de Tezcuco, espontes,
Ao solio o ergueram, que illustrou sapiente!
Na alliança que fez, trouxe-lhe a esposa
Em dote a paz, a independencia, e a patria.

Entre flores e nastros purpurinos,
Na estancia immediata estava a imagem
Do occiso Imperador Ximalpopoca,
Que eleito infante perecêo mancebo.
Genio precoce, e coração ardente,
Foi seu timbre um Escudo fumegante.
Espirito guerreiro, amor do povo,
Rival dos Tepanocas, d'elles houve
No proprio leito traiçoeira morte.

Na sala de Iscoatlí, cognominado
O Cobra de navalhas, por seus feitos

De emboscadas e golpes, primorava
Do gran Tlacaellel a falla ultrice,
Quando os seus excitara contra os crimes
Do oppressor tepaneca, e n'um combate
O levou de vencida ao fundo pego!
Á morte honrosa preferindo a infamia,
Morreram todos n'um cobarde enleio:
Assim dos montes de Tlascala descem,
Ao rugir do vulcão, imigas feras,
Que o medo unira, a procurar nas aguas
Esteio á vida, e na enredada fuga,
Perdendo o tino, vão achar a morte
Nos alfaques do lago Tapoyano.

No salão consagrado a Montezuma,
O prisco e sabio, se engrandece a historia.
Novo doge, leão crinito e alado,
Já não permuta o sal e a pesca em troco
Da paz e segurança; pende o sceptro
Sobre o Chalca valente, e ante seu throno
Vinte povos escravos rendem pareas!
A seu mando e valor floresce a patria,
Tombam selvas e rochas, surgem templos,
Sóbe a industria e o luxo, e as raias fogem
Do imperio, que devassa ambos os mares.
Grande em tudo, e por tudo, foi-lhe a morte
Corôa triumphal! Legou á patria

Não servos d'ambição, do mando amigos,
Nem vis egoistas, mas varões preclaros,
Como sohe educar o rei que é grande.

Na sexta sala, a de Axaiáca, estavam
As actas do senado, já não dando
O remo e o batel, mas gladio e throno,
E a aureola de um poder abrilhantado
Por vassallos reaes! Guerra e conquistas;
Outro norte não teve. Ao deos cruento,
Grato e pio homicida, n'um só dia
Cinco mil corações depoz nas aras.
Toluca a fera, Mechoacan a altiva,
Viram seus filhos pranteando escravos,
Subir á pedra do cruel exicio,
E inglorios perecerem no holocausto.
Do novo Pharaó, que em rocha viva
Juncto ao vulto paterno o seu abrira,
Via-se a epopéa em jeroglyphos
Os vãos enchendo de pesados cofres.
Foram suas exequias as da patria!
Em funereo mitote, a turba anciana
As cans cingindo de purpureas tenias,
Em seus atrios dançou, unindo o pranto
Ao das vinte princezas que elle amara,
E de quem seu cadaver coroado
Pranto e mimos recebe, emquanto os padres

E o magno topilsin murmuram preces,
Queimam louro copal, e a pyra aprestam,
Em cuja flamma incinerar-se deve
O frio espolio desse heroe tão grande.

Quasi nua se via a triste sala
Votada a Tecocico, o gran cobarde,
Que *Esmeralda brilhante* appellidou-se!
A mitra azul, de gemmas engastada;
O manto imperial, do sol imagem;
O tigrino escabello, o throno avito;
A aljava e settas de ouro, augusto emblema
Da justiça e da força; a vida e brios
De seus nobres soldados; os recursos
De vinte reis vassallos, tudo, tudo,
No mestitlano campo, ante o Huastica,
Depoz sua fraqueza criminosa!
Réo de lesa-nação, votado á morte
Por quem lhe dera a majestade e o throno,
Optou descer ao nono abysmo, ao vacuo,
Tragando a morte em venenosa taça.

Ás glorias de Ahuizol, oitavo cesar,
Consagrado somente era o formoso
Penultimo salão; ares de regia
Ostentava no todo, revestido
De esculpturas, de estampas, e batalhas,

Obras de Tecual, pintor da côrte.
Em tintas fulgurantes se animavam
Os annaes gloriosos, desde o dia
Em que ao joven monarcha o pae da patria,
O ancião Ciuacátli, ornara a fronte
Co'o triplo diadema, e que o mancebo,
Na fórma de Tolteco, se insculpira
Sobre a rocha do lago mexicano.
Nessas telas escriptas serpeavam
As guerras, os triumphos e holocaustos,
Os escravos dizendo o adeos á vida,
E o pomposo monarcha abrindo o peito
Do Chiapano infeliz, e ao deos cruento
Volvendo a dextra em que palpita ainda
O vivo coração do desgraçado.
Lá estava o mappa do crescido imperio
Mostrando os reinos e nações conquistas,
E o braço de Ahuizol por sobre as métas
De um mar a outro mar, tendo suspenso
O ceruleo Tlaloch, o deos das aguas,
Irmão do nume tutelar do imperio.

No ultimo salão, que excede a todos
Em luxo, ambito, e arte, laboravam
Preclaros doctos, e fieis escribas
A historia inteira da nação illustre:
Sobre laminas de ouro, em largos frisos

Tecual desenhara as varias phases
Da epopéa aztecana, iniciada
Nos desertos de Aztlan, tendo o remate
Sobre o lago, dos deoses promettido.
Mexi lá estava, o ostensor, partindo
Das sete furnas do paiz das garças,
E guiando os Navatlascas, tronco illustre
Das sete linhas, ao rochedo equoreo;
E em cima de um tunal, co' as largas azas
Templo humilde adumbrando, um' aguia altiva
O sol fitava com suberbo entono.
Via-se o junco acobertando as tribus,
Dadas á pesca no nascente emporio!
A crescida cidade, e o rei a frente;
Já seu filho real, forte, esposando
A vizinha princeza, e tendo em premio
Livre o chão tributario, que ora habita.
Em mais laminas de ouro inda se via
Pintado o Culuano industrioso,
Refundindo metaes, alçando templos,
Subindo ao céo no Theocalli immenso;
E, da parte de oeste, o Tlascalense,
Como serpe longinqua, vomitando
Ao pés de Montezuma dardo infesto.

No meio do salão se erguia a estatua
Do grande imperador n'um throno de ouro;

Base pyramidal, toda emblemada
De brutescos, de flores, e guerreiros,
Alçava um baldaquim de pennas verdes,
Rematado por aguias e serpentes.
Do escabello real pendia á base
Sovada pelle de formoso tigre,
Em que sentado, co'a alpargata de ouro
Premava o collo de medonha fera
O suberbo monarcha, em vulto e cores
Formado ao natural: rosto severo,
Intelligente, nobre, imberbe, e rasa
A coma preta e luzidia em torno;
No septo do nariz um tubo de ouro
Passado tinha; argolas de esmeraldas
Do beiço e das orelhas lhe pendiam;
Cingia a mitra imperial, e o manto
Côr do céo, rendilhado de saphyras;
Na dextra a aljava, e na sinistra o vaso
Do sacro piciel, só dado aos deoses.

Da historica mansão alêm proseguem.
Perpassam pelas portas onde a morte
Pende a espada dentada em mão escrava,
E inhibe a entrada ao invasor estranho.
Passam a sala dos mil guardas mudos,
Quaes viventes estatuas, povoada
Do silencio que impõe a tyrannia;

Entram na estancia dos senhores; varam
A sala dos ministros, que descalços
Alli aguardam ordens, e penetram
No aposento em que o principe repousa.

Findara o baile das quinhentas socias
Do thalamo real. Flores esparsas
Juncam o pavimento, já pisado
Dos bufos e anões, termos da festa.
No estrado colossal inda recendem
Do frio prandio intactas iguarias.
Em fina esteira, sobre o chão, e á sombra,
Recubito pensava Montezuma
Com os olhos n'um quadro. Á dôr que o punge
Tacito culto na mudez prestava
Genuflexo varão, quedo a seu lado.

PAMORPHIO.

Preparei-te esta grande peripecia
Do drama imperial. N'ella tens tudo
Que importa conhecer. Escuta, e guarda.
N'elle falla o espirito prophetico,
Que ao homem baixa na agonia extrema.

MONTEZUMA.

E inulto morrerei! . . . A voz dos deoses
Matou minha esperança . . . Sinto a vida

Baixar ao nono abysmo, á estancia horrivel
Em que o dia e a noite não penetram,
Mas só o olvido que germina o nada!
Como antes de ser agora eu vivo! . . .
Tilalcanqui fiel, de mim afasta
Este ascoso painel da raça infesta,
Predicta ha muito, e que virá bem cedo
O Mexico assolar! . . . Branca e barbada,
Sobre monstros marinos, que trovejam
Ao dar ao vento as demedidas azas.
Tecual o pintou por ordem minha
Sobre as praias do mar . . . De mim levai-o,
Porque a dôr que me inspira é mais que a morte!
Si eu tivesse o olhar de Mlinalxochi,
Que fulmina o delirio e um prompto exicio,
Ao mar voara a exterminar tal gente;
Salvara a patria, e outra vida houvera.
Hoje, que, á luz da gloria, eu antevejo
Do mando seductor transposta a méta
Aos extremos da terra, e que não temo
Rivaes nem armas, vem-me a morte agora
Com frias serpes ennodar a vida,
E o sol da majestade, em negro eclypse,
Sumir da esphera que tracei na mente!
Dir-se-ha que sonho, qual no chão do exilio
Cruel tyranno, esperançoso ainda!

TILALCANQUI.

Perdoai-me, Senhor, si humilde escravo
A tão grande terror opponho alvitre.

MONTEZUMA.

Só funestos presagios me annunciam
O céo, a terra, o mar, e as prophecias!
E não devo dar fé a taes prenuncios?
D'onde veio esse sopro immenso, infrene
Que o lago entumeceo, levando os peixes
Té a base do templo, pondo as algas
Nos rosaes das sotéas? . . Quem nos ares
Tres espadas de fogo atravessando,
Co'a ponta de uma d'ellas flammejante
Queimou o templo, e incinerou os deoses?..
Uma voz punitiva está bradando
Meu exicio propinquo, e vossa ruina!
Escuta; mas não quero neste arcano
Teu coração de amigo; quero a mente,
Porque d'ella a razão segura emana.

„N'uma noite em que a lua branqueava,
Como um craneo roído entre os andrajos
De profano sudario, eu vi da velha
Cihuacoatli rugosa e já sem carnes
O vulto negrejar no limbo do astro,
E da putrida boca vomitar-me
Uma pedra na face, quando a olhava.

O gelo do Orizaba escaldaria,
Ao pé do frio que gelou meu corpo:
Fiquei morto, mas morto que inda soffre!
Timal, o grande mago, consultado,
Seu alvitre me dêo, nessa hora ingrata
Em que eu, revel, o condemnei á morte!
Assombrado de tudo e de mim mesmo,
Sem alivio encontrar, puz bando aos velhos
Doctrinados em mysticas sciencias;
Ordenei-lhes dicessem com franqueza
O que a noite augural lhes ministrara,
O que os astros marcaram, e o que as feras
Pelo instincto mostraram nas devesas!...
Vieram todos pontuaes ao prazo.
Um sonhara que vira o templo em flammas,
E a delirem-se em fumo os nossos deoses;
Outro, que vira Quezacual, o padre
Do Oriente voltar, rompendo as ondas
No seu manto real; descer á terra,
Quebrar-me as flechas, arrancar-me o throno,
E sobre elle assentar branco barbado!
Cerrando os meus ouvidos, como um louco,
Mandei-os entaipar; no escuro, á fome
Conjunctos pereceram . . . Foi um erro;
Porque o medo tolhêo a voz nos outros.
Devo cedo morrer; não tenho appello:
Enchi o vaso do prescito iniquo;

E a dextra do meu deos está mostrando
Na inversão da natura as suas iras!
O ventre da mulher aborta monstros,
Inconhos fetos, bifrontados corpos!
O aldeão prophetisa, o sabio é mudo,
E os deoses nos altares devaneam!
Chovem nuncios fataes . . . Eu vi Tlascala,
Nossa eterna inimiga, em luz pintada
Sobre as nuvens do céo, e nos seus muros
Floreando um pendão como o dos brancos!
Resistir-lhes? insania! Está prescripto! . . .
É facto e crença, dil-o a historia avita,
Sangue de branco tinha Acamapixtli
Em gráo recente, pois que branco elle era!
Dos brancos descendemos nós os principes,
Guardas de um throno que já d'elles fôra,
Quando Quezacoal ao mar lançara
A capa velejante, promettendo,
Após quarenta cyclos de saudades,
Rehaver o imperio. Eil-o que chega,
Guiado pela mão de um deos mais forte
Do que os nossos, agora decahidos.

TILALCANQUI.

Si a fé, si o pranto, e os votos de um imperio
Os decretos celestes não abrogam,
Os males diminuem. Não te ennubles
Com descrenças fataes. A desperança

É partilha do fraco, em cujo peito
Luctam as ondas do pensar eivado.
Quem doze vezes triumphou da morte,
Reis abatêo, e demolio cidades,
Póde a altiva razão baixar ás crenças
Dos instinctos vulgares?! . Ai do imperio
Em que o chefe se entrega a vãos temores,
Descrê da fé, de sí, dos seus, das armas,
E se deixa prear de insanos contos! . .
Si a um aborto, vizão, sonho, ou presagio
Teu pae na senda heroica arrepiasse,
Que seria de nós, alvos da inveja
De quantos povos tributarios temos?
É tactica do imigo arguto e fraco
Vaticinios urdir, que animos quebrem,
Dando prazo á vindicta em tempo azado.
Onde estão de Collúa as prophecias
Que teu credulo peito flagellaram?
A festa secular corrêo sem peias,
E o novo lume rebentou do lenho,
Nas mãos do antiste, mal tocara o peito
Do escravo victimado, que em Atlixco
Gloriosos vencemos. Tu bem viste
Que as pleiades celestes aditaram
O começo feliz do novo cyclo,
E o povo, que do sol temia a fuga
E a presença dos genios homicidas,

A uma rebentar em gratos hymnos,
N'um festivo delirio, sem parelha.
Ainda meus ouvidos felicita
O vôo alegre desse sancto enlevo,
Borborinho vital, unindo á flamma
A esperança, a riqueza, a paz, e a gloria! . . .
Que noite aquella, em que o renato lume,
Similhante ao amor de mãe aos filhos,
Sem a essencia perder, milhões de fogos
Fez do monte descer ao valle e ao lago,
E á cidade abrasada, qual si houvesse
Do céo baixado o firmamento á terra?!
Onde estão esses males agourados?
O rei que abraça as abusões vulgares,
Com ellas desce, e na sentina expira!
Perdoai-me, Senhor! não vos assisto
Nesse estranho pensar, de vós indigno!

MONTEZUMA.

Tu não vês esta chaga que me abrasa,
A qui na coxa, qual si flamma interna
Da medula do osso rebentasse? . . .
De repente se abrio! . . . Escuta e pasma!
Laborava n'um monte, em Coatepeco,
Macehuatli o colono. Uma aguia o preia
Pela coma, e o leva alêm das nuvens,
Onde tudo era luz, luz deslumbrante!
Deposita-o n'um templo crystalino,

Tolhe as azas, e em face se transmuda
N'um celeste varão! Da-lhe um braseiro:
„Não temas, diz-lhe o sancto, antes exulta.
Alli tens Montezuma, como um ebrio
Sobre o chão, insensivel, mal vivendo.
Applica-lhe essas brasas. Vês? não sente!
No entanto suas carnes fumegaram!!
Desce; vai a seus paços, dize ao monstro
O que viste e fizeste; dize ao ebrio:
Muda de vida, que é chegada a hora."
Irritado de ouvil-o, dei-o á morte:
Descêo vivo e tremendo ao fero bucho
Da faminta serpente do Orinoco.
Apenas expirou, abrio-se a chaga!
Noites de insomnia e dôr, dias amargos
Tem sido o meu viver desde esse instante.
Presando o throno por amor do mando,
Quiz a vida emendar. Mandei dous magos,
Em Collúa amestrados n'arte occulta,
Ao sagrado Huemáco, rei sapiente
Dos eternos vergeis que sanctificam
A ditosa Zincalco; penetraram
No fatidico antro, illuminado
Pelas almas dos astros. Totechiara,
Millinario ancião surgio das fendas
Do rochedo, qual lympha espanada,
E dice: „Basta; sei de tudo; vinde.

Aproximai-vos co'um respeito sancto
Do que lê na mudez do pensamento
Os segredos do espirito.“ Recurvos,
Como sohe o escravo, as mãos beijaram
Recobertas do pó que elle conculca.
Uma voz, como a voz da consciencia,
Sem ser ouvida, se infundio nos magos,
Dizendo claramente estas palavras:
„Sei que Nazauatpílli a Montezuma
Arcanos revelara antes da morte,
E que o gran Zompateucli lhe augurara
Imfortunios sem conta, e dignos d'elle.
Sei que aqui sollicíta um lenitivo
Aos remorsos que o pungem e o devoram.
Ao misero dizei, que as dores d'alma
Somente a contricção cural-as póde;
Que invoque o rito, e se macere, e venha
De Huemaco saber qual seu futuro.
Si unir á fé ardente pias obras,
Com elle aqui serei. Ide, e dizei-lhe.“

„Antro e vergeis, habitação de encantos,
N'um subito vapor se diluiram!
Chorei oitenta dias. Recoberto
De uma pelle de escravo, inda sangrenta,
Subi do Chapulteco o teso asperrimo;
E no cimo encontrei lucida pedra,

Que adorei, e me dice:
„Corre, oh misero;
Colhe junco e zapote, lios, folhas,
Faze uma balça, e prompto vai lançal-a
Bem no meio do lago de Tlatonco,
Que comtigo serei, si obedeceres.“
Descalço, como um servo, ataviei-me
De galas sumptuosas; nos meus labios
Engastei a esmeralda, puz collares,
Manilhas de ouro, tintinantes ligas,
Sendal de gemmas, kanitar brilhante,
E na balça aguardei o sancto Huemaco.
Como um sol deslumbrante sobre um pico,
Fundindo em lume a natureza em torno,
Huemaco mostrou-se, incendiando
O Tlenamacoyan. . . . .

PAMORPHIO.

Sobre esse monte
Se erguerá neste imperio a cruz primeira . . .

MONTEZUMA.

Sobre esse monte um sanctuario havia,
Pyra eterna do sol, altar vedado,
Em que o fogo sagrado se entretinha;
Morta a flamma, e dispersa a lenha estava!
Irritado Huemaco, mal tocando

Com os pés na montanha, dêo um grito,
Simulando um trovão! Pulam de susto
Do leito preguiçoso os sacerdotes,
Tapando a vista, que mal soffre o lume
Rebentado da voz aturdidora!
„Que é isto! brada Huemaco, tudo dorme?
Tudo dorme no imperio, oh! sacrilegio!
E o malvado vigia impune e ovante!
Que pretende de mil o ruim tyranno,
Escarneo das nações, labéo do throno,
Exemplo de impiedade e de injustiças?
Sus, malandros fataes, raça de infames,
O templo esvasiai! Ide ao culpado,
E dizei-lhe por mim, por mim Huemaco,
Que o deos da terra, e mar, do ar e do fogo
Me veda o ver-lhe a face invillecida
Co'o ferrete do abysmo. Já é tarde:
Ninguem póde salval-o!“
„E como um facho
Que o vento apaga, pelo ar sumio-se!
E eu ás trevas da noite misturando
As do peito, fiquei alli gemendo,
Como quem a esperança abandonara! . . .
Não foi sonho o que vi! . . , Descrês ainda? . . .

TILALCANQUI.

Creio em Vizilipustli, o deos do imperio,
A cujo influxo triumphastes sempre!

MONTEZUMA.

Sei que armado nascera em Tula, e ovante
Vencera os matricidas; sei que o temem
Os terriveis Xibalbas; que apavora
Zapacna o eversor, a cujo alento
Caiem os montes, e os vulcões se extinguem!
Sei que precauto estimulal-o evita
Kabrakan, que desloca o sol e a terra,
E co'as plantas abala o firmamento!
Mas não sei o que sinto!.. Os olhos d'alma,
Vendo-o mudo no altar, trevas encontram,
E o vão da insensatez!... Morri no espirito;
Meu ser moral se evaporou n'um cháos!

TILALCANQUI.

Sus, oh grande monarcha! ao templo vamos,
Á casa do teu deos, e á da esperança!
Tudo está prompto; o Topilsin te espera,
E o altar, fonte eterna de mil graças.
Da festa semental termine o rito
Ingente sacrificio ao deos da guerra,
E guerra lhes faremos. Cada branco,
Si um deos não fòr, perecerá, que é homem.
E que homens serão? Nós lhe opporemos
Ao valor o valor; e mais que tudo
O brio innato do mais nobre sangue,
Que em campo ha visto a humanidade inteira!
Levanta-te, Senhor, que assim o deves

A ti, ao throno, e a nós, que em ti vivemos.
Quem as armas depõe antes da lucta,
Vencido se confessa, escravo, e morto.

„Tintos os punhos em rubente almagre,
Te aguarda o sacerdote; e o vil escravo,
Tinto de preto, juncto d'ara espera,
O seu hymno de morte concertando.
Já no adro do templo as mães soluçam,
Unindo ao seio as innocentes hostias,
Cujo sangue vai ser do novo corpo
De Tamaclaztli fertil, pae dos cyclos
Abundante e bellos. Vamos, vamos
Nosso deos abrandar. Ao teu conspecto,
Claro filho do sol, a fé duplica,
O soldado se anima, e folga a patria.
Sem ti ha noite d'alma: os votos descem
Da esphera divinal á terra estancia,
Como preces movidas só dos labios,
Despidas da esperança, e fé, que voam.
Chamaste-me a conselho, eis meu alvitre.
Pensa, e reage. Quando o rei fraqueia,
Cai-lhe o sceptro das mãos, o povo o insulta,
Porque o povo é credor que não perdôa.

MONTEZUMA.

Teu discurso me apraz, luz amizade!

Irei comtigo . . . Si a oração for balda,
É que a ira de Deos vai consumar-se.

PAMORPHIO.

Si o sangue não te enoja, ao templo vamos?

COLOMBO.

Ao amor do saber nada repugna.

COLOMBO.

CANTO XXII.

Eis o recinto do famoso templo,
Pantheon de Anahuac, honra do Azteca,
Abrindo aos ventos propyleos não vistos,
E abertas portas, de arsenaes defésas!
Seu largo muro, coroado em torno
De merlões e caveiras, precintado
De serpentes, de mythos monstruosos,
Revela a origem do sangrento culto,
E a força e arte deste povo industrio.
Estas estatuas repulsivas, feras,
Calcando as vergas dos umbraes pesados,
Dizem no gesto: — retirai-vos, impios,
Que não vindes com fé ás sanctas aras.

COLOMBO.

Fede a putrido sangue este edificio!

PAMORPHIO.

E a sangue humano. Ao Topilsin, aos padres,
Ás virgens e aos devotos este cheiro

Como a abutres sorri. O fanatismo
Á dor não presta compassivos echos:
Cruel, na fé degenerada em crime,
Cega a razão, e o sentimento embota.
Si tens asco, regressa.

COLOMBO.

Não; entremos.

PAMORPHIO.

As quatro portas, como vês, entestam
Co' as largas ruas que a cidade cortam
Em quatro bairros, dividindo as classes.
Da cidade e da cruz é centro o templo
Que ante nós em pyramide se eleva
Da base extensa a mergulhar nas nuvens.
Perfilando o recinto, dentro se acham
Os collegios, as thermas, os gymnasios,
As pousadas dos padres, e os setenta
Theocallis diversos, que a piedade
Em suas devoções diaria invoca.
Si te apraz de taes deoses ver o culto,
Serei teu ostensor?

COLOMBO.

Sim, eu te sigo.

PAMORPHIO.

Não estranhes as fórmas, porque has visto
Entre velhas nações iguaes desvios.
O bello, a fórma excelsa, não se adapta

Ao culto de terror: o sangue péde
Este feio ideal que os nescios temem.
Aqui está Pentecatli endeosado!
Tem na dextra um ponção, na esquerda um craneo.
Nauta foi, e o primeiro que immolara
Ao sol um homem, quando escapo ás iras
Do trifido Urakan, beijou a terra,
E a salvo vio-lhe o trom, o lampo e o raio
Em braseiros as ondas convertendo.
O pescador do lago, antes que o covo
Na onda afunde, ou a tarrafa estenda,
Por elle clama, rosciando a fronte.

„Eis Cecatli, o patrono dos consortes,
Deos da fecundação, do amor honesto,
Nume da infancia, do hyminêo corôa.
Todas estas matronas que o adoram,
Por fructos maternaes loucas suspiram.
Aquella deosa que a seu lado pousa
Modesta e calma, Itzcuinan se chama.
Tem o fuzo na mão, e a passadeira
Como que urde no tear um manto.
Modelo das esposas, vivêo sempre
No trabalho, no amor, e na alegria;
Mãe das aguas sagradas, véla as fontes
Á saude propicias; d'ella o homem
As artes de tecer herdou n'um tempo,

De perdida memoria. Estas mulheres,
Que ahi vês dedicando criancinhas,
São as graves parteiras, que as baptisam,
Depois de haver no altar o nó deposto
Das vestes paternaes, que sobre a esteira
No dia nupcial fizera o antiste.

„Dentro desta capella dedicada
A Xihuteuctli, deos do ethéreo fogo,
Protector da existencia, estão só velhos!
A nivea deosa, a tão formosa esposa
Do deos rubente, sempre opposta a elle,
Vive em auras nocturnas, e em silencio
Com as azas de vidro corta as vidas,
E as almas leva as regiões marcadas;
Phalena obsidiana o dogma a chama.
Converte em astros e formosas aves
O guerreiro e o principe, e em bezouros
E insectos vis o ignorante povo.
Na hora em que ella beija o claro esposo,
O dia se escurece em véos nocturnos,
E as aves e animaes tristes encoucham.

„Neste outro sanctuario se venera
Deificado Xellúa, o architecto
Da famosa pyramide, orgulho
De Cholúla, e modelo d'arte sacra.

Este altar e este culto altos elevam
As virtudes de um povo que ama as artes.

COLOMBO.

Assim é, e será! Que o diga a Italia,
Perpetuo berço do brilhante engenho,
E inveja das nações, que um rude orgulho
Prende ás tendas da espada e da rapina.
Quem as artes venera não é barbaro.

PAMORPHIO.

Os barbaros não criam, só destroem
Pelo fogo e o ferro, ou pela inveja,
Alimento do inferno!

COLOMBO.

Continúa.
Deixemos este ponto assás provado.

PAMORPHIO.

Aqui tens entre sombras retrahido
Mixcohuatli, o terror da terra e mares,
Parente de Urakan. Infladas faces
Esgar medonho, e entumecidos labios
Respirando exterminios! Nascem d'elle
Terriveis furacões que arrancam selvas,
Talam campos, e em lodo as aguas tornam.
Por temor o adoram! Seus altares
São thesouros de flores, sempre em viço!
Tanto ao mal se respeita! Os bons espiritos,
Que vagam nas florestas abundantes,

Os que entornam nas aguas a frescura,
E os que infundem na flor o grato aroma,
Fogem d'elle a tremer, quando o presentem
Mugir na furna do vulcão que dorme,
Ou contra a escarpa de rochedo alpestre
Bater as azas com retumbo infesto.

„Eis o lindo Ehecoatli, azul celeste
Tendo nos labios de saphyra o riso
Com que o céo o dotara eternamente!
Precursor de Tlaloch, o deos das aguas,
Na esphera immaculada encurva os braços
Do iriado matiz, e o sol ameiga,
Emquanto o deos de nebulosa coma
Solta as madidas grenhas côr de cinza,
Distilla á terra fecundante chuva,
Mellifica os vergeis, e espiga as messes.

„Tens á vista Yaotzin, nume iracundo,
De torvos olhos e cavado senho;
Traz no peito a zizania, odios na vista,
Guerra nos braços, e na boca a morte.
Aqui não entram flores, só cai pranto
De viuvas e orfãos que o praguejam.
O assasino cobarde o invoca sempre
Antes de alçar o traiçoeiro golpe;
E o soldado feroz no assalto e saque
Por elle clama, si o inimigo o affronta.

Observa este ancião nobre e pensoso,
Sentado, e retrahido á grata sombra
De um docel de verdor: é o deos dos sabios,
Da concordia, da paz, e do repouso.
Tezcatlipoca o chamam; tem assentos
De niveo jaspe na extensão do imperio,
Sombreados de ramas sempre verdes.
Désce á terra, e medeia em prol dos homens;
Inspira nos conselhos a prudencia,
E da fria razão guia a justiça.
Ninguem ousa assentar-se em seus altares,
Nem mesmo o soberano, d'elle imagem!

„É seu vizinho um florescente nume,
O formoso Tepoxtli, deos querido
De toda a mocidade, mas envolto
Em sacrilega aureola. A impudicicia,
Por seus actos illicitos e infandos,
Por tributos de amor que impunha aos thoros
Rosciados de pranto, erguêo-lhe altares.
São de jovens guerreiros estas flores,
De mancebos perdidos n'alma e corpo.

„Aqui tens Ometeucli, o sol radiante,
Duas vezes senhor no céo, na terra;
Da branca Omecihuatli esposo, assiste
No duodecimo céo, d'onde governa

Todo o grande universo! Alma da vida,
Os espiritos cria, e os subordina
A influencia dos astros. Veste estrellas,
Envolve a espalda com a vialactea,
Quando adormece na cerulea nuvem,
E á esposa entrega a entenebrada terra.

„Juncto d'elle, Ahuicotli erigido
N'um templo côr de anil. Genio divino,
Da aurora precursor, habita as névoas
Dos montes e dos valles; as florestas
Sorvem-lhe o bafo gerador das fontes
E dos rios, que ao mar seu nome levam.
O mineiro que habita a noite aurifera
Nunca o vio alvejar, nem dar reclamo
Ao pastor da montanha, e nem o lasso
Que nos braços do amor o sol disperta.

„Trajada de esmeraldas e saphyras,
Aqui tens de Tlaloch a esposa humente.
Traz na dextra uma alara em que rutilam
As cinco flores dos jardins celestes.
Habita as fontes lucidas, ethereas,
Alêm do nono céo. Sempre amorosa,
Protege e apura da firmeza os dotes.
Tem altares servidos, não por virgens,
Mas por bufos gibosos e enfezados,

E facetos anões, que a regozijam!
Nenhum adulto em suas aras pisa;
E o que a dita alcançar de dar um beijo
N'uma flor do seu leque, será grande
Nas delicias de amor; terá na vida
Mocidade perpetua, e infindos gozos.
Todas estas mulheres são mandadas
Por galantes mancebos suspirosos;
Feiticeiras se dizem; côam philtros;
Mas o philtro do amor inda é segredo;
Nem mesmo o sabe a deosa Tlazoteotli,
A Venus mexicana, alli vizinha.
Olha quantos mancebos descorados
Pedindo á deosa o que esgotara o vicio!

„Xiteuctli, deos do fogo, é o dos velhos,
Que em algida estação vivem soffrendo.
Progenie de Ometeucli, em seus altares
Ardem braseiros, aquecendo o templo.

„Neste outro templo, a Izcozanqui alçado,
Irmão do precedente, os pobres acham
Diario cibo e cordiaes bebidas.
É o deos dos festins, e dos padeiros,
E d'arte culinaria, a quem propinam
Alegres libações.

COLOMBO.

Que monstro é este,
Mais nojento de quantos temos visto?

PAMORPHIO.

É a imagem da terra, figurada
N'uma ran colossal, toda coberta
De hiantes bocas espumando sangue;
Porque a terra devora quanto vive.
Aqui tens outro emblema em Omacatli,
O deos dos casamentos! Como o egypcio
Phallus de Osiris, se afigura ignobil.
Preside aos esponsaes, e ás bodas, colhe
As primicias do amor, e vivifica
Os sonhos paternaes. É seu vizinho
O deos da infancia e de innocentes gozos:
Ixtitlon se appellida. Sempre em risos,
De mimosos festões engrinaldado,
Na abertura dos odres e das cubas,
É d'elle a prova e a libação primeira;
Preside aos brincos infantis, e ás amas
Canções inspira de singelo encanto.
Não o confundas com o deos corado,
De rubros olhos, temulentos labios,
Tequemécaniáni, o deos dos ébrios,
O grande estragador do siso humano,
Que alli vês de máo gesto e de máo porte,
Como perdendo na peanha o tento.

Estas que vês de rastos, gemebundas,
Supplicantes, e ao deos todas voltadas,
São esposas e mães! Pedem-lhe em pranto
Que os maridos lhes deixe, e os caros filhos,
Por elle ao vicio encadeados, loucos,
Olvidando o dever, o amor, e tudo.

„Olha, admira este templo matizado,
Este tecto, e altar, e pavimento
Entrançado de fibras coloridas!
Napateucli o habita, o deos bondoso,
Que o esteireiro adora. Quatro vezes
Senhor, domina a palma, o junco, a embira,
E a beta, que no ar serpeia as folhas.
Um braseiro odoroso tem perpetuo
Ao lado, e novas flores todo o anno!

„Estas aves e peixes enredados,
Que á Amimitli um docel estranho tecem,
São primicias de pescas, e caçadas.
Tolteca fôra, viajante e medico:
A quina descobrio e a ipecacoanha!
Contra a putrida febre o povo o invoca;
Conduz seu vulto em procissão solemne
Onde o ar empestado infunde a morte.

„Neste altar de primor, vacuo de imagens,

A esmeralda e o rubim, que á dextra fulgem,
E o topazio e a saphyra, do outro lado,
São os deoses dos ricos lapidarios;
E estes jovens, em galas sumptuosas
Que reis parecem, não são mais que escravos
Ao serviço do templo. Narra a historia
Deste culto, nascido em Xochilmico,
O brilhante torrão das lindas flores,
Como do arco celeste se exhalaram
As fluidas gemmas por solar mysterio,
Que alli vês endeosadas. Si te cançam
Taes minucias, taes deoses, taes discursos,
Subamos ao theocalli.

COLOMBO.

Continúa.

PAMORPHIO.

Aqui, Uxitli vês, deosa acatada
Da grande medicina; os Topiclótons.
Lares aztecas, a circumdam sempre,
Procurando conselhos salutares.
Deosa benigna, fecha as mãos e ouvidos
Á infame ingratidão, depois que a cura,
E a saude sem paga lhe concede.
Este busto triface representa
As tres phases do enfermo: Supplicante,
Gemendo, e tudo dando pela vida;
Já tranquillo, e calado; já curado,

E sorrindo, esquecido da molestia,
Da deosa, e do antiste que o salvara!

„Como é feio o deos Xipe! negro, calvo,
Armado de um cutelo, e todo em sangue.
E o deos esfollador! As suas victimas,
Pela coma suspensas, vão á pedra
Do horrendo sacrificio. Só lhe immolam
Os ladrões de ouro e prata. É seu vizinho
Xipetolec, o deos das bôas artes,
Que inspira o architector de maravilhas,
Eleva a mente, e diviniza em hymnos
A gloria antiga nas festivas horas.

„Entremos neste templo venerando,
Onde está Centeotli, a padroeira
Da colheita e da esmola. Como é bella!
Tem na fronte a corôa da grandeza,
Na esquerda mão um vaso, e na direita
Um escudo florido: vaso e escudo
Symbolisam a força e a caridade.
Aqui só entra a virgem que lhe offerta
Do louro milho a granulòsa espiga,
E os thesouros do outono. A bôa deosa,
Aversa ao culto do sangrento rito,
Tem sectarios no povo, côrte, e exercito!
Em seus collegios, doctrinados sabios,

Que á brandura e á moral unem constancia,
Vão o culto aluindo, e preparando
A reforma geral. Vixipecocha,
Branco e barbado, de um naufragio escapo,
Este schisma fundou em Tollanzino.
D'ahi passara ás fragorosas brenhas
Dos graves Zapotecas; fôra ao lago
De Ruálo; e morrêo prégando em Mexi.
Persegui-o, confesso-te, e matei-o
Ás mãos dos velhos, que o que é novo odeiam.
Desse dia em diante, por conselhos
Incessantes que dei, todo o estrangeiro
Em raça e lingua incontinente é morto.
Baldo ha sido o alvitre! o céo, mais forte,
Ás idéas da seita unío presagios
Geradores de crenças, como has visto
No proprio imperador, e pelo oceano
Te envia agora a destruir meu reino!

COLOMBO

Que assim seja, e que a Deos volte esta terra.

PAMORPHIO.

Será, mas não sem custo. Temos tempo.
Detem-te nesta porta. Ouves?

COLOMBO.

Gemidos!...

PAMORPHIO.

Aqui mora Telpostli, horrendo joven,
Mascarado, com rosto côr da noite;
Tem um olho vendado, e do outro vésga!
Promotor de discordias, de perfidias,
De óculos o puzeram, figurando
Dupla vista no mal, e recoberto
De uma pelle de lobo. A elle, em pranto,
Vem os paes supplicar, que arrede os filhos
Das sentinas do crime e das orgias,
E de amigos perversos, mais que tudo.

„Como vês, aqui reina uma mistura
Do egypcio e do grego symbolismo,
Que as virtudes e os vicios deifica.
Da luz reveladora extincto o raio,
E esta a crença das nações escuras.
A sublime razão desce aos sentidos,
E os sentidos da terra alêm não voam.
Vamos agora a um cego complemento
Deste culto sem par, antes de vermos
A flor deste parnaso, o gran Theocalli,
Centro do pantheon, séde suprema
Do rito de Anhuac. Este aposento,
Sem frestas, luz, nem ar, encerra e guarda
Um olympo de escravos.

COLOMBO.

Não tem portas! . . .

PAMORPHIO.

Eis abertos seus muros a meu sopro!

COLOMBO.

Que horrendos simulacros!!

PAMORPHIO.

São os deoses
Das vencidas nações. Longe da patria,
Encerrados aqui, sem culto e aras,
Não colhendo oblações, dos seus se esquecem.
Ninguem franqueia o solho deste ergastulo
Sem a vida perder! O deos conquisto
Na guerra, aqui penetra occultamente
Sobre os hombros dos seus, em noite escura.
Vendados entram, e vendados morrem,
Afim que a morte tudo envolva em trevas.

„Vês esta mole orbicular na forma,
Qual craneo monstruoso, abrindo os queixos
Colmilhados, sangrentos, reçumando
Putrido bafo das corruptas fauces?
Redonda, como a esphera em que circula,
O dogma a construio. N'ella reside
O deos do ar, o leve Quecalcoatli,
Todo envolto de azues e brancas nuvens.
Tem nas azas de anil duas caveiras

Circuladas de flores, emblemando
A peste e a saude! Seus altares,
Muros e pavimento teem camadas
De atro sangue coalhado!

COLOMBO.

Basta, basta.
Subamos ao Theocalli; terminemos
Esta horrenda instrucção.

PAMORPHIO.

Falta-te o animo?

COLOMBO.

Quem vê Christo na aurora do futuro
Pondera como um sonho estas cruezas.
A ambição de saber tempera o asco,
Vence o tedio, e triumpha co' a esperança.

PAMORPHIO.

Subamos ao altissimo Theocalli,
E ao subir, contarás do anno os dias
Nesta escada fatal a tantos povos.
O estafeta real, que o passo iguala
No acclive e no declive da montanha,
Aqui foi preferido ante o senado
No subir e descer vencendo os outros.
Estas, que ahi vão saltando tão alegres,
São as virgens do templo; os que as escudam,
De esparsas comas e afumados rostos,
Os crueis Chachalmúas, assistentes

Do rubro Topilsin, supremo antiste.
Vê como ledos ao altar ascendem!
A fé lhes cobre o horror do ministerio.
Como na Hespanha ao piedoso monge,
Ouvindo os ais do herege envolto em flammas.
Os que seguem atrás, a passo lento,
Cantando lacrimosos, são as victimas,
Que a victoria conduz ao sacrificio.
Subamos, que esta escada é mui suave.
Cançaste no subir?

COLOMBO.

Venci o pino,
Como si houvesse atravessado um plano.

PAMORPHIO.

E assim foi: a teus passos se abaixavam
Os degráos um a um, ao nivel sempre.

„Tens em frente as capellas consagradas
A Vizitilipustli, o deos da guerra,
E a Tlaloch, o bom deos das sementeiras,
A quem hoje se invoca auxilio e abasto.
Festa solemne, deve a antiga origem
Em tempos aziagos. Montezuma,
O prisco, então reinava, quando a terra
Por longo e intenso estio fez-se esteril,
E o cibo denegou. A fome, cega
Ao amor e á piedade, poz á venda

Os filhos, e no lar carne paterna!
Foram annos de feras, e não de homens.
Junctou-se ao deos guerreiro o da abundancia,
Porque a gloria não medra onde ha miseria.
Como vês, deste culto foge o bello.
O medo e o terror o Azteca escudam;
Cada altar tem aos pés um cadafalso,
Uma pedra mortal retinta em sangue.
Força, insidia, e crueza o deos da guerra
Mostra no aspecto e catadura horrenda.
Sentado em throno azul, equilibrado
Entre quatro serpentes, se corôa
De um rostro d'aguia, mascarada a face,
E o collo de dous senhos monstruosos,
A dobre natureza revelando;
Pendem-lhe ao peito, de uma serpe em volta,
Dez aureos corações; sustêm na dextra
Curvo sceptro azulado, na sinistra
A emplumada rodella e as settas de ouro.
Côr do céo uma perna se distende,
E a outra envolta em pennas se recolhe.
Seu corpo, mosqueado de aureos bichos,
Cinto nas voltas de serpente enorme,
Embrechada de gemmas, não tem nome
Nem parelha no altar dos outros povos.
O germano sinzel, na idade media,
Nunca á ogiva da sé unio brutescos

Mais horriveis do que este, e nem o China,
Que o dragão multiplica em seus pagodes,
Tal monstro germinou em seus caprichos.
Estes craneos em filas, entre flores,
No altar, na grade, nas cornijas todas,
Nas guardas do escalão, a cento e centos;
Esta crosta que cobre os pés do nume,
O altar, e o pavimento, só composto
De coagulos de sangue; este máo cheiro,
Este aspecto medonho, bruto, e feio,
São delicias aos olhos desta gente:
Tanto póde o fervor!.. Nest'outro templo
Se venera Tlaloch, o deos das aguas,
Da abundancia, das messes e lavoura:
Azul, filho do céo, asindo um raio,
O flanco immenso em carregada nuvem,
Tem por feudos os montes e as florestas,
A humidade e a chuva, que o rodeam
Nestes globos caudaes configuradas . . .
Aproxima-se a hora; ouço as trombetas
Do paço imperial.

COLOMBO.

Aqui não fico.
Subamos á atalaia.

PAMORPHIO.

Eil-a que baixa,
E ao chão nivella a majestosa grimpa.

Entremos, que ella vai passar a altura
Da famosa Giralda, e nos teus olhos
Estampar o sublime panorama
Da cidade, do lago, e seus contornos.
Viste coisa mais bella e grandiosa?

COLOMBO.

Veneza a venceria por seus templos,
Si este grande horizonte a circumdasse!
Cintra, que abraça o oceano e o Tejo,
Monserrate, que avista a Iberia e Africa,
Tibur, que alcança o mar tyrrheno e o Lacio,
Somma, que mede de Sorrento a Baias,
Aqui não teem valor. Natura e arte,
Tudo a mente arrebata em grato enlevo!
Este emporio, este lago, e estas montanhas,
Embebidas em luz, em ar tão puro,
Não parecem da terra conhecida!

PAMORPHIO.

Do valle de Anhuac o centro pisas;
Pisas no templo, que a teus pés desdobra
A florida cidade entre chinampas,
Como a flor do Guiena resplandece
Entre as verdes bandejas que a rodeiam.
Este alegre e formoso amphitheatro,
Matizado de quintas, de palacios,
De nutantes jardins, villas, cidades;
Estes braços de pedra, em que circulam

Veias d'agua potavel, simulando
De um polvo argenteo as desmedidas pernas;
Estas cintas de prata e de verdura;
Estes longes azues, orlados, crespos
De angulosos vulcões brotando fumo,
E este céo em que adeja o pensamento
Sereno e ledo, não tem par no globo!
Admira estes jardins, estes terrados
Guarnecidos de flores, e de povo
Voltado ao templo, ao sacrificio, e aos deoses,
Como o peito e a mente de um só homem!

COLOMBO.

Que arena é esta? que asqueroso ossario
De um milhão de caveiras embrechado?!

PAMORPHIO.

É o Tzompautli, o funebre moimento
Do alvanel dos sepulchros construido,
O aggregado dos craneos dos vencidos!
Como em seus muros escarnece do homem,
Co'os alvos dentes, a caveira muda,
Que tanto diz no seu silencio eterno?
Nenhum culto erigio tal monumento,
Nem mesmo a Taroá o Polynesio,
Que o seu deos enthronisa sobre ossadas!

„C'roados de cyprestes, e magnolias,
Alli estão os jardins de Montezuma,

Sorrindo á falda do azulado monte,
Peanha secular de tantos mythos!
Do neroneo palacio, que já viste
No cimbre educador do Genitalio,
Laivos encontras da opulencia antiga:
Varios tanques, contendo aureos cardumes
Do oceano e dos rios; alagôas,
Vasto reino de aquaticas especies;
Extensos aviarios, espandindo
Pelas malhas um canto alegre e vário;
E nas jaulas rugindo immensas feras,
Ou silvando serpentes desmedidas.

„Lá, onde em véos ethereos bruxoleia,
Como um rei genuflexo, a nivea mursa
O Xorullo empinado, e assenta os muros
A gran Zacotalan, que bebe as aguas
Do tepido Mexcala, e beija as faldas
Do vulcão esponjoso, o mar se estende,
Que ha pouco vimos semeado de ilhas.
Por elle veio o prisco avô do Azteca.
Antes que Erico e Bojoerno vissem
A Acadia boreal do lado opposto.
Alli tens, mais ao perto, dominando
Xochilmico, jardim das bellas flores,
O vulcão de Toluca, que meneia
O fumoso coqueiro, emquanto dorme

Seu fronteiro rival Topocatépetl,
Que as cinzas manda a Cempollan, e ás vagas
D'onde a cruz ha de vir por mão hispana.
Lá está Colluacan á beira d'agua,
Qual um alvo tapir buscando o río
Quando o Cancer a terra aquece, e rompe
Á vespa o tenro ovario, de que surge
Zumbindo em furia o queimador insecto.
Si te voltas á aurora, vês Tezcuco
Branqueando algodões, e si ao poente,
Tlacopan que te leva ao río egregio
De Panuco amorosa, onde o Tolteca
Os thesouros abrio da intelligencia.
Volve ao lado onde está Chapultepeco,
E o parque ingente de reaes memorias,
Á cuja sombra secular um dia
Inspirado cantor ha de na lyra
Augustas larvas revocar á vida;
Alli virá, si não me illude a mente,
Após lustros sessenta, guerras, mortes,
Outro Cezar pousar, filho da Norica,
E fundar novo throno mexicano!

„Na rua principal soam trombetas,
E os aureos tamboris acordes rufam.
Fronteiro á porta occidental desponta
O cortejo, e já entra a passo grave

No páteo a guarda imperial, batendo
Co'as tres mil lanças nos broqueis dourados,
Deste modo saudando o deos da guerra.
Da precauta defesa forma as alas,
Pautando os esquadrões. Aquelles servos,
Que o lagedo alcatifam, distendendo
Lavrados mantos em que todos pisam,
São fidalgos de linha. Aquelles cinco,
Embaixadores são de amigos povos,
E os que os seguem, senhores poderosos,
Que de arautos lhes servem, pompeando
Seus suberbos escudos. No Tlascano,
Vê-se um cão, por divisa, em campo de ouro;
Um río caudaloso, no do Huexotzinco;
No do Huasteca, aureo craneo em campo negro;
Cerulea borboleta sobre um monte
No de Mechoacan; e no de Yopicas,
Phalenas multicôres voejando.
Todos vestem de azul suberbos mantos!
Aquelles tres, que empunham sceptros de ouro
Trezentos mil guerreiros teem ás ordens;
E os que se seguem, precedendo o principe,
São criados do paço e lá nascidos.
A elles, como aos cabos vencedores,
Cabe em dote ou em premio a graça immensa
De uma esposa aceitar, que haja fruído
No leito imperial a maior honra.

Suspenso aos hombros de reaes senhores,
Lá vem o Imperador, enthronizado
Sob um pallio de pennas e esmeraldas,
Tal qual a estatua que inda ha pouco vimos.
Nota bem, que só elle vem calçado!
Lá desce sobre a espadoa do um guerreiro;
Ajoelha; no chão a dextra encosta,
E á boca a leva reverente e humilde,
Como si em terra depozesse os labios,
Ou as plantas do deos curvo beijasse!

COLOMBO.

A que vem estes padres, tendo ao collo
Innocentes crianças, e com elles
Tantos homens pintados côr da noite,
Co'uma perna emplumada, como a estatua,
E na outra uma corda ao tornozelo?!

PAMORPHIO.

Do presente holocausto são as victimas.
Os infantes se compram, e os guerreiros
Presa foram no campo da batalha.
Os meninos que choram propiciam
Venturosa colheita; os que sorriem,
Infaustos nuncios, sem saber, revelam.
Lá sóbe Montezuma; os padres tangem
O sagrado tambor. Tudo se ordena:
O sangue vai correr. Desejas vel-o?

COLOMBO.

Quero ver e ouvir o impio holocausto;
Mas a Deos peço indulto deste intento."

Perfilando o gradil do adro supremo
Em alas separadas, virgens, padres,
Ao som dos instrumentos cadenceiam
Alternos hymnos ao chegar do chefe.

AS VIRGENS.

Bem vindo seja o sol do imperio azteca,
Que brilha de Acapulco á Cempoalan,
De Vabi á Chapalá; do Chichimeca
Ao Zochi, Díria, Maja, e ao Izatlan!

CÔRO.

Bem vindo seja o vinculo
Da perfeita alliança;
Bem vindo o sol propicio,
O lume da esperança:
Sabio, como Amimitli,
Grande, qual Neupateucli,
Bondoso, como Uxítli,
Sancto, qual Ometeucli!

OS SACERDOTES.

Dai ás victimas tehuctli,
Ante o deos Vizilipustli.
Sobre a pedra que esculpira
O filho de Cuyocan,

Vão quebrar do deos a ira
E salvar Tenoxtitlan.

AS VIRGENS.

Bem vindo o que fecunda o lago algente,
Cintura côr de céo da gran cidade,
Firmada sobre a penha em que a serpente
Silva cantos aos pés da divindade.

CÔRO.

Nunca o piciel odoro
Perfumou com mais decoro
Esta festa imperial;
Nunca a tuba da victoria
Retumbou com tanta gloria!
Nesta pompa triumphal.

O TOPILSIN.

Do céo bem vindo seja o filho ethereo,
Cujos olhos brilhantes se extasiam
Neste sancto, formoso e forte imperio,
Té onde o céo e o mar se consorciam.

OS SACERDOTES.

Beijai a terra, escravos. Inda um' hora
Vos concede o meu deos, de liberdade!
Cantai, que o deos do ar á patria, agora,
Nas azas levará vossa saudade.
Aos tambores e frautas ruidosas
Misturai vosso canto, oh escravos;

Que em silencio não morrem os bravos,
Como sohem nas lides famosas.

OS PRISIONEIROS.

Minha mãe que me criaste
Com tanto mimo e amor,
Patria que me educaste
Para a honra e o valor,
Nunca sonhastes que o bravo,
Pelos destinos da guerra,
Viesse a morrer escravo
No templo desta impia terra!
Adeos, mãe, adeos patria, adeos amigos,
Vou morrer sobre o altar dos inimigos.

Subirei á mó sangrenta,
Sem terror da iniqua morte;
Ao algoz guerra cruenta
Moverei, qual move o forte.
Pelo pé, como um jaguar,
Atado combaterei;
Do traidor no proprio altar
O sangue derramarei!
Rolará a meus pés a sua fronte;
Farei da espada um raio, e da mó fonte.

A meus pés ha de cahir
Esse a quem chamais leão,

Antes de me o peito abrir,
E offertar meu coração
O ministro truculento
Ao cruel deos mexicano,
E correr no altar nojento
O sangue colluacano;
Sangue nobre, de serpe derivado,
Qual sangue de tapir, sangue sagrado.

UM PRISIONEIRO.

Montezuma! flagello dos humanos,
Queres sangue? Aqui tens, bebe a fartar;
Mas treme, porque dentro de tres annos
Ha de vir Quezacual te desthronar.
Ha de vir, inda que tarde,
Restaurar o imperio novo!
Morrerás, como um cobarde,
Ás pedradas de teu povo!"

E o chefe estremecêo! Já tinha a crença!
Segundo o ritual, alli recebe
Das mãos do antiste as dadivas sagradas:
Manto ornado de gemmas, côr celeste;
Flabellos de ouro; gladio obsidianeo;
Um escudo embrechado de ouro e pennas;
E o annel labial, de chefe insignia.
Ante o deos se reveste; e tira sangue
Das orelhas, da lingua, punhos, plantas,

E com elle unge os pés do deos das aguas.
Ordena o sacrificio. O Tlamacaztli,
Nume das sementeiras, cuja estatua
De milho e sangue é feita, agora se alça
Diante de Tlaloc, e se renova.

Na mão vermelha do amestrado antiste
Fulge da obsidiana o mortal gume.
Sobre a pedra fatal jaz resupino,
Sorrindo um tenro infante, a quem distendem
Com arte os membros, realçando o peito.
De pia devoção se alegram todos!
Alça o punho o ministro, mede o golpe
Com sciencia, e no peito do innocente
Grava a pedra mortal; o sangue esguicha;
Um vagido pungente cobre as vozes
Do psalmo da oblação, e do descante.
Volta o rosto Colombo, não tem olhos
De Herodes, porque os seus ao céo levanta.
Vem outro infante, e após inda outros muitos:
Corre o sangue na pedra; dos antistes,
Uns o recebem, outros o misturam
E amalgamam com milho esfarinhado,
E outros, em novo andor, vão modelando
A nova estatua, que purpurea sóbe
Dos pés á fronte, tressuando ainda
A vida no calor do sangue insonte.

PAMORPHIO.

Existe o novo deos; já terminou-se
Da infancia o holocausto. O grande antiste
Partindo o velho deos em mil pedaços
Os dá ao soberano e aos sacerdotes,
Que assim em communhão seu deos devoram,
E após a capital, e todo o imperio! . . .
Prosegue a ceremonia. Á pedra d'aguia
Armado escravo sóbe; o pé lhe prendem
Na argola que do disco marca o centro.
Sai-lhe á frente o leão, assim chamado
Pelas vestes que traja. Eil-os em acto,
Calculando a aggressão, de armas em punho.

COLOMBO.

Aqui minora o crime. O escravo ao menos
Não morre como os miseros infantes,
Os corações dos paes dilacerando.

Ao misero, que um pé deixaram livre,
Acommette o leão, senhor do campo,
Unindo ao golpe a injuria, inda mais fera:
„Sangue de mico, e alma de besouro,
Mostra que és gente, neste claro ensejo,
Ao filho dos leões, de aguias, e tigres!"

Fuzilam as espadas, trovejando
Nos escudos, que os golpes repercutem.

Das flautas e tambor o silvo e o rufo
Alenta a crua lide. Entre as espadas
Faiscantes, tinintes, bolça em ondas
Da ira o bafo, e dos ferozes olhos
Cruza o lume da morte em cada móto.
Cai de um golpe o leão golfando sangue;
Mas no instante em que a victima sorria,
Um outro de improviso infrene a fere
No tendão achillêo, atado á pedra!
Sem tento o Colluacano cai sentado,
E a espada á face do cobarde atira,
Como quem da traição despreza a lucta.
Freme a turba em delirio; une ao descante
As palmas da alegria vendo o caso.
Tigre em fojo não ruge, mas retrinca
Convulso os dentes, reçumando espuma,
E na pedra se estorce arfando em raiva.
Cinco algozes membrudos o destacam,
Sem um gemido ou movimento opposto.
Escachado no altar, vio-se, e ouvio-se
No esterno ranger a pedra, e hiante
O arcabouço estalar; surgir batendo
O vivo coração na mão offrente
Do grave Topilsin, ao deos voltada!

COLOMBO.

Bem vinda seja a cruz!.. Ao outro imperio;
Que deste hei visto quanto o inferno ensina.

PAMORPHIO.

Sobre as azas dos ventos alaremos."

Templo, côrte, cidade, lago, imperio,
Qual pó de torvelinho no ar desfez-se.

COLOMBO.

CANTO XXIII.

Envolto n'um bulcão, só vê Colombo
Fugir-lhe a terra aos pés, qual foge á quilha
Veloz esteira no singrar violento!
E lá, de vez em quando, refulgirem
Longas fachas de azul, de verde, e branco,
Sem nunca fórmas precisar no arrojo.
Ave batida por pampeiro infrene
Mais ligeira não corre, e nem vagueia
Sobre os turbidos ares! Sempre em curso
No arremesso, voou até sentir-se
Sobre um monte nevado. Era o Sorata,
O rei dos Andes, cuja sombra mede
Do globo um sexto, quando o sol tangente
Sobre os dous oceanos marca o dia.
D'alli sereno, rodeando a vista,
O céo só via, e ao longe em véos de prata,
Ir crescendo da aresta do horizonte

A terra ondeada, e descrevendo os montes,
Os convalles, os plainos, as florestas,
E os ríos, como arterias diamantinas.
Um zimborio de luz abrilhantava
Todo aquelle painel formoso e ingente.

COLOMBO.

De assombro a assombro, graduando o enlevo,
Minha alma levas! Onde estamos, dize:
Que valle é este, em que a natura eximia
Erguêo e abrio com dimensões pasmosas
O grande e o bello, resumindo o globo
Desde a base virente ao cume infertil,
N'uma só latitude?! O Maladetta,
O Monte-branco, o Póya, o Elbruz, e Elkámar,
Despedindo dos flancos regelados
Arborios rios por oppostos climas,
Não o vencem na altura! O Himalaya,
O colosso da terra, o rei dos montes,
Mais sublime não é, nem mais pomposo!
Sobre a c'rôa de neve crystalina
Não cinge a c'rôa de vulcaneas chammas
No céo da noite, escurecendo os astros!
Que valle é este, que cidade é esta
Resplendente de prata, de ouro, e jaspe?
De quem são estas moles? de quem foram
Aquellas ruinas nesse lago immenso,
Em cujo centro brilha um templo de ouro?!

PAMORPHIO.

É o valle de Cusco, onde floresce
A nova Roma dos preclaros Incas!
Cidade sancta, umbilical do imperio,
Ao sol votada, que a tutela e adita
Des que Manco-Capac, o demiurgo,
No cimo do Anacauri a vara de ouro
Plantou, deixando o lagamar sagrado,
Em que o sol o gerara a bem dos homens.
Eil-a, a séde imp'rial, nobre, opulenta,
Sobre a encosta do monte derramada,
Cingindo a fronte pastoril de colmo
Com nastros de ouro; cimentando a pedra
Com prata fusa, e repousando á sombra
De não vistos jardins, vergeis formados
De ouro e prata, que arbustos representam,
Jamais plantados pelos reis do mundo!
Assento excelso da solar estirpe,
Modelo dos emporios, tem no chefe
Um filho do seu deos, na regia um templo,
No altar morgado eterno, e no colono
Emphiteuta annual dos ferteis agros!
E o que é mais, da justiça o paradigma!!
Aqui se adora a Deos, o invisivel
Pachamaco, factor deste universo,
Eterno pae do sol, avô dos Incas;
Sem principio nem fim. em cujas aras

Não corre sangue humano, nem seu culto
Iniquas guerras e homicidios nutre!

„Este valle, este imperio, e esta cidade,
Campas já foram de perdidas raças,
Antes que o Inca restaurasse o culto
Outr'ora assente em Tihuanaco a sancta,
E que Chímu, o ancião, visse nas brenhas
Cary vencer de todo a branca prole
Do excelso Viracocha. Alli refulgem
Da augusta Coriancha as aureas portas,
Sem que a pedra homicida lhe apavore
De funebre terror o sanctuario.
Neste imperio, mansão da sapiencia,
Em fero dardo se não muda o sceptro
Do Inca paternal, que antes das armas
Manda a voz da concordia ao campo imigo.

„Similhante ao zagal factor de Roma,
Assim o novo heroe, do sol gerado,
Aqui veio fundar a gran cidade,
E novo Numa, por divino influxo,
Erguer-lhe altares, legislar vidente,
E os germens infundir-lhe do progresso!
No solio de ouro, tribunal theoforio,
Só curva o crime a reprovada fronte
Ao castigo da lei. O escravo opimo,

Aqui não verga o ennodado corpo,
Nem canta o hymno da fallaz vingança:
Á victoria campal succede a humana
Generosa amnistia, á offensa o indulto,
E á gloria a gratidão do refractario!
Tanto o filho do sol respeita a origem
De sua alta missão e nascimento.

„Não em funebre crypta, em véos nocturnos,
Como em olvido, denegando ao mundo
Memoria infausta, n'um recanto jazem
Os reis de Cusco, mas á luz patentes,
Ante a imagem do pae; ah! não os cobre
Dolosa estatua na fulgente estancia,
Ou mendaz epitaphio, escarnecendo
A ultriz sentença do porvir severo;
Embalsamados, quaes se vivos fossem,
No real pantheon sagrados reinam,
Do sabio Amauta recolhendo encomios,
E as bençãos de seu povo agradecido.
Alli está esse templo recoberto
De humilde feno, e chapeado de ouro,
Abrindo ao oriente as louras portas,
E fulgindo o metal, céo da cubiça.

COLOMBO.

Como, sem guardas, dia e noite, intacto

Se conserva esse ophir, contando os annos,
Sem que a mão da cubiça o desacate?!

PAMORPHIO.

Quando a crença é sincera, o altar se acata.
A protervia dos máos esteia o azo
Na esperança e mercês da iniquidade.
Hão de vir com a cruz esses arrojos
Da impiedade, e natura corrompida,
Porque tudo em rapina ha de engolfar-se.

COLOMBO.

Alêm não vás; repillo essa calumnia.

PAMORPHIO.

Lá está o Genitalio, alveolado
De iniquos embriões, adrede feitos,
Encubando os que hão de em taes arrojos
Gloria e premio alcançar; mais te não digo.
A ponta do meu sceptro está firmada
Nas entranhas da terra . . .

COLOMBO.

A cruz de Christo
O ha de espedaçar: está predicto.

PAMORPHIO.

Não quero discutir, nem agastar-me.
Voltemos á cidade. Continúo.
De crespo acantho enfileirados templos
Aqui não vês, nem coruchêos vasados,
Nem bronze helleneo endeosando o bello;

Mas outra arte que Egina e Calamides
Jamais poderam revelar aos Mummios,
Rivaes de Creso, quando Roma tinha
A prata e o ouro do universo escravo!
O Chim, que o luxo ao paciente artista
Ufano pede, e o estadeia altivo;
O nababo, que ostenta os diamantes,
E pisa o ouro e a perla, não sonharam
Estes aureos jardins, brazão dos Incas,
Em que o fabro disputa á natureza
A corôa vernal, e ao rico outono
Os bellos fructos no metal querido.
Onde existe no mundo um grande estado
Tão perfeito como este? Cada homem
Pertence a uma decuria, a um pae, a um chefe;
A decuria á centuria, governada
Por um sabio Curaca, e os Curacas
Obedecem a um Inca, dependente
Só do filho do sol, que em Cusco impera.
Onde viste um imperio, sem escripta,
Sem moeda, sem carros, nem cavallos,
O serviço pautar dos tres estados,
Emulando a familia a mais perfeita?
Pelo quipo ennodado, e por pedestres
Descem do throno as prescripções paternas
De mão em mão aos terminos do Estado,
E assim ao centro confluindo voltam

Com presteza fiel, nunca alterada!
Mais ousado que Hannibal sobre os Alpes,
Que Appio Claudio, Flaminio, Aurelio, e Emilio,
Ha sido o Inca no trilhar os Andes:
De Mauli ao Napo, colligando o imperio,
Os montes complanou com altas pontes,
Nivelladas estradas, que conchegam
O abysmo ao vulcão, levando a Cusco
O frio Charca, e o indolente Quito!
As vias de basalto, os longos braços
Que o fero Capitolio distendera
Da Liguria á Germania, e desta á Scythia,
E as pedras milliarias que do Tibre
Ao Rheno, ao Lora, e ao Tejo compassaram
D'aguia romana os vôos, não mensuram
Nem vencem no labor est'obra ingente,
Graduada de pousos e palacios,
Corôa de união, vital arteria
Que leva ao coração do rei seus povos.

„Em Hanam, bairro sancto, nobre, e rico,
Vejo teus olhos fixos, deslumbrados!
Tens razão; lá te espera o cubiçoso
Consorte de Izabel. Aquellas tarjas,
Umbraes e portas, e ornamentos vários,
Tudo é de ouro batido! . . . Nunca o mundo
Tal riqueza ostentou! . . . . De Callamaya,

Onde a relva se prende a seixos de ouro,
Do niveo Potosí, vulcão de prata,
E de Mantua que brota nas cavernas
A esmeralda formosa, estes thesouros
Houve a industria de Hualpa, e Maurincauchi.
Quando o Inca á sua arte recorrendo
Fez erguer esses templos e palacios.
O que em Pisa engenhou do Etrusco o filho,
Em Toledo o inventivo Musarabe,
E o Luso na Batalha, enormes templos,
Filigranas de marmor, laçarias
Em que a luz abre um céo, e anima os sanctos,
Aqui não vês brilhar; mas d'arte nova
Estranho typo, inspiração nativa.

COLOMBO.

Vejo, e admiro! porêm lamento a ausencia
Da palavra de Deos, que inda é mais bella,
Mais rica, porque tem no céo seu templo.

PAMORPHIO.

Si assim pensas, passemos adiante.

COLOMBO.

Assim é, mas vejamos. Continúa:
Abre esse templo; quero ver os Incas
Sobre o throno da morte, ao sol unidos.

PAMORPHIO.

Aqui o tens. Como é rico! é todo de ouro!!
Si o valor da materia vence o d'arte,

Vence a esta o respeito, aqui sincero!
Si a luz, verbo da fórma, alma de estylo,
Aqui não mostra legiões de sanctos,
Como um raio solar, cruza e deslumbra,
Qual si a nave que admiras toda fosse
De inteiriço topazio construida.

COLOMBO.

Tanta riqueza em vão! mal empregada.
Mas o dia virá em que a piedade
Pela fé, que desloca até os montes,
Este sol levará ao sancto Oriente
Para de Christo resgatar o berço,
Entre mãos de infieis escravisado.

PAMORPHIO.

Tu sonhas? . . Este sol, que abrange o topo
Da nave immensa, todo ouro e gemmas,
Valendo um reino na pesada massa,
Terá um triste occaso, quando o Hispano
Este imperio talar; quando seu braço
Fizer da iniqua espada um camartello,
E as huacas reaes despir, e os corpos
Dos Incas dispersar, roubar seus thronos,
E nestes pavimentos de ouro e prata
Impios dados rolar, qual sohe nas órgias
Da banca ladra o jogador infrene.

COLOMBO.

Por tua inspiração, não pela minha.
Guarda teus vaticinios, que os desprezo.
De quem são estas mumias? são dos Incas?

PAMORPHIO.

Aqui estão, como outr'ora, sobre os solios
Meditando justiça. Mãos cruzadas
Sobre o peito; no chão fitando os olhos,
Vivos parecem no perfeito estado!
Sentados em fileira, como a morte
Os trouxe a repousar, aqui se adoram,
Como filhos do sol. Occupa o centro
Huayna Capac, o grande rei propheta,
Voltado para o pae, adrede posto,
Como filho querido, e paradigma!
Destas mumias, iguaes no regio adorno,
Qual fora Manco não o diz o Chunca,
E o Curaca ás centurias que dirigem,
Sem o dedo ostensor de Vilhacuma
Antiste, Inca real, mestre do templo,
Ou do Amauta a palavra harmoniosa.

COLOMBO.

Como tuas que são, pois doctrinaste
Estas mumias em vida, quero ouvil-as,
Si, evocadas por ti, forem sinceras.

PAMORPHIO.

O espirito não mente, a carne ás vezes.
Ergue-te, oh Manco, luz do novo imperio!
Corra a vida em teus membros resequidos;
Entre o dia em teus olhos ennoutados;
Gyre o ar em teus labios, e a palavra,
Que evoca as éras, sonorosa quebre
A mudez que te impoz a fria morte.“

Da noite sepulchral uma centelha
Sobre a fronte lhe estala por milagre!
Inversa a vida lhe entra, renovando
Da morte as agonias: firme e grave
Alçando as mãos lhe infunde o Anjo perdido
O alento vital: dos cinco dedos,
Como cinco espadellas, rebentava
Uma flamma azulada, que o tingia
Dos reflexos da lua mysteriosa!
A mumia foi-se alçando pouco a pouco
Do escabello real, em que pousara
Oitenta lustros, como estatua immovel!
E ao erguer-se, cahiram-lhe as pestanas
De ouro, appostas aos negros baços olhos.
Olhou, mas com que olhos, com que vistas,
Com que espelhos funereos e medonhos!
Pulsou-lhe o coração, e abrindo a boca
Ao respiro vital, mandou do senho

Ironica expressão, em vez de riso!
Na tez myrrhada pelo tempo e a morte
O lustre marejou que anima as carnes,
E um gesto animador poz termo á obra.
Trajado, como em vida, coroado
Do gorro imperial, manto de alpaca,
E saio de algodão, tinha as orelhas
Pendidas, botocadas de aureos discos,
Lambendo-lhe as espadoas, como as landes
De tenia augusta n'uma antiga estatua.
Não descêo, deslizou, tocando o solo
Qual ligeiro frouxel que ao chão se abate.

MANCO CAPAC.

Foi um dia de lucto e de esperanças
O dia em que nasci. Tremêo a terra,
E os montes como as ondas se abalaram,
Espumando metaes, e ardentes chammas.
O trino deos Illapa, sobre os Andes,
Batia os membros com estrondo, e os valles
De ingentes Amarús feroz enchia;
Desprendendo trovões co'a boca ardente,
Parecia tragar a natureza!
O vulcão de Arequipa, entumecido
Das iras de Cupay, abria a guela
Espumante de lava, vomitando
Ao céo raios e fumo, e á terra a morte!
D'Ynta, o celeste pae, a face explendida

Emergia-se em trevas! O profundo
Rei do abysmo, que nunca o contemplara,
Em Hananpacha etherea abria as azas
Que a noite expandem no voar sinistro.
Tudo era confusão, sustos e pranto.
Juncto ao templo, chamado Sete-araras,
Adorno antigo do meu patrio lago,
Jazia minha mãe em susto e dôres!
Vagi, e ella morrêo! Nesse momento,
Rompera o sol, nas aguas refulgindo
Da velha Tihuanaco, e abrilhantando
A triste natureza. Os sacerdotes,
Vendo o prodigio, e o recemnato orfam
Sorrir á luz, augurios recordaram,
Bradando a uma, para o sol voltados:
„Eis, oh Ynta, teu filho, o promettido
De ha muito pelos fados! Graças, graças,
Por tão grande favor?“ E me adoraram!
Nesta fé vigorei, e em mim criou-se
Um' outra natureza alêm da humana.

„E o que era a terra quando vim ao mundo?
Um covil de animaes com fórma humana;
Berço de crimes, campo de maldades,
Sepultura de monstros semihumanos,
Recalcada por outros mais ferozes!
Cada tribu, arraial, choça, ou caverna.

Tinha um deos, e outro deos cada indivi
Uns adoravam tigres, onças, ursos,
E d'elles, genuflexos, recebiam
A morte como um bem; outros as plantas;
Alguns, as aves de rapina, as serpes,
Os antros e os rochedos; e outros viam
Nos rios, lagos, fontes os seus deoses,
Ou então no elemento que temiam!

„Antes que ao padre sol, por meios brandos,
Chamasse os homens, percorri a terra,
Cem povos estudei, vivi com elles,
E nascêo-me do horror a piedade,
Da noite a luz, da confusão a ordem!
Vi Cunti, e Mamacocha, o pae das aguas,
Nas praias do horizonte alçando as ondas,
E empanando o infinito com vapores.
Pisei Chincha, na qual o sol duplica
A flor e fructo annual, mirando a face
No grande rio, que cem rios formam,
Lá onde sempre o dia iguala á noite,
E cresce o abacate, o coco, e o cedro.
Caminhei até Colla, aonde a neve
Cobre os campos, desfolha os arvoredos,
E as aves emmudece. Fui mais longe;
Suei nos plainos em que o sol a pino
Nega sombra ao esteio, e desce o lume

Á cisterna do Chímu, onde não médra
Da avenca a palma, e nem da entanha se ouve
O martello bater no fim do dia.
Tiritei no alcantil de Ritisuyo,
A nivea serra de eternaes hinvernos,
E do ethereo condor só perlustrada.
Vi do mundo os extremos variados,
Todo o Tauantisúyo dividido,
Que o meu genio adunou neste aureo imperio!

„Fallei, dice quem era, e ao que vinha;
E em torno de um só deos uni os homens.
Ensinei-lhes as artes, e a sciencia
Da vida social; e minha esposa
A mulher amestrou n'arte caseira.
Liguei a patria ao sol, e a Deos o homem;
Arranquei dos altares homicidas
Os irmãos trucidados; dos banquetes
De monstros canibaes o pae e os filhos,
Ao tigrino appetite destinados;
Ensinei a reinar; fiz do diadema,
Não corôa de prantos, nem de iniqua,
Odiosa missão, terror dos povos,
Mas um centro de amor e de justiça.
Não morri, descancei; gózo do premio.

COLOMBO.

Que premio! sem as aguas do baptismo?

MANCO CAPAC.

A justiça de Deos ama um só culto,
E esse, oh Nauta, é a moral eterna.
O baptismo prepara, mas não abre
Do céo as portas, si uma vida impura
Sem fé, sem caridade, aqui tivermos.
Deos só acolhe os justos, e os baptisa
Na fonte pura do seu gremio eterno.
Em vida não vi Christo, ah! si eu o visse,
Mais perfeitos exemplos deixaria
A Sinchi-roca, meu amado filho,
De prudencia e valor perfeita norma!
Alli o tens em paz, tendo legado
Seis lustros de memoria pura e sancta!

„Submisso a meus dictames, em conselho
Reunio aos Curacas poderosos
Os Amautas videntes e illustrados;
Porque um rei sem conselho se transvia.
Puchina e Canchi, Callapúyu e Chímcara,
Bondoso convertêo, como Assacáuto,
E a longinqua Pucára: foi ao río
Que espraia em Calhahuáya o alveo de ouro,
De que Hualpa fundira estes prodigios,
E a imagem de meu pae, como elle explendida.
Foi seu filho dotado de prudencia,
Cultor prestante engrandecêo a herdade,

E a todos excedêo na gentileza.
Foi chamado ao descanço, e ora goza
Na luz avita a recompensa eterna.

„Depois, veio meu neto Lhoque-Yupanqui
O imperio dilatar. Grande tres vezes,
Sobre pios tropheos á gloria erguêo-se,
E seu nome estampou alêm das serras:
Convertêo os Canás, a mim rebeldes,
E os duros Ayavíris, sobrepondo
Á victoria o perdão, ao jugo as graças,
E ás trévas a razão, dando-lhes mestres,
E juizes que amor no povo incutem!
Entre mil ovações voltando a Cusco,
Promulgou novas leis, novos fomentos
Á cultura, á milicia, á industria, e ás artes
Seguro das conquistas pelo culto,
Novo empenho tomou. Ao sul fez marcha
Com oitenta centurias: foi aos Collas,
Zagaes vindiços de terrena origem,
E perpetuos rivaes na vida errante!
Vio os filhos do lago, cuja estirpe
Antepunham a sua; e os das fontes,
Que bebiam na onda a alma paterna;
Os das penhas e covas, prosternados
Ante a serpe e o tatú; foi aos do río,
Que aos peixes, como a irmãos, a morte poupam,

E na flor do aguapé seu deos divisam.
Assentou arraiaes em Pancarolla,
Em Hatun, e unio pela palavra
A terra pastural, Colláo, a immensa,
Que á cima dos seus deoses collocava
O alpaco, aio celeste de seu berço
Na antiga puericia, quando os Collas,
Infensos ao pudor, viam na esposa
Dissoluta as delicias do consorcio!
Pungido do dever sancto que herdara,
Mandou a Chucuytá, e Hunin Pacassa,
Mensageiros fieis, que reduziram
Em paz ao culto avito e ao seu dominio
Os Hillavios, Pumatas, e Cipitas,
Já doceis ao fulgor do nome do Inca,
Sem de sangue verter uma só gota!
Grande roteador, dêo á seara
Mais vasto campo, mais propicio lume,
E a missão completou abrindo estradas,
Erguendo huacas, nivellando alvercas,
E outorgando venturas a seus povos.

„Succedêo-lhe o gran Mayta, a quem os homens
Capac appellidaram por seus dotes!
Grande perlustrador, ao mar chegara
Pelo río que fecha o Iguaruana,
Si um sonho o não sustasse sobre a fonte

Do Oruro, matriz do gran Caiári,
Hoje refugio do trilingue Mura.
Esponte na missão que herdara, ajuncta
Cento e vinte centurias; desce o lago;
Penetra no emissario, conduzindo
Armadas balças; entra pelas ondas,
E a antiga Tihuanáco annexa ao throno.
Nos delubros que encontra, nas estatuas
De Huquiz, pae dos Amautas, colhe o lume
Da artistica belleza, e, como eleito
Do sol, o trouxe a ennobrecer a patria!
Vencêo de Hatun-Pacassa a ingenua tribu,
E o revel Cassiavirio, encastellado
No rechedo que adora. Foi avante,
Convertêo Hatumpuna, e Pumatampo;
Entrou em Laricassia, completando
Do pae o sancto inicio sobre os campos
Onde pasce o çuaçú, e a ema alipede,
Tendo n'alma bondosa, após a lucta,
Olvido á injuria e amnistia aos erros;
E depois de calcar em Coropuna
O cimo da pyramide estupenda,
Volvêo a Cusco, e, no marcado instante
Ao repouso eternal, deixou a borla
A seu filho dilecto, quinta gloria
Da solar dynastia! Honrado vive
Quem ao mundo legou preclaro invento,

Urdindo a pensil ponte, que ha de o homem
Sobre os abysmos transportar, vencendo,
Na altura e força da potente arcada,
A torrente que infirma a rocha dura.
Foi seu gladio, não lampo que se apaga
Para mais avultar da noite as trevas,
Mas um raio de luz, vida embebendo
Nos desertos da mente embrutecida.

„O sangue imperial só degenera
Quando o infante se olvida, e bebe o leite
Da impiedade, ou respira o ar do vulgo.
Inca, filho do sol, Capac-Yupanqui,
Digno de mim no solio se mostrara.
Fabro sciente no remate á obra,
Contemplou-a primeiro, não por outros,
Mas por sí, como o faz o rei prudente.
Do longo Apurimac indo elle ás ribas,
Ao seu culto e poder com mansuetude
Yanahuara chamou; colhêo em Piti
Ridentes oblações de amor e preito.
Vencidos ermos, o Aymará vencido,
Em Mucansa rebelde, unindo á força
A doçura, houve opimo espolio de ouro,
E homenagem perpetua á fé paterna.
Impoz a Umasuyú dobradas forças,
E a clemencia usual, dando remate

Ao peryplo real esta victoria.
Mandou Titu, seu filho, a Cotapampa
Nas calidas yúnas, o qual prompto,
Qual rompente vulcão, se despenhara
No valle de Hacarí co'as pias hostes
Que em Urin e Cumana triumpharam!
E elle, arrojado, como a lava infrene,
Foi ao lago de Pária, ao chão revolto
De ultrizes luctas em que avitos odios
Exterminios legaram aos caudilhos
De Carí e Chipana descendentes.
Pondo entre elles a lança, e a palavra,
E unindo esses rivaes, passou ás fontes
De fogo e neve em Tapacári, e ovante
Ao Chayta impoz seu culto e leis suaves.
Pae e mestre, de novo o filho entesta
Na via triumphal, e o vê glorioso
A Chincha perpassar, domando as hordas
De Sura e de Amancay, e a bella gente
De Ruscana formosa; debellando
Os tristonhos Nanascas té as lavas
De Arequipa, que o mar nunca esfriara!
Promotor de colonias, nunca os filhos
Do agricultor, ao patrio clima afeitos,
Passou da Yuna intensa á fria Puna,
Onde a neve dilata os brancos véos;
Nem a planta estival garfou na altura

Em que o fero condor preia a vicunha.
Grande durante a vida, e igual na morte,
E como os reis que a adulação não cobre
Com fraudada memoria, legou fructos
De eterna gratidão a seus vasallos!

„Inca-roca, seu filho, dêo mais lustre
Ás victorias paternas, fulgurando
Nos campos immortaes da intelligencia.
Movido pelo exemplo, apresta as armas;
Marcha ao septemtrião; vinte mil arcos
O seguem na campanha; passa o valle
Da florída Amancay, lá onde esponte
Desabrocha a açucena. Toma á dextra,
Vence Curampa, e Atahuaylla a fera
Progenie do leão que ella adorava!
Subjuga Hancohuallú, filha da fonte,
E Vilca, que se diz nata de um lago,
E Uramarca, de um monte originada.
Antes que o Quéchua lhes provasse as armas,
E as fizesse senhoras de seus lares.
Das raias de Antahaylla manda ao Chanca
Emissarios de paz; elle os recusa
A principio, mas cede ao ver os Quéchuas
Juncto ao Inca cuspindo-lhe ameaças.
Cedêo, mas retrahindo o odio ultrice

Dêo ao tempo a vindicta, arma do fraco.
Volvendo á sestra as armas, foi o Inca
Dominar Utumulla, onde o pinheiro
Sobre glebas de prata garfa a base:
E a Cusco regressou. Sabio, eloquente,
Mais propenso aos Amautas do que á guerra,
A existencia adornou, tendo a seu lado
Os que lêem no céo, e os que memoram
O gyro sideral, e os passos do homem.
Grande em tudo, e por tudo, fez do solio
Um thesouro de amor e de respeito.
Passou a vida, não folgando em ocio,
Mas ao bem do seu povo sempre attento:
Grande legislador, contava os dias
Pelas graças e dons; e suas noites
Contemplando nos céos esses luzeiros,
Throno de Pachamac, onde circulam
As almas que Hurinpacha clausurara
Na ephemera existencia. Suspendido
Entre os vôos dos Runas sublimados,
Embalado aos concentos dos Arávicus,
E outorgando a seu povo a sapiencia,
De preclaros lycêos cobria a patria,
Emquanto o filho, em Antisúyu, a fria
Challapampa domava, e em Pelcupata,
Havisca e Timu recolhia a coca
Sagrada ao sol, e fortaleza do homem!

Deixou a terra, e como os sabios goza
Juncto ao padre celeste o premio eterno.

„Poz a borla, e assentou-se no escabello
Yahuar-huac, o que chorara sangue
Nas fachas infantis, prognosticando
Dias nefastos no porvir do throno.
Bom, porêm fr ıco, a geração dos Incas, . . .
Eu tremo de o dizer, .. manchou, e... basta!
Sem a estrella paterna, pavoroso,
Circumdado de augurios que o prendiam,
Nunca empresas tentou: media os passos
De uma vida sustosa, como o enfermo
Que de instante a instante espera a morte.
Temendo o ar externo, a Inca-mayta
Delegou a missão da propaganda,
O qual plantou os términos do Imperio
Em Tacamá, tomando Collissuyo.
Tristes dias passou, suspenso, e afflicto;
Si temia o prenuncio que esperava,
Inda outro maior fronteiro tinha
N'um herdeiro feroz, cruel, e indocil
Á voz de seu mentor, de um sabio Runa.
Chama a conselho os Incas e os Amautas,
Propõe-lhes desherdar o filho indigno,
Dar-lhe a morte n'um ermo; mas pondera
Na virtude da lei, que dava ao Inca

Prestigio divinal, e na injustiça
De o direito calcar, pois que o monarcha
Que abroga a lei da herhade entrega o sceptro
A ambição, á ousadia, e á cubiça.
Pavorosos os Incas viram trevas;
Mas um Runa fallou, dando outro alvitre,
Que aceito pelo pae, acalmou tudo.
Falle agora esse filho, que passara
De mancebo temido a um rei modelo!

VIRACOCHA.

Meio dia! Não tinha sombra o valle!
A prumo a luz avita illuminava
O negro abysmo em que se esconde o río.
Recubito n'um seixo, á sombra intensa
De obliqua penha pranteava, quando
A meus olhos, fronteiro, o ar se condensa
N'um vivido phantasma: branco, intonso,
Senil como um rochedo; caus esparsas
Pelos hombros, e a barba presa á cinta
De um longo saio que seus pés cobria!
Para mim deslizando como a nuvem
Sobre um lago, me dice: — Ynti, meu filho,
Escuta, que do sol tambem sou filho,
E irmão de Manco, o fundador do imperio.
Meu nome é Viracocha. O sol me envia
A ti, proscripto Inca, e condemnado
Ao bordão do zagal nestas devezas,

Para em ti restaurar a majestade
Dos Incas, em teu pae desfallecida.
Hancohuallú, o perjuro e vil Curaca,
Chamou ás armas a nação inteira;
Revolto o Chanca contra Cusco marcha,
E ai do templo do sol si o não venceres!
Sus, oh filho valente! azar não temas,
Que a teu flanco serei. Corre, disperta
Teu indolente pae, dize-lhe isto;
E volta a apascentar de novo o gado."
Calou-se; e quando eu ia agradecer-lhe,
No ar se evaporou como um effluvio!
Voei a Coriancha; e n'aurea Quínua
Vergel do Inca, á sombra de uma coca
De esmeraldas e de ouro, obra de Hualpa,
Vi meu pae mudo e triste . . . Ajoelhei-me
A seus pés, e elle erguido, recuando,
Transido de pavor, chamou seus guardas;
Mas logo serenou, vendo-me nuas
As tensas mãos a supplicar-lhe indulto.
Narrei-lhe o facto, e por demente me houve,
Si não por tredo e arguto, assim ousando
A fuga disfarçar. Co'um gesto iroso,
Mandou-me regressar, e eu, submisso,
Aos rebanhos do sol fui dar meu zelo.
Corre a nova entre o povo; sóbe á côrte;
Chega ao throno que a nega, que a repulsa

Com desdêm a castigo; e o Colla avança,
Qual anta despenhada, retraçando
O passo infrene em abatidas selvas.
Foge o Inca, e se interna em Muyna alpestre,
Deixando Coriancha e Cusco em lucto,
E o templo ás iras do rebelde armado.
No exilio, insciente de taes factos,
Pastor ficara, si não fosse eleito
Para um alto destino. Juncto ao río,
Nas mãos a onda salutar colhia,
Quando dos altos da espumosa veia
Vi um conho rolar, troando o valle,
Como Illapa triforme, e sobre a pedra
Viracocha suspenso vir descendo,
E alçando os braços, atirar-me ás plantas
Um arco e flechas, que no chão bateram,
Qual bate o raio, removendo a terra!
Voltei-me para Cusco, e qual de um vento
Impellido, senti voar meu corpo
Té as portas do paço!.. Que miseria!
Tudo era confusão!.. Retive os fracos,
Alinhei os soldados, dei-lhes chefes,
Pul-os em campo e no dever da honra.
Tomei aspros atalhos; fui á Muyna,
Já não como proscripto, e dice ao Inca:
Nobre filho do sol! porque te furtas
Ao dever que te impõe a regia borla?

Que triste exemplo dás ao povo, e ao mundo
Nesta fuga, labéo da majestade? . . .
O rei que a todo custo a vida poupa,
Não merece reinar, merece opprobrio.
Inca, e sangue divino, e teu herdeiro,
Por mandado do sol venho pedir-te
O mando imperial, antes que o Colla
Profane o templo, e no furor dos crimes
Te usurpe o sacro amor, ou ebrio inquine
A virginal Aclauci, polluindo
As esposas do sol!... Não me respondes?
Não me fallas?... Sirgio-te o medo os labios?
Fascinado emmudeces sobre o abysmo?!
Quando o rei se acobarda, impera o servo;
Eu, teu filho, em teu nome, irei á fronte
Dos que vestem compí lustroso e nobre,
Dos que cingem a avusca, e tem no sangue
Mais valor do que tu, só rei no nome . . .
E o pranto me embargou a voz da patria,
Que em mim soltava o desafogo e a mágoa!
Vi o Colla; venci-o; porque as pedras
Se animaram á voz de Viracocha,
E commigo pugnaram! Cada escravo
Valia uma decuria! Fui ao Inca
Levar-lhe a feliz nova, e tive em premio
A mudez do ciume, e um novo exilio!
Tanto a inveja o cegava! Entrei em Cusco.

Não em aurea liteira sobre os hombros
De nervosos Rucanos, mas á frente
Dos leaes vencedores. Fui piedoso,
Como sohe o meu sangue. Incas e povo
Me impozeram a borla! Ah! nunca o mundo
De usurpador me alcunhe. Grato aos povos
Dei-lhes vida de amor, justiça e gloria.
Alcei um templo a Viracocha em Yuca,
E o seu nome adoptei, agradecido.

„Depois da gloria que dilata o solo,
Vem a paz, de outras glorias madre excelsa.
Ao sancto fructo de piedosas lides,
Patrimonio do sol, uni Haitara,
A bella e bellicosa; junctei Pocra,
Parco e Assancarú, Picuy e Acos,
Pelos meios avitos, por meu nome,
Já reclamo de amor e vassallagem!
Confirmei por mil bens estas conquistas:
Baixei das serras abundantes aguas,
Puz no ermo o zagal; ergui charnecas
Em frondentes vergeis; e ao Chanca e Quéchua
Dupliquei a riqueza, precintando
O chão rebelde de canaes fecundos!
E assim Pachaculec herdou a borla.

„Senhor de um grande imperio, não por fraco
Nem por frouxos deleites pervertido,

Sua grande missão cumprio, sentado
No suggesto das leis, sem mover guerras.
Soberano alvanel, dêo alma á pedra,
Vida ao metal, e ao chão a majestade.
É d'elle o sanctuario, o monte de ouro,
Que no meio do lago de Chicuyto,
Qual pupila do céo, colhe primeiro
A luz do padre sol. antes que o mundo
Veja baixar a matutina aureola.
É d'elle este prodigio, escrinio de ouro,
Pantheon de meus paes, e as cinco salas
Firmamentos brilhantes, nunca vistas
No orbe inteiro, e nem sonhadas de homem!
Alli, vizinha alveja, em templo argenteo,
Mamaquilla, do sol amada esposa,
De nocturnos insectos rodeada,
Tendo juncto de sí as mães dos Incas.
Foi elle quem á Tchasca, estrella serva
Do par celeste que nos dêo a vida,
A outra sala edificou de prata,
E a unio á nave em que o rubente Illapa
Entre lampos, trovões, raios, fulgura.
É delle a estancia em que scintillam gemmas,
Onde se irisa o fulgurante arco
Cuichú, nosso brazão; e as do aposento
Do summo antiste, o Inca Villacuma,
Interprete do sol, guia do Raymi.

Alvo do assombro e gratidão das gentes,
O gran Pachacutec enviou Yupanqui
Seu herdeiro á victoria, e o vio ufano
Beber na fonte genetriz do Huanca;
E entre as guerreiras tubas caniformes,
Que amedrontam com uivos o inimigo,
Subir á Sausa torreada e celsa,
Que domina Tumpiz, do Chímu assento,
E á Arica e Manta, pelo céo punidas!
Vio-o mais ainda, nas longinquas serras,
Vencer Chuquimancó, de quatro valles
Senhor e rei; e no fatal delubro
De Rimac escutar a prophecia,
Que lhe abatêo a furia, assim dizendo:
„Volta Yupanqui, vencedor do Yunca!
Já flammeja no mar, qual raio infesto
Sobre o dorso de um monstro de azas brancas,
Viracocha cruel a longa espada!
Vem teu throno buscar: cedel-o deves.
Não será jatahy, mas treda aranha,
Que das flores veneno só distilla."
Qual fundido metal que abrasa, e esfria,
Descêo-lhe ao peito o conflagrante annuncio.
Magoado e triste deixa o deos minace,
Mas no dia seguinte ao templo volta,
E a estatua á sua voz emmudecera! . .
Prompto allivio buscando ao mal propinquo,

Outro orago demanda; vôa ao templo
Da deosa Uminha, e só silencio encontra!
Ao valle de Lurin ancioso desce,
Aonde Pachamac em throno argenteo
O futuro revela, e d'elle isto ouve:
„Aquelle que descrer da propria origem,
Cortar a linha divinal, e ao throno
Subir com pé sangrento, d'elle ao nada
Descerá como um vil que a lei castiga.
Não dês guarida ao filho do oceano:
Como a escuma do mar são seus protestos;
Como a nuvem de Illapa os seus carinhos;
Como o tigre dormente os seus disfarce!
Reinarás e teu filho até que a monstro
Deixe a borla na mão de um monstro branco!
Profugo o sol fará o extremo ocaso
Entre as nuvens de pó, do templo em ruinas!"
E remedio não ha? (pergunta Yupanqui)
„Ha um; (retorna o deos) ha um somente:
Busca o negro metal que a fonte endura;
O pó que abate a rocha, e espalha a morte.
Não mais de mim pretendas. Emmudeço."

„Chama a concilio, em Cusco, o Villacuma,
Os padres, os harávicus e os amautas,
A quem compete decifrar o enigma
Do incognito metal, do pó terrivel,

E oppor aos fados virtuaes contrastes.
Aterrados no imo, graduaram
Os conceitos do deos em vaniloquios;
Tão vaidoso é o homem que se mostra
Sempre revel ao que não vê, nem toca.

„Depois de morto o pae, e ao sol unido,
Yupanqui olvidado enceta a guerra,
Já não de pia propaganda, pura
Qual fôra, mas de gloria assás profana.
Caminha á Cassamarca; vence o rude
E cornuto Huacrachú, filho da serpe,
E d'ella adorador; sóbe, e affronta
O bravo Cachapúya, descendente
Do suberbo condor, rei das alturas;
Subio ás regiões onde não medra
A palma, e se enregela o Aricano,
E Muympampa vencêo, depois de Suta;
Foi depois á Callúa, entre revezes,
Mas invicto domou a estancia fertil
Em que a palta melliflua pende o fructo.
Invadio Tumibamba, a industriosa,
Rival de Cusco; e dêo remate á gloria
Vencendo Quito de tremente solo,
Mas onde sempre a primavera é dupla!
A gloria das batalhas préza o povo

Mais que as outras, porque a lucta é vida:
E a vida de estridor comprende-a o vulgo.

„Morto Yupanqui, succedêo-lhe Huayna,
O grande, que primeiro ousou no Raymi,
Contra o rito, fitar o sol em face,
E n'elle um Deos não ver, mas de Deos obra.
Espirito qual sou, sciente o ubíquo,
Vendo em mim, no meu ser já depurado,
Quanto almejo saber, sei que o céo falla,
Quando oppõe á descrença a voz dos vates,
Ou em verbos de luz converte os astros.
A lei que o poz aqui ao sol voltado,
Para assim distinguil-o de seus pares,
Obra humana não foi, veio de cima;
Porque n'elle termina a gloria do Inca!
Guai do templo do sol! Huayna o fecha
Á nobre estirpe que ha de vel-o em ruinas!
A pesada cadeia de ouro puro,
Que mal vinte decurias suspendiam,
Emblemando o imperio, foi prenuncia
De males bem crueis entre seus filhos.
Atahualpa feroz e fratricida,
Rasgando as leis divinas . . . Ah! si ousasse
Contra as ordens de Manco oppor alvitre,
Ao silencio da morte eu voltaria,
Sem o fim descrever de horrores tantos.

PAMORPHIO.

Não occultes de Huayna os nobres fastos.

VIRACOCHA.

A meu pae, não a ti, monstro, obedeço.
Docil te foi a gente prisca, quando
Nivelada á alimaria, e surda ás vozes
Do antigo Viracocha, dêo a morte
Ao filho do oceano, cujo espirito
Em Manco se incarnou, o pae dos Incas,
De teu culto eversor; clavicularío
Dos arcanos de Deos, ora em caminho
Sobre o largo oceano, a cruz trazendo
Que na Huaca real de ha muito temos!
Espirito, qual sou, odios não nutro,
Porque sei que uma lei tudo prescreve.

PAMORPHIO.

Provoquei-o, Colombo, e ahi tens a prova
De que tudo o que vês é realidade.

COLOMBO.

Triste realidade! eu a dispenso.
Complete-se o painel; siga o discurso.

VIRACOCHA.

Huayna delirou ao ver nos braços
Da irmã esposa o desejado herdeiro!
Sol de alegria o nomeou na idade
Em que as fachas da infancia se desatam;
E assim seria, si do povo a alcunha

Allusivo de Huascar não triumphasse,
Ficando em vez de sol — cadeia de ouro.
Fiel á regra da missão paterna,
Quatrocentas centurias leva ao Quíto
Pela via empedrada, com que erguera
Os abysmos, e os serros humilhara,
Tão longa que do imperio ata os extremos!
Na outr'ora côrte do conquisto reino,
Espósa a filha do deposto chefe,
Vestal sagrada, e madre de Atahualpa,
Cuja belleza ao sacrilegio o arrasta.
Desce aos valles do Chimu, e prompto vence
Como sohem os Incas; colhe os louros
De espontanea adhesão em Túmi, e Sana;
Chama ás leis e ao culto Púchiu, Colque,
Savana, e Mutupí. Regressa; volve
Aos meigos braços da princeza, e Quito
De brilhantes palacios ornamenta!
No fresco estio da supina côrte,
As tropas refocila, e as exerce
Para novas conquistas, novos louros.

„Na quadra azada, na estação mais fresca,
Similhante á torrente que em despenhos
De tesos alcantis se abate ao valle,
Assim descêo, levando seus guerreiros
Ás ourelas do mar, onde os Tumpizes,

Ao modo azteca, victimavam homens
Ante feras selvagens, cortejadas
De truões chocarreiros, vis bargantes,
E ministros crueis do rito estulto!
Vencidos os Tumpizes, vinga a morte
Dos Amautas, que a treda Huancavilca
Trucidara, e depõe os seus caciques.
Compassivo, qual era, espalha indultos,
Mais vencendo dest'arte que punindo!
Costeia o litoral, penetra em Puna,
Escrava de Tumpalla, o vicioso
Idolatra do mar, que se lhe rende
Com dolosa humildade; passa á Manta,
Onde a deosa Esmeralda fulgurava
Entre pelles humanas, exigindo
Outras pedras menores, que das aras
Da verde gemma ao lupanar passavam,
Quando o nubente da concessa virgem
As primicias do amor vendia em hasta
Ao lascivo Curaca e ao bonzo incasto!
Vencida e doctrinada a côrte infame,
E antes de a Cusco regressar o Inca,
Os Amautas congrega; pede aviso
Sobre a historia da terra, cujas lendas,
O chão lavrado, e affirmativas crenças,
Lhe dão indicios de que alli portara
Outr'ora a raça colossal dos Chímus.

Senhor tres vezes pela alteza d'alma,
Poderio, e amor da sapiencia,
Ordena excavações, manda que sondem
As talhadas cisternas sobre a rocha,
Onde o sol zenithal só manda um raio
Na hora do Raymí, ou quando a prumo
A oceanica foz do río ingente
Povôa de kaimans encubadores,
E o tronco ardente no oceano emerge.

„Tu, que o lume procuras da verdade,
Oh filho do oceano, e és causa insonte
De um porvir desditoso, escuta o caso:
Trinta seculos ha, quando Hurin-pácha
Do fundo pégo vomitou armado
Bando de Chímus hombreando as selvas
Co'o porte colossal; eram tão altos
Que um tibia d'elles mensurava um homem!
Cupáy, que os aleitara ao seio impuro,
Cruel lhes dera na eversora marcha
De Illapa as iras, e ao feroz instincto
Nefando acervo de impiedosos crimes.
Sem videncia, cultura e humanos laços,
Errantes como feras, e abusando
Da força ingente que o tapir esmaga,
Os troncos arrancavam, qual depenna
Menino infenso o passarinho insonte!

Traçando ermos e ruinas, devastaram
Huaitára e Quíroa; nos calosos dedos
Esbroavam lancis, padrões e templos,
Deixas dos brancos, que nas pedras sacras
Da antiga Tihuanaco burilaram
Estranhos mythos de um perdido culto.
Sem recato, lascivos e solteiros,
A natura illudiam sobre as ruinas
De suas invasões, quando uma tarde
Á orgia entregues, remugindo coplas
Afrontosas ao sol, no chão ficaram,
Como pedras esparsas, sotopostas;
Porque o céo sobre elles derramava
Um diluvio de raios! O estafeta
Que perlustra os sertões, e galga os montes,
Ainda hoje os encontra retraçando,
Em negras pedras de espinhaes envoltas,
As brutas fórmas pelo solo esparsas.
Da existencia dos Chímus convencido,
Regressa o Inca ao Quíto, e vai armado
Co'o braço ovante sobre os vis Caranques,
Afogando a revolta crua e treda
N'um lago, que Yahuarcocha foi chamado
Do sangue que o tingira! Esta victoria
Foi o extremo clarão da nossa estrella.

„Quando o Sol quer punir o orgulho humano

Cega o rei e o povo, e infunde em ambos
Plausiveis illusões, planos ourados
De brilhantes sophismas. Cego Huayna
De um louco amor por esse filho, havido
Da sacrilega virgem, devaneia,
Olvida a lei fundamental, e quebra
Da solar dynastia a força innata.
Naquelle filho de impio amor só via,
Aos dotes da natura e d'alma unidos,
A sua propria imagem, seu orgulho,
E vaidade fatal. Louco, illudido,
Sem obices prever, assim pensava:
— Perder o conquistado é queda, e indicio
De ruina total. O fado é um monte
Do qual descai o que o não sóbe sempre.
Parar é morte, porque a vida é moto;
E o principe que dorme o throno abdica
Nas mãos do escravo, ou do primeiro ousado.
Huascar, meu filho e presumptivo herdeiro,
Não tem força e valor e azado engenho . . .
O imperio é immenso, e de nações domadas,
Aspirando revoltas. Dividil-o,
Não no culto e nas leis, mas só no mando,
A razão o inspira, o facto o obriga,
E a videncia o promove. O braço do Inca
Armado velará, porque não seja
Prompto ludibrio de inimigas raças.

Excessivo é de Huascar o patrimonio,
E a tão grande labor fraca é sua alma.
Sou pae, e não me illudo. Ah! si elle fosse
O formoso Atahualpa, e deste houvesse
O lume, o tento e a força, illesa a herança
Deixaria sem medo, e lhe testara
Maior imperio, toda a terra vista!
O pae que deixa um throno vacillante
Foi máo rei, e merece eterno opprobrio!
De Atahualpa o materno sangue exige
Este reino de Quíto, e é virtude
Reparar a injustiça. Alma tão grande
Sem um palmo de terra?... Não é justo.
Rainha é sua mãe, e despojal-a
De um direito sagrado me não cabe.
Huascar é generoso, assás possue,
E ao irmão cederá o que é devido.
Ambos filhos do sol, ambos meus filhos,
Nada teem que temer; o sangue os liga,
E as virtudes da excelsa gerarchia."

„Madurado o intento, chama ao Quíto
O herdeiro presumptivo, e deste arranca
O sim que almeja, e que divide o imperio;
E alli mesmo, em transporte jubiloso,
Atahualpa proclama rei do Quito,
Na fronte juvenil pondo-lhe a borla.

Não cabe Huayna em sí! Fervem mil festas
De grandeza não vista: a noite é dia,
E o dia um céo aberto: tudo é riso!
Cabal seria o gozo, si presagios
Não viessem turbar tão bellos dias!..
A curva terminava o sol propicio
Do móto gerador que aclara os pólos,
Matiza os campos, e sazona os fructos;
E o nivoso sendal do serro ethereo
Em lacteas fontes desfiando, enchia
Do nosso imperio os caudalosos rios,
E o lago sancto em que fluctua o berço
Da solar dynastia, aqui presente.
Era o tempo em que a serpe ama o relento,
E o veneno perfuma co'a baunilha;
As aves prolificam, e o colibrio
No seio esmeraldino colhe o nectar
Que o ipé collosal bebe nas nuvens.

„Celebrava-se em Cusco a estiva paschoa,
Raymi chamada desde Manco, o padre,
Seu alto instituidor. Rompia a aurora
Por cima do Anacáuri, rouxeando
Os niveos cumes dos supinos Andes.
Na espaçosa Hancaypata, juncto do Inca
Regedor dos mysterios, se apinhava
Descalça, genuflexa e humilde a côrte,

Dando beijos no ar, e abrindo os braços
Ao sol, que tinha em cada peito um templo,
E uma pyra de amor e de esperanças.
Nas campinas do céo se estende a aureola
Do oriente vital; e pouco a pouco,
Similhante a um cabeço abraseado
De nocturno vulcão, desponta o astro,
Ergue-se, e fica qual dourado escudo
Na mão do Inca animador das hostes,
Que o horizonte da gloria multiplicam;
Banha a turba real de lume e graça:
N'um hymno a elle os corações adejam;
Guia a estrophe sagrada o Vilhacuma
De pé, tendo nas mãos dous grandes vasos
De ouro fino, em que espuma o sacro mosto
Das vestaes preparado. Erguendo a dextra,
Á sancta libação o sol convida
Com amor filial, e após o vaso
N'um tubo esgota, que vai ter ao templo.
Do sestro vaso toma um trago o antiste,
E o resto circumflue nas taças de ouro,
Que por turno se chegam respeitosas.
Completa a libação, ao templo sobem,
De cujos penetraes só sabe o Inca
Que é de sangue real; no altar victimam
Um paco negro puro, côr augusta,
Do rito amada, e pelo talho viram

Sinistro agouro nas entranhas mortas!
Proseguindo o mysterio, os peitos abrem
De uma ovelha maninha, e o mesmo agouro,
Funesto observam com geral tristeza!
Nem convulsa tremera ao fundo corte,
Nem as entranhas palpitar se viram
Sobre a salva, indicando ledo augurio!
Segundo o rito, com amargo fructo,
Inda mais cinco ovelhas se immolaram.
Pungidos de tristeza pelo aviso,
Ao adro voltam a colher o lume
Do Raymi sacro sobre a taça de ouro,
Que encerra a isca comburente, e aduna
No concavo polido os almos raios
Do sol pendente no solsticio amado.
Banhada a fronte de suor algente,
Como um réo que nos labios do Curaca
Vê a morte escondida antes do aresto,
Assim tremendo o Vilhacuma offerta
O ignifero apparelho ao sol paterno.
No ambito lustroso fere o lume,
Arde a isca, rebenta a sacra flamma,
E os semblantes té-li presos de mágoas
Se irradiam alegres: o nubente
Que o sim alcança da adorada virgem
Mais feliz não se enleva do que os Incas;
Nem o nauta que a brisa em paz respira

Após a lucta mais ditoso exulta.
Gloria, entoou o antiste, e todos, gloria,
Responderam a uma; os cyrios tocam,
Embebidos de breu , ao novo lume,
E os hymnos de alegria pelos ares
Voando festivaes todos comprazem.
Mas, oh caso funesto e inesperado!
Vôa a isca, e a flamma disparece
Ao sopro repentino que co'as azas
Anca leprosa no cahir fizera
Juncto mesmo do antiste, qual se Ilhapa
Lhe cortasse o remigio, fulminando-a!
Aos emboras felizes, ao delirio
Que olvidara o agouro, succedeo
O silencio da morte! . . . Entre os presentes
Lhaica, o summo agoureiro, alli se achava,
E o caso vendo, e examinando essa ave
Que nunca deixa as regiões dos Andes,
Dice aos Incas: „Chorai, filhos de Manco!
Que o céo é contra nós: não ha refugio! . . .
Como esta aguia abatida, ha de o imperio
Em breve perecer . . . Ah! Pachamáco,
Factor do sol, da lua, e das estrellas,
Contra nós vai lançar do céo as iras.
Ha muito que presinto esses eventos
Sobre o aspecto celeste, e por um facto
Que eu vi em Chita, juncto á fonte sancta

Da minha bella chacra, onde conservo
Os quipus de meu pae, quipus sagrados,
Thesouros do porvir . . . Findava o dia;
No vulcão de Arequipa o sol tocava,
Tingindo a crista dos nevosos Andes
Do mais bello carmim; e eu reclinado,
Todo cheio de amor o contemplava,
Quando nos ares, qual perdida folha,
Vi oppresso condor estonteado
Abater-se a meus pés, como si fôra
Ignobil gavião fugindo ás iras
De algum rival phrenetico, e sobre elle
Tres formosos huamans bicando em furia!
Corri em prol do rei da immensidade,
Mas em vão, morto estava! e quando em pasmo
Media-lhe a estructura gigantesca,
Pelo bico revolto vi a fronte
De uma ingente amarú soltando a lingua
Bipartida, e após sair o corpo
Qual longo burity! . . . Fugi de medo,
E ouvi n'um tronco de myrrhada cóca
Os gentis huamans escarnecendo
Da minha precaução! Não tinha flexas,
E uma pedra lancei-lhes; pipitaram
Ironico requebro, sem mover-se
Da sagrada vergontea; e quando a serpe
Nos rochedos sumio-se, elles com ella

Ao cimo foram do nevado monte.
O que os astros diceram nessa noite,
E o que vi sobre a lua foi terrivel!
Chorai, filhos de Manco! Pachamaco
Contra nós vai lançar do céo as iras.“

„Do tempo esbanjador foi sempre o homem,
Sedento do porvir e seus arcanos,
E descrente no opposto a seus almejos!
Como um bando de tontas mariposas
Em torno de um brandão, rodam os Incas,
O juizo fatal pedindo a Lhaica.
Após um suspirar dorido e longo,
E triste reluctancia, dice o vate:

„Pallida, como um craneo descarnado
Em desolado campo, estava a lua
Na hora em que a cuynara geme, e o grilo
Mistura o canto ao murmurar da fonte.
O céo nuvens não tinha: entre tres circulos
De oppostas côres discorria o astro!
Repassado de dôr, ao triste aspecto,
Viracocha evoquei juncto do templo
Em que elle vive, transformado em pedra!
Pedi-lhe luz e guia; e elle me dice:
Nossa mãe nos avisa. Aquelles circulos
São os verbos da morte: O côr de sangue,

Mostra guerra entre irmãos: o verdenegro
A relva adusta sobre nossos templos;
E o terceiro, de fumo, diz que em fumo
Tudo deve acabar!
„Mas quem, oh Padre,
Chorando redargui, o imperio d'Ynta
Ousará destruir?! E elle voltou-me:
— Dice-o quem sabe, dice-o a cara esposa
Nossa prístina mão, senhora, e deosa.
Não me inquiras do fado; escuta, oh filho:
Houve na antiga Pachamac um templo
Onde Kon ensinara alta sciencia.
Era um filho do mar, branco a barbado,
Do Orinoco sahido antes que em Boza,
Em Pasca e Tontivon ao Chibcha désse
A cruz que lhe orna o manto, e que em Zuache
Imprimisse na rocha as sacras plantas.
D'elle, que dous mil cyclos repousara
Em Hunza a cavernosa, um quipu existe,
Tecido antes que em vida remontasse
Á morada do sol. Ha nesse quipu,
Tão grande como a lua, estas palavras:
„Não te conheço, oh terra desolada!
„Em ti não vejo de Ynta as aras de ouro,
„Nem o solio dos filhos seus divinos!
„Similhante ao vulcão que tudo arrasa,
„Vejo em tuas ruinas o homem branco

„Todo coberto de metal, montado
„N'um grande alpaco corredor e fero,
„Tua gloria abater, soltando raios!
„Já te não vejo, florescente imperio,
„Venturosa mansão da sapiencia!
„Abatidos diviso entre as ruinas
„O Inca e o zagal, o sabio e o nescio,
„Que a morte e a escravidão no pó confundem!
„Vejo o tredo e o ladro prosperando!
„Vejo a esposa gemer, vagir o orfam;
„Varões gritando sobre ardentes fragoas!
„A peste, que em sudario o véo das nupcias
„Horrenda muda, e o risonho esposo
„Do leito arranca para a valla pútrida,
„É melhor, mais benigna, porque ao menos
„Deixa a muitos a patria, e a liberdade!"

E a mumia emmudecêo... Bem como o vento
Dos frios pampas, na estação nevosa,
Zune nos valles dos fragosos Andes,
Assim gemêo a areopago immovel
Sobre os solios brilhantes!... Pouco a pouco,
Do templo e mumias vio Colombo as fórmas
Empanadas de um véo, perder o aspecto,
Como as fórmas das nuvens se dissipam.

COLOMBO.

De novo piso o congelado monte!
Si está findo o peryplo, regressemos;
Leva-me ás minhas náos; pois quero dar-te
A antiga liberdade. Vamos, marcha.

PAMORPHIO.

Homem, que viste o que é vedado aos homens,
Inda receias estender-me a dextra?

COLOMBO.

O que fiz inda faço. Terminemos.

PAMORPHIO.

Terminemos, que é tempo. Não te assustes;
Quero ser generoso. Eia, coragem.

COLOMBO.

CANTO XXIV.

Similhante a um balão que ao ar remonta,
Sob os pés de Colombo ergue-se o monte,
Desprendendo de sí a nivea mursa
Aos favonios do céo: e no ar suspenso,
De um immenso condor as fórmas toma,
Sustendo o nauta no ceruleo espaço.
Dir-se-hia, ao vel-o assim, um deos calcando
Dous cometas unidos, radiando
As lacteas caudas em sentido opposto.
Longe da terra, na siderea estancia
Do silencio e da luz, mal via o valle,
E os curvos Andes perfilando a crista
De brancos picos e vulcões fumantes,
Como tendas de escutas, acampadas
Nas divisas da patria... A novas terras

Majestoso adejando, vai pasmado
Do que vê, do que encontra, e da belleza
Que ante elle, em ondas azuladas, abrem
Ao lume do equador esses elysios
De sublime grandeza e formosura!
Vem-lhe as auras celestes dar a nova
De que entrava n'um eden sempre em flores;
Deixa á esquerda o famoso Apurimaco,
Corta as margens barrentas e iriadas
Do largo Javarí, onde o Cambeta,
De chata fronte e descendencia azteca,
Na rude bésta manda a frecha alada
Ao Tecuna indolente, alma de fera,
Baixa o grande Purús, o trideltado
Asilo do foveiro Cuxiuára,
Que á chata jurará os ovos rouba;
Costeia o Caiary, que leva aos mares
Nutantes cedros de titaneo bojo;
Desce á foz majestosa e serpeada
Do negro Quiary, que rola angusto
Batendo a veia no fragoso leito
Vizinho a Popayan, antes que entorne
A urna escura no caudal Guiena,
Imperio fluvial, prodigio do orbe.

COLOMBO.

Que río é este em que confluem mil rios,
Si a um mar doce de río o nome cabe?!

PAMORPHIO.

É o ingente Guiena, em cujas aguas
O sol se apruma, e as estações reune
N'um outono vernal, festim perpetuo
Do homem, do animal, d'ave, e do insecto!
Si aqui ao choque do elephante os troncos
Derribados não caiem, nem treme o antro
Ao rugir do leão, que amor irrita,
Pasce o manso tapir, rei da floresta,
Que a serpente do lago treda engole!
Si aqui não vês a montanhosa espinha
Do camello, navio dos desertos,
E a fronte horrenda e colmilhudo rosto
Do andrajoso e nojento rhinocéro;
Si nas aguas e em terra não encontras
O hippopotamo obeso, ou a girafa
Erguendo o collo esguio ao ramo em que a ave
Colhe o fructo, e gorgeia seus requebros,
Como has visto na Europa, n'Asia e n'Africa,
Vês no reino de flora altos prodigios,
E nestes lagos, e fecundos ríos,
Prenuncios de um porvir mais grandioso,
Quando o boi e o corcel do mundo antigo
O esforço do colono duplicarem.
O Volga, o Rheno, o Elba, e o Danubio,
O que são, mesmo junctos? Um dos feudos
Deste immenso oceano de agua doce!

O Ganga, o Sindo, o Kiang, e o Camboja,
E o Niger, e o gran Nilo, e outros mais ríos
Unidos n'um só leito, mal dariam
As aguas deste, que amarado nauta
Inda as pode beber no largo oceano;
Pois que tantas despeja, que inda um dia
Salobras se hão de ver do mar as ondas.
Eil-o! fluente e largo como um golfo,
Abraçando no curso ilhas sem conta,
Deltas, valendo reinos, e arrastando
Esplendidos balceiros, como um prestito
De nutantes jardins, ou linda esquadra
De náos vergeis, por aves tripuladas.
Quanto é grande e caudal seu curso oceanico?
As aguias que ousam vadeal-o, exhaustas
Na opposta margem, caiem desfallecidas;
O real gavião que fende as nuvens
Co'o crespo kanitar, e o pato arminho,
De pégos medidor, sobre estas ilhas
O vôo cortam demandando as orlas!
E no entanto a Tupí co'o filho ás costas
O vadeia, seguindo o ingrato esposo
Que na igara ligeira d'ella foge.
Tanto póde o amor, tanto o ciume!
A tal nunca ousaria em quanto virgem,
Co'as ficções de seus vates illudida,
Temendo o rapto de encantados bagres

Que á profundez do río as moças levam,
E em redes de crystal, mercê das ondas,
No doce embalo, dão a luz os phocas,
Hybridos fructos do consorcio estranho.
Si da arborea grandeza, sublimada
Por tantos feudos de caudaes correntes,
Aos infinitos seres que respiram
Aqui te elevas, pois que tudo has visto,
Dize, Colombo, em que torrão do globo
Mais bella e grande se mostrou natura?!
Tudo aqui se agiganta e se harmonisa,
Desde o humilde capim ao cedro altivo,
Do mimoso colibrio á aguia suberba,
Do verme á sucury, e da bonina,
Que rasteja, á explendissima magnolia!
O loto que aqui vês desabrochando,
Entre bandejas de esmeralda, as conchas
Do niveo jaspe, si o tivera a India,
D'elle fizera resurgir não Brama
Mas o sol criador, vida do mundo!
Viste o cedro phenicio e o baobabe
Do undoso Bojador, o roble hercynio,
E a teca do Indostão, monstros da terra,
Bracejando no ar troncos frondentes;
E os que Plinio no enlevo da sciencia
Ás éras descrevêo, altos portentos,
De brizas seculares embalados;

Mas não viste os que vês neste conjuncto,
Cerrando a cup'la de vernaes outonos,
Onde a nuvem adeja os véos humentes,
E a flecha e o arcabuz o alvo não medem:
Troncos que encerram inteiriças naves,
Que as tuas, como esquifes, conter podem
No bojo domador de tempestades!
Nestas devezas, coração da terra,
Animadas do pendulo celeste;
Nestas arterias de continuo fluxo,
Á vida abertas, e ao labor do engenho,
Ver-se-ha n'um dia a intelligencia activa
Dilatar seu poder, fundando o grande
Imperio do Equador, tendo por timbre
O amor da igualdade e da virtude.
A natureza é base do progresso,
Quando o homem lhe offrece mãos calosas,
E um espirito recto: ao mar não descem
Os troncos, nem ao templo sóbe o marmor
Sem o labor da mente: o desmazelo,
Febre algente dos povos, tras a morte.
Quando eu quero atrazar, promovo a inercia;
Quando eu quero abater; promovo o luxo:
Na preguiça e na industria, tão oppostas,
Lucra sempre o inferno, auctor de extremos.
Escuta o que antevejo, attende, e guarda.

Tres seculos depois que nestas plagas
O pendão de Castella tu plantares,
No Tejo ha de nascer, no mesmo dia,
A Pedra basilar do Novo Imperio . . .

COLOMBO.

Porque não em Sevilha, a grande e illustre
De quem sou mandatario, e a quem o céo
Deste achado concede a preferencia?!

PAMORPHIO.

Porque o quer assim Deos, e assim o ardena.
Antes que o sol em pino, sobre o cancer,
O novo throno aclare; antes que o mundo
Escute o brado — Independencia ou Morte
Reboar d'aqui mesmo; ha de o colono
Do norte, sul, e o este erguer o hymno
De sua liberdade! Hão de as virtudes
Do heroismo luctar; ha de o ilota
Acurvo ao jugo immerecido, em campo,
Quebrar os ferros do senhor iniquo;
E livre, e deslumbrado do triumpho,
Novos Agis tirar da urna eivada
Por comicios armados. E no entanto,
Contra o zelo infernal alerta sempre,
Um homem se ha de ver, norma perfeita
Do sabio e do guerreiro, em Potomaco
A gloria escurecer de muitas glorias!

Como um sol que estalasse em noite horrenda,
De flammante poeira enchendo e espaço,
Assim estalará da Franca o throno,
Enchendo a Europa de eversoras luzes.
Sobre rastos de sangue, ao estampido
Dos trons, do trote, e tiros das descargas,
Hão de evadir-se os reis, deixando os solios
Á mercê de um soldado ambicioso,
No sarilho das armas elevado
Á gloria imperial. Genío sublime!
Gigante levantado de um rochedo
Batido do oceano, ha de em triumphos
Estandartes pisar, muros croados
De bronze e ferro, de valentes hostes,
Que sorriem á morte e não recuam!
Aguia do mar, a terra perlustrando
Co'o vôo universal do Nilo ao Tejo,
Do Pó ao Rheno e ao Neva, abate as grimpas
Do Kremlin bysantino, e as ameias
Do Danubio pujante, onde bifrontes
Farpadas aguias nas possantes garras
O globo imperial e o gladio preiam
Com aspecto feroz. Aguia marina,
Afeita ao choque de tufões contrarios,
Das névoas boreaes não teme a noite;
Fita os regelos co'a abrasada vista;
Funde espectros de neve, a cruz empunha

D'Ivan sangrento; e quando gloria brada,
Vem do pólo nocturno as frias azas
De saraiva mortal bater-lhe a fronte,
Gelar-lhe os louros! oh cruel destino!
E á luz do incendio que lhe rouba os tectos,
Vê os heroes do Cairo sobre os campos
Em estatuas de neve congelados!

„Profuga a estirpe de João Segundo,
Aqui buscando asilo, ha de essa Pedra
No retorno deixar. Vejo-a na lucta
Triumphar e cahir; vejo-a fugindo
Dos uivos populares; vejo-a longe,
Qual estrella fugaz, no mar sumir-se;
E um' outra Pedra d'ella filha o solo
De mais altas virtudes esmaltando!
Oh! como é bella, luminosa e alta!
O sol da gloria, o d'immortal renome,
Sobre ella poisa, e do seu flanco excelso
Dous lizes de pureza se levantam,
Perfumando o imperio de esperanças.
Nos amagos de neve pura e candida,
Onde o polen dourado resplandece,
Como sylphos ligeiros, brincam, folgam
Meninos, que hão de ser reis poderosos,
E ao mais alto explendor erguer a patria.
Ai de mim, que impotente, e sem recursos

Os braços cruzarei, até que o ensejo
No futuro desponte, e que ao reclamo
Da ambição criminosa, eu possa ao longo
A c'roa imperial partir, e o septro,
Entre mãos de caudilhos fratricidas,
Quebrar, si não poder em pó tornal-o.
Afflige-me o futuro; e o novo Imperio
Protegido da Cruz, e d'ella filho,
Mais que tudo, Colombo, me atormenta.
Raça de Luso, medrará c'os tempos,
Si aos paternos errores dér contraste,
E á minha influição oppor virtudes.

„Quando o marmor de Iguape, em Guanabara,
Teu vulto reanimar; quando estas selvas
O ferro de Ipanema, e o grão da Arabia,
Mais que o ouro e a gemmas proveitosos,
Ferteis derem ao mundo; quando o homem
Vir na mente a riqueza, a força e a gloria.
Tal Imperio ha de ser; não aggregado
D'hybridas raças, pleiteando lucros
Á sombra de uma lei. O sertanejo,
Que audaz perlustra a habitação das feras
Em troco da palheta ou do brilhante,
Não vigora o porvir, não enriquece
O solo, nem sublima a alma do povo,
Antes provoca d'auricidia os crimes:

Promotor da ambição, leva a cubiça
No passo aventureiro, sem que plante,
E produza jamais. A sua vida
De lucta e sêde sobre a terra passa,
Como passa a picada que elle abrira
Na jornada, e que o matto sempre activo
Desfaz, cruzando as renascidas plantas.

COLOMBO.

Arde-me a fé no coração; respiro
O ar da vida n'um enlevo sancto.
Contra syrthes de fogo e mar de flammas
Eu quero labutar. Não temo o inferno,
Nem suas ameaças. Deos me escuda,
E da Cruz ha de este orbe ser um dia.
Onde estão minhas naves, quero vel-as;
Quero outorgar-te a liberdade; e aos mares
Meu destino entregar. Vamos, depressa.

PAMORPHIO (comsigo).

Não te pude vencer, indocil crente,
Nem teu ser confundir no pó do olvido,
Como a tantos que jazem ora immersos.
Similhante a um brandão, colado aos olhos,
Na flamma abrindo dolorosa noite
D'indisiveis tormentos punitivos,
Via o dedo de Deos, quando intentava
Trucidar-te ou mentir. Em vão foi tudo!
Pelas azas de um Anjo abroquelada

Tua vida meus raios repellia,
Com revite pungente e doloroso.
Si a urdir enganos amestrava os labios,
Insurgente, qual vomito forçado,
A verdade, trahindo-me, surgia;
Si a mão alçava, uma invisivel dextra
A fazia cahir. Escravo, e coacto,
Como o servo que armado contra a patria
Vai carpindo ferir, e aos seus dar morte,
Assim me vi no captiveiro insueto!
Não te pude vencer; mas posso, oh homem,
Ferir essa alma no intimo sensivel;
E co'a propria verdade ultriz oppor-me
Ao cruel Adonay, que assim me pune!
Da explosão do meu odio e da vindicta
Abafemos as lavas; não é tempo.

„Sim, oh Nauta immortal, corro ao teu voto
Generoso e sublime. Terminemos
Este grande peryplo humanitario
Co'um painel a teus olhos lisongeiro.
Não vês a lesnoroeste aquelle golfo,
Como um tanque de prata recolhendo
De trinta ríos as sonoras aguas,
E á boca d'elle tres formosas ilhas,
Escoltadas de outras, cujo numero
Vale os dias do anno?

COLOMBO.

Sim, lá vejo
Como virgens do mar, vestindo flores,
Folgando ledas sobre o grande oceano!

PAMORPHIO.

Não vês ainda, lá bem longe, sobre
A curva que descrevem, vagueando
Tres pontinhos no mar? . . . São tuas naves;
Sem ti, suspensas e inquirindo os longes,
Na esperança de haver-te. Como recta
Em busca de Cathay, que atraz deixamos,
Vai a tua sciencia?!.. Ente fadado
Por decreto do céo, que assim te guia
A feliz descobir o Novo Mundo!
Si de um rasgo o desejas ver patente
Qual será no futuro, agora mesmo
Tal e qual o terás, que a tanto posso.
Um adeos lisongeiro é sempre grato
Á memoria, e mais bello si a esperança
N'elle accende o pharol da realidade.
Subamos té medir o arco dos pólos,
De sobre este gran río, centro do orbe!"

Na armila do equador ambos suspensos,
Saudoso contemplava o Navegante
Os seus caros bateis, quando assombrado
Da improvisa manobra, os vê chegando

Ao respirar galerno de alma brisa,
E aproarem ás ilhas que se estendem
N'uma constellação de paraísos
Sobre o mar azulado! Mór assombro
O ferio, quando vío na capitanea
A sua propria imagem commandando,
E á propria voz as ordens respeitadas!
Pasmado da fiel ubiquidade,
E d'arte dos infernos, tudo observa,
Como quem do inimigo espreita a insidia!
Vio surgirem n'uma abra os tres navios;
Vio seu vulto plantar na riba estranha
O pendão de Isabel; vio das florestas,
Côr das folhas do outono homens desnudos,
Em doce encontro, adorações prestar-lhe,
Abrir-lhe o peito carinhoso e insonte,
E ao gesto unir as oblações fagueiras.
Contente da visão, que um sonho elysio,
Um ledo encanto parecia, os olhos
Por ella estende a contemplar a terra,
Onde tudo era novo, desde o musgo
Té á copa frondente; desde o insecto
Té á fera, e ás aves nunca vistas!

Similhante á mirage, que o deserto
De lucidos vergeis adona, e illude
O incauto viajor; assim nas ilhas

E nos dous continentes vio Colombo
Transluzido o futuro historiar-lhe
Em rapidos paineis grandes eventos.
Qual na ceifa por terra cai a messe,
Assim aos golpes do machado as selvas
Tremendo rolam, dando espaço livre
Á seara, entre cercas que dilatam
Do colono infiel o avaro instincto.
Tine a broca no seixo, estala a penha,
Rolando cantos, do alvanel materia:
Sóbe o muro invasor, cavam-se furnas
Ao crime e á escravidão, emquanto altares
Debuxa o architecto. Sobre as margens
Se alinha a tenda mercenaria; o colmo
Cede á argíla e á ardosia as cumieiras
Dos palacios que alvejam, que se adornam
De mil echos de luz, de atrios suberbos.
Sobre vias orladas de alamedas,
O sincerro tintina, rolam carros,
Passa a liteira, e gallopando vôa
O corcel andaluz. Da industria os templos
Bebem os rios, ou ao céo levantam
As grimpas fumegantes; nas ribeiras,
Como entanhas, á tarde merencoria.
Rebate o maço o calafate unctuoso
No pando seio das nascentes naves,
Ou estronda o martello entre as cavernas

Que o campasso naval artefactara.
Sorri-se o Almirante ao borborinho
Do vivente painel; sente uma lagrima
Lustrar-lhe o riso, ao piedoso enlevo
Da voz de um sino dominando as outras.

Do ethereo assento, em que avistava as métas
Do Tyrio e Dano, pelo mar sereno
Colombo estende os olhos, satisfeito
De haver alêm transposto, e perlustrado
Os extremos do orbe inda encobertos.
Neste enlevo de pios sentimentos,
Vio do Tejo, na curva do oceano,
Traçada a esteira argentea da derrota
Que o gran Vasco da Gama discorrera,
Dobrando o farelhão das tempestades,
Té as portas do lucido Oriente.
Vio, com mágoa, singrando a mesma rota
Do Cabo-tormentorio, desgarrado,
Pedralves, por lufadas, aportando
O lusogaleão no Novo Mundo,
Lá onde o Capro estivo, e a Cruz siderea
A terra n'um elysio almos convertem.
Vio as quinas e a cruz de Christo alçadas;
Cabral mandar a nova ao Tejo; e logo
Buscar o Indo, que domara o Gama,
E ás portas de Cathay unhar os ferros.

„Não me importa, — dizia assim o Nauta,
Fui alêm do almejado: a Deos o devo!
Perlustrei o abysmo, horror dos tempos,
Abri a estrada que envolvida em trevas
Aterrara o passado. Ao meu reclamo
Dispertou-se o porvir, e a humanidade
Diz á terra e ao mar: sois meus agora!

Simillhante ao enxame dispertado
Pelo canto de progne, no ar zumbindo
Alegre em busca de florinhas novas,
Assim dos portos da sedenta Europa
Coalham as ondas mercenarias naves,
Ajoujadas de esprançás e cubiça.
Lá veem os lyzes e os leões, invidos
Dos castellos e quinas gloriosos,
As plagas invadir; tudo lhes cede
Á força e ao saber: as brenhas se abrem;
Como flores, rebentam as cidades:
Archimedes dedaleos, n'um momento,
Erguem da rocha bruta mil palacios;
Os abysmos nivellam co'as colinas;
Fiam o ferro em pontes, em estradas,
E n'ellas passam plaustros fumegantes,
Como as aguias de um monte a outro monte;
Dão azas ao batel, que sobre as ondas
Corta o vento ponteiro, firma a rota,

O tempo e hora de surgir no porto;
Escravisam o raio, co'elle escrevem,
Delineam. e á falla os orbes chegam;
Outros quebrando as leis da gravidade,
Pelas nuvens velejam como as aves! . . .

COLOMBO.

Mentes, demonio, com ardil infando!
Tres vezes mentes! o que vejo é fabula
De tua inspiração, rica de enganos;
Não creio em taes encantos.

PAMORPHIO.

Não encantos,
Mas pura realidade. Si duvidas,
É que ainda te pesa a terrea crosta
Que á vista d'alma oppõe do corpo os olhos,
E o futuro ao passado subordina.“

Bem como expira o arrebol dourado
Entre os nocturnos véos, desvanecendo
Os aereos phantasmas do horizonte;
Assim, aos poucos, a visão fagueira
Foi perdendo o fulgor, a vida, e o móto.
Ás linhas d'arte succedêo a selva,
Á cuja sombra se balança a rede
Do selvagem, ou dança a tribu alegre
Ao som do maracá, factor de embustes.

PAMORPHIO.

De mim descreste, porque fui amavel,
Bondoso e lisongeiro? Não me offendo.
Mostrei-te do porvir a bella face
Sem as manchas da lucta! foste ingrato!

COLOMBO.

Quem deseja a verdade oppõe-se ao erro.

PAMORPHIO.

A verdade?! Pois bem: eil-a desnuda.“

E a magnolia de jaspe, o escrinio odoro
De eburneo thyrso alveolado, abrio-se,
Não fulgindo coraes, mas a cabeça
De bilingue serpente sibilando.
Era outro o painel que via o Nauta,
Painel de lucto, e de medonhas scenas.
Naquelle eden benigno em que aportara,
Solar da singeleza hospitaleira,
Vê tropel de assassinos; ouve os echos
De gemidos e ais; recúa as vistas,
Fugindo á dôr, e n'outra ilha as fita.
Como as ondas do mar que o vento engrossa,
Ardem as selvas, e os gemidos crescem!
Em postes e giráos, estrebuxando,
Pendem corpos assados . . . Mar de sangue
As ondas bate na hecatombe humana!
Volta os olhos Colombo contristado,

Busca allivio ao soffrer, encara outra ilha
Que formosa se estende toda em flores.
Alli não vê somente o horror da lucta,
Mas tambem reconhece os vis algozes!
Repassado de dôr, volve sua alma
Á terra firme, procurando asilo;
Mas a dôr o persegue, qual remorso!
Ao clarim hespanhol estoura o bronze;
Ruem templos e paços, gemem homens,
Treme o solo; e ao tripudio dos carrascos
Montes, valles, campinas, e cidades,
Espadanas de sangue e fumo espirram!
Qual ingente trovão sôa um gemido
De quatorze milhões de desgraçados,
Perdendo a patria, a liberdade, e a vida!
E vê nesse deserto, envolto em fumo,
Sobre um monte de corpos desangrados,
O estandarte da Iberia triumphante,
Qual cruż funerea memorando um crime!

De tal visão ferido, cai Colombo
Em deliquio mortal! Pamorphio o toma
Nos braços, e de um surto remontando,
Vara o céo infernal, e a esphera ardente;
Fende a lava, o granito, e a terra surge
Do fundo do oceano. Ahi, suspenso,
Busca o perdido esquife, e n'elle assenta

O Nauta, em quem bafeja olvido eterno
Do quanto vira no profundo abysmo.
Nas mãos callosas lhe segura os remos;
Ergue uma onda, e ess'onda balançando
Leva ás naves inquietas o Almirante,
Que disperta á celeuma jubilosa
Dos que o creram vencer tanto perigo!
Nos braços dos fieis colhe a victoria,
Ordena, e a essueste ovante singra.

Em pé, de longe vendo as caravellas,
Aprumado alcatraz parece o demo.
Tremem-lhe as vestes nos convulsos membros;
Qual serpifera aureola, a coma aberta
No ar lhe estampa da medusea fronte
O petrifico odio. Anceia e geme,
E, si podesse, os astros lançaria
Contra a face de Deos que assim o humilha.
Soltando ás vagas, que a seus pés remugem,
O manto aberto que o seu bafo tisna,
Para o Nauta, já salvo, assim discorre:
„Vai, coração de bronze em peito de aço,
Teu mandato cumprir; mas não te rias.
Só te pude vencer, cegando n'alma
A luz que evoca do passado as scenas.
Bebeste o loto, o tenebroso olvido
Em meus labios ultrices; vive agora

Como uma alma que expia, reincarnada,
A vida que houve, deslembrada sempre.
O que has visto sumio-se. Estou vingado;
Esquecer é morrer. Como um evento,
Que o deserto só vio, e ahi finou-se,
Pelo inferno passaste, sem memoria!
No mar, na terra, qual funesta larva,
A teu lado serei, rompendo o fio
Da esperança, e cavando-te incessante
A cada passo um precipicio novo.
Porei em campo as legiões traidoras
D'aulica inveja, que em redor do throno
Tudo inverte, retrinca, e desnatura
Com doloso artificio. Á tua gloria
Hei de o olvido oppor, e a lousa escura,
Té que o mundo teu nome desconheça.
Gemente, á enxerga do infeliz mendigo
Hei de arrastar-te, ambicioso ousado!
Nem abra escusa, ribeirão lodoso,
Ou bronca pedra guardara teu nome.
Em ti darei um novo exemplo ao mundo
Do que vale na terra um dom celeste!..
Fernando vivirá, porque em seu peito,
Fragoa de inveja e de cubiça arguta,
Inda o Anjo da morte não tocara!..
Como o ha feito a Isabel, já grave enferma.

Vai colher novos mundos, novos reinos,
E thesouros sem conta; vai, fomenta
Com teu suor e engenho, oh desgraçado,
A altiva inercia e a miseria ufana
Dos que espreitam colher labor estranho,
E aos reis a ingratidão iniqua ensinam.

„Não o posso evitar; chegou a hora;
Cahirão meus altares e meus deoses,
Mas em charcos de sangue e de convicios,
Na barca de Cain, de cruz alçada,
Sedentos monstros hão de vir cantando
Lithanias de amor que insidias cobrem;
Ver-se ha nos montes, que tão bellos viste,
Pompear o pendão do fraticidio,
E a palma do assassino tinta em sangue,
Sobre os solios de Manco e Acamapiztli,
Truculentas perfidias endeosando!
Hei de unir ao soldado do evangelho
Carnivoro mastim; e a seus latidos,
Ha de o iberio corcel levar á guerra,
Através das fogueiras crepitantes,
Sobre as cinzas de corpos inflammados.
Novos Sejanos, hão de dar indultos
Ao romano pretor: tanto seus crimes
Farão dos Verres olvidar a infamia!

Ebria de ouro e conquistas, ha de a Hespanha
Seus brios esquecer; de injusto orgulho
Assaltada, farei que imponha o veto
De odiosa exclusão á nova prole;
Dar azo ás represalias, té que o filho
Irritado lhe atire a face os ferros
De escravo, e ultriz lhe diga, alçando a espada:
„Tu não és minha mãe, mas sim madrasta,
Egoista e cruel. Vai-te; sou livre!"
Livre? . . oh! inda não; dirá o inferno,
De ambos conselho, — pois bebeste o leite
Da inulta escravidão, no despotismo,
Sem a espora calçar do cavalleiro!
Livre de um jugo cahirás em outro,
Como o escravo que a lei não libertara;
E, presa de caudilhos temerarios,
Terás, qual tenda errante, o teu governo.
Em longa expiação, ver-te-hei revolto
Gemer dez lustros, té rasgar-se a venda
De teus olhos sangrentos, té que as armas
Generosas do imigo um rei te imponha,
E assim debelle da anarchia as traças.

„Quem não póde vencer mareia a gloria;
Quem não póde impedir retarda os factos,
Inquina os meios, e perturba a marcha.
Vai-te, e prosegue; o Novo Mundo inventa;

Que adumbrando teus passos, inflexivel
Sobre ti cahirei no instante azado.
De um outro Ausonio, para escarneo eterno,
Darei o nome á grandiosa plaga,
Sem que tu, desgraçado, mesmo o saibas.“

Similhante a uma tromba perfurada,
Que estala, espadanando um cataclysmo,
Assim cahio no mar Pamorphio, e foi-se.

COLOMBO.

CANTO XXV.

Envolto n'uma aureola sobrehumana
Aos olhos da equipagem; deslembrado,
Pelo amnestico bafo de Pamorphio,
Do que vira e ouvira, o Navegante
Commanda, e sua voz multiplicada
Pelo apito marino move as naves.

N'um mar de ilhama que serena o peito,
E nas azas alegres da esperança,
Colombo exhorta a dubiosa chusma
A com elle fruir a gloria immensa
De haver rompido os tenebrosos diques,
Desvendado as nações, aberto os mares,
E a cruz levado a regiões ignotas.
Com o dedo no fulgido horizonte,
Mostra, sorrindo, a desejada plaga
Onde a fortuna os arraiaes assenta.

Com ledo rosto, e folgasão meneio,
A todos falla: memoría as lendas,
Fallazes crenças de inscientes éras;
Pergunta a estes pelo mar trevoso
Que as faldas orla de nevados montes;
Pelos brancos olympos redentados,
Mordendo os astros, despenhando estyges,
Funesta origem de paúes infestos,
D'impios charcos, que exhalam noite e morte?
Demanda áquelles pelos monstros brancos,
Inimigos da luz, sempre encovados
Em frios antros onde o sol não passa,
E nem penetra de Lucina um raio?
Prazenteiro, interroga-os ante o brilho
Do céo, do mar, e do suave sopro
D'aura elysia que doce vida infunde,
E branda quietação? Falla dos nescios,
Chama-os de esponjas sorvedouras de erros,
D'estranhos cegos que ennoitecem tudo,
E o lume negam, que buscar não sabem!
Ninguem a redarguir-lhe a voz levanta.
O que a mente prendia a vãos terrores,
Pelo chão torvos olhos rodeava;
E os que o medo cegara, e ensurdecera,
Quedos ficaram, murmurando n'alma
O que não ousam proferir ao Chefe.

Como um peso, nas almas da equipagem
Uma idéa vivia: era a foligem
Do erro, empedernida pelos tempos,
E os temores que o vulgo sempre augmenta.
Insuflava o inferno mil suspeitas
No animo de todos. Cada almejo,
Cada esperança do celeste Arauto
Era um raio fatal á turba insana,
Cuja mente, envolvida em preconceitos,
Té nos céos decifrava impios agouros;
Tanto em sua alma prevenções reinavam !
Absurdo espelho, o coração humano,
Ávido sempre de emoções fagueiras,
Torna o prazer fugaz, e a dôr estabil,
Como si nato para ella fosse!!
Ninguem já pensa no máo-fado havido,
No tufão, na orfandade em que luctaram,
E no ovante regresso do Almirante,
Ha pouco um semideos domando azares!
Face a face, o phantasma de seus erros
Minaz lhes mostra com a dextra incerta
No horizonte brilhante o negro abysmo,
Que em seus pavidos olhos pinta o medo.

Dez soes tinham passado, sempre em marcha
Regular e serena, quando os animos
Por caso inesperado, e nunca visto,

De prompto em confusão se despertaram!
A ponta immovel do fiel magnete,
Ostensora do polo, se inclinava
Um pouco a leste, desdenhando a estrella
Balisa eterna da nevada estancia!
Nas cahoticas azas do silencio
Vôa a nova, e com ella o medo vôa.
Colombo o facto estuda, collocando
A par um' outra agulha, que o confirma!
Magnetisa a primeira: ambas declinam,
E ambas ao sudoeste vão pendendo!
Colloca uma terceira, e esta as segue!
Não se aterra com isso; vê no facto
Uma causa, uma lei occulta ainda,
Que espera esclarecer. Marca o desvio,
A altura, a hora, segue o rumo antigo,
E placido repousa juncto ao leme.

Assim não era na aterrada mente
Dos seus, que viam máo presagio em tudo,
E mór ainda no presente caso.
De industria, a uma, pueris inventos
No convez e porão circulam, crescem.
Houve quem visse, — falceando juras,
Surgir d'agulha, á meia noite, um astro
Pisciforme, e da Hespanha, pela esteira
Da nave, o rumo aconselhar na fuga!

Outros um vulto a recolher as vélas,
E alguns na prôa escarnecendo o guanche
Que ha pouco viram no vulcão sumir-se . . .

Pungidos do alvoroço, e inquietos sobem
Ao castello de ré, juncto da agulha,
Arana o alguazil, do Nauta amigo,
Gutierres o escrivão, homem da côrte,
O vedor e fiscal Rodrigo Sanches,
Escovedo o notario, o historiographo
Tapia, e com elles outros da equipagem:
Alonzo Niño, que desdenha os euros;
Roldão, que une á pericia o amor do lucro;
Peres, de inveja corroído sempre;
Ruíz, piloto-mestre, homem zeloso;
Cosa, o nauta inspirado, o mestre n'arte
De os ventos combater, domar perigos;
Mais outro Alonzo, o physico da armada;
Torres, o renegado, e gran linguista,
E Castilho, perito na alchimía.
Ahi, do Chefe inquirem sobre a nova
Que a maruja apregôa acobardada.
Colombo os tranquillisa e fortalece;
Discorre sobre o facto, occulto ainda
Na historia do oceano; e proseguindo,
Como sohe o engenho, sempre agudo,
Da mente arranca, como leis arcanas,

Inauditas verdades! Diz que ha muito
Rasgara o livro do passado, havendo
Outro colhido no fecundo gremio
Da sábia natureza. Alto discorre
Sobre as leis das medonhas tempestades,
E a marcha orbicular que tem nos mares;
Diz que as trombas no raio tem a essencia;
Que ha ríos invisiveis no oceano,
Aguas escuras, verdes e alvacentas;
Juncto á neve polar correntes cállidas,
E igualmente a miragem nos desertos
Da eterna frigidez; diz que ha notado
Variantes n'agulha, não tão fortes
Como acaba de ver-se; explica os ventos
Pelo vario calor, pressão das nuvens;
Vê no fogo do céo, na chuva e orvalho,
Nas mares, nessas aguas que transmudam,
Que vão da terra ao céo, e deste ao sólo,
Pulsar a vida do planeta; e ensina
Por que modo o piloto exprimentado,
Pelo aspecto do céo, pelo dos mares,
A crastina estação do dia augura.
Diz-lhes que os véos da natureza ao homem
Intactos pendem; que o passado ignaro
No seu mundo de orgulho mal tocara
A orbita real de quanto existe;
E elevando a palavra assim termina:

„Cada sopro de Deos é uma força,
Uma harmonica lei, uma verdade,
Uma causa, uma ordem perfectora!“

Sempre risonho e calmo a todos falla
O sabio Nauta, que a natura estuda;
Tenta calmal-os, debuchando esprànças,
Colorindo o porvir de aureos prazeres,
Mostrando os fructos de tão alta gloria;
Mas sem fructo ficou tanta facundia!

A mais iria o medo, si a equipagem
Não ouvisse cantar ave propicia
Sobre a antena da gavea. Todos pasmos
Viram no aéreo peregrino o nuncio
De amigo porto, de vizinha plaga
No encoberto horizonte; todos fitos
Nesse filho do ar, da luz, das flores,
Cujas pennas o sol metalisava,
Viam a terra, a salvação, e o termo
De quanto antoja quem só ama a vida.
Humano coração! mar de inconstancias,
Que uma aura de esperança bonanceia,
E um sopro de revez subito irrita!

Veio a tarde incendida; veio a hora
Em que o Anjo da noite pesa uma aza

Sobre o limbo do sol, e d'outra eleva
A branca lua, e no celeste espaço
Co'o bafejo divino accende os cirios,
Balisas do infinito! Hora notavel
Em que o orvalho do céo entra no peito,
E vivifica as flores da existencia,
Pelo afan marulhoso resequidas.
O mar era um tapete, o céo um throno,
E a lua o diadema da saudade!
Ao crebro tintinar da campaínha,
Sobem os votos, a esperança vôa
Aos pés de Christo, salvadora méta
De quantos gemem na cançada vida.
Nesse grande momento uma só alma,
A do Nauta acurvado, a Deos entregue,
Via dos céos irradiar-se em lumes
Sobre a escala do tempo aquelles hymnos,
Jamais cantados sobre as ondas virgens,
Jamais ouvidos pelo grande oceano!
Grande e fecundo evento! Sobre um lenho
Marchar a Sancta Igreja, e ver, na prôa,
Das ondas renascer metade do orbe!

Finda a oração da gente, sóbe o Chefe
Ao castello de ré, d'onde em silencio
Uma por uma as sensações recolhe
Dos mysterios da noite. Ante os olhares

Do gran contemplador da natureza
Que sublime scenario resplendia!
O pégo, reflectindo n'uma aresta
Do céo as abas, inda mal orladas
De fuscado arrebol; juncto ao costado
Myriadas de insectos, simulando
Ardentes nebulosas e coriscos!
Era um céo movediço o mar fulgindo
Aqui nas curvas de frementes ondas
Uns alfanges de fogo, um firmamento
De cyclidas luzentes e orphidinas,
De caudatos moluscos, de medusas,
Que nadando nas aguas, phosphorejam,
E de lucida espuma as ondas bordam.
Obliqua, derramando outra ardentia,
Rolava a lua o majestoso disco
Entre niveas sanefas; mais ao longe
Suspensa no horizonte resplendia
Nova constellação, a Cruz siderea,
Do Phenicio e do Luso nunca vista!

Attrahido por ella, a sancta nuncia
De sua alta missão, estava o Nauta,
Quando lhe rompe o sacrosancto enlevo
O tropel da equipagem, que bradava:
„Contra elle, meu Deos, contra o rebelde,
E não a nós as tuas iras lança!“

Era a pino, espargindo um vivo lume,
Metéoro sideral traçando um arco.
Como quem doctrinava, a falla erguendo,
Colombo a festejou. — Que é isto, oh Chefe?"
N'uma voz lhe demanda a comitiva!
„Um presagio feliz (replica o Nauta)
Que assella a rota com sancção divina!
Assim m'o diz a fugitiva estrella,
Que em seu trajecto me confirma o rumo;
Assim m'o diz aquella cruz celeste,
Que ampara as terras que hei votado a Christo!
Socegai: falla o céo, a briza vela,
A onda dorme, e os vendavaes vão longe.
Assim iremos sempre até findarmos
Esta sancta missão. Glorificai-vos!
Ide, e nas aras do fiel silencio,
No templo d'alma, agradecei taes graças."

Suspende a noite os indistinctos crepes,
Mas não clariam na razão turbada
Da nescia turba as prevenções erroneas.
Contando as horas, qual um réo de morte
Marchando ao cepo da agonia extrema,
Indifferente e frio a quanto o cerca,
Assim a chusma nos bateis se achava!
Tintas as vistas de odienta bilis,
Represa a mente pelo horror da morte,

Suspendida no abysmo da incerteza,
Cheia das puas que o pavor erriça,
Só via no regresso a segurança,
Quando devera se ufanar de gloria!
Bem se diz, que a tristeza enlucta as flores!
A quanto o mar offerta de fagueiro
Insensiveis se mostram; mesmo os velhos,
Que a briza bebem qual licor saudavel,
E no espelho do mar se regeneram.

Aos pés de Omphale escravisado Alcides,
Similha o mar tranquillo juncto ás naves,
Rainhas triumphaes colhendo preitos
E homenagens dos seres do oceano!
Alli, pairando, se redouça entre ellas
Majestoso alcatraz no fluido aereo;
E encendidas de amor em torno avultam,
Brotando palmas de iriadas aguas,
Mansas baleias, nos maternos dotes
Emulas d'Eva!... Mas que intento agora?!
Descrever o Atlantico? Impossivel!
Tem minha lyra as cordas do infinito,
O tympano dos céos, a voz dos Anjos?!
Onde estão os acordos grandiosos,
Reflectores da calma á tempestade,
Quando se enturba a crystalina esphera?
Tem a lyra o tufão, o raio, a vaga,

E a harmonia minaz, medusea e tetra,
Que em vortices, em fogo, em agua, em silvos,
Congela e petrifica os seios d'alma?
Oh não! O que é de Deos a Deos pertence.
Homem, recolhe as medianas azas,
E as naves segue do preclaro Nauta,
Qual romeiro pelasgio, aguia marina,
Buscando o cibo que lhe nega a terra.

Na presença do mar, do céo, respira
Colombo emanações tão agradaveis,
Qual ao sopro vernal salvado enfermo,
Ou exule que volta ao lar, cercado
Dos afagos que o amor ledo remoça.
Attento sempre, mal pousando o corpo,
Nessa cançada lida velejara
Mais de uma lua esperançoso sempre.
N'uma tarde em que brando dormitava,
Unindo a sua calma á do oceano,
Acordou de improviso ao estampido
Do canhão festival, e á grita infrene
Da jocunda maruja! Em pé, de um salto,
No castello de ré, co'a vista abraça
A peanha dos céos, em cujo centro
Boiava a capitanea. Vê na Pinta
Por entre as vélas enrolar-se o fumo
Do canhão pregoeiro; e juncto á borda,

Colhendo saudações Martin Alonzo!
„Terra! vinha bradando; Terra! terra!
Como em delirio, e descortez, repete:
„Terra, Almirante! Venha o premio regio.
Tão clara como o sol, eil-a na pròa!
Fui eu que a vi, e meu direito é sacro.
Gloria in excelsis Deo!“

„Gloria! acode
Colombo, e o horizonte prescrutando
Co'a vista arguta por alguns instantes,
A Pinzon respondêo: „Não vejo terra!
Aquietai-vos amigo; infelizmente
Não é terra o que vêdes! Nossos mestres,
Os doctos Portuguezes, al procedem
Quando demandam regiões incognitas.
Será vossa a pensão, si ora me illudo.“

„É terra!“ grita a chusma tresloucada,
Trocando risos, confundindo as vozes,
Festejando Pinzon, menospresando
Seu chefe e guia, o Ostensor do mundo!

PINZON.

Esperava tal voto, mas não cedo.
O premio já é meu; e a gloria intacta
Á Hespanha caberá, que sou seu filho.

Não se illude, senhor, quem mais que todos
A sciencia do mar ganhou nas ondas.

COLOMBO.

Reconheço quem sois, qual vosso merito!
Mas não posso aceitar essa certeza.
Não é terra o que vêjo, é uma nuvem;
A sciencia m'o diz. É cedo, amigo.

PINZON.

Em que bases firmais tanta certeza?

COLOMBO.

No estudo, no labor, e na sciencia
Que as leis da natureza codifica,
E distingue o real do que é ficticio.

PINZON.

Na sciencia do mar ninguem me excede!
Repito o que dicestes, quando em Palos
Meu auxilio buscasteis. Sim, repito:
Na sciencia do mar hei branqueado,
E não em côrtes e fradescas junctas.
Não enfloro palavras seductoras,
Porque sei meu valor, maior que o de outros...
Vi as aguas do Nilo, as do Helesponto;
O Bosphoro fendi, luctei no Euxino,
E d'Adria o esteirão conheço a palmos.
Nas praias mauritanas, nos rochedos
Da Islandia agreste e Escandinavia impervia,
O armatão e o boreas hei vencido!

Nas lezirias humentes da Batavia,
No golfo de Biscaia, e em outros mares,
Nunca tive revezes, nem desgraças.
Vi quanto o Luso aventureiro no orbe
Singrou nos tempos do afamado Infante.
Vossos livros não dão minha experiencia,
E vossos olhos de cançados soffrem.
É terra o que estou vendo, é terra, e basta.

COLOMBO.

Basta, sim, capitão; basta, marchemos:
O vento é firme, o rumo invariavel,
E amanhã saberemos da verdade.
Recolhei-vos á Pinta, eu vos supplico;
E o Senhor vos conduza em sua guarda."

Bebendo a morte pelos brancos labios,
Volta brusco Pinzon, sem venia ao Chefe.
Marejavam seus olhos ira e odio,
E o bafo, pela colera incendido,
Fluido sinistro em derredor lançava,
Que o mormaço moral mais aquecia.
A chusma, já no instincto connivente,
Ao vel-o, reverente se mostrava.

O vulgo é um composto monstruoso
De febris illusões, de contrasensos!
Na palma triumphal embrecha a ostra,

E a ostra da ignominia após converte
Em diadema real! Nos seus delirios,
Jura e perjura com a fé do encanto,
E, no medo, feroz tudo profana.
Fechou-se o dia, e decorrêo a noite
Na mudez que germina os attentados.
Com voz de réo convicto, voz tremente,
Fallava a chusma, ou murmurava as vezes:
N'ella crescia um pensamento horrivel;
Em fraqueza e terror emmaranhado,
Luctava dentro co' o feroz instincto:
Mestres, pilotos, e a maruja inteira
Eram réos no pensar: faltava o crime!

Ha lá no inferno uma caverna absconsa,
Em cujo fundo lacrimeja o craneo
De Caim fratricida humor ardente;
Alli em folhas de impestadas rosas,
Rosas que ornaram de Locusta a campa,
Vão demonios colher o tredo succo,
Base de um philtro que a razão transvia.
Ai do que o sorve no volver dos olhos,
No respiro das auras fugitivas,
Nos deveres da vida, ou nos preceitos
Do amor e da amizade. Cego, avesso
Ao lume da verdade, em sanctos dogmas
Os proprios crimes no furor converte!

Odeia o lustre que no irmão resplende,
A gloria de outrem seu orgulho offusca,
A virtude o molesta, a paz o irrita,
E só quizera ver o mundo em pranto,
Para elle sorrir n'alma, vertendo
Dos tredos labios compaixão fingida!
Era esse o philtro que Pinzon sorvera,
O veneno da inveja corrosiva,
Dès que da Pinta desfraldara as velas.

Dêo a nova da terra alarma ao somno;
A uma vigilaram; porque todos
Esperavam na crastina alvorada
A derrota do Chefe, que odiavam.
De sobre a Pinta, vigiando o rumo,
Atalaia cioso juncto ao leme,
Pinzon estava, prelibando a dita
De haver primeiro divisado a terra,
E á gloria de Colombo dado um golpe.
Tinha a seu lado seu irmão Francisco,
Joven incauto, que na fragoa interna
Ás mãos lançava da lisonja as achas,
E contra o Chefe redobrava os odios.
Viram tarjar-se o horizonte em lume,
E a estrella d'alva retrahir seu brilho:
Viram o dia, mas não viram terra!

Viram seu erro, e no abatido orgulho
Da vindicta o punhal veio animal-os.

Como si nada houvera acontecido,
Discreto guarda em simulado olvido,
Colombo o caso, mas á espreita sempre.
Passou-se o dia sem patente enfado.

Á noite, quando todos sobre a Pinta
Praguejavam á larga contra o Chefe,
Uma voz se elevou ao som dorido
De saudoso alaúde, assim cantando:

„Adeos, adeos, oh minha mãe querida!...
„Nunca mais te ouvirei!...
„Adeos, oh patria; adeos querida Hellena;
„Nunca mais vos verei!...
„Adeos, mãe! adeos, patria! adeos, esposa!...
„Neste mar morrerei!...
E ao harpejo mesclando ais e suspiros,
Termina o canto em convulsivo choro.

Outra voz, mas rouquenha, como aquella
Que impias fallas vomita nos perigos,
Surgio mais alta com versuto intento:
„Vamos todos morrer, dar pasto aos monstros
Deste mar de traições, onde um só vento

Constante veda o regressar á Hespanha!
É este o mar terrivel, mar de enganos,
Onde o Craken habita, a serpe immensa,
Que a fronte pousa na polar gehenna,
E o corpo enrosca pelo mundo inteiro.
É este o monstro que desune os montes,
Abre o seio da terra, engole povos,
Os ríos secca, desarraiga as mattas,
Desprende as tempestades, ergue os mares,
E alegre canta quando chora o homem!
Vamos todos morrer, sem ver a patria!"

Deteve-se o cantor, pondo-se á escuta,
E vio que alguns gemidos e soluços
Seu intuito doloso coroavam.
Na mudez que o cercava lendo apoio,
Tres vezes exhalou ais mentirosos,
E após, abemolando a voz, ajuncta:
„Lá no fundo do mar, selvas de pedra
Côr de neve germina a impervia noite,
Onde as sereias, pisciformes Evas,
Concertam hymnos de traidor encanto,
Que á tona d'agua refervendo sobem,
E o nauta cobrem com rugintes ondas;
Ou subindo em funis as nuvens prendem,
Formando as trombas que devoram naves!
Eu vi, n'um quarto d'alva, estando ao leme,

No golfo de Leão, cantarolarem
Os fradinhos do mar, que á lua sobem,
E a tenda negra dos trovões esticam
Com longos raios, quando os bispos d'agua
Sobre as azas dos ventos pontificam!
E após se atiram com revôlta mitra
Sobre o mar, perfurando as caravellas!
Meu pae contou-me, que uma vez os vira
Sibilando no ar, roendo irosos
As vivas carnes de nutantes naufragos,
Que a vida em ancias defendiam n'agua!"

A tal invento, e reforçando a industria,
Une Francisco um correctivo arguto:
„É certo, amigos, mas do mar da Hespanha
De ha muito um Sancto afugentou taes monstros.
Hoje só vivem no oceano ignoto,
Onde o céo, para mór traição, parece
Solar eterno de risonho lume,
Bafejo perennal de primaveras!
Não sei si é esta a desastrosa altura!...
Meu irmão, que o universo inteiro ha visto,
Que a sciencia do mar une a das lettras
Sagradas e profanas, como e nóto,
Diz que terra não ha neste hemispherio;
E que estas plantas, venenosas algas,
São claro indicio dos paúes infestos,

Métas da zona refractaria ao homem,
Dessa zona em que o céo, noite perpetua,
Ermo de estrellas se avizinha ao cháos!
Eu não sei quem mais vale: si a experiencia
De tantos nautas e varões conspicuos,
Ou si a sciencia do Ligurio,... desse...
Atrevido impostor... Alguns bradaram:
Atrevido impostor, nosso assassino!"

„Aquietai-vos, amigos; diz Francisco,
Vendo fructo no ardil, „prudencia, calma;
Esperemos o dia;... mais um dia...
Ai de mim, qui esperanças já não tenho!
Ao menos morrerei entre patricios!"

O contagio do medo, igual á peste,
Á fuga move os instinctivos passos,
E da morte no horror rompe e conculca
As leis do sangue e do dever sagrado.

Desde essa noite conspirou-se ás claras.
O verbo tenebroso, que descera
Dos recessos do eivado pensamento,
Crescêo em phrases, avultou na fórma,
E voltou do porão infecto á camara,
Onde o orgulho co'o dever luctava.
Da fraqueza á traição não dista um passo:

Basta a face voltar. Homem que pisa
Com pé ferido no poial do crime,
Presto resvala e cai... A ré, ao mestre,
Que um plano infame associava á inveja,
A perfidia voou, e o achou concorde:
Discutiram-se os meios, não o crime!

Nesses dias tão bellos, tão serenos,
Quando a urgencia pedia troca de homens,
Quando as chalupas transportavam gente
De um bordo a outro, concertou-se o plano.
Á tolda unidos, pactuaram firmes
O crime consumar. Garcia Hernandes,
Alumno de Esculapio, homem prudente,
De animo frouxo, mas do Chefe amigo,
Amigo de frei Peres, de ambos socio
Na crença da missão e seus triumphos,
Quiz dos labios soltar opposto voto,
Mas o joven Pinzon cortou-lhe a falla.

FRANCISCO.

Quem comnosco não é, é contra; e morra.

HERNANDES.

Co'as palavras de um Deos o crime assellas?!

FRANCISCO.

Não é crime salvar a propria vida;
Crime seria arrepiar um passo.
Que temos de esperar deste insensato,

Deste vil estrangeiro ambicioso?
Coração de Hespanhol repugna altivo
O servir como escravo a um forasteiro!
Que importa ao monstro sem familia e patria,
Sem passado e presente, o fim que houvermos,
Si a cubiça lhe acena uma esperança?
Que lhe importa que o mar devore em furia
Nosso corpo, e em peccado erre nossa alma,
Si o impio alma não tem? Que é nossa vida
Entre dous oceanos de anciadade?
Peor que a-morte, uma agonia infinda!
É bem duro, Hespanhoes, morrer inulto!
Plantar delicias n'um porvir risonho,
Orçar annos viris envoltos de ouro,
Nos antojos da gloria alar a vida,
Azares deslembrando,... e vir a morte
Co'a razoura fatal ermar taes sonhos!..
Um nobre coração tal não supporta!

„Não de um impio minaz, gratuito imigo,
Estala no meu peito a voz ultrice,
Mas a voz de um irmão que vos lamenta,
De um amigo sincero que vos ama.
É a voz da razão que impelle o homem
A defender a vida! esta voz sancta
Geme e brada, pedindo alta justiça.
Morra o vil impostor, o cego, o louco

De uma estulta visão, que o céo reprova!
Não temos que temer; a causa é sancta.
Somos trinta na Pinta, e vinte e quatro
Contêm a Nina. Computai as almas;
Sessenta e seis na capitanea gemem:
Cento e vinte por todos, meus amigos!
Cento e vinte Hespanhoes, todos perdidos
Por um louco, e de um plano urdido adrede
Para em lucto deixar tantas familias!
Choram os Anjos no encarar tal crime.

HERNANDES.

Nossa vida é d'Elrei, si Elrei a pede....

FRANCISCO.

Quando a péde o dever, a honra, a patria,
Mas não um louco mercenario, escoria
Da côrte e clero, como heis visto em Palos.
Urge o tempo, o perigo a mais avulta,
E é preciso voltar, custe o que custe.
De bom grado por vós darei meu sangue.
Eis a urna fatal... Neste meu gorro
Nossos nomes escriptos se baralhem;
E a sorte escolherá o feliz braço
Que nos deve salvar da iniqua morte.
Ferido o monstro.... o oceano é fundo...

HERNANDES.

Onde acharemos, eu converso, amigos,
Um abysmo secreto que este crime
Com a chave do olvido eterno occulte?
Meditai: muitos somos, e comnosco
Temos dous Portuguezes, dous Britannos,
E algum Judas, talvez, pois que entre Hispanos
Julianos e Oppas reapparecem!
Eu creio que a Colombo Deos protege.
Não sendo cavalleiro, vencêo Cadix,
Não tendo irmão na côrte, houve estas naves!
Triumphou do demonio em Tenerifa,
Dos encantos da ilha em que aportamos,
E n'um fragil baixel, só, da tormenta
Que nos fez ver a morte por mil faces!
Lembrai-vos de que o vimos forte e illeso
Surgir do vendaval, seccas as vestes,
Tendo remado, ah não!... por um milagre!

PINZON.

Pois tu, meu grande amigo, assim discorres?!

HERNANDES.

Amigo é quem expõe clara a verdade,
Quem no perigo vê as consequencias,
E o castigo do crime no futuro.
Si vencerdes, lançai-me vivo ás ondas:
Prefiro a morte ao crime, e ao cadafalso.

FRANCISCO.

Far-te-hemos a vontade, vil cobarde.
Os nomes aqui estão, vamos á sorte:
Si um cobarde sahir, morra aqui mesmo.“

Mettêo Francisco a mão no fatal gorro,
E a sorte que extrahio dêo a Hernandes,
Que tremendo a abrio, e lêo: Francisco.
E Francisco, tomando-a arrebatado,
Vio seu nome e sorrio, mas co'um sorriso
Desses que coam na medula a morte.
Passou-se esta noticia á Nina, e desta
N'um bordo á capitanea transmittio-se.

Na occurrencia de um crime tenebroso,
Ha sempre um fluido estranho que se escapa
E nos poros da victima se infunde,
Como avisando-a de propinqua trama!
Embora o dolo de amestrado peito
No senho estampe simulada calma,
Na voz imprima refalsado timbre,
E o verbo enfeite de ouropel fingido:
É vão o esforço; o coração não mente.
Colombo o presentia; mas na graça
Do Senhor se fiava, e na esperança
De em breves dias attingir á méta,
E assim calmar a desvairada chusma.

Quanto a um nauta provecto denuncia
Terra vizinha, pouco a pouco vinha
Aos olhos de Colombo dar certeza:
A côr das ondas, seu balanço e fórma;
Névoas sem vento; peregrinas aves;
Troncos boiando; fluctuantes folhas;
Palmas e fructos; nunca vistas flores;
Remos perdidos, revelando o homem;
E um ar tão meigo, que o perito olfacto
N'elle colhia emanações das selvas!

O sol baixava sobre um pallio de ouro
Orlado de rubins e de topazios.
Manobra a Pinta, a barlavento passa,
Emquanto a Nina a estibordo fica.
Velejam ambas, flanqueando o Chefe
De concerto, e cerrando-o com destreza.
De um bordo a outro saudações se cruzam,
E gestos que no ar tenções exprimem.
Avizinham-se as náves, muitos se armam,
Alguns vacillam, outros se retrahem:
A uns sobra-lhes o ar, que a outros falta:
Os que fingem sorrir choram por dentro;
E os que animam Francisco, de arma em punho,
Na fuga tem um pé e outro no crime:
São rebeldes por medo, e o medo os move.
Aproximam-se a mais a Pinta e a Nina:

Surdas ás ordens do Almirante, invertem
As manobras que ordena! Sobre a Pinta,
De frasco em punho e levantado copo
Pinzon passeia, reanimando os fracos:
Dá-lhes vinho a fartar, e lhes promette
Bom rateio no espolio do Almirante!
Hernandes que isto via, brada ao mestre:
„Pinzon! que hides fazer?!... Estás perdido...
E o mestre: „Oh lá dos meus! brada a seu turno,
„Içai este cobarde; atai-o ao cesto
Com a cara voltada á capitanea,
Para que veja bem, e após... a elle.
Mais um trago, meus bravos; não recuem."

Percebida a traição, o Heroe se cala,
Das armas se despoja, e só se mostra
No castello de ré, a Deos entregue.
A Pinta acosta á capitanea; os croques
Unem as bordas; grita a chusma, e salta;
Das travadas antenas chovem homens;
Rebomba no convez ebrio tripudio,
Contra o Chefe trovejam mil injurias!
Francisco pára e treme ao ver Colombo;
Uma onda cerrada o leva ao Nauta,
Bradando: „Morra o vil! Viva Francisco!"
A estas vozes, dando um passo enfermo
O louco joven, convulsivo grita:

„Volta a prôa, Almirante; si não, morres!“
Berra a turba ao traidor: „Fere, não tremas!“
Mas o infame tremia esmorecido!
Era seu sangue congelada lympha,
Era seu braço o de uma estatua inerte!

„Fere, Francisco; que eu atraz não volto!“
Replica o Nauta desnudando o peito,
Em que pende e rutila a sacra imagem
Do Cordeiro da Cruz! e dando um passo,
De novo brada, apresentando o seio:
„Fere, cobarde; que eu não volto prôa!
A Deos invoco, testemunha eterna
Deste crime nefando, e sem memoria!“

E nisto, quem diria? como um lampo,
Um grumete a Francisco salta, arranca
O punhal, e o vareja pelos ares!
Todos seguem o ferro! Nesse instante
Ia o sol esconder-se: eis que do limbo
De improviso rebenta o raio immenso
Da luz zodiacal! Rompente gladio,
Minaz, a prumo parecia o astro
No ethereo zenith firmando a ponta!
„Eis o sceptro de Deos! brada Colombo,
Eil-o pendente!.. Estremecei, malvados!“

Com os olhos no céo recuam todos,
E de joelhos caiem com pasmo ouvindo
Do alto resoar estas palavras:
„Deos protege Colombo!“ Era de Hernandes
A voz que á chusma parecêo celeste.

COLOMBO.

CANTO XXVI.

Ente escudado pela mão divina
Era Colombo na aterrada mente
Da treda chusma, que o temia agora
Como um homem de Deos. Humilde e prompta,
Mais devido ao terror que á lealdade,
Ao serviço accorria; e tudo a bordo
Das tres naves esponte se diria!
Parecia a maruja fascinada
Pela destimidez do heroe egregio,
Porque o vulgo a razão captiva aos olhos.
Nos Pinzões abatidos e assustados
Era tal o terror, que nem ousavam
A sí mesmos pedir razão do caso.
Dormia nos seus peitos opprimidos
A vindicta do ingrato; tanto fôra
A derrota que houveram! Sobre a Pinta,

Mais que a Nina abatida, delirava
Como um louco Francisco em febre ardente,
Tendo a seu lado o caridoso Hernandes,
Que de tudo esquecido lhe prestava
De sua arte os recursos, e accrescia
Aos remedios do corpo os d'alma enferma.

Veio a tarde serena e pensativa.
Baixo mostrava o sol o disco ardente
Entre purpureas barras. A essa hora,
Vio Colombo no céo uma grinalda
De aves que o leito só na terra encontram,
E á sciencia do mar dão certo indicio
De que ha terra vizinha. Nessas aves,
E na fórma das nuvens sempre os Lusos
Terra entreviram, quando Zarco ousado,
E o grande Perestrello suspenderam
Do turbido oceano novas plagas,
E á patria deram não caducos louros.

Veio a hora das preces. Todos curvos,
Supplices todos, o convez beijaram
Após o canto á Immaculada Virgem.
Do castello de ré, dice Colombo:
„O Senhor vos conserve em sua graça.
Com chave eterna sepultei no olvido
Vossa culpa, oh meus filhos, pois que d'ella

Menção não fiz, para esquecel-a em terra.
Em nome de Isabel hei perdoado,
E em nome do Senhor tudo esquecido.
Quero abrir-vos minha alma neste ensejo,
E as vossas alegrar. Chegou a hora!
Ninguem me inquira como o sei... Ouvi-me:
D'hoje a tres dias estareis em terra!..
O Senhor vos conduza em sua graça.

Com pasmo ouviram! com pasmados olhos
Uns aos outros se encaram, suspendidos
Na mudez, em que a nova inopiniada
Entre o ser e não ser nossa alma prende!
N'aquelles seios por um crime eivados,
N'aquellas almas sequiosas, tristes
No deserto da culpa e do remorso,
O rochedo estalou, corrêo a lympha,
Como outr'ora a Israel errante no ermo!
A uma todos no convez se prostam:
„Salve, Regina!“ concertando, como
Si uma só boca o hymno desprendesse!

Acabada a oração, o Nauta ordena:
Nos topes os pharoes a rota mudam;
Aprôa a oeste, o vento é bom, e afaga
A manobra exemplar. Renasce a vida
No animo de todos; não doídas

Harmonias resoam, mas alegres
Cantos que os nautas em tripudio movem!
Tudo era festa! O céo todo estrellado
Parecia descer, abrindo á vista
O recesso azulado do infinito!
A Via-lactea, as dubiosas névoas,
Como enxames de estrellas refulgiam;
E em progressão da marcha se elevavam
Da linha horizontal novos luzeiros!
O mar, como um setim, do céo bebia
Roscio de lume, diamantino efluvio,
Que as prôas ondulantes encrespavam,
De luzentes festões cingindo as naves.
Harpa eólia, ameigada pelas auras,
Soltando em alva estiva ondas sonoras,
E harmonicos gemidos, simulava
A briza no maçame ciciando.

Tres vezes sobre a fronte do universo
O diadema solar fulgio benigno,
E tres vezes do mar beijou as orlas.
Era noite, e deshoras; tinha o Nauta
O exercio divino completado
Conforme o rito da sagrada Arrabida.
Na celeste missão considerando,
Sentio no coração correr-lhe um fluido
De indizivel prazer: um destes mimos

Como vindos do céo, do ar, de tudo,
Que o folego suspende em grato enlevo,
E presago nos diz, não esperanças,
Mas um bem que nos vôa a cada instante
Sobre as azas do tempo, e que nos chama
Para um outro logar!... Á pôpa sóbe,
Áquelle assento solitario, d'onde
Tantas vezes fruíra o saturado
Insuflo da esperança, mixto acerbo
De fel humano e de celeste orvalho.
Com os olhos no mar, a fé no peito,
E a esperança na mente, assim um' hora
De silencio passou; quando na aresta
Do horizonte, entre os astros que subiam,
Lobrigou uma luz rubente e dubia,
Que de estrella não era! e a luz sumio-se!
Attento e firme sobre o ponto, vio-a
Outra vez fulgurar, acompanhando
O arfar suave da veleira nave!
Estuda o movimento, a côr da flamma;
Chama Gutierres, e Rodrigo; sobem
Ao alto extremo da recurva pôpa,
E a luz lhes mostra no longinquo assento!
Inquire d'elles si em tal lume acaso
Não viam terra, e um indicio humano?
Perplexos na visão, os dous não ousam
Firmar um voto, porque dentro d'alma

O egoismo lhes falla cauteloso;
E no entanto o luzeiro sempre firme
Pouco a pouco crescia e tremulava.
E o Nauta nesse ensejo, convulsivo,
Tres vezes quiz dizer — Terra! e tres vezes
Em deliquio cahio, levando a dextra
Aos labios, que iam ja dizer — *Eureka!*
Hirtas as cans, o coração em pulos,
Em forçada mudez prendêo o afano.
Ao ver a cada instante a luz crescendo,
E evidente aclarar o dubio embate,
Os dous licenciou, pedindo escusa.

Mais um' hora velou. Dêo meia noite,
Rendêo-se o quarto no maior silencio.
Acalmada a emoção, e mais convicto,
Fez signal, e a esquadra poz á capa,
Sem que alguem da manobra visse a causa.
Sentado, e enfraquecido por vigilias,
Ainda olhava; mas, cedendo ao corpo,
Alli mesmo dormio, té que de um salto
Erguido ao trom de festival bombarda,
E da grita dos seus, que repetiam
Com Bermejo, na Pinta — Terra! Terra!
Sem olhar, convencido da verdade,
Por grato impulso, ajoelhou-se orando,
Antes que a terra lhe alegrasse a vista!

Vinha o dia rompendo, e descobrindo
Sobre a linha do mar a terra anciada!
Como ao empaste das fecundas tintas
A natura e a luz na tella fulgem,
Assim fulgia o ondulado aspecto
De frondente floresta, e pouco a pouco
Ao sorriso das horas fugitivas,
No ar se abriam graciosas palmas,
Como guerreiros de emplumados elmos,
Vindos á plaga a festejar as naves.

Com o prumo na mão sondando a costa,
Entrou n'uma abra que no fundo tinha
Surgidouro seguro. Manda o Chefe
A manobra de paz; e a um tempo vio-se
Cahir o panno, atravessar a frota,
Morder o ferro a desejada areia.
Os descrentes então se convenceram
De que um homem de Deos vê mais que os outros.
Baixam dos turcos o ligeiro esquife,
E o real escaler apendoado.

O prazer que remoça agita o Nauta.
Larga o burel da devoção, e o peito
De lucida couraça veste; cinge
A espada de Almirante, e sobre os hombros
Traça um manto escarlate, mimo regio.

Protege a fronte co'um brilhante almafre,
De cujo cimo pontiagudo rompe
Trifida palma de recurvas plumas.
Toma o pacto real, feito em Granada,
E o pendão de Isabel, o novo lábaro
Que ha de em breve vencer mais que o de Roma;
Descem com elle os Empregados regios,
E os Pinzões, a quem dera a honra e guarda
Do estandarte real. Acena ao mestre:
Alam as promptas vogas á ribeira;
Qual amplexo de amor, todos sentiram
O doce abalo do encontrão da praia.

De um salto juvenil pisa Colombo
A nova terra, e com seguro braço
A bandeira real no solo planta.
Beija a plaga almejada, ledo chora;
Foi geral a emoção! dice o silencio
Na mudez respeitosa mais que a lingua.
Ao céo erguendo os lacrimosos olhos,
Na mão sustendo o Crucifixo, dice:
„Deos eterno, Senhor Omnipotente,
A cujo verbo criador o espaço,
Fecundado, soltou o firmamento,
O sol, e a terra, e os ventos do oceano;
Bemdicto sejas, Sancto, Sancto, Sancto!
Sempre bemdicto em toda parte sejas.

Que se exalte tua alta majestade
Por haver concedido ao servo humilde
O teu nome louvar nestas distancias.
Permitte, oh meu Senhor, que agora mesmo,
Como primicias deste sancto empenho,
A teu filho divino humilde offreça
Esta terra, e que o mundo sempre a chame
Terra da Vera Cruz! E que assim seja.“

Ergue-se, e o laço do estandarte afrouxa:
Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem
De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro
As Armas hespanholas. Como assenso
Da divina mansão, esparge a briza
Um chuveiro de flores sobre a imagem,
Flores não vistas da européa gente!
Declara em alta voz: haver tal posse
Em nome do Senhor e de seu Filho
Para as c'rôas de Hespanha. E nisto a espada
No ar brandio, o que imitaram todos,
O pregão repetindo; e ao longe a selva
Tres vezes lamentosa dice: — Hespanha!...
Mandou que Arana lêsse a Carta regia,
E a Rodrigo lançar o Auto da posse.
Pelo facto e a lei que o auctorisa
Almirante Real do Novo Oceano,
E Vice-rei do Novo Mundo, ordena

Que alli mesmo homenagem se lhe preste.
Foi então, que afflictivos, pezarosos,
Ao acato devido alguns uniram
Humilde escusa, petição de indulto,
Perpetuo olvido a seu passado estolido.
Salvaram as bombardas; e os seus echos
De horror encheram toda a nova terra.

Dispersa a gente, como louca invade
A verde selva, as floridas campinas,
E as margens de um riacho transparente:
Beijam os troncos, os rochedos palpam,
Sorvem as flores, saboreiam fructos,
Gritam, descantam simulando flautas,
Sobre o chão se retouçam, saltam, brincam
Com delirio infantil. Colombo applaude
Essa estranha alegria; e diz comsigo:
Morre o homem criança encanecida!..
Faz signal para bordo, e da equipagem
Á terra veio alvorotada turba.

Emquanto uns batem caça e outros pescam,
Ou fazem lenha e aguada, o Almirante
A vista espraia pensativo, extatico,
Nesse novo painel, nessa natura
Em belleza, em fragrancia, em tudo nova!
Sonha entre os troncos e entre as lindas flores,

Desse novo jardim, vergel contínuo;
Aspira essa torrente de bellezas,
Esse grande concento, esse trisagio
De harmonia, de olencia, e majestade
Que exhala a criação, causando pasmo!
Escuta o rouxinol, mil outras aves
Gorgearem no céo, emquanto zumbem
Pelas folhas das plantas os insectos
Rutilando metalicos fulgores
Dos planetas do céo mais que da terra;
Beija as flores que encontra, refulgindo
O lustre argenteo da mais fina seda,
O ondear do velludo, e o vario esmalte
Das conchas do oceano! e assim absorto
Se interna alheio pela invia matta,
Té que a sorte co'um lago deparou-lhe;
Era um riso do céo, tão puro estava!
No centro desse espelho ethereo havia
Um ilhote frondoso, em cujas ramas
Suspensa estava uma cidade aérea,
De frouxel e de musgo artefactada,
Em que se ouvia pipilar faminta
Prole que, implume, não medira os ares.
Pela tona do lago e pelas margens
Divagavam mil aves, que ao aspecto
De um ente tão estranho, rebateram
As azas trovejando pelo espaço,

O ar enchendo de sonora nuvem.
Doêo-lhe dentro d'alma aquella fuga,
E as aves dice com magoado accento:
„Não venho perturbar vosso remanso.“

Quando assim alongava os pios olhos,
Um vagido sentio, vagido humano!
Escuta co'a alma em torno suspendida,
E outra vez, com certeza, ouve o vagido!
Corre a elle, e o que vê?! Festão pendente
N'um tronco a debater-se; em choro, encontra
Bronzeo menino, vindo ao mundo ha pouco!..
Na mudez que o cercava, e n'uma cesta
Alli com fructas, vio então a causa
Da recente orfandade. Afaga-o, beija-o,
Toma-o nos braços, mas aos seus carinhos
Dobrava o choro, e co'a mãosinha a barba
Pavoroso afastava. Ao berço o volve,
Embala-o, canta, mas em vão é tudo.
Co'a vista inquieta a fugitiva madre
Procura, e confiança n'ella inspira,
Cantando em alta voz no bello idioma
Que amor sublima no mellifluo accento.
Aleado de amor, de pia crença,
Vê nesse infante abandonado um filho,
E o primeiro christão da nova terra!
Vai tomal-o co'o berço de uricana,

Mas estaca ao tocar n'alça que o pende!
Ante elle, qual visão, a mãe se prostra;
Co'as tensas mãos, com lacrimosas vozes,
Nunca ouvidas do Nauta, o filho pede;
Mostra-lhe os seios que lhe instillam vida,
Bate no peito em que respira ancioso
O maternal amor, o céo da terra!
Commovido o Heroe, cinge-o de beijos,
Á mãe o entrega bondadoso, e juncta
A um riso paternal lucido fio
De avelorios, um lenço de escarlata,
E um espelho venécio. O passarinho
Que se escapa, e nas franças disparece,
Mais prompta fuga não offrece á vista
Do que a filha da selva!.. As tenues folhas,
Como frizadas por fagueira briza,
Mal nos ramos tremeram!
Só, pensando,
Mas ledo e esperançoso, foi Colombo
O seu curso augmentando, enamorado
Do que via e sentia; a natureza
Deslumbrava-o com tantas louçanias,
Que a cada instante lhe estacava os passos.
Em uma das paradas desse enlevo,
Como si as folhas germinassem homens,
De improviso se achou todo cercado!
Gente de toda idade e ambos os sexos,

Baça, trajando o que o pudor ordena,
Com fallas e signaes, com brandos gestos,
Em confuso rodeio postulavam
De seu bom coração iguaes offertas,
Mostrando-lhe o espelho e os avelorios!
Um d'elles, ancião, mostrando um tubo
E um chocalho — de todos venerado, —
Para sí alcançou iguaes presentes.
Dêo-lhes Colombo quanto ainda havia,
E acenou-lhes com mais, si a praia fossem.
Como um bando de aves espantadas,
Nas sombras da floresta se sumiram.

Igual ao canto da cigarra estiva,
Se ouvio da selva proromper as vozes
De tuba agreste, que pasmado Butio
Fero soava, e ao reclamo unia
A voz sonora, intercadente, e sacra:
„Vinde ver, vinde ver, vinde, oh Lucaios,
Homens vindos do céo, branços barbados,
Vestidos como as aves mais formosas!
Zemeis os creio, porque o mar dominam
Sobre monstros que o raio teem nos flancos.
Dão estrellas do céo, cousas tão novas
Que a nossa lingua nomear não sabe;
E nem o Butio da longinqua terra
Que o mar lançara na caverna sancta,

Quando a terra treméo, e abrio-se o lago.
Inimigo das aves e dos peixes!
Vinde ver, vinde ver, vinde, oh Lucaios,
Os barbados Zemeis que o céo nos manda."
E ao que vinha ao pregão, ledo mostrava
As contas e o espelho que ganhara.

A cubiça, que afasta todo o medo,
Á praia os conduzio em debandada,
Como as folhas do outono que ergue o vento.
Ao risonho agazalho do Almirante,
E á vista dos presentes que lhes dava,
Cada um dos Lucaios, a seu turno,
Igualmente o que tinha dava ao Nauta.
Vergonha do Europêo! d'entre os selvagens
Um só não invejou as prendas do outro!
Todos ornados se miravam ledos,
Nos espelhos, fazendo caramunhas,
Qual menino travesso ou simia astuta.
Como as timidas rôlas, quando o cibo
Veem ariscas buscar na mão, as virgens
Manso e manso do Nauta se aproximam.
Uma as vestes lhe apalpa curiosa,
Outra a cota de ferro, um' outra o manto;
Esta o elmo e a espada; aquella a barba,
Tão estranha a seus olhos, e aquell'outra
Das mãos calosas a brancura estuda!

Affeitas á bondade do estrangeiro,
Não contentes ainda, mais desejam:
Qual lhe pede a couraça, qual o elmo,
Outra requer a espada; e uma velha
Pelo manto lhe offrece um papagaio,
E um cazal de mimosos beijaflores,
Inda implumes, no musgo, que é seu berço.

Não era assim em derredor! Por montes
De aves cevadas, de ajoujados cestos
De fructos, de pesadas, niveas balas
De algodão, que tres homens mal sustinham,
A maruja offertava, e aceita fôra
Rubra missanga ou cascavel safado,
Tenues vidrilhos, ou fendida louça!
Vendo o chefe taes fraudes da equipage,
E de alguns que mais alto graduara,
Dêo por finda a visita e posse, irado,
Mandou que a bordo se partissem todos.

Pendia a hora em que as ligeiras aves
O canto escondem nas dormentes azas;
Sobre a ilha pairava um mar de fogo,
Era o antro do ocaso. Juncto ao lábaro
Colombo genuflexo, a cruz beijando,
De novo ao céo recommendou sua alma.

Voltado a Capitanea, antes que tregoas
Lhe désse o leito ás emoções do dia,
A noite alonga, e n'um rescripto lança
Severas penas contra os máos instinctos
Da gente que o rodeia, fria á gloria
De haver com elle duplicado o mundo.

COLOMBO.

CANTO XXVII.

Mal tinha a estrige em carcomida toca
Soltado os fachos da agoureira fronte,
E á estrella d'alva arripiado as pennas,
Lançando o pio que pragueja a aurora,
E já em torno das espertas naves
Negro cardume de inteiriças fustas,
A ledos brados, provocava escambos.
Atalha o Almirante a vil permuta,
Dando-lhes mimos sem algum retorno;
E chama a sí com paternal afago
Sete jovens formosos, como estatuas
De flavo ambar, que invejara a Grecia!

Ao mar, e ás terras que o poente augura
Dirige o rumo. Em ovações saudosas,
Deixa São-Salvador; os linhos ala

Ao brando sopro de propicia aragem.
Protegido de um céo que almas serena,
Nesse mar de azulado chamalote,
Desliza o Nauta, margeando sempre
Formosas ilhas de verdura eterna,
Fluctuantes jardins!... Si a architectura
Do compasso lombardo n'ellas visse,
Na Italia se julgara, mas na Italia
De um esmalte perpetuo juncto a Arona!
Onde surgir? dizia em seu enleio!

D'entre essas ilhas a maior prefére:
Aproa, salta, e a dedica á Virgem.
A idade de ouro, qual a pinta Ovidio,
Sem lei, sem vingador, alli se achava!

Parte dalli, aborda em outra, e dá-lhe
D'Elrei o nome, já prevendo os odios
Do cioso Fernando. Ahi das artes
Um vislumbre encontrou, e nas permutas
O amor do ganho: já não era a tribu
Da primeva innocencia! A esposa, a virgem
Traziam bragas de algodão, e as tabas
No todo uniam do conforto a ordem.
Ouro não viram: mas alli souberam
Que adiante, em Saometo, ouro se achava.
Brado a chusma: a Saometo! emquanto o Chefe

Pascia os olhos nos vergeis fecundos
Da selva altiva, nemorosa, e basta,
Que odora sombra projectava em torno.

Singra a Saometo, e pela luz seguinte
No solo implanta o estandarte, e á ilha
Da rainha Isabel o nome assenta.
Mais bella e grande do que as tres já vistas,
Como um premio do céo, grato a recebe.
Montes toucados de frondosas mattas,
Valles vertendo fragorosas aguas,
Relva que de ouro se nutria, e rochas
De metaes e de gemmas embrechadas,
E um ar tão puro, que suavisa as dôres.
Ahi nos homens maior vulto acharam
Da escala social. Ahi, oh Deos!
Loucos ficaram quando viram ouro;
Ouro, que um rei á gloria preferia,
Que o clero preferia á fé, e o povo
Antepunha á virtude, a nobres feitos,
Que a Hespanha inteira deificara, avara,
Si não fôra Isabel, e os que a seguiam!
E o que era esse ouro que turbava as mentes,
E accendia o vulcão da vil cubiça?
Frageis palhetas na corrente achadas,
Sem arte appensas ao nariz e ao collo
Das matronas e virgens, que innocentes

Viam tomar-lhes, sem medir-lhe o alcance.
Ouro respira a frota! O Almirante,
Lendo a auricidia nos hispanos olhos,
Dá remate á funcção, regressa ás naves.
Jovens que fogo n'uns formosos olhos
Promptos beberam, a turba se assimilha!
Daquella noite as prolongadas horas
Excitada passou, formando planos;
Tanto a esperança envenenada afflige!

Na seguinte manhã cobrem-se as praias
De gente immensa, festival, dançando
Ao som do maracá, de eburneas tibias,
Que o ar enchiam de feroz descante.
Em torno á capitanea ledos cruzam
Ligeiros batelões; nas ondas brincam
As virgens e os donzeis: não os excedem
Na destreza e na graça e nos meneios
Os cysnes do Uruguay, nem dos ypecas
O estridente cardume nas lagôas!
Dous arautos reaes, vindos em fustas
De inteiros troncos, por quarenta braços
Cada uma movida, á nave chegam;
Sobem de salto, e audiencia pedem.
Ás plantas do Almirante ambos se rojam,
Beijam o lenho, e genuflexos dizem:
„Guacanagari, o rei da gran Saometo,

Saudar te envia, e requerer-te alliança,
Oh divino Zemel, filho dos mares!
Quer seu rosto mostrar ao teu celeste,
Si é que a tanto aspirar um mortal póde.
Eis promptas almadías e remeiros
Que vencem furacões! Si és bondadoso,
Desce á terra que é tua, e onde te esperam
Altar, e culto, e cordiaes oblatas."
E de novo beijando o chão, aguardam
Que á supplica do rei acceda o Nauta.

COLOMBO.

Dizei ao vosso Rei que eu grato aceito
Seu convite, e real acolhimento.

„O que é isto, Almirante! A um Indio ignobil
Assim desceis? Que gratidão é essa?!
Esta terra é já nossa, e a posse o dice."
Assim lhe nota o Commissario regio!

COLOMBO.

Será nossa mais tarde, assim o espero.
Deixai meu coração. O que discursa
Medindo orgulhos aversões conquista,
Sóbe no escuro, e se despenha ao lume!
Máos principios dictaes; e queira Christo
Cedo não venham macular-lhe a obra."

Em galas marciaes desce Colombo
Á mais proxima fusta; aos seus ordena
Que á terra o sigam com brilhantes armas,
E que a um tempo, do mar o signal vendo,
As bombardas disparem. Pisa a terra.

Sai-lhe ao encontro o Soberano alegre,
Sobre tosca liteira carregado.
No semblante real, no aspecto herculeo
Da rude majestade, ressumbrava
Conjuncto grato de paixões tranquillas;
Nada tinha de fero e de selvagem:
Eram seus olhos embotadas settas,
Era seu rosto o de uma estatua nubia,
Era seu ar o do varão perfeito!
A seus lados, dous velhos seculares,
Patriarchas das selvas, dirigiam
O cortejo real. Vestia o principe
Um manto de guarás, sendal de pennas
Bordado de colibrios, alpargatas
De pándano corado entretecidas;
Qual yúca florida, um diadema
De pennas de arary, de cuja facha
Aureos discos pendiam tentinando;
No collo um adereço de outros discos,
E por sceptro uma clava bem lavrada.
Trajando as vestes com que a luz vieram

Flanqueavam-lhe a marcha as seis esposas,
E as filhas, e os parentes venerandos;
Após vinham os Butios, e os cantores,
E na cauda seus filhos, e os guerreiros.

Sobre os lombos recurvos de dous Indios,
De gráos fazendo, desce o rei, e avança:
Põe as mãos na cabeça, ao chão as leva,
E o pó que as toca nos seus labios fixa.
Em salvas de uricana, em lacteas conchas,
De ouro e fructos offrece copia ingente,
Dirigindo a Colombo este discurso:
„Filho do céo, em cuja face brilha
Da branca lua o resplandor sereno,
Zemel divino, emanação dos astros,
Tu, que á terra baixaste sobre as azas
Desses monstros que o mar respeita e teme,
Aceita o meu tributo e vassallagem.
Si a tua boca, que de luz se nutre
E do aroma das flores, não desdenha
Fructas de Marien, eil-as, amigo,
Sazonadas a ponto, como o prova
O bico do sahy n'ellas impresso.
Das lagrimas do sol, que talvez ames,
Nestas de cascaveis horrendas pelles
Ha quanto se ha colhido em nossos ríos,
Já que a lua entre nós nunca pranteia.

Dizem os Butios e os Zemeis tremendos,
Que lá nas terras d'além-mar, bem longe,
Onde o sol vai dormir, ha d'ellas copia.
As que eu tenho no corpo, soes fingindo,
Herdei-as de meu pae, e este as herdara
De um Butio rei, que o mar arremessara
Na estação em que as folhas côr de sangue
Despega o cajueiro, e pelo tronco
Em pendentes ramaes congela o pranto.“

Com electrico impulso a gente hispana
Anciosa voltou a face a oeste,
Ouro buscando no horizonte vago.
Recolhe o Nauta agradecido a offerta.
E, emquanto o rei prosegue, o Alcaide e outros
Palpam as pelles recheadas de ouro.

GUACANAGARI.

Quanta gente povôa estas devezas
Vem commigo saudar-te. Urgem os deoses
Esta prompta oblação. Não vês presentes
Nem os filhos do sol, nem os dos mares,
Nem os que vivem nas alturas broncas,
Onde a palma não medra, onde se aninham
As aguias de Tupan, e onde seus Butios
O sol recebem com sangrentos braços;
Gente rebelde, sangue de jagoára,
Só ama por temor, não por bondade.

„Eis a tribu de Huguei, que mede os longes!
Bebe as aguas do céo, mora nas nuvens;
Nunca teve rival na lucta e armas:
Higuanama a governa, madre excelsa
Que ensina a escarnecer na dôr e morte!
Eil-a aqui, coroando a lança ultrice
Co'a fronte do Caniba que bebia
Nas feridas do esposo o sangue vivo.
Ao pé d'ella, sorrindo desdenhosos,
Vês os bellos Jacugis, voluptarios,
Que amor cultivam nas aéreas macas,
Mas na guerra são bravos: tem nos olhos
A luz do vagalume, e nos seus passos
O silencio da morte! Eis de Samana
A aquatica familia, que despede
No profundo do mar a flecha e o dardo;
D'ella fogem os peixes, como as aves
Dos ligeiros Ciguaes, mestres da caça!
Eis aqui de Baorneo a tribu invicta
Sobre a terra e no mar, e que nas fustas
Desce dos montes ás guerreiras praias,
Vinga as serras, escala as caxoeiras,
E no matto em destreza excede á simia!
Seu corpo é pedra em que resvala a flecha,
Rebota a lança, e despedaça a maça!
Eis a raça de Yaquino, a que dos arcos
Sólta a flamma, e destroe a taba imiga:

Seu passo ao de Urakan em tudo iguala,
Porque com fogo e cinzas o demarca!
Aqui tens toda a gente de Hanigagia,
Que a ema vence, e o lepido veado!
Ingenhosa e guerreira, em seus folguedos
Prima a graça e destreza a par do invento;
Foi ella quem primeira ao papagaio
Ensinou a cantar, e a jacutinga
No mondé recolhêo com outras aves!
Senhora da montanha que conserva
Incorruptas as carnes, tens presente
De Boécio a familia, garfo egregio
Do primeiro Zemel! Quando os Caribas,
De nossa antiga raça, como os astros,
O exterminio juraram na caverna
Que a treda ossada de seus paes encerra,
Já ella pelejava a par da gente
De Cahaba gentil, irmão do Butio
Que á serpe falla, e dos Zemeis tremendos
Bebe o lume do raio, e vê nos astros
Os segredos do céo, do mar, da terra!
Aqui estão os senhores de Magana,
Que bebem do Neyban e do Jakino
As aguas que dão força: é seu cacique
O grande Caonabó; move mil arcos!
Ai dos homens quando elle enfuriado
Bate o pé, e o trocano leva á boca;

Em guerreiros ferozes convertido
O chão se eleva; tanta gente o segue!
Não bastam tantas luas quantos dedos
A natura nos dêo para narrar-te
As victorias que elle houve. São seus primos
Os filhos de Maguá, cujas florestas
Bebem as nuvens, e no mar entornam
Quantas fustas na praia agora enxergas.
Seu chefe, Guarionix, do céo herdara
As lagrimas do sol, que aos rios descem
Co'as areias do monte. Como emblema
De sua alta valia, as pelles trajam
Do conchado kaiman, da gran giboia
Que engole a eito uma familia inteira.
Por todos peço, como amigo e chefe,
Que amigo sejas, que comnosco fiques,
E a sciencia do céo plantes na terra.

COLOMBO.

Filhos do céo não somos, mas vassallos
De um Rei tão poderoso, que arma em campo
Mais que tu e os teus homens de guerra.
Em nome de meu Rei, eu te prometto
Amizade e favor. Os teus presentes
A seus pés chegarão, lá onde o aurora
Seu throno aclara e o seu vasto imperio.
Amigo me has de ver, sincero e firme;
E em prova do que affirmo, aceita agora

Estes presentes da real bondade;
E est'outros que igualmente eu proprio offreço
A quantos chefes nomeaste ha pouco.
Escudeiros chegai, que eu quero ornal-o.“

Pende-lhe aos hombros escarlate manto
Bandado de setim, com passamanes,
Espiguilhas, torçaes de fina prata,
Metal mais caro ao soberano inculto.
Ata-lhe um cinto de carminea sarja
De Valencia, e ao flanco lhe suspende
Tauxiado punhal, obra mourisca.
Manda calçar-lhe borzeguins lustrosos,
Côr do manto, e franjados na abertura;
E após e encosta ao coração benigno,
E co'um beijo leal seu rosto adorna.

Batem palmas os velhos, e despedem
Estridente sibilo; a um tempo a turba
No chão estoura em compassados saltos,
Apupa alegre prolongado applauso;
Girando em torno, chocalhando guisos,
Unisona bradou: „Gloria tres vezes!
Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Que nos veem libertar do captiveiro.“

Dá Colombo o signal, dispara a frota

As bombardas n'um tiro, ao que respondem
De terra os arcabuzes. Pára o canto!
Foge a turba gritando espavorida,
Menos o rei, que em pé, calmo, e sorrindo
Mostra a Colombo no semblante o applauso.
Firmes com elle os chefes se entreolhavam,
Não com medo, mas pasmos de que ouviram,
E em sí mais crentes de que viam deoses!!
Serenada a emoção, e ás ordens regias,
Um Butio repetio: „Gloria tres vezes!
Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Que nos veem libertar do captiveiro.

O PRIMEIRO VELHO.

Ao kaiman Caraíba a presa foge.
Pescar podeis no lago tiburoneo,
Jovens guerreiros, e folgar nas tabas
Em torno da fogueira. A nossa terra
Hoje é terra dos céos!

TODOS.

A nossa terra
Hoje é terra dos céos! Gloria tres vezes!
Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Que nos veem libertar do captiveiro.

O SEGUNDO VELHO.

Do peito arranca esse Mabuia, o Butio.
Que ha mentido victorias, que na guerra
Nossos filhos vendera ao Caraiba.

Hoje o som do tambor, da inubia horrenda,
E o guau da nuvem do crueis imigos
Para nós é folgar! A maça estranha,
Que o raio lança muito alêm da flecha,
Nossa terra protege.

TODOS.

A clava estranha
Nossa terra protege. Gloria, gloria,
Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Que nos veem libertar do captiveiro.

O BUTIO.

O Zemel que caminha sobre as ondas
No dorso ingente de baleia alada
Já em sonhos o vi depois da festa
Do ingá, nas margens do sagrado río!
Vi-lhe nas mãos um maracá sangrento,
E aos pés gemendo numerosas tribus!
Era a raça inimiga, atada, e presa
Pela corda fatal da mussurana.

TODOS.

Era a raça inimiga, atada, e presa
Pela corda fatal. Gloria tres vezes!
Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Que nos veem libertar do captiveiro.

A RAINHA MAIS VELHA.

Sou feliz! O Zemel do mar, donoso,
No meu peito assentou co'a mão divina

Um collar em que o céo pendente brilha!
Tem o pranto da aurora endurecido,
O sangue dos Zemeis, da lua as lagrimas,
Os olhos de mil aves, e as estrellas!
Não teem Caribas tantas cousas bellas,
Nem as podem fazer!

TODOS.

Não teem Caribas,
Cousas tão bellas, nem fazel-as sabem.

O REI.

Gloria aos filhos do céo, Zemeis benignos,
Tão numerosos sejam seus triumphos
Quanto os peixes do mar, quanto as areias,
Quanto as aves e insectos tem a terra.
O Zemel prometteo-me ajuda e guarda,
Dêo-me o beijo de paz, de irmão, de amigo,
E o Zemel, que é do céo, não mente ao homem.
Somos livres, e donos desta terra,
Onde nunca ha de vir o captiveiro.
Feras sangrentas, urubús famintos,
Chorai esta alliança indissoluvel.
D'ora avante somente o sangue impuro
Do Caniba feroz terás em pasto.
Amanhã, grande festa, como a festa
Do cajú, que renova o sangue e a vida.
E si os vossos, Zemel, corresponderem,
Dando-nos mostras do celeste enleio,

Gratos seremos. Vossa mão, amigo;
Troquemos neste abraço as nossas almas.“

Á pouzada real voltou a côrte;
Dêo largas ao prazer, findando a festa
Com o rito do fumo, que abre os sonhos
Em torpe embriaguez, e junca o solo
De immundos corpos, em que o rei e o povo
No lodo dos convicios se confundem.

COLOMBO.

CANTO XXVIII.

Era a hora em que esconde o vagalume
Na crosta annosa de podrido tronco
Os cyrios amorosos. Todos dormem
Ebrios do fumo, e do licor azedo
Que o milho forma a fermentar em vasos
Nos braços das esposas deligentes
Volta o Cacique á rede embriagado.

A noite se ennublou. Soltando aos ventos
O negro manto de fuzis bordado,
Nos ares estendêo fusca procella,
E abrindo o seio, desprendendo raios,
A terra humedecêo, dando rebate
Á ebria turma que juncava o solo,
E que a custo ganhou da taba a porta.

Similhante ao rugir de catadupa
Entre penedos, rebatendo as aguas,
Um som se ouvia murmurar ao longe.
Era o reclamo da caverna sacra,
Onde jazia um solitario Butio,
Longe do sol e do bulicio humano.
Pela boca desse antro temeroso,
Soltando a voz de pavorosa trompa,
Os Indios chama á mystica palavra,
Certeira nuncia de propinquo evento.
Fiel áquella voz, na taba augusta
O trocano real se ouvia accorde.

Deixando as macas somnolentas, partem
Os tontos Indios para o fundo valle,
Onde o antiste tenebroso os chama.

N'um sitio escuso e fragoroso se abre
Profunda gruta, em que atravessa um río
Que ao mar despeja as escondidas aguas.
Nunca o lume do sol ferio-lhe a entrada,
Nem relampo fugaz o umbral passou-lhe.
Eterno assento de insondaveis trevas,
Negava asilo ás agoureiras aves,
Ao vampiro sangrento, e á serpe esquiva,
Que o dia evita e semimorta o passa.
Para alli, tateando precipicios,

Com tino proprio, com seguro tento,
Caminham todos no maior silencio.
Varam os longos, tortuosos cimbres
De humentes lapas, de escabrosas sendas,
Até chegarem á cançada estancia,
Que mais alonga as tenebrosas vias
O frouxo lume de brandão mortiço.

Ondeada em mil echos gemebundos,
A espaços vinha do profundo abysmo
A voz de Apalachyto, voz sentida,
Repassada de dôr, setta pungente.

Entra o rei e os seus; altivo ordena
Ao vate occulto que profira o augurio,
E os bens relate, e as posteras venturas
Da nova idade dos Zemeis bem vindos.
Crepita o lume do brandão, e a flamma,
Tocando o alto da escabrosa gruta,
Espanca as trevas, e o prazer diffunde!
Olham-se todos com fraterno encanto
Ante o grato signal. Ergue-se um Butio;
Em nome dos Zemeis da patria falla,
Futurando venturas . . . Eis que estala
De repente, qual raio, a flamma, e extincta
Enfumaçada cai! . . . Cala-se o Butio!
Invade o antro a escuridão, e a noite,

Abrindo os ermos do silencio, infunde
A um tempo o medo e a tristeza em todos.

Rompendo as trevas do sinistro abysmo
Phosphorico phantasma, espectro humano,
A passo lento merencorio avança!
Tinha na fronte secular um disco
De moventes luzeiros, e nos membros
Outros lumes esparsos. Era o vulto
Do prcphetico vate, coroado
De ardentes vagalumes, todo ungido
Co'a lucida materia que extrahira
Da cabeça do insecto phosphoroso.
Qual cometa fatal, sóbe a um penhasco
Alli solto, e dest'arte á turba falla.

APALACHITO.

Pela ultima vez Apalachito,
Que fez emmudecer Zemeis e Butios,
A verdade vos diz; já que a verdade
É consocia da morte, quando o erro
Oblitera a razão dos que a desprezam.
O vento das paixões não curva o tronco
Dos annos roborado: ha na velhice
A sciencia vedada á juventude.
O espirito elevado não caduca,
Antes remoça co'as lições dos tempos.
Já não tenho paixões, nem esperanças!

Vou morrer, Marien, mas livre ao menos;
Porque a morte do livre embota as armas
Do tyranno, e o entrega a seus remorsos.
Senhor do Livro Sacro e da sciencia
Dos antigos Quichés, meus avoengos,
Filho do Criador, que engendra e fórma
A luz e o ser no coração dos céos,
Estirpe de Urakan, senhor do raio,
Porque leio nas nuvens o que escreve
A serpente tonante, quando falla
A toda a natureza, e marca o tempo
Em que a lua e o sol empallidecem;
Sangue nutrido de aureo milho sacro,
Irmão de grandes reis, de potentados,
Não vos posso enganar. Nasci mui alto,
E não me abaixo ao dolo; nem desejo
De mim mesmo esquecer-me um só momento.

„Predice ha trinta soes a vinda infesta
Do cruento Caniba, quando em terra
Plantei o tezité carnal, e dice:
Ai de vós si dormirdes quando a vage
Madurar; ai de vós si não marchardes
Quando espalhar-se o grão! Como elle, em terra
Ficareis, Marien, exposto ás feras.
E o Caniba chegou, e vós deixastes
Na fuga infame á mussurana atados

Vossos paes, vossos filhos,... mais ainda,
Vossas mães, vossas filhas, e consortes,
Que n'um vil captiveiro lá morreram!!
Predice a sorte do leal Cacique
Teu pae, oh rei, que no festim sangrento
Servio de pasto, e cujo craneo agora
Apara o vinho nas crueis orgias!...
Predice aquella peste, e veio a morte,
Como um tigre esfaimado espedaçar-vos!..
Predice o furação que ha pouco vistes
Curvar da selva a millenaria copa,
E co'o pó das raizes arrancadas
Manchar do dia a luminosa face!..
E tudo acontecêo como eu predice,
Sem que vossa descrença se alterasse!..
Hoje, oh meus filhos, — antes eu morresse, —
Venho dizer-vos mais terriveis males.
Escuta, Marien, quanto vos digo:
Não são filhos do céo, Zemeis benignos
Esses brancos barbados, são Mabuias
De outro inferno maior . . . . . .

VOZES.

Mentes, malvado!
São Zemeis, que nos veem dar liberdade.

APALACHITO.

Nem Zemeis elles são, nem das-vos podem...

VOZES.

Sim, . . . sim!

APALACHITO.

A liberdade é doce fructo
Que só os corações á patria doam,
E não mimo de estranhos e invasores.
D'onde a origem lhe houvestes, insènsatos?!
De que estrella ou planeta a nós desceram?!

O BUTIO.

Sobre os monstros que o raio teem nos flancos!

APALACHITO.

Vai ao río do sol, ao gran Guiena,
Que eleva a pororoca como um serro
Aos arrancos do mar; sobe por elle
Té o río encontrar em que domina
Tupana o rei dos ares, Nheengaguyra
Rei do canto, e a ingente Igaporóca
Das flôres a rainha! sobe, rema,
Vinga as selvas odoras de Kinida,
E o negro Quiary té á Uneněa,
Onde o Manáo a igara leva ás costas;
Ahi verás na rocha recortados
Esses monstros do mar, grandes canôas
De antiga raça, lá da aurora vindas,
Antes que o Mura, escapo ao jugo do Inca,
Descesse o patrio río, e recobrasse
A antiga liberdade!... Mais ainda;

Vai ao leito do sol, a Chinchenitza,
Que iguaes monstros verás sobre outra penha,
E n'elles taes Zemeis brancos-barbados,
Vindos após que o Coração-dos-céos
Mudara a prole infesta dos humanos
Nesses micos que as selvas escarnecem.
Desde o dia em que a salvo na palmeira
Vio o homem a terra toda em aguas,
Ninguem por deoses teve esses tyrannos,
Kaimans famintos, cubiçosa raça,
Mais crueis que o Caniba, em cujo rosto
Só sangue humano desabrocha o riso!

„Vereis em breve, geração de nescios,
Por infandas traições, crimes sem nome,
Escrava e morta toda a raça vossa!
Como o deos itsalense, d'elles vindo,
Hobos crueis, co'as mãos ocas, ardentes,
Queimarão vossos filhos, sem que a terra
Em precipicios se abra, sem que o raio
De Urakan vingador os pulverise!
Tabas felizes, voareis em flammas!
Selvas formosas, cahireis em cinzas!...
Terra do sol, cobrir-vos-heis de trevas!...
Reinos brilhantes, morrereis inglorios!..
E tu, Guacanagari, grande e illustre,
Morrerás infeliz, si não escravo!

Será teu nome epitheto affrontoso,
E um labéo á perfidia e a imprevidencia!
Ninguem dirá ás gerações vindouras:
Eu vi a morte em sua face augusta
Estampar-lhe a serena majestade;
Porque tu morrerás desesperado!...

HATUEY.

Tanta protervia, oh rei, é mais que um crime!

O BUTIO.

O que dizes, malvado? estás perdido!

APALACHITO.

A verdade, infeliz! triste verdade!
Lá vejo o fogo, uma fogueira immensa!...

HATUEY.

Nada vês, impostor!

APALACHITO.

Uma fogueira,
Em que tu, Hatuey, sorando as carnes,
Rugindo como um tigre setteado,
Sorvendo as chammas pela hiante boca,
Has de ver, semivivo, aos cães lançados
Teus caros filhos, misturando os gritos
Ao latido feroz, e ás gargalhadas
Desses bellos Zemeis, dessas deidades,
Feras crueis, sem dó, sem peito e alma,
Que a tua insania divinisa agora!
Inda vejo mais fogo, inda mais mortes!...

O BUTIO.

Nada vês, embusteiro! a nós fallaram
Esta noite os Zemeis.

APALACHITO.

Os teus Zemeis,
Batrachios monstros de nojento lodo,
Que sabem elles do porvir óculto?
Elles vos mentem, miseraveis parvos.

OS BUTIOS TODOS.

Pereça o vil que nossa fé renega,
E sacrilego, em nós, offende os deoses!!

UMA VOZ DE VELHO.

Suspendei, que a justiça ao rei pertence.

APALACHITO.

A justiça morrêo nas mãos dos brancos!
Aqui não vejo rei, só vejo escravos.
Findou teu reino, geração illustre
Do grande Tlatuicy. Do mar, agora,
Aruagues barbados, impios, torpes,
Virão teu sólo conflagrar; e o resto
Não me canço a dizer-vos, gente ignara,
Olhos sem vista, corações sem alma.

TODOS.

Morra o vil estrangeiro, o impio ingrato,
Terrorista, impostor, nuncio de males,

O REI.

Esperai, esperai; quero fallar-lhe.
Si tua alta sciencia, Apalachito,
Vê no fundo dos tempos o veneno,
Deve igualmente ver o seu contrario.

APALACHITO.

Antidoto não ha! chegou a hora;
Não vejo salvação neste naufragio.
Dos dous seres que o homem n'alma aduna,
O nobre perecêo ás mãos do vicio.
Escutai-me, pois fallo semimorto;
Sinto o sangue da vida nas palavras
E no peito entranhada a mão da morte.

. . . .

„Ha quasi oitenta soes! Era então joven,
Mas ja tinha as virtudes da videncia!
Eu vi á beira mar, n'um claro dia,
Estes mesmos navios estampados
Lá nas nuvens da aurora, e esta gente
N'outros mares vogando, e n'outras ilhas!
Uma d'ellas, bem grande, e toda em selvas,
Sete soes, dia e noite, ardêo contínua,
Sem que a chuva do céo poupasse um tronco!
De taes feitos aqui vereis a copia.
Imperio dos Toltecas, minha patria,
Theocalli do sol, berço de Mexi,
Escola do saber, throno das artes,

Asilo da justiça, e da amizade!
Nunca mais te verei! oh! nunca, nunca ...
Eu vejo um fumo de teu throno erguer-se,
E o lago azul, em que resplende a tuna,
Todo em sangue mudado; e aos pés d'aguia
Silva a serpente um hymno, Uma só cousa
Poderia espaçar tantas desgraças...

O REI.

Si o alvitre é nobre, incontinente o abraço.

APALACHITO.

Nobre, sancto, e heroico! A liberdade!
Morrer por ella combatendo em massa
Esses homens do mar; matal-os todos.
A patria sanctifica esse exterminio
Do bandido invasor que vem roubal-a.
A cilada, e a morte nestes casos
É virtude, é dever... Tendes coragem?

O REI.

A uma, os Butios já de ha muito affirmam
Teu orgulho e fallacia; hoje o comprova
Essa grande ambição que teme o influxo
Dos barbados Zemeis entre nós outros.
Protegido por elles, por seus raios,
Não preciso de ti, propheta iniquo,
Lingua de males, coração de mortes.

APALACHITO.

O cobarde discursa; o tredo o fere,
E a morte e a escravidão entram-lhe em casa...

OS BUTIOS.

Morra o vil agoureiro, o vão propheta,
Lingua de males, coração de mortes.

O REI.

Morra.

APALACHITO.

Sim, morrerei; mas livre morro.“

De um salto ao río, se afundio nas aguas!
Correram todos, mas em vão, que a onda
E a escura treva o occultaram logo.
O craneo espedaçou de encontro á rocha,
Como mais tarde o pescador dicera.

COLOMBO.

CANTO XXIX.

Prompta e garrida com brioso empenho,
Alegre a chusma no convez saltita,
Batendo passos, apurando o canto,
As armas repulindo, e denotando
Anciosa aguardar da festa a hora.

Tocando a linha ardente do oceano
Brilhante nevoeiro simulava
De um Anjo a fórma, suspendendo o globo
Do sol co'a mão direita, e com a esquerda
Para oeste apontava, qual si aos nautas
Plagas ignotas revelar quizesse.
Pasmaram todos! e a visão prenuncia,
Ao halito das auras matutinas,
Pelo céo mansamente rarefez-se.

N'uma taba real, improvisada

Para Colombo e os seus, com previo estudo,
Exibira o Cacique offrendas varias,
Não sem arte e conselho estadeadas.
Quanto produz a natureza inculta
D'aquella estancia, o generoso chefe
Alli depositara a par dos priscos
Artefactos da infancia do homem bronco:
Era a industria inherente á idade-saxea,
Revelando do engenho a singeleza.

Em trançados giráos, longas esteiras,
E suspensos cabazes se apinhavam
Fructos que as orlas do fecundo Arno,
E as famosas do Tejo nunca viram!
Fructos que á boca, pela vista e olfato,
Enviavam delicias, não gostadas
Por Appicio e Lucullo, quando o Tibre
Ajoujados biremes remontavam,
Levando á Roma as producções da terra.

Enchia a taba, recendendo o aroma,
O rei das fructas, o ananaz olente
De cota de ouro e kanitar de bronze;
E juncto o vinho, em naturaes gomilhos,
Fervendo a essencia do guerreiro pomo.
É fama secular que a ruim tristeza
Esta fructa real leda rechaça!

Pelas orlas do tecto e pelas traves,
Em suspensos racimos cochleados,
Pendem os pomos da nutriz pacova,
A banana fluente, grato cibo
Do ancião, e da infancia desleitada.
Em altos montes, lourejando a casca,
O doce cambucá que a febre expulsa,
E a sede estanca ao caçador ardente.
Alçando o bojo a jaca elephantina,
E os louros girimús que a terra beijam.
Em cestos de uricana se apremava
O louro jambo, que distilla a rosa;
A bronzea pinha que clausura perlas,
E allia ao nectar o jasmim odoro!
A lactea pera, o abacate olente,
Cuja polpa supera a fina creme!
O gomoso rubim, vitrea pitanga,
Mimo dos campos, dos sertões, e praias;
A polposa goiaba côr de carne,
E o modesto araçá de varias côres;
O ingá velloso, protector dos ríos,
No verde estojo recolhendo a polpa
Que a sede acalma nas estivas horas;
O lustroso pingente, o doce filho
Da terna, bella, e triste passiflora,
E as granadas da selva, a grumixama,
Cuja flor tropical o sol festeja.

No chão, em montes de escabroso aspecto,
O canopo da selva, a sapucaya,
Amor da simia, e do voraz queixada,
Que faminto lhe abate cerceo o tronco.
Em bandejas de palmas, de gramineas,
Salpicadas de flores, reluzia
Quaes grãos de alambre o camboim cheiroso,
Das aves ribeirinhas as delicias;
O nobre giribá, que apura o canto
Da sahyra gentil; o cacho escuro
Do cerdoso tucum, amor dos brejos,
Linho da selva, preador dos peixes;
O formoso indaiá, que o thyrso imita;
O bronzeo burity, que adora as fontes,
E o coco ingente, que namora o pégo,
Dá leite á infancia e limonada ao homem;
O cajú perfumado, alma do sangue,
Delicia estiva, juncto a polpa tendo
Em parda concha saborosa amendoa;
A mangaba melliflua, o pardo e doce
Sapoty, que disperta os sons canoros
Do meigo sabiá, do gaturamo.
Via-se a tuna, cujos figos verdes
Entre espinhos se occultam, como os fructos
Do cardo herculeo na fendida rocha,
Ou da chata urumbeba, assento e berço
Do insecto purpurino que escurece

A côr do ostro real, brazão do solio:
Em alcofas enormes rouxeando
O oleoso cacáo, mimo dos bailes,
E moeda do Azteca; em lindas cestas
A baunilha sem par, a noz muscada,
A fava olente de Tonkin riqueza,
E mil outros prodigios da natura.

Com arte culinaria preparados,
Em ceramicos vasos fumegavam
O mimoso cará, o tenro inhame,
E os macios e alvos mangaritos,
Da fonte amigos; o barbado milho
Em tostadas espigas, em cangica,
Em macias pipocas, rebentadas,
Quaes brancas flores, no borralho intenso;
Do aipim farinhento, côr de jaspe,
Os cylindros, que o pão vencem no gosto,
Qual vence o mangustão a pera iberia;
Tostados rolos de palmito eburneo,
Os moles talos do sombrio feto;
A raiz do paty, que d'alcaxofra
Vence a massa no gosto e no volume;
E as batatas nutrizes, que na polpa
Das flores o matiz ao doce uniram.

Em folhas de caeté, juncto de acervos

Da mais branca farinha, recendiam
Quanto os ríos e o mar tem d'excellente:
O pando mero, habitador das syrthes,
A enxova prateada, o piabanha,
A jamanta, que emborca as almadias,
O chato e negro surubi, o bagre,
O polvo, Briarêo das mansas aguas,
A ingente tartaruga, escudo do indio,
O mussum, que simula atra serpente,
O tenro caçonete, agno dos mares,
A oleosa taínha, o bom roballo,
O longo puraqué que o raio espelle,
O dourado, a lagostra, e outras especies
Nos lagos e remansos germinadas.

Em acto de combate, a fronte arborea
Erguida e curva, fumegando aromas,
Grandes veados, n'um giráo mais longo,
Viam-se aos centos, e cevadas pacas,
E cotías fugazes; bronzeados,
Retorcidos lagartos alvejando
A tenra cauda; e os feios e cerdosos
Javalis da floresta, recurvando
Os medonhos colmilhos; e espetados
Em longas varas os gambás borrachos,
Os infensos tatús, e asco causando,
Os macacos, quaes mumias egypcianas.

Entre as mil aves, primorava o vulto
Do gostoso perú, mimo das regias;
A perdiz, o macuco, a jacotinga,
O pato agreste, a humida narseja,
O anú oleoso, a capoeira,
Que a flauta pastoril na selva entôa,
A cinzenta iraponga, cujo malho
Concute as rochas e a deveza abala;
O cristado mutum, e os papagaios,
E outros mil passarinhos de enfiada.

Em varias jarras, em porongos varios,
Fervendo a espuma o hydromel d'abelha,
A igaçaba cheirosa, o vinho olente
Do gostoso cajú; a maniqueira
E o cany, que do milho extrahe a industria;
O forte juvety, álchool de tuberas;
A quitira, que as nauseas afugenta;
A garapa, roubada ao marimbondo,
E á doce jatahy, que forma a cera;
O vinho da palmeira; e em longos cestos
O beijú variado, o pão da selva,
Que adubado fermenta alva cerveja.

Colombo chega, e deslumbrado á vista
Dos novos dons da natureza, ao incola
Um riso envia, que o donoso chefe,

Qual celeste favor, humilde acolhe.
Em curva rede em que o matiz esplende
Da mais bella plumagem, toma assento
O curioso Nauta; e saboreia
Do novo leito o balançar suave.
A seu lado, igualmente, o rei se assenta,
E no chão, sobre esteiras, toda a côrte.

Diz o rei a Colombo que aos seus mande
Seu chão ennobrecer. Acena o Chefe;
Arana dá signal; a um tempo rompem
As tubas clangorosas; cai um panno,
Abre-se a scena, e com garboso impulso
Em linha rompe a variada chusma
Tangendo adufos, tamborins e flautas;
Vem á taba real, saúda o Chefe,
E em dous campos se forma frente a frente.

A dança encetam, recruzando as filas,
Cantando coplas, enredando os passos,
Formando pares de Christãos e Mouros,
Travando as armas em guerreiros grupos,
E de novo tomando os seus logares.
Rompe novo descante: ao longo se abre
Festiva tenda de floridos arcos,
Onde penetra jovial caterva
De garridos ciganos, meneando

Pintadas varas, matizados lenços;
E a dança finda com geral applauso.
Dos Mouros e Christãos após campeia
Meia centuria simulando embates:
Arrancam-se batendo os pés e as armas,
Formam varios paineis; termina a festa
Por um quadro geral, em que se viam
Os Christãos sobre os Mouros genuflexos.

Como sombra fiel do móto e passos
Da gente iberia, vio-se a turba indigena
A dança adumerar, seguindo em tudo
Da chusma os gestos: tanto enlevo achara.

Qual sariga que em surto evita a morte,
Pula o rei, pisa a terra, e gesticula;
Borneia o muracá, trina um sibilo,
Oue no peito dos seus a furia accende.
Raio estalado em fragoroso valle
Simula o guáo da barbara caterva,
Que ao reclamo real assim responde,
E em curvas se abre, disparando ás nuvens
Fremente ululo com aladas settas.

Eis comparecem matizados grupos
De ligeiros donzeis, vestidos de aves:
Frontes ornadas de compridos bicos,

Braços cobertos de brilhantes pennas,
No remigio imitando as varias aves,
Dando saltos, e pulos desmedidos,
Que acrobata feliz nunca attingira!
Uns, a um masto suspensos no ar gyram,
Outros em cordas se redouçam ledos,
Alguns o pico imitam, e nas ramas
Tecem ninhos, ou brincam pipitando!
Dir-se-hia ao vel-os que do olympo egypcio
Baixara d'Horus a plumosa côrte
Á nova terra, a demandar altares.
Na lucta, amor, e surto, eram perfeitos,
Completos no imitar, em tudo exactos.
Movendo os labios, co'o mais puro accento,
No ar soltaram da canora estirpe
O vario canto, a illudir as aves!
Após o tintinar, veio o gorgeio
De escalas, de repiques, de trinados,
E meigas prolações. Rompêo a flauta
Do terno sabiá; o canto argenteo
Do lindo gaturamo, que espadana
Leda vida na selva; a voz suave
Do claro jaburá, e as fiorituras
Dos lindos cardeaes: ouvio-se a nenia
Da triste jurity; o silvo asperrimo
Do verde aracary, e os magos hymnos,
Como chuvas de flores que se iriam,

Da ovante philomella; veio o artista,
O celeste azulão, que rouba as notas
Da sahyra e canario, e as cadencias
Do merlo escuro, que os sertões domina.
Cantou a tapiranga, e pelos ares
Do tucano zumbio a cornea trompa,
Como se houvesse de supina frança
Saudado a aurora na floresta virgem.
Ouvio-se do mutum o accento lugubre,
E o hymno, os uivos, e a palavra amiga
Do verde sabiasica, em cujo peito
As rouxas lasiandras se estamparam!
E alfim mescladas n'um conjuncto alegre
As varias vozes, com tal força e brilho,
A imagem deram graciosa e bella
Do hymno alado á majestosa tarde.

Foi grande a sensação! A chusma inteira,
N'um brado e n'um descante prorompendo,
O concento applaudio, cheia de pasmo!

Como arbustos, que as leis da natureza
Quebraram, aproxima-se outra gente,
Toda envolta de ramos e de flores.
Abre-se, e mostra em hemicyclo um adro.
No centro estava um grupo, figurando
A familia loquaz dos papagaios!

Pelo bico revolto dialogando
Em rude metro, memoram lendas:
Ouvio-se a causa das perpetuas guerras,
Dos ciumes innatos entre as aves;
E o como em tempos das primevas tabas
Dêo causa um papagaio á lucta e ao odio
Que a tribu separou, ficando imigos,
As crenças decompondo, a lingua, e usos.
Cantou um periquito o arguto carmen
Do bagre que arrebata e leva ao fundo
Do grande río as infantis donzellas,
D'onde procede a geração dos monstros
Habitantes das aguas e das praias.
Findou a scena uma araúna bella,
Cantando o hymno, o venerado genesis
Da gruta dos Zemeis, berço dos astros,
Onde vive Tupana, quando vôa
Na esphera immaculada, ou furibundo
Vadeia os céos em nebulosas fustas,
Remando co'o trovão nas cataractas
De río eterno que fecunda a terra.

Á pocema e tripudio dos Lucaios
Unio-se o brado da européa gente,
Como sancção do aprazimento urbano
Que ao rei mostrava o Almirante alegre.

De novo erguendo-se o Cacique, o sceptro
Emplumado borneia, e a scena muda.

Nova turma se alinha. São guerreiros.
Todos em fila, dando um passo á frente,
Vergaram arcos, embeberam flexas,
E, ao céo voltados, esperaram firmes.
Ao destro golpe de ligeira massa,
Viram-se a um tempo arrebentar em lascas
Talhas ingentes, e subir ás nuvens
Um enxame de lindos passarinhos.
Vôam as flechas, traspassando as aves
Inda no surto, e no veloz remigio,
E em cada ponta que na terra a prumo
Se espeta, uma ave se debate ou morre.
Pasma de tal destreza a gente iberia,
E subito o terror lhe passa n'alma,
Qual passa a sombra de emigrante progne.

Vem a dança da caça; vem o nobre
Luctar dos homens co'as bravias feras.
Simulado kaiman, co'a vista immovel
Em loura praia, protegendo os ovos,
Que os raios zenithaes almos fecundam,
Contra as aves arranca, e contra o vento,
Cioso de que a prole se não gore.
Sobre elle salta, no escamoso dorso

Ferrando as garras esfaimado tigre:
Ronca o amphio ao traiçoeiro bote,
Encurva o corpo, arreganhando as fauces;
Vasca-lhe o tigre a redentada cauda,
Ambos reluctam com feroz empenho,
E vão nas ondas terminar a lucta;
A guda flecha, atravessando-os junctos,
Como que os mata, e finalisa o jogo.
Levados da corrente, a elles voam
Os destros nadadores; surgem d'agua,
Nas espadoas sustendo as duas feras,
E ás tabas, triumphantes, vão cantando.
Acode a chusma a examinar ao perto
O tigre e o kaiman; e os vê despidos,
Com secca terra os membros enxugando,
Quaes athletas suados do combate.

Termina a festa o simulacro horrendo
Do Caniba feroz trincando infantes,
Emquanto arrasta da incendida taba
A esposa, e vence o denodado esposo.
Costumados, qual usa a tribu indomita,
Em conselho do escravo a sorte votam:
Comparecem as velhas e os guerreiros
Em festivo tripudio, e guáo medonho;
Marcha a victima ao poste, as velhas mostram
Os cutellos mortaes, a gran fogueira,

A massa, a mussurana, os vasos impios,
E a alegria que espera o postre infando.
Dialóga o furor, recruzam gabos,
Cospe o preso baldões, vomita escarneos,
Da morte zomba, e com certeira dextra
Uma pedra não perde na vingança.
Estala o polpe, e do fendido craneo
Surgem ruflando as fulgurantes pennas
Gentis colibrios, derramando flores!

As agudas membês troam no campo,
O trocano tonante, a rouca inubia,
A ossea flauta leva a voz ao longe,
E o rufo e trom dos tamborins ruidosos,
A todos unem no fronteiro espaço.
De mãos pendentes, qual suspenso esquilo,
Em torno ao Butio marcador dos passos,
Saltam e mugem, circumgiram lestos.
Rompe o guáo, bate o pé, o chão cavouca,
Geme o solo, a poeira o ar condensa,
E o concento feroz terror incute.
Silenceia o payé co'um fero aceno,
E o canto incita co'a seguinte copla:

„Meu pé é vento, minha voz trovão,
„Meu braço é morte, minha flecha raio,
„Meu peito é pedra, minha furia é mar,

„Caniba avança, vem beber meu sangue,
„Caniba morre, Marien vencêo!

E ao cavo chocalhar das seccas favas,
Que os artelhos lhe prendem, circumroda,
A cada pulo repetindo um verso.
Anima os brios fermentado vinho;
Com pocesso furor recresce a ronda,
Toldam-se as mentes, e a rouquenha orgia
Estronda, e esparge em derredor o inferno.

Satisfeito Colombo, a mão aperta
Ao rei, e se despede agradecido.
Foi geraļ a afflicção! Guacanagari,
Em cujo rosto o pranto e a saudade
Dizem mais que seus labios, genuflexo
Beija a mão do Almirante, assim dizendo:
„Como amigo fiel aqui te espero
„Neste solo que é teu, que eu te concedo.
„Promette-me, Zemel, tua amizade,
„Pois que a minha já tens, como a de filho!
„Al da terra não quero, ella me basta.
„Já que ao teu não me é dado unir meu fado.

COLOMBO.

Sou grato ao vosso amor. Em breve eu mesmo
Aqui virei fundar uma cidade.

O REI.

Si lenha precisais, dou-vos as selvas;
Si pedras, arrancai estes penedos;
E si braços, os meus e os desta gente.
Temos tudo, Zemel, para offertar-vos:
Ar e céo, que a saude e paz infundem,
Um solo nemoroso, aguas saudaveis,
Fructos como estais vendo, caça, e aves,
E o que a nossa sciencia desconhece.
Dêo Tupana aos Zemeis estas riquezas,
E elles, bemfazejos, nos concedem
Taes delicias fruir, tendo nas tabas
Amor e amizade, paz concordia.
Dizei aos vossos que isto tudo é d'elles."

A um aceno do Chefe, incontinente,
Com voraz appetite a iberia chusma
Avança ao pasto, devorando tudo!
Deleita-se o Cacique, respeitoso,
Vendo os filhos do céo, por complacencia,
Se humanarem, comendo como os homens!

COLOMBO.

CANTO XXX.

„Alma e corpo da terra o ouro e o ferro
Hão sido sempre! e iniquas alavancas
Da força bruta, da razão vendida;
Pólos de um mundo, qu'entre a usura e o mando
Gyra e refaz-se em estações de crimes.
Ai de mim, si na volta deste empenho,
Si na offerta de um mundo, de um imperio,
Olvidar o metal que o esposo avaro
Da celeste Isabel faminto anceia! . .
Prevejo a sanha do cruel cadimo,
Pois que o ouro é seu Deos, alma e ventura!
Cruel expiação! mesclar no calix
Do amor divino, com forçada dextra,
O mixto infando de eucharistia e lodo;
E nas aras sublimes do heroismo
Por tal modo inquinar tanta victoria! . .

Que será deste evento em mãos avaras,
E no peito de um rei que só palpita
Ancioso por ouro? . . Oh Deos, eu tremo
Dos juizos vindouros; mas tu sabes
Quanta innocencia me nortea agora."
Assim pensava o constrangido Nauta
Entre a grita festiva da equipagem,
Toda votada ao mercenario escambo,
E ao abuso cruel, máo-grado as ordens.

Bem como as aves que no pairo acolhem
Macias auras, que em delicia as levam
Pelos ares, assim fluem singrando
As náos ufanas pelo mar sereno.
Abrem as prôas as coalhadas ondas
De ligeiros esquifes, de almadias,
Pejadas de Indios a soltarem ledos
Propicios votos, cordiaes affectos,
Ao som de flautas, tamborins, e palmas.
Ao vel-os nus, cadenciando os remos
Sobre os concavos lenhos, ou nas aguas
Revolver-se, quaes peixes, vinha á mente
A hellenea imagem da neptunia côrte
Da filha de Nerêo, quando rainha
Do vitreo reino, com seu gesto divo,
Volvia os ventos, serenava as ondas.
Já nos véos do horizonte se empanavam

Os montes de Saometo; e entre névoas
Mal no céo se perfila a ilha inteira.

Á prôa estava um marinheiro esperto
Com a sonda na mão, contando as braças,
E juncto ao leme o Ostensor do Mundo.
Tal como em crise de febril engano,
Brotam no espaço rutilantes seres,
Visões amaveis, que visões germinam,
E a mente enlevam renovando as scenas;
Assim do mar nas crystalinas orlas
Surgiam ilhas, exhalando aromas;
Ingente río arremessando ao pégo
O verde manto de nympheas alvas;
Sobre o mar fluctuavam centos de ilhas
Croadas de palmeiras balançando;
Como si ao Nauta saudações mandassem!
Sultão perplexo n'um harêm conquisto,
Lendo em mil rostos amoroso envite,
Todo cheio de affectos, era o Nauta
Entre as bellezas e a estructura varia
Dessas filhas do mar que iam passando
Ante seus olhos, ao singrar das naves.
Na marcha ovante, seus favores cede
Á maior, que nos longes bruxoleia
Sobre a aresta do mar ceruleos montes.
„Cuba" repetem os Lucaios ledos,

Alçando os braços, desprendendo as almas,
Como quem fita no casal paterno
Olhos que ha muito no amargado exilio
Pranto verteram de cruel saudade.

Ancóra, desembarca, e planta em terra
O posseiro pendão; e a nova plaga
Á herdeira de Isabel grato consagra.

Montuosa surgia a terra, abrindo
Sombreados convalles, guarnecidos
De viçosos ribeiros, de pendentes
Franjadas aguas, borrifando lume
Nos fragosos abysmos que cavavam.
Pelas praias do ameno surgidouro
A vista espairecendo o Nauta, encontra
Assento vasto de futuro emporio,
E vizinhas materias-primas d'arte!

Crente a cem legoas das luzidas portas
Da charonea Quinsay, filha do Drago,
Chama a conselho os instruidos mestres,
E os da Casa de el-rei. Propõe a todos,
De compasso na mão, mappas abertos,
Que um troço avance a perlustrar a terra,
Tendo em mente o real prescripto escopo
Das minas de ouro, e o de saber da côrte

Do Kan dominador de toda a aurora:
Dice ainda, que vista a gran cidade,
N'ella pedissem com instancia ao throno
Para elle Almirante uma audiencia,
A fim de juncto ao Kan cumprir as ordens
Do mandato real, d'elles sabido.
Eleito Jérez, viajor provado
Em afras regiões, e ingratas lides,
Teve por socio o polyglota Torres,
De ha muito affeito a perigosos casos;
Vão com elles Castilho e metalurgico,
Roldan, mais traficante que piloto,
E dous jovens Lucaios, tão espertos,
Que da lingua hespanhola já sabiam
O que a vida usual requer somente.
Cheios de bençãos e esperanças partem.

Nesta mora, de ourada espectativa,
Previne o Almirante urgentes cousas.
Espalma as naves, calafeta as fendas,
Repara as bordas, o maçame, as vélas,
Sanifica os porões, precinta os mastros,
Enroca antenas, e refaz a aguada,
E assim disposto a combater revezes,
Aguarda a expedição, nunca esquecido
Da gentalha que leva, tetro espelho
De futuras discordias e infortunios.

Seis dias decorreram, quando ao Nauta
Insperada se mostra afflicta e exhausta
A embaixada infeliz, dizendo a custo:
„A prudencia nos fez voltar o passo,
Confiados em vós, que sois cordato,
E christão compassivo. O nosso estado
Justifica o alvitre! Eis o que vimos
Nesta terra de brutos, feras, e ermos!
A gente é parva e esquiva, não tem artes!
Nem lei, nem fé, nem deos, nem trato humano;
As virgens e as matronas mal sombream
O pudor natural; os homens fogem
Como feras batidas: são selvagens.
Não vimos ouro, mas crueis torturas
Entre bichos que o dia convertiam
Em peleja, e a noite tenebrosa
Em vigilias e sustos! Nossos corpos,
Sem dormir, semimortos já sentimos!
Sabeis que terra é esta? — o fim do mundo!
O chão é cobras e reptis infestos,
Os troncos são insectos venenosos,
O ar só tem mugidos, uivos, roncos,
E a vida é um tormento, uma agonia!
Vimos serpes que pream feras e homens!
Como vedes, Senhor, neste amplo couro,
Maior que a antena do traquete grande!
Morreriamos todos engolidos,

Si este joven Lucaio alli não fôra!
De um charco, recoberto d'hervas, vimos
Surtir um tronco, para nós crescendo,
E abrir a ponta co'um sibilo horrivel!
Sucuré-juaçú! grita este joven;
Salta adiante, tira prompto a faca,
E aparando no braço a boca hiante
Do monstro, lhe atravessa na garganta
O ferro açacalado, emquanto o outro
Traspassou-lhe esta adaga, inda sangrenta!
Cai o monstro, recúa, e se emmaranha
N'um bolo de aguapés e de sargaços;
Lucta e relucta, e cada vez mais preso
Na boiante enrediça se ennovella:
Mil vezes pelo ar fuzila a cauda,
Desce ao fundo do lodo, turva as aguas,
Remoínha, levanta ondas escuras,
Nada consegue, e todo envolto em sangue,
Sem tino esmorecêo, deixando montes
De revoltas liaças, e outras plantas!
Veio a noite, e que noite horrenda e feia!
Mal no bosque accendêo-se uma fogueira,
Mal subiram as flammas, só se ouvia
Piarem mochos e rugirem feras!
Não é tudo, Senhor! cai a fogueira
Aos sibilos e choques de outras serpes,
Que, como clavas, nos tições ardentes

Batiam e os braseiros espalhavam,
E sobre elles ficaram calcinadas!

„Tudo alli contra nós se conjurava!
Nos troncos, que subimos, combatemos
Formigas que eram fogo; parasytas
Que lanhavam as carnes, como serras,
E uma nuvem de bichos causticantes!
Tarde veio a manhã, ah! muito tarde
Para tanto soffrer! Quando fiados
Na indigena pericia, ao corpo ardendo
Iamos dar n'um lago refrigerio,
A dous passos de nós, entorpecido,
Outro monstro jazia, mal podendo
Em lentas voltas collear a espinha!
É d'elle a pelle que a teus pés se estende:
Quiz trazel-a, Almirante, afim que a vejas!
Ninguem diria; ao descarnal-a, vimos
No longo bucho, já desfeita em parte,
Anta membruda que valia um touro;
E o que é mais, para horror da humanidade,
Um esqueleto humano! Lassos, mortos,
Tendo tudo perdido, regressamos,
E a custo vimos fugitivas tribus.
Torres fallou-lhes sete linguas afras,
E o arabe, e o persa, inutilmente!
Mostrei-lhes as palhetas de ouro a todos;

E a Quinsay, ao Gran Kan, nos respondiam
Bohio, os moços, e *guisqueya*, os velhos,
Exprimindo com gestos largas terras
Para as bandas do occaso, rios, montes
Lançando fumo; e com o dedo no ouro,
E o chão mostrando, e a longinqua terra,
Pareciam dizer: ha muito disto;
Mas tudo em fórma tão confusa e escura,
Que nem mesmo os Lucaios entenderam!
Triste foi a jornada; outros que a façam,
Porque nós, como vedes, não podemos.
Não trouxemos riquezas nem promessas,
Mas trazemos est' herva, cujo fumo
Une á olencia gostosa amaveis horas;
Tabago, a denomina a gente inculta,
E o seu uso valêo-nos contra a fome."

E nisto, Peres, leva á boca um rolo
De seccas folhas, cuja ponta ardendo
Ao contacto do lume fumo exhala;
E, a uma, os outros aspirando a sorvos,
Pela boca em golfadas despediam
Ondas de fumo enebriante e odoro.
Propagou-se o invento! E assim a Europa,
Máo-grado excommunhões, leis, e interdictos,
Mais um vicio importou, — hoje um thesouro!

Todos mostram terror, menos o Chefe,
Que aos azares affeito, mais um conta,
Sem da esperança minuir-lhe a força!
Findo o reparo da primeira nave,
E emquanto á outra se fazia o mesmo,
Sequioso de ver, toma um esquife
O gran Contemplador da natureza,
E n'elle parte com os dous Lucaios.

Majestoso no céo rompera o dia!
O mar, como um espelho de Veneza,
Seu tranquillo explendor multiplicava.
Vinha dos montes, saturado em nardo,
O peito deleitar favonio amavel,
E o canto alegre das formosas aves.

Á voz do Chefe, que o timão dirige,
Talham os remos as serenas aguas:
Bolçando a costa, que a maré já beija,
Deixam as orlas do propinquo porto,
Vingam restingas, enseadas curvam
E profundos esteiros; passam ilhas,
Abruptos cabos, escalvadas penhas,
Rampas orladas de vergeis floridos,
Seixos musgosos, em que esbarra a onda
Rebatida do vento; alcançam praias
Floreando coqueiros, e outras arvores,

Em que gorgeiam, balançando as pennas
Nas pendentes redouças de mil flores,
Centos de aves, que a vista e ouvido alegram.
Ao longe enxergam revezados montes,
Calvos penedos aparando ríos,
E batendo cascatas espumosas;
Valles escuros, serranias aspras,
E um grande lagamar coalhado de ilhas:
Aqui trovejam, rebatendo as azas,
Nuvens de patos, de guarás, de garças,
Matizando o ambiente; alli doudejam
Velozes atobás, niveas gaivotas,
E n'areia dispersos os flammengos,
Os tristonhos socós, e os maçaricos,
Formando um campo oriental no aspecto.

Proseguem sempre, encadeando a vista
De belleza em belleza: um seixo attingem,
Talhado em fórma de elephante immerso,
Sorvendo as ondas pela tensa tromba!
Ave sombria o senhoreia, immovel
Medindo o pego, qual funerea Sapho,
Antes de a vida consumir no abysmo.
Montam o cabo marulhoso, e ganham
Ridente golfo, que no seio apara
De um manso río as crystalinas aguas.

No formoso painel assenta a vista
O Nauta enamorado, e voga á entrada
D'aquella argentea via, protegida
De inflexa rama, que atenúa o dia,
E de mystica luz adorna o río.
Penetra nessa arcada de verdura,
Docel que templos cobriria a salvo!
Pasma ao ver esses troncos millenarios
Bracejando no céo os curvos ramos,
Rompendo as voltas de cipós torcidos,
E a intensa malha de enrediças varias!
Dir-se-hia ao vêl-os, si animados fossem,
Outros netos de Alcêo truncando serpes,
Ou ingentes Titãos encadeados
Contra Jove, minazes praguejando!

Que opulencia e grandeza, e que contrastes!
Juncto á prole titanea, como infantes
Descuidosos brincando sobre a margem,
Mil arbustos e plantas floresciam:
Alli se viam, meneando os leques
O palmito gentil, as bananeiras,
O ubá plumoso, o encrespado feto,
E a taioba adargada, protegendo
Outra casta menor de undosas plantas.

Vóga o esquife nas macias aguas,

Que mostram na pureza o alvéo juncado
De claros seixos e mimosas algas.
De um lago e d'outro fere-o novo encanto,
Novas flores, insectos, feras, e aves,
Cousas não vistas da orgulhosa Europa.
No silencio, cultor de altas idéas,
E thesouro de outras, deslizava
O Propheta dos mares, recolhendo
Nos seios d'alma sensações tão gratas.
Tudo alli discorria, aviventado
Ao halito divino, que se esmalta
De tantas harmonias. A floresta
Aqui meiga cantava pelas aves,
Alli movia os passos pelas feras,
Acolá remugia, alêm bradava,
E nas azas dos echos suspendida
Parecia mover-se pelos ares:
Eram bandos de tánagras formosas
Era o chilro de inquietos papagaios,
Era o salto da lontra, e capivara,
O passo do tapir, do mono o ronco,
E o zumbir dos insectos furtacôres!

Deste remanso de sombrio aspecto,
A um outro passa, que se alaga em lume,
Formando um lago de vergeis orlado.
A um longe e outro serranias trepam

Em altos picos, nemorosos planos,
Beijando as nuvens, borbotando mantos
De sonoras cascatas, exhalando
Madidas nuvens, que verdejam tudo.
Ahi, fixando extasiados olhos,
Bebe os effluvios da eternal belleza,
E o insito mysterio, e a majestade
Desse almo pantheon de primaveras!

Encosta o lenho á ribanceira, e galga
Um relvoso espigão que ascende ao matto.
Pelos Indios guiado, entra no luco
Da virgem natureza, não trilhado
Té-li de humana planta! As malhas cortam
De enrediças que o passo difficultam.
Cresce a mais a espessura, a luz se abranda,
E o chão, de humidas folhas e de esgalhos
De antigos troncos, não lhe entrava a marcha,
Menos perita que a dos dous Lucaios.
Caminham por umbrosas columnatas
De estructura sempar, sustendo arcadas,
Soltando silvas, que no ar suspendem
Florídos lustres e trophéos de flores.
Que immenso parque, que belleza e arte!
Fustes que sobem, abraçando os ares
Co'o ingente capitel, sempre adornado
De renovos, de flores, e de fructos!

Um d'elles, pelo tempo derrancado,
Obliquo, envolto em ruinas, juncto á cova
Da profunda raiz, a imagem dava
De cegado Cyclope, tateando
Á boca do antro com incerto passo
O fluido do inimigo, a quem deseja
Nas mãos calosas espremer a vida.
Outro, que o Nauta quiz medir, negára
A vinte homens o abraçar-lhe o bojo!
Bem como a Assyria seus annaes gravava
Em cylindros de bronze, assim no cerne
Em amplos aros lhe inscrevera o tempo
Os escuros annaes da longa idade.
Que estupenda nutura, que prodigio!
Os variados troncos pareciam
Retorcidas columnas bysantinas,
Embrechadas de likens, musgos, flores,
Soltando lios e festões variados;
Outras, nodosas, ouriçando o corpo
D'hirtas bromelias, de folhagens asperas,
De longas puas e revoltas garras;
Ou lisas, e apedradas de parmelias,
Como serpentes colossáes a prumo;
Muitas havia com estrias rectas,
Ou crespas dobras, qual estatua etrusca.
O ardído polystylio que o Lombardo
Na prisca sé dedálea levantara;

O esguio coruchêo, timbre do templo,
Adornado de flores; os possantes
Botaréos, revestidos de peanhas,
E aereos baldaquins, alli se viam
Nos enrocados troncos, nas sanefas,
No agárico purpureo, e nessas tocas
Em que as aves a prole depositam.
Nem do naufragio a imagem fallecia
Nesses lenhos obliquos, enredados
De pendidos sipós, quaes rotos mastros
De galé que o tufão levou ás praias.

Si o passo embevecido o Nauta volve
Para o lado do sol, atrios encontra
De verdes laçarias, de pinasios
Coroados de flores, transluzindo
N'um redil de topazios e esmeraldas
Não vistas frestas em sagradas naves.
Si á apposta parte mais profunda a vista,
Infindas perspectivas se prolongam
Mergulhando na noite os seus mysterios.
Replecto de bellezas, atturdido,
Como ausente dos homens, e do mundo,
Longo tempo ficou! Ah! nesse arroubo,
Nessa grande assenção, nesse almo assombro,
Soberano epinicio á natureza

Subio, qual sobe a endeosada mente
Do vate ao ler um pensamento eterno.

Prosegue o Nauta. Uma clareira encontra,
Um circo, em cujo fundo sembreado,
Como espectros, os troncos mal se viam
Através dos vapores espandidos
Do manto argenteo de supinas aguas,
Que espumosas, inquietas, descendiam
Batendo fragas e roliços conhos,
E no abysmo mugiam como um touro.
Pelo quadro que o move, circumgira
Com novo pasmo, e andando se recorda
Dos transportes de outr'ora sobre os Alpes,
Na saudosa Valencia, em Ronda alpestre,
Ou nas margens do Tejo, sempre bello!
E assim de outr'ora as grandes maravilhas,
Tão gabadas no mundo, vio na mente
Sem valor repassarem, quaes se mostram
Aos olhos do ancião brincos da infancia.
Genio contemplador, elle podia
Nessa cadeia de paineis sublimes
Seguro ajuizar; elle, que herdara
O bello instincto do sublime e grande,
O harmonico pulsar do sangue ausonio,
Os almos dotes dessa raça egregia,
Perpetua inveja de rivaes mesquinhos.

Que robustez sempar, que juventude
De eterna primavera! Na vergontea,
Em que pende formoso o pomo olente,
Vive a flor, e ao pé d'ella aureo pimpolho;
E emquanto a folha outonial, cahida
Em torno da raiz, alenta o tronco,
Já nova prole em derredor semeia!
Alli não dorme a planta o somno hibernio
No manto glacial, nem se disperta
Ao canto da andorinha; sempre activa,
Sempre ameigada por favonio estivo,
Por um dia que iguala á noite humente,
Colhe o fluido vital que almo a fecunda,
E as varias estações perpetuo enlaça!

Como gemmas de côres rutilantes,
Viam-se alli mil flores matizadas:
O flavo gyrasol, iman do lume,
Volvendo a aureola radiante; o cardo
Serpentino, erriçado, amor das penhas,
A corola aggressiva côr de sangue
Abrindo ao lado do que esconde avaro
Á nivea fada que sorri á lua
N'uma noite, e fallece á luz da aurora!
Redouçada, pendendo os fructos de ouro,
A bella e triste passiflora, abrindo
No seu amago o astro da saudade;

Como ella, em festões se arqueia a debil
Trombetinha, fechando ao dia os labios,
Da noite amigos, que amorosos se abrem
Da pallida phalena aos doces beijos,
Que as estrellas do céo somente applaudem.
Opposta em fado, para o sol sorrindo,
Tintinando as campanulas de alambre,
Loureja a flor do ipé, antes das folhas,
Qual arauto vernal; geme a seu lado
A nervosa e dolente sensitiva,
Que se offende do orvalho, ou do colibrio!
Si o Nauta a vista eleva pelos cimbres
Desse templo, artefacto de perfumes,
Vê suspensa em torçaes, qual lampadario,
A orchídea aerea desprendendo as azas,
Ou entre os galhos de alteroso tronco
O imbé pasmoso, qual torcida serpe,
Vertendo fios côr de sangre morto.

Oh prodigio sem par! fonte mimosa,
Nympha que um fado escurecido envolve,
Inda não revelado pelo engenho
De novo Ovidio, a quem a patria deve
A fronte genial cingir de flores.
Abraçada co'um tronco, horripilada,
Chorando sempre com pendor terreno,
A triste corianthe apara as lagrimas

Na concha appensa, que ella mesma nutre.
E ao pé d'ella, em pinhotas estrelladas,
Cérea carapiá, subindo em rosca,
E o macio perfume diffundindo.
Em cada tronco uma familia estranha
De aereas plantas aggregada vive:
O verde sumaré bolçando as palmas;
O nodoso epidendro, as desiderias,
Os longos polypodios, clausurando
Flores não vistas nos jardins de Armida,
Nem na mente de Amulio, onde brotavam
Iriados florões, mil arabescos.
Si Colombo descia á clara fonte,
Que a linguagem murmura dos rochedos,
Em torno da frescura, e á sombra via
Fruindo a lympha, n'um tremor continuo
A taióba gentil, o junco humilde,
O espigado caethé, e a nymphea-alva
No cartucho de jaspe ouro escondendo;
O folhudo cará, nos verdes talos
Suspendendo os broqueis que a noite aljofra;
O inhame giganteo, abrindo os largos
Verdes flabellos, e acolhendo a avenca,
Mimo das fontes e sombrios valles;
Juncto da dragoeira, rouxeando
A terna lasiandra; ou da tapera
A amiga vassourinha, salpicada

D'estrellas de ouro; e no arbusto a coma
Desse flavo sipó, cujas madeixas
Magdalenas simulam pranteando!
Isolada, estendendo annosos braços,
Pendendo a barba intonsa ao céo subia
Lactea figueira, remoçando a selva,
E nos ramos sustendo a casa avita
Do plumoso alvanel que amassa a argila.

„Que monstro é este?“ diz o Nauta aos Indios,
Vendo n'um tronco centopea enorme
Subir, travando os mil confusos tarsos!
„O sipó-matador, (responde um d'elles)
Planta sem base que as alturas busca,
Como o escravo ambicioso o mando.
É a imagem do hospede falsario!
N'ella vio um Payé a sorte infanda
De nós outros, no dia em que Saometo
Raça estranha acolher, vinda dos mares.
Olha bem, oh Zemel, nota este covo,
Como de serpes entrançado e urdido,
Em que o vento e o lume livres passam!
É o cipó sicario! O tronco, arrimo
Desse grande traidor, desfez-se em lodo,
Mas a norma deixou no vão que vemos,
Sepulcro aberto do madeiro ingente.
Alva como esta casca, assim dizia

O Payé, ha de ser a raça infesta
Que nos ha de extinguir, talvez bem cedo!“
E após, sorrindo o joven, e saltando,
Ajunctou que o tal Butio mentiroso,
Vendo baldada a prophecia, a furto,
Na caverna do sol se dera á morte.

„Por traidores Zemeis industriado
O Butio fôra nesse injusto augurio.
Somos filhos de Deos, dice Colombo,
Vassallos da clemencia, e da justiça,
Caridosos por fé, por lei, por modos:
Não tendes que temer . . .“
E aqui calou-se,
Carregando o semblante, qual si nuvem
Luctuosa passasse, escurecendo
Quanto ao Indio dicera; mas voltando
Ao mundo que o encanta, assim prosegue:
„Voltemos, filhos meus, á opposta margem.
Ah! si eu podesse, só comvosco, a vida..“
E o resto n'um suspiro esvaecêo-se.

Por entre balsas de aguapé nutante
Voga o esquife para a opposta riba:
Atravessa lezirias verdejantes,
Pequenas ilhas que a corrente erguera,
E as meigas virações ajardinaram,

Povoadas de amphibios, e de aves;
Um campo de batalha simulavam,
Juncado de broqueis, elmos e armas.
Estendidos ao sol, quedos se viam
Enormes jacarés, pandas juráras
Os ovos protegendo, e pelas margens
Mil aves ribeirinhas vagueando,
Ou sobre as aguas procurando o cibo.

Dos Lucaios indaga o Chefe os nomes
Dessas novas familias de alimarias;
E elles com prazer lhe vão mostrando
A nivea guaratinga, cujas pennas
Ornam a fronte do cacique; a anhuma
Sorvedoura de cobras, cujos gritos
Reboam pelo espaço; a piassoca
Taciturna e esguia; a colhereira
Revestida de rosas; a cegonha,
Como um curvo cajado; os maçaricos
Iriados, e as lindas marrequinhas;
A irerê gemebunda, o pato arminho,
E os socós, passeando a passo lento,
Como occupados de sisudo caso;
Os brilhantes guarás, que a idade marcam
Na côr das pennas; os martins bicudos,
E os negros mergulhões sondando as aguas.
Por entre os serandins e altos palmitos,

Brincava a jacupema, e o guáxi appenso
Ao thalamo de crinas; gorgeando
Sobre um ramo o bicudo côr da noite,
E o pardo sabiá, flauta dos rios!

Admira-se Colombo, neste passo,
Da pericia dos Indios, cujos remos
Em silencio nas aguas se moviam,
Sem que o móto espantasse os passarinhos!
Pisam na praia sobre verde gleba,
De infinitas boninas matizada.
Era outro o painel, outro o scenario!

Á direita, emulando co'os palmares,
N'um plano acclive, que limita um valle,
Surge o feto-maior, brotando o grelo
Que argentea espira ou báculo figura,
E entre pedras esparsas, rebuçadas
De verde musgo e gravatás punçantes,
Que simulam cobril-as de pennachos,
Sóbe a lança virenteda piteira,
D'entre longas espadas; e se encurva
A urumbeba, nutrindo os niveos flocos
Do insecto inerme que o carmin fabríca.
Alêm dessa colina e desse valle,
N'um monte se encastellam bastas selvas,
Em verdes ondas ascendendo ás nuvens.

Ahi, nessa espessura intacta, impervia,
Beijam-se os troncos em cerrado amplexo,
Beijam-se os evos, revezando aromas!
D'aquella immensa escala, sempre em flores,
Sobre as azas da briza meigos descem
Perfumes exquisitos saturados
Do canto amavel, vespertina endeixa
Do terno rouxinol, rei da harmonia;
Descem hymnos odoros, quando a noite
Respira o lume sideral, ou canta
Aos olhos dos mortaes a leda aurora
Seu lucido epinicio á natureza.

Sóbe o Nauta, e admia em outro plano
Novas tribus de plantas e de flores,
Novas aves e insectos, quaes não vira
Do Sunda ao Calpe, e do Hellespon á Scila!
Aves que descem desde a abutre á mosca
No tamanho, e que sobem na belleza!
Insectos que nas azas cambiantes
Das flores e metaes o brilho encerram!
Tudo alli era novo, bello, e vário!
Folhas cobertas de fundida prata,
De vitreas camarinhas e de perlas,
Ou de fino velludo; umas pintadas
De varias côres, descrevendo zonas,
Outras em crivo abertas, suspendendo

Nos redentes das orlas e nos talos
Lagrimas d'ouro, em que dormitam nymphas;
Heras brotando vages e corimbos
De bronze e de coral; umas armadas
De cerdosas navetas, de chocalhos,
D'espatas que desprendem nivea paina,
Simulando o nevar; outras soltando
Borboletas, que o vento sobre os mares
Conduz a estranho solo! A cada passo,
Tufos de puas, distillando nectar,
Palmas suando na ramage a cera,
No tronco o mel e o vinho, e na corôa
Os racimos de jaspe, leite, e oleo!
Lenhos vertendo o bejoim e a myrrha,
Pranteando em ramaes saudaveis gommas,
Nas hastes reçumando a nivea cera,
E no fructo o sabão, que tudo alveja!
Outros, manando da escabrosa casca
Vitrea resina, e balsamo cheiroso;
Lenhos que encerram no amago e na crosta
O cravo e a canella, o ferro e o bronze,
A purpra, e o aroma de mil flores!

Alli tudo differe! Como um chopo,
Sóbe o novo carvalho; e o novo pinho,
Bracejando no ar seus longos thyrsos,
De pinhões cuneiformes cobre a terra;

Similhando altas grimpas, varias plantas
Subiam, e dos flancos, em regaços,
Em tendas pannejadas, desprendiam
Doceis de varias flores e de fructos;
Outras, abrindo os vacillantes galhos,
Em constante remigio pareciam!
Algumas, candelabros simulavam
Retorcendo os ascanthos, que não viram
Nem Corintho, nem Roma em seus palacios!
Que estranha natureza! Havia plantas
Com franjadas umbellas, com alaras,
Com tridentes, alfanges, e rodelas
Emblemadas com veios de mil côres:
Umas se erguiam, procurando os astros
Como zimborios, e outras se abaixavam
Representando um mar esparcelado!

Tão bellas, tão facundas e animadas
Eram taes plantas e taes flores novas,
Que a Colombo, por vezes, parecêo-lhe
Ouvil-as discursar, e dizer cousas!
Parecia-lhe ouvir de umas queixumes,
De outras sorrisos, exprimindo affectos
Do humano coração! Esta, soberba,
Erriçada a espandir-se; aquella, humilde
A esconder-se ou fugindo á luz do dia!
Algumas, abaixando a fronte estavam,

Como si ao solo derramassem pranto;
Outras ufanas, pompeando as graças,
Ou armadas de espinhos, provocando
Os homens e as aves! Via o mesmo
Nas flores que encontrava desdenhosas,
Alegres, ou modestas! Que harmonias,
Que côres, que tecidos, e que fórmas!
A neve, o jaspe, a cera, o vidro, e a seda,
Na mimosa estructura apavonavam!
Envolto em polen, no amago cheiroso,
Um insecto se via, outro na folha,
E mais outro no tronco; e sempre em gyro
O mimoso colibrio furtacôres;
A jacina que o céo mostra nas azas;
O phasma que reveste as seccas folhas,
Ou a abelha zumbindo o vernal canto.
„Oh! quanto são formosas estas flores!"
Diz Colombo aos Lucaios, que respondem:
„São filhas de Potyra, alma das folhas,
Que as respira no sol co'a boca odora,
Quando o lindo Ybaté encurva o arco
Das sete côres, e arremessa ao longe
As iras de Tupan, senhor do raio!
Tendes muito que ver, si amais as flores.
Vamos, Senhor, por este valle aberto,
Do claro igarapé leito formoso,
Trilhando a margem de crystaes formada."

Proseguiram no valle, penetrando
Os ridentes meandros, sombreados
De uma luz verdeada e meia esquiva,
Mas propria a engrandecer a majestade
D'aquella solidão. Alli de novo
As bellezas cresceram! Nunca a virgem
Do Ilisso ennastrou nos peristylios
De niveo jaspe tão formosos votos,
Como espontanea a madre natureza
Neste edenico bosque. A cada passo,
A cada volta as dimenções cresciam!
A selva emmaranhada se occultava
N'um enredo de infindas parasytas,
Que vinham das vergonteas seculares
Á raiz millenaria espargelar-se!
Que concerto de vozes afflictivas
Quando o vento encanado e angusto tange
O cymbalo gemente, e na espessura
Reluctando furente rompe as peas
De membrudos sipós e açouta os troncos!
Que descante afflictivo, quando ulula
Na tristonha penumbra, e verga a selva,
Agitando-lhe os braços ennodados...
Diz-se-ia, ao vel-a assim, um povo inteiro
De ingentes Laocoons, agonisando
Longa morte entre serpes enroscado!

Proseguindo no curso, a um lago chegam,
Represo em escarpadas penedias.
Sobre uma d'ellas encontrou Colombo
Dous possantes madeiros destacados,
Estendidos em cruz! como pedindo
Naquella região, virgem de crimes,
Que um braço os levantasse ao céo, piedoso!
Quem da selva longinqua os remontara
Ao deserto calvario, e assim deixou-os?!
A tal encontro, commovido o Nauta
O joelho dobrou, cahio por terra:
Tanto em peito christão a cruz impera!

Não mais prosegue; vio alli seu termo,
E um aviso do céo naquelle encontro!
Incitado regressa: deixa o lago,
Desce o valle sombrio, e chega á margem
Onde amarrara o solitario esquife.
Pelo río demanda o porto e as naves,
E á gente que o circula prazenteira
Narra o que vira, com geral assombro,
E o que Deos lhes depara nesse emblema
Alli postado, não por dextra humana!
E a muitos move incontinente á obra
De erguer a cruz na destinada pedra.

Munidos de armas, de oleosos fachos,

Partem, cantando lithanías, psalmos,
Enchendo as aguas de harmonias sanctas,
E ungindo as selvas com sagrados echos.
Como attrahidas por divino impulso,
Viam-se as aves coroar a festa
Seguindo a pino com seus ledos hymnos
O reclamo piedoso da esquadrilha;
E por entre os arbustos, espantadas,
Immoveis, espreitando, ou fugitivas
Feras não vistas; e no chão, a medo,
Debruçados selvagens, que os Lucaios
Somente viam co'os peritos olhos.

Chegam ao monte, e se dispoem á obra;
Fere a alavanca o não calcado solo,
Base virginia do primeiro templo:
Saltam as pedras e a picarra unctuosa,
Abre-se a cova e se aprofunda em regra,
Emquanto os mestres os madeiros pulem,
E um tronco entalham e encavilham no outro.
Passam-lhe os cabos, sóbe a cruz: firmada
No chão, levanta para o cèo os braços;
Todos a encaram com prazer celeste!
Qual divina sancção, no mesmo instante,
Vio-se uma pomba esvoaçar em torno,
E d'entre um roto de encendidas nuvens,
Aureo raio do sol ferir-lhe obliquo,

Ungindo o cimo de brilhante lume!
Soltam todos um brado de alegria,
Querem todos saudal-a com seus votos,
Sagrar-lhe o solo, mas pondera o Chefe
Á sofrega equipagem deste modo:
„Esperai, inda não; falta-nos tempo.
Amanhã, filhos meus, em grande gala,
A Deos faremos a oblação devida.“

„Galas do coração escusam sedas.“
Responde um companheiro: „A Providencia
Colhe as flores do peito, os votos d'alma,
E não do fausto o passageiro brilho!
O que agora sentimos não se explica,
Nem a vida o repete! Oremos todos:
De joelhos, christãos, é esta a hora!“

E o Nauta obedecendo, entôa a prece
Que a uma todos co'um só labio e alma
Genuflexos diceram!
„Deos Eterno,
Senhor Omnipotente, a cujo verbo
Criador o espaço fecundou-se,
Soltando o firmamento, o sol e a terra,
E os ventos do oceano; sê bemdicto,
Sempre bemdicto em toda a parte sejas!
Santo, tres vezes sancto! que se exalte

Tua divina majestade sempre,
Por haver concedido ao servo humilde
O teu nome louvar nestas devezas!
Permitte, eterno Deos, que agora mesmo,
Como premissa deste sancto empenho,
A teu filho divino, grato offreça
Esta terra, e que os homens sempre a chamem
Porto do Salvador. E que assim seja.“

„E que assim seja!“ Repetiram todos.

COLOMBO.

CANTO XXXI.

Lá onde sempre e sempre ha existido
Em seu proprio existir a eternidade;
Onde cessam as leis do terreo mundo,
E a materia e a morte não se encontram,
Onde tudo é eterno, resplandece
O almo lume incriado, archêo fecundo,
Trina essencia de sí, vida infinita,
Jehovah! criador deste universo.

A seus pés, em silencio, suspendidos
Sobre fluidos divinos, respirando
As delicias do céo, estão felizes
Os eleitos de Deos, os que na vida
Do planeta inferior se sublimaram,
Vencendo pelo espirito a materia,
E a natura carnal pela divina.

Firmamentos de amor, soes de virtude,
Gozam no gremio da celeste estancia
Da ineffavel visão, do eterno enlevo
Dessas ondas de graça, que convertem
Os millenios da terra n'um segundo!

Nesse gremio de luz e paz sem termo,
Onde cessa a esperança, onde se attinge
O infinito almejado pelo engenho,
Vive o throno de Deos, e d'elle em torno
Os espiritos puros e elevados,
Os Anjos protectores dos planetas,
Os guias das nações, e os nossos guias.

Lá não soam jamais terrenos echos,
Porque basta ao eleito o pensamento,
E aos sentidos o fluido da verdade;
Porque o limo do campo damasceno,
Esse lodo mendaz fica na terra,
E com elle as miserias desta vida.

No meio dessa infinda claridade,
Que offusca os astros, um divino vulto
Somente em carne existe: Jesus Christo:
Porque n'elle incarnada a divindade
Da morte triumphou, ressuscitando.
Mais que a aureola dos martyres, purpurea,

Resplendem suas vestes; mais que a nivea
Das virgens do Senhor, brilha-lhe a face,
E seus olhos, pharoes da humanidade,
Do eterno Padre a eterna luz reflectem.

Para a terra que amara, para a ingrata,
Bondadoso supplica nova idade,
Como o fizera quando exposto e exangue
Sobre a cruz expirou, os brandos olhos
Fechando para abrir os d'alma diva
Na celeste Sião, onde benigno
Nossos votos transmitte ao Pae eterno.

Entre quatro planetas que figuram
Uma cruz, sempre vista, está sentado
Jesus Christo, o piedoso pae dos homens:
Junctos d'elle, rogando estão tres Anjos,
O da Europa, mais ledo, e os d'Asia e Africa
Inda á espera nos evos do futuro
Da palavra de Deos, que desprezaram.

Antes que as azas dos sonoros echos
O evangelho de Christo repercutam
Nas virgens naves do selvoso templo;
Antes que a graça sobre o chão pagano
O homem da natura regenere,
Já previsto no céo tudo se ordena.

Deos não discorre nunca; pensa, e obra
Pela força divina, que irradia
Mais prompta a vida do que o sol seus raios.
Elle pensa, e pensando, a uma tudo
Se sente esclarecido, sem que o tempo
Interponha outro espaço que o marcado
Em sua presciencia incomparavel!
Cada ser em si sente o que Elle ordena,
E dest'arte os celicolas sentiram
Este aresto tendente á nossa esphera:

„Mais um cyclo prefiz, uma outra idade.
„Cesse o reino brutal, venha o da mente,
„Pelo mar, diffundir em toda a terra
„Outra idade maior, mais progressiva.
„Aos tres Anjos da terra se una o quarto,
„E a cruz levante nessa bella plaga,
„Por Colombo a meu filho consagrada:
„Seja toda christã, e a Cruz venere
„Que em seu céo lhe guardei por tantos evos.
„Dous imperios terá ao sul e ao norte,
„Onde os filhos da cruz tranquillos achem
„A mansão do progresso e liberdade."

Flammante Cherubim no céo se anima,
Beija os pés do Cordeiro immaculado;
Vôa ruflando as diamantinas azas:
Seu nome é Neogêo, nome symbolico!

Eil-o que desce, e no preclaro adejo
Bolça-lhe o móto a tunica brilhante
Em amplas dobras, que no céo transluzem,
Como aos raios solares fulgurantes
As lacteas faces de encendida opala.
Flavo topazio tece-lhe a petrina,
Que ao seio estringe fluctuante estola
De rubins estridentes fimbriada.
Como harmonica-eólia bafejada
Pelas auras vernaes, no firmamento
Sôa, ao remigio das sonoras azas,
Um hymno sideral, que em cada nota
Uma estrella desprende no infinito!
Como é bello seu rosto, e quão serena
Pulchra innocencia lhe radia as faces!
Celeste majestade orna-lhe a fronte,
Que diadema solar fulgido cinge.
O lume do equador arde em seus olhos,
Vertem seus labios divinaes carismas
Que almas lascivas castificam, sagram,
E infundem mansidão, paz, e concordia.
Outro igual nunca vira a Aguia de Patmos,
No agnisterio dos céos, nem no Calvario
O cantor do Messias; nem o ideara
Mais formoso, ao deixar as bronzeas portas
Do tetro inferno o guibelino Homero!

No sereno descer, no calmo adejo,
Majestoso dilata os véos ethereos.
Auroras expandindo e melodias!
Mais clara e mais brilhante não desliza
Cadente estrella no sereno espaço.

Mas que é isto?!.. Prognostico funesto
Na esphera sublunar se conglomera!
Das profundas do globo, das arterias
Onde o fogo palpita em lava ardente,
Ronca a tuba do inferno! o mar se encrespa
Em laminas concentricas, bolhando
Qual fervente caldeira; no horizonte
Laceradas caligens se levantam
Perfilando phantasmas, que funestam
O mar inteiro com visões sinistras!

Do abysmo crystallino á flor prorompe
Abadão furioso, entre os demonios
Que da mente abortara, quando expulso
Do recinto celeste blasphemara,
E as palavras em monstros se incarnaram.

Pelo mar retorcendo os torvos olhos,
O tumido elemento espavorece!
Retrai os labios, e silvando iroso
Estridente esfusío pelos pólos,

No ar suspende os emanados monstros;
De um lance os mira e conta, e repetindo
O sibilo feroz, todos se movem
Á boca hiante do precito archanjo,
Que no peito os aduna, a roborarem
O vulcão de seus odios. Transcursando
Pela abobada etherea a vista infesta,
Mesto o senho retrai; ouriça a coma
Em longas massas, que serpeiam horridas,
Como a grenha fatal da saxea Gorgona.
Arfando o collo turgido, offegando,
Muge um suspiro, e pela face imberbe
Fogo tressua em luminosas bagas!
De horrenda majestade intumecido,
Varre co'a vista o firmamento inteiro,
Procura Neogêo, que lá no empyreo
Qual dubia nebulosa transparece.
Como o abutre cruel, debruça a fronte,
Dá tres passos no mar, e restrugindo
As bronzeas azas com fragor medonho,
Investe ao Cherubim, espadanando
Rajadas e trovões que o céo conturbam!
Na abalada feroz planetas choca,
Altera o gyro dos fataes cometas;
Turva co'as cinzas de estalados orbes,
De conflagrados mundos, todo o espaço!

Não cabe em céo e terra ira tão grande;
Tanto odeia os mortaes, e a Divindade!

Na orbita lucinia pára o monstro,
E á terra lança com minazes vistas
Mundos de pragas, infernaes vindictas.
Pensantivo, turbado, os lumes rola
Pela baixa extensão, na Cruz os fita
Que o Nauta erguera no deserto monte,
Colleia a fronte ameaçante, e falla.

ABADÃO.

Serva humilde do sol, filha do nada,
Terra que hei conculcado envolta em pranto,
Quando a mão de Adonai quiz revestir-te
De galas virginaes! onde te arrojam?..
Olvidaste-me, ingrata?.. Ah! nesses dias,
Meus dias triumphaes, onde era o braço
Do Custodio do céo que hoje te ampara?
De caligens e raios coroada,
Co'um manto de tufões cobri teu vulto;
Abri do cataclysmo os mortaes diques,
E os homens afoguei!.. O que eras, terra,
Em tal ensejo, e o que era o firmamento?!
Profugo o sol tremendo se escondia
Nos bulcões do infinito! um orbe, ao menos,
Não ousou prantear-te as agonias!
E tu, astro suberbo, sol ingrato,

Por mim milhões de vezes endeosado,
Escabello serás nest'hora horrenda;
Teu brilho offuscarei; no espaço a esmo
Como um frio pelouro irás rolando . . .
Para vencer-vos, não preciso lume:
Josué infernal, trevas invoco:
Perpetua noite, emanação do cháos,
Sorva o lume dos astros; haja um dia
Sem nascente e occaso: o Nauta o guarde
E a gente iberia, como um máo presagio."

Firma a planta no sol; co'manto opaco
Em parte o cobre, e co'as funereas azas
O resto eclypsa. Desparece o dia!
Suspendida nos céos a horrenda imagem,
Parecia do cháos o drago cego
Sorvendo o firmamento nas exequias
Do pallido universo . . . Além vedou-lhe
A mão do Eterno devassar os fluidos
Da urania raia. Sobre a Cruz attento,
Firmada ha pouco na recente plaga,
Immovel fica: nos vorazes olhos,
Que abrasa um pensamento, os raios cruzam
Do eviterno rancor; ferve-lhe a furia
Na face decomposta; os labios babam
Accesa espuma que desfia em flocos,
Qual fundido crystal; ruge, estrebucha:

Não lhe chega no horror touro abatido
Pela maça brutal do magarefe,
Mas inda em seu aspecto se vislumbra
Da celeste belleza a graça extincta.
Como o rosto de Adão, no paraizo,
Foi seu rosto formoso, quando risos
Dos labios venturosos dimanava
Antes que a mente de Adonai, offesa
Pelo orgulho e traição, o encadeasse
Na gehenna do mal; embalde as trevas
Dos abysmos na face lhe passaram:
Inda é bello, e ressumbra a majestade
Que outr'ora o céo preclaro lhe estampara.
Tão duraveis de Deos são os favores!

Envolto em luz divina, em graça, desce
O tranquillo Neogêo, rompendo as trevas
Que adensara Abadão na etherea estancia.
Na senda luminosa que seu vulto
Após deixa no céo, bebem os astros
Prefulgida harmonia, almo conforto.

Vara as métas celestes, fende ovante
A ardentia armillar, névoas informes,
Que mil astros encubam; cruza os ares
Dos frigidos planetas, dos errantes
Caudatos lumes da saturnia prole

Que em festiva choréa o sol circumda,
E supino a Abadão sereno pára.

Qual ferido leão, de um surto o reprobo
Investe ao Cherubim; e o sol radiando
Mais terrivel lhe avulta a catadura!
Como d'insita força constrangido,
Retrocede convulso! Pára, e ri-se
Como o fatuo vencido, que no offego
A vingança respira. Fita o Anjo,
O inferno pelos olhos marejando:
Sagitam-lhe as pupillas trucidantes
Electrico veneno, qual a ethiope
Serpente que da vista lança a morte
No berço escuro do vetusto Nilo.
Arma no gesto de sua alma a furia;
Asperrimo crepita d'entre os dentes
Não sorriso, mas odio que regela
Corações abrasados! Nunca Siva,
Do seu throno de neve, mais terrivel
Ao Indio se mostrou, e nem nos Andes
O faminto condor ante a vicunha.

ABADÃO.

Antes que a terra um cemiterio fosse,
E as aguas do diluvio aprofundassem
De Adão a sepultura; antes que o crime
Na infausta gleba se assentasse ovante.

Como a estatua da morte sobre a campa
De Abel insonte, a victima primeira,
Teu senhor não temia, e ora o não temo.
Como elle, immortal, meu throno assento
Na escura eternidade; em prelio infindo
Nossas mentes se cruzam no universo!
Si a d'elle é alma e vida, a minha é morte;
Si elle cria, e aviventa, eu aniquilo:
Ambos temos poder, ambos reinamos.
Arripia teu lance temerario.
Espirito servil! deixa o selvagem
Feliz adormecer na patria virgem,
Virgem dos crimes da européa raça.
Mais brandos que o teu Deos são os seus deoses,
Que não erguem fogueiras nem torturas.
Antes que a Cruz ampare a nova plaga,
Immersas no oceano hão de estas naves
Sepultar-se sem gloria, sem triumpho;
E o louco Genovez, e a sua gente
Terão por lousa as ondas, e epitaphio
A voz do furação, que hirá bramando,
Como um ebrio elephante, e sobre a terra,
Em pó volvendo a cruz, ha de o meu reino
De novo restaurar. Para vencer-te,
Inda mesmo que a Igreja aqui levantes,
Recursos me não faltam, nem sciencia.
Nas entranhas dos montes hei plantado

Aureos veios, e basta!.. O crime avulta
Emquanto arder cubiça nos humanos."

Rutilou Neogêo! flamma divina
Brilha em seus labios: com a voz celeste,
Que os montes muda, que mil harpas vence,
Ao reprobo fallou; o inferno o escuta.

NEOGÊO.

Rebelde e ingrato archanjo, em vão coroas
Teu orgulho e rancor d'impia fallacia.
A suberba te cega, oura-te a mente,
E o crime eleva ás illusões da insania.
Com lagrimas de fogo não se extingue
A flamma do remorso, e nem se rega
O lyrio virginal de alma esperança.
Profuga sombra de queridos tempos
Vai ser a nova terra em teus anhelos;
O callinico fogo que te abrasa
Eterno queimará teu seio impuro.
O oceano da dôr, sem penitencia,
Não tem auras suaves que o acalmem.
Aos pés daquella Cruz cahio teu reino:
Marco divino, novo imperio assella!
Nos espaços do tempo suspendida,
Como eterno padrão, será deste orbe
Pólo divino, recolhendo o lume
Do sol da redempção, de Jesus Christo.

„Cahiste, como um astro reprovado,
Nas entranhas do cáhos. Abate, oh réprobo,
A cerviz entonada ante os arestos
D'Aquelle que entre os dedos refulgentes
Compassa a eternidade, e prende os mundos!
Á vontade superna escravisado,
De sua alta justiça has sido sempre
Um passivo instrumento, e não, qual pensas,
Um rival do Senhor omnipotente!
Hoje em teu punho o gladio fratricida
Vôa em cinzas, inerme, a consumir-se
Nos abysmos do nada! Estás vencido.
Frouxo em teus labios o halito da morte
Não respira destroços, nem abala
A Cruz do Salvador! . . Estou presente.

„Nas azas do aquilão ergue-te, ordena,
Conturba o mar e o céo; raspa da terra
Os ledos campos, millenarias selvas;
Sorve os rios e os lagos; ergue os pampas
Ao cimo do Antisana, e, si mais podes,
Com teu braço razoura os altos Andes,
E as ondas do oceano contra os muros
Da cidade do sol bate, e sepulta
Nas profundas do pégo o Amazonas,
Futuro assento do mais rico imperio!
Converge o teu poder; na mão aduna

As furias infernaes; toma esse lago
Bordado de vulcões, berço do Mexico,
E com elle submerge, afunda, e some
Estas naves que odeias, que conduzem
O Emissario da Cruz? Teu braço é dardo
Contra muro pelasgio! . . Estás vencido.

„Em vão, gemea do inferno, a tua lingua,
Placenta da impiedade e da blasphemia,
Mundos de pragas sobre a terra aborte:
Primeiro o fim terão do que o principio,
Qual o fructo de entranhas estaladas,
Feto informe, que morre antes da vida.
O Deos que é puro amor, e amor infunde
Pela luz da verdade, d'ora avante
Reinará para sempre, sempre, e sempre
Na nova terra, que o meu braço ampara.

„Quando os raios do sol a Cruz beijarem
Da nova igreja, e ao som dos hymnos sacros
O Astro do Calvario for subindo
Do altar ao céo nas mãos purificadas
Do antiste; quando o nauta genuflexo,
E a iberia gente despedir sua alma
Nas azas da esperança entre perfumes,
Ver-te-hei no proprio throno encadeado,
Qual escravo feroz, e nessa fronte

A serpente do Eden, convertida
Em diadema, instillar em teus remorsos
Os venenos do inferno, e n'outro inferno
Tua alma corroer eternamente.

ABADÃO.

Estulto Cherubim! . . . Estou vencido?
Sou passivo instrumento? eu, que na terra,
Desde a infancia do homem, sempre ovante
Altares conculquei?!.. Está vencido
Quem em troco de um gesto voluptuoso
Aos pés de Salomé rolou a fronte
Do Baptista, o propheta do Messias?!..
De quem era eu escravo, quando os templos
Do Oriente abati, e alcei no Moria
Salomonico as aras de Cyprina?
E quando oppuz eunucos e mancebas
Aos Bazilios. Gregorios. e Chrysostomos?..
Em que algemas estava, quando a igreja
Fugia á luz do sol nas catacumbas,
E o vigario de Christo entre os cavallos
De Cesar colloquei, como um vil moço?!

„Parvo de um dia, deslumbrado ainda,
Sem memorias, nem posses, nem triumphos,
Ao senhor dos eventos, coroado
Por millenios de gloria, ousas lançar-lhe
Insano repto, como um cego ás nuvens?!

Inda me não conheces!! Retrocede;
Cia o louco remigio; olha o passado,
Reflexo do porvir, e si o não sabes,
Escuta e pasma, que em narrar me ufano:

„Fui eu que nos festins profanadores
Do fero Balthazar co'o dedo ardente
O epitaphio escrevi de seu reinado,
E ao Persa ingresso dei, torcendo o Euphrates!
Quiz vencer Daniel;.. e então irado
Soprei, e Babilonia envolta em flammas
Na terra incinerou-se; e puz-lhe um ermo
Sobre as moles de argila e de granito,
Antes que o deos infànticida houvesse
Rendido a Jehovah os meus altares.

„Sentado no Kailaça, juncto a Siva,
A Cyro usurpador, e ao Macedonio
Dei o gladio da morte, cujo fio
No Sindo temperei. Cahio Persepolis,
E o pó das aras, e esbroadas torres,
Co'o sangue de seus reis argamaçado
O meu culto firmou, que um mago ousado
Começava a aluir, seguindo a flamma
No seu vôo celeste! Arrebentando,
Qual supino trovão, Antiochia.
O berço do Athanasio, Cesarea,

E a cálida Thebaida baquearam,
Como as outras igrejas, que o meu dedo
Foi minaz derruindo a um leve toque.

„O que é feito de Memphis, que plantara
Na zona nebulosa seus moimentos?
Ao sopro do simum turbilhonando
As pesadas esphinges se esbroaram,
E o Nilo seus pronáos cobrio de lodo!
Sentado sobre a fronte de granito
Do harmonico Memnon, bradei a Osiris,
Quando o sol rutilava: Morte ao fraco!
E o delta á minha voz fechando o río,
Nos pilones titaneos dêo ingresso
Ao voraz crocodilo! Veio o alarve,
No frisão do deserto, alçar a tenda
Onde Moris reinou, abrir-lhe a tumba,
Com a mumia real coser o cibo,
E erguer aos céos o semilunio ovante!
Quem se oppoz a meu braço, quando livre
Nos dados do selvagem Trasibundo
A Lybia aventurei, quando Carthago
Suas cinzas mesclava ao pó sangrento
Do rival Capitolio? Olhei Athenas,
Os Phidias expiraram! gemêo Jupiter!
E a penthelica Pallas desabando
A cidade esmagou: de Pan na gruta

A estrige emmudecêo, e ante Demetrio
Corrompido cahio o Areopago!

„Da aguilhada de Vampa fiz o sceptro
De Witiza e Rodrigo; e por Florinda,
Em repudio ultrajada, dei Eylata
A bella filha d'Afer, como Venus,
Pelas ondas lançada juncto ao Calpe,
Onde o Mouro aportou, cevando os odios
Do offeso Juliano, amor do inferno!

„Dessas do Eurepêo não vistas plagas,
Onde aspiras fundar templos a Christo,
Hei de as grimpas sum̃ir no vasto oceano,
Qual fiz de Adão ao berço, hoje guarida
De feros lamantinos, de espadartes,
De extinctas raças, que empedrou o abysmo,
Onde o triste mineiro ouro procura.

„Onde está teu poder? Evoca, arranca
Do seio do deserto, redivivas
Palmyra e Troia, e aos olhos meus se mostrem
Niveas surgindo da poenta campa!
Anima essas ossadas espalhadas,
Que a fuligem, a hera mal sustentam,
Erguendo os rotos braços, simulando
A hora da agonia; e, si o não pódes,

Bebe nos echos que o passado envia
A tremenda lição; e á esphera pura
Retrocede suadido; que estes ferros,
(E no espaço as cadeias retiniram!)
Hão de os pulsos magoar do audaz Colombo,
Como premio devido a tanta audacia.

„A vedeta infernal, que a côrte habita
Do cioso Fernando, cuidadosa
Já no throno infundio lethal veneno!
Quem vencer não almeja está vencido:
Será minha a victoria. Ah! não pelejes,
Que então . . . ai do universo! então irado,
Co'a mortalha do cháos hei de cobrir-me,
O sol espedaçar, volvel-o em cinzas,
E a face ennoitecer do firmamento!

„Oh! vingança suave, gloria eterna,
Para a qual curto foi do inferno o abysmo,
Do infinito rival! Escuta, e guarda:
Fui eu quem se incarnou juncto ao Calvario
Na dextra de Assuero, . . . e sobre a face
Do Christo flagellado . . ."
„Basta, oh monstro!"
Com voz que retumbou na eternidade
Lhe rompe Neogêo, fogo lançando
Que a face de Abadão tisnou, e a coma
Como um bosque inflammado ardêo hirsuta!

Cobre o rosto Neogêo co'as mãos celestes;
Subita noite o firmamento invade,
E o monstro irado, as azas restrugindo
Com horrendo estridor, o pranto abafa
Que exhala a natureza; adarga a fronte
Toda em lume abrasada, e no oceano
De xofre se mergulha!
O mar se entona
Qual fervente vulcão; um torvelinho
Remoinhando nas ondas, cava o rasto
Do punido Abadão . . . Tudo é desordem!
No meio desta scena triste e horrenda,
Do fundo do oceano estrala um riso
O satanico chefe, que de novo
O mar levanta em bolhas referventes,
E á tona eleva desmedidos monstros,
Que a luz não viram desde a infancia do orbe!

No recesso dos céos, batendo as azas
Que expandem melodias, vôa o Anjo
Sereno e triumphante; e desprendendo
O Cruzeiro do Sul, planta-o na terra,
E ao céo remonta em luminosa traita.

Rastro de luz brilhante após seu vulto
No céo rutila, qual caudata estrella;

No formoso adejar lumes despede;
Desabrocham no céo jasmins ardentes,
Estranhas melodias, que baixando
O mar alastram de sonoras luzes.

COLOMBO.

CANTO XXXII.

Era o senior Pinzon adrede opposto
Aos planos do Almirante; fustigado
De um orgulho sedento, e possuido
Do demonio feroz da ingratitude,
Não via n'elle um chefe esclarecido,
Mas vindiço estrangeiro, alma egoista,
Usurpando-lhe a gloria, o posto, e os lucros,
Que uma cega vaidade concebera
Nos aculeos pungentes da cubiça.
Colombo, que do mal só via a cura
Juncto aos pés de Isabel, prudenciava,
Azos não dando ao calculado ensejo
Da ruptura anhelada, e abastecida
Por occulta revolta, e impias argucias.
Ás settas da invectiva oppunha os alvos
Da brandura e civil comedimento;
E ao repto de acintosos contramandos

A evidencia de provas sem recusa.
Convinha-lhe espaçar, que o tempo ás vezes
De uma espera afflictiva a sorte muda.
Longe o braço real; em terra inculta;
Entre gente infiel, que o fero instincto
Irmanava e unia, era forçoso
A revolta antepor do justo as armas,
Té que Deos lhe impozesse um desenlace.
Fôra a chusma da nave capitanea
Composta de estrangeiros e empregados;
Uma quasi familia em sangue e patria
As duas tripolava; os que não eram
Parentes dos Pínzões eram amigos!

Como prompta e segura dava a Pinta
O atrevido piloto, suspirando
Pelas terras douradas, por Bohío,
A grande habitação, ou por Quisqueia,
A terra immensa, ou por Haity montuosa,
Onde de aureo metal, segundo os incolas,
Era o alvéo dos ríos! Taes excessos
Magoavam Colombo, e mais ainda
A triste realidade, comprovada
Na inspecção que fizera á capitanea,
Totalmente arruinada! Tinha o casco
Qual colmeia de alveolos rendilhada;
Na quilha, sem reparo, um crivo aberto;

Os talões e carlingas mal seguros,
E o cadaste aluído pela broca!
Aguia marina, depennada á furia
De encontrados tufões, como salvar-se,
Si a onda em que balouça, em que periga,
Não a leva ao rochedo em que nascera?

Tal noticia Pinzon e a sua gente
Com dolosa tristeza receberam,
Vendo n'ella um favor a seus projectos.
Para recto marchar, Colombo chama
Os mestres e os peritos a conselho :
Expõe-lhes com mestria toda a ruina,
As angustias do ensejo, os prós e os contra.
E aguarda as decisões da experiencia.
Vicente, o probo e illustre, franco opina
A favor de um reparo, inda que lento,
E engenhoso discorre, indica os meios,
Desfazendo embaraços e perigos,
Que uma forte vontade a custo vence.
Martim, que allia o crime á hypocrisia,
Alto propõe da nave o abandono,
Comprovando a penuria de materias,
N'um reparo e querena em regra feitos
N'aquellas solidões; diz que o seu zelo
Se equipara á verdade, e que a sciencia
De um longo tirocinio isto aconselha.

Arana vai com elle, e firme opina
Por um prompto regresso á terra patria.
Tapia o segue, mostrando os bens e o fructo
De uma rapida volta: „Ouro, accrescenta,
Temos pouco, mas basta; temos Indios,
E com elles as provas, e a esperança
Dos favores d'el-rei, não convencido.
Aos mestres escaceam instrumentos,
E o ferro sobre tudo, mas não fogem
Do trabalho e do tempo que elle pede.

COLOMBO.

Si um reparo total não é possivel,
Menos um abandono! Aquelle meio
Mais seguro parece, este impossivel,
Que inutil perda envolve, e á vil intriga
Raciocinios dará de máo alcance,
Si não azos prestar á vil calumnia.
É tão facil a emenda do passado,
Quão deficil o acerto no futuro.
No bivio em que me acho, bivio angusto,
Tenho um meio, que a dubia sorte inspira,
Mas não quero exhibil-o sem estudo.
O arbitrio que uma hora nos suggere,
Póde em outra cahir, si nova idéa
No consenso geral encontra apoio.
Assim pois, meditai, tendes um dia.
Si eu fôra só, briosos operarios,

Comvosco hiria já, sem reluctancia.
Trouxe ferro bastante, e vi nas selvas
De inteiriças galés troncos capazes;
Quilhas subindo do raiz aos ares;
Mastros flexiveis como o aço hispano;
Oleo suberbo a distillar dos troncos;
Cera alvejando nas vergonteas de outros,
E no chão a resina lourejando!
Que mais se quer de Deos?!.. vi tres cortiças
Da mais bella, tenaz, e fina estopa!
Si eu tivesse tres homens do meu pulso,
Até bronze haveria destas ilhas.

MARTIM ALONZO.

Vosso alvitre occultais no ingrato ensejo
Em que a sorte requer iguaes esforços!
Recusais o reparo, o abandono,
E a idéa de voltar, por outro sonho,
Que possivel não é nestas devezas.
Tal não é meu pensar, com quanto ao vosso,
Por dever, sempre acate; e mais não digo.
Offender a mim proprio em vão quizera,
Desleal opinando. Idéas fixas
Não entram no varão que a lucta enceta
Co'os varios elementos, e ao acaso
Se entrega firme, heroico, como o hei feito
Neste arrojo, por sabios reprovados.
Em minhas veias não circula o medo,

Nem prevenções meus olhos embaraçam!
Convêm deliberar, urge-o o perigo,
E o serviço d'elrei, a quem adoro
Como a imagem de Deos! É lealdade
Os recursos da mente abrir esponte,
Quando o mal já propinquo iguala a sorte
Dos que o vosso destino compartilham!
Peza-me o encontrar vossas idéas,
Porque docil nasci, mas previdente.
Si um dia deslisei, foi apoiado
Nas lições do passado: hoje convicto,
Ninguem meu zelo excede em prol da patria,
E amor dos meus amigos. Cavalheiro,
De sangue hispano e de briosos feitos,
Mais nobre coração que o meu não vejo!
E quanto ao mais!... que o diga o mar e a terra!

COLOMBO.

Tendes mais algum meio?

MARTIM.

Um, que aceito,
Meio termo feliz que tudo salva:
O reparo, a conquista, a volta á Hespanha,
E a esperança de el-rei dar-nos a dextra,
Si quereis proseguir nas descobertas.
Nossa gloria é commum, todos o sabem;
E o premio, n'um rateio, é de justiça.
Quem me ouvir prevenido, está coacto,

E a razão tem nas trevas algemada.
A Pinta, que eu commando, não é digna
De ter o Almirante, e muito menos
A Nina, como sabem. Fique o Chefe,
Emquanto se repara a capitanea,
Com meu querido irmão, mestre da Nina;
Que eu quero, oh grande nauta, um penhor dar-vos
Do meu renato affecto: Venha a róta,
Que aos confins do universo irei sozinho!
Sciencia, ardor, coragem não preciso,
Só preciso, Almirante, desta graça.“

Votam todos por elle, contra o Nauta,
Que se oppõe ao regresso e ao abandono.

COLOMBO.

Separar-nos? jamais: não o consinto.
Separar é dar azos á fraqueza.
Si esta gloria é commum, soffr amos todos
O que o tempo e a sorte nos reservam.
Si a Pinta naufragar, o que é possivel,
Quem d'ella saberá n'um mar deserto,
E praias inda ignotas? Si meus brios
Aqui baldados forem, póde a Nina
Sem perigo conter minha equipagem?!
Deixar os meus aqui para buscar-vos?
Si um sinistro occorresse, quem me isenta
De igual sorte esperar? Onde o roteiro

Que aponte a el-rei a praia em que jazemos,
Para um prompto argonauta vir salvar-nos?
E de mais, que fiança nos promette
Uma gente que foge ao nosso trato?

MARTIM.

Os selvagens por deoses nos tomaram . . .

COLOMBO.

Mas si acaso um morrer, esvae-se a crença.
Si algum de vós cahír á setta irada
De um esposo offendido, ou si a cubiça
Por mão de Satanaz?... Luz que não cega
Deslumbra, e o deslumbre é passageiro.
A mão divina, que me trouxe a salvo,
Inda existe nos céos, e d'ella espero
Novo amparo e ajuda. Si esta noite
Vosso Anjo da Guarda dér conselho
De um quilate mais alto e convincente,
Juro inteiro abraçal-o; do contrario,
Amanhã partiremos todos junctos.“

O dia decorrêo no assiduo empenho
De nova vestoria: tudo o Nauta
Com minucia revio, palpou cuidoso;
O perigo era igual ao susto; e os mestres
Com pericia fiel nada occultaram.
Um dos Lusos, que fôra á vestoria,

Sem cessar repetia: „Commandante!
Enferma vejo a capitanea, e muito,
Mas não morta, si um tempo bonançoso
Nos vier ajudar. Em mais doentes
Fiz viagem redonda ás ilhas afras,
E a Lisbôa voltei a são e salvo;
Porque a nós Portuguezes, é sabido,
O oceano de ha muito ama e respeita.
Não sou leigo no caso; hei sido em Faro
Carpinteiro alguns annos, e o sería
Si do mar não gostasse, e de um commercio,
Que em dez annos me augura independencia.“

Na seguinte manhã fez-se o conselho.
Cada membro propoz voto diverso,
Menos Martim Pinzon, sempre disposto
A ir só perlustrar novos paizes.
Dêo-lhe a noite palavras calculadas,
Lisongeiras ao chefe, e freio aos odios.

O varão perspicaz, alma inspirada,
Possue o dom de definir as almas.
Mesmo nas faces á perfidia affeitas.
Á natura voluvel dos que o amam,
E aos instinctos feraes dos que o invejam,
Colombo entregue, e em Deos buscando auxilio,
Tudo em sí concentrar vai d'ora avante.

Deixa a indulgencia, mal do vulgo aceita,
Que traduz em fragueza a sapiencia
De quem manda, si pede alheio aviso.

Deixa Cuba, e velleja á terra amiga,
Impellido de um impeto secreto,
Dessa voz que no imo implanta a crença,
Como um raio surgido da esperança.
Busca, para vergonha dos que o seguem,
Do selvagem o amor, que o fero egoismo
Eclypsara nos seus, co'o disco ingrato
De uma louca ambição, tão mal assente.
Retrahido nas sombras do silencio,
E firme em reparar a náo, demanda
A plaga hospitaleira, onde mil braços,
E a vontade de um rei unida á sua,
Deviam supperar tão grandes obices,
Da fragueza, e ma fé só germinados.
Os que vira artefactos delicados,
Antes que o Indio conhecesse o ferro,
Em sua alma vidente comprovavam
De que em breve teria habeis artistas,
E com elles e escopo ousado e incrivel
De uma náo construir, em que enxerisse
Quanto o verme poupara á capitanea.
Vergame lhe offrecia o tronco esguio
Do rijo ipé, e as pranchas e as cavernas

A loura grapiapunha, só da téca
Indostana igualada em força e dura!
Alma fecunda, não temendo azares,
Tinha a fé do engenho, a nobre crença
De que á mente capaz e á mão brjosa
Rebelde se não mostra a natureza,
Quando a fronte em suor dirige os membros.

Tocado havia o sol no capro intenso,
Quando o Nauta deixou de Cuba as praias.
Á leste vellejava, tendo a Pinta
Obliqua a sotavento, emquanto a Nina
A flanco e barlavento se equipara
Co'a lenta capitanea. Veio a noite,
A noite dos pastores e presepes,
Em que véla a familia, e canta o galo
A estrella do Messias; noite amada,
Que em seu véo estrellado esconde o lume
Do dia de Natal, tão caro a todos
Que hão bebido na pia a lei de Christo.

Mar e céo n'um sorriso luminoso
Se abraçavam tranquillos; como um nectar
De salutar virtude, o ar entrava
No peito e coração, dando a alegria
Do enfermo que entre flores convalesce.
Havia no ambiente esse perfume

Só dado á zona estiva, que sereno
Inebria, e no corpo, manso e manso,
Um deliquio ineffavel grato infunde,
E ao somno invita os fatigados membros.
Era o hora em que a torre de Sevilha
Á missa do Natal convida o povo.
Sobre o duro beliche, mal despido
Repousava Colombo dos embates,
Das vigilias tristonhas, e cuidosas
Contra tantos imigos reactores,
Contra as novas insidias que previa.
Pela fé natural que o homem puro
Deposita nos seus, ao mestre Giacomo,
Como o heróe genovez, sabido em mares,
O rumo confiou, postando ao leme
Um velho catalão, n'agua nascido.

Quem nunca respirou desses favonios
Saturados do polen de mil flores
Os suaves effluvios, desconhece
Esse brando declive em que a vigilia
Se desliza insensivel, muda e molle,
Á meiga estancia de um elysio somno.
Á magia do clima cedêo Giacomo,
Sobre um largo escabelo adormecendo:
Dir-se-ia ao vel-o, sentinella immovel
Na bitacola o rumo vigiando.

Era magno o silencio; mal se ouvia
Ciciar no cordame o vento amavel,
E a onda sussurrar na prôa e flancos.
Cioso o catalão de um mal guardado
Saquinho em que escondera armillas de ouro,
A um grumete novel entrega a barra,
E ao porão se encaminha a surdos passos.
Parecia o convez campo de mortos,
Pois que a turma de quarto dormitava.
Demorou-se o marujo, um outro estava
Em seu posto deitado, qual se fôra
De contagio dormente alli prostrado.
A mudez, o calor, o sitio, o uso,
E a propria escuridão, n'elle influiram,
E n'um rolo de pannos foi cahindo,
Do serviço olvidado, e resomnando.

Que seria do homem descuidoso
Preso ás leis da materia, ás contingencias,
Si o espirito incriado, insomne, e eterno
Não velasse por elle? Assim na terra
Os destinos de um povo ás vozes dormem
No gremio da indolencia, como agora
Os destinos de um mundo ás mãos entregues
De um grumete que mal decifra a agulha,
E que o leme nas mãos jamais tivera!
Natura humana, do egoismo escrava,

Si um sagrado dever a não liberta.
Ha no homem moral, sem que elle sinta,
A febre imitativa, esse contagio
De luz e trevas, de virtude e crimes,
Alma e corpo de factos, causa e effeito
De heroismo e beixeza: tem a séde
No exemplo, e no tempo as consequencias.
Quem á febre resiste, o mal evita,
O futuro edifica, e a Deos pertence;
E o que cede, firmado em vãos sophismas,
Lá vai á perdição. Os máos se escoram
Por instincto fatal sempre em exemplos,
Como si um crime innocentasse o outro!
E assim, reconstruindo a lei que os rege,
Vão contentes, sem peso, deturpando
A missão do dever, á que nossa alma
Deve escrava cumprir no purgatorio
Desta vida, prefacio de outra eterna,
Em que o Grande Juiz tudo pondera!

Similhante a um infante transviado
Sobre a aresta de escarpa montanhosa,
Em cuja base, n'um abysmo aberto
Véla a morte, do fundo de um ribeiro,
Assim vagueia no oceano, a esmo,
De Colombo o navio! . . Era destino,
Ou talvez de Pamorphio ultriz designio

Nesse tanto dormir de tanta gente!
Sobre os cabos da barra, entorpecido
Tambem cai o grumete! Dormem todos!
Como nave que a peste ermara, e boia
Ao capricho dos ventos sem destino,
Vai a *Sancta-Maria* desgarrada,
Á corrente do mar cedendo o rumo!
E assim foi longas horas; tristes horas,
Em que o somno e o silencio eram pilotos,
E o acaso o seu porto malfadado.

Disperto o moço ao som de estranho ruido,
Volve os turbidos olhos no horizonte,
Vê as ondas rolando estrepitosas,
E alvejando a ardentía; sente a nave
Descahindo sobre ellas! Grita — alerta,
E a seu grito disperta o Almirante!
Bate o casco na areia; acode o Chefe,
Que de um lance abarcou todo o perigo!
Enfunadas n'um banco se levantam
Refervendo as maretas marulhosas,
Quaes tendas que o simum infla, e lacera!
Acorda o Chefe a turba ao som rouquenho
Da bosina; repica o sino o alarma . . .
Era o dia final! Como phantasmas,
Percorriam-lhe em torno ondas errantes,
E a bordo, quaes duendes incarnados,

Pelo pando convez titubeando,
Erra a chusma sem tino, amedrontada
Pelo caso, e a noite que duplica
A tristeza e o horror em taes ensejos.
„Lancha ao mar; (brada o Nauta) e n'ella um ferro
Atado a um cabo do maior calibre.
Vinte homens á popa; ale-se a espia,
E dest'arte se salve a Capitanea,
Que inda não encalhou n'areia o casco.
Alija; arreia as vélas; com machados
Piquem-se os cabos, caia o mastro grande;
E o que inutil carrega, ao mar se lance."

„Não ha gente capaz" brada-lhe um Luso,
Toda o tino perdêo. Uma promessa
Á Senhora da Penha, Commandante,
Uma vela.
Responde o Chefe: „Duas,
E uma missa descalços pediremos."

Talha o ferro as ensarcias, range o mastro,
Cái obliquo, volteia, e pela borda
Vai ao mar, entra, sobe, e ao longo boia.
Corre á popa Colombo: „Estou trahido!"
Brada ao ver frouxa a espia, e sem ter ferro!
Nas arestas do mar rompia d'alva
O primeiro clarão; e já se via

Do alto chapitéo, por sobre as ondas,
Traçada a Nina, balançando os topes.
Mas onde a lancha salvadora? Ao longe,
Qual ave fugitiva se afastava,
Buscando o portaló da Nina surta.
Batêo a Capitanea, e foi rangendo
Pelo banco, das aguas rebatido!
Era esse rangido um terramoto,
Que em breve, disjunctando a náo cançada,
Abriria nas fauces de uma vaga
Os abysmos da morte, e do naufragio!

„Vamos todos morrer! Misericordia! . . .“
Era a voz do terror na realidade!
Uns ja viv'res nos botes vão lançando,
Não por ordem do chefe; outros de antenas,
De barris e de pranchas, larga balça
Á pressa urdem, quando brada o Chefe:
„Suspendei! lá vem gente a soccorrer-nos!
É que a lancha perdêo o ferro, e á Nina
Foi auxilio pedir: são dous esquifes.“

Todos immoveis, boquiabertos, pasmos,
Co'a vista sobre as vagas, pareciam
No avido olhar e sofrego respiro
Sorver as lanchas que a salval-os vinham.
Uma a uma das ondas acolhiam

Nos seios d'alma inquieta cada arfada
Que os cadentes remeiros superavam.

Vai baixando a maré; a náo já pende,
Mas sem agua fazer. Da Nina a lancha,
Toda em armas, reboca a que mandara
Salvar a capitanea, ha pouco, o Chefe.
Sóbe a chusma ao convez com réa face,
E após Vicente, que assim falla ao Nauta:
„Rompia o quarto d'alva, quando ao longe
Senti vosso pharol perto de terra,
E das ondas da praia a roncaria!
A corrente era forte, tive medo,
Amainei, e na areia puz os ferros.
Da Pinta não sabendo, alli seguro
Pelo dia esperava e vossas ordens.
Vendo vosso pharol aqui parado,
A mim mesmo louvei do que fizera;
E assim á espera estava quando ouvimos
Bradar toda esta gente: naufragamos!
Por vós e pelos outros inquirindo,
Vi logo da traição nas balbas vozes
O enleio cobarde, vil, nefando!
Não os quiz receber, e aqui os trago
Como vis refractarios, que romperam
Os ferros da justiça. Commandante,
Heis sido bom de mais! crede, comvosco

Este crime deploro, e este naufragio.
Vossas ordens? Sou vosso d'alma e corpo.

COLOMBO.

Um abraço, Vicente: sois um homem!
Ao tempo entrego vosso nome egregio,
E a Deos tanta virtude . . . Felizmente
Nas praias do Cacique bondadoso
Naufragamos, não longe, si bem penso,
Do porto em que firmei nossa bandeira.
Levai Arana, e Tapia, e um Indio á terra,
Em busca desse amigo, emquanto á ilha
Pela voz das bombardas me annuncio.
Dizei-lhe que aqui estou, que me soccorra
Com canôas e gente, não como esta
Tão vil que de christã só tem o nome.
Tudo quanto é d'el-rei, e da maruja
Quero presto salvar, tirar da nave
O que Deos permittir nesta occurrencia.
Isto feito, buscai porto seguro,
Ou abra amiga em que se acolha a Nina,
Nossa bôa esperança; porque a Pinta...
Ah! não ouso dizer-vos!... Deos a leve."

Era brando o terral; ardia a leste
Uma barra de prata no horizonte.
Sobre a qual dos coqueiros se estrellavam
Os formosos cocares. Era dia.

Á voz do chefe trôa a bordo o bronze;
E a lancha de Martim á terra vôa.
Mal tinha retumbado um novo tiro,
Já na terra, qual echo, resoava
O trocano real, e nas aldeias
As inubias, as flautas e os tambores,
Reuniam os butios e os guerreiros.
Lá vem, como a torrente pluviosa
Colleando nas mattas e nos valles.
Guacanagári presto, abrindo os braços
Ao Ligurio saudoso, como o filho
Que ao seio paternal corre apressado.
Similhantes a feras nunca vistas,
Veem descendo dos montes, veem dos valles
Bicentipedes lenhos sobre a espalda
De undosas legiões; entram nas aguas,
Poem a nado os esquifes, trepam, remam,
E ao Nauta chegam com festivo enleio!
Entres elles vôa em sinuosas ondas
O que o rei traz na proa em pé, brandindo
A adaga que lhe dera o Almirante,
Como um signo de amor e de saudade.
Mal toca o portaló, de um salto vôa
Aos braços de Colombo: era o seu riso
Como a flor matutina inda orvalhada;
Era um riso de amigo, um riso d'alma,
Que a lagrima nos olhos diamantisa.

GUACANAGARI.

Onde estou, afugentam-se os perigos,
Como as aves ariscas vendo a flecha
Na ramagem zumbir, ou sobre o río
O kaiman, quando atroa a voz do tigre.
Queres braços? os meus; auxilio? todo!
Quem tem o coração tem todo o corpo,
E a vontade que é tudo neste mundo.
No mar tens trinta igaras, de que treme
O caniba sangrento, e lá nas praias
Tres mil arcos que valem tres mil peixes!
O zemel Iroponti, o que resplende
No azulado ubekú, e baixa á terra
Sobre a nivea alliron, fez de teus males
A fortuna dos meus. Estou comtigo:
Falla, commanda! serviremos todos.

COLOMBO.

No teu peito real, céo de bondade,
Pulsa de um anjo o coração piedoso!
Serei grato, arrancando ao limbo escuro
Essa alma feita para a luz eterna!
Quero tudo salvar; e a ti confio
Minha vida e a náo, pois que não tenho
D'el-rei um bom vassallo, sim traidores,
Que em breve punirei. A cobardia
E a indiff'rença são crimes, porque nascem
D'eivado coração.

GUACANAGARI.

Tudo se faça.
Ordena: e que esta mão seja trincada
Da piranha voraz, si leve penna
Em terra extraviar-se, si um cabello
Dos teus for offendido! Eu volto, amigo!
Tenho ordens a dar. Começa a obra;
Aqui estão teus escravos; determina.
Não barates meu zelo; por injuria
Tel-o-hei. Até logo; lá te espero;
Que em terra serás meu, e meu somente."

Descêo, e ordenou. Venias submissas
De alegres faces davam ledas mostras
De que a lei em seus labios imperava.

Sôa a bordo o apito, formam-se alas;
Só falla o Almirante. Sobre as ondas
Esfusiam as flautas, e as igaras
Á náo se encostam rodeando o casco.
N'um instante operou-se o desembarque
Da revel comitiva, a quem o Nauta
Só a roupa do corpo concedera.
Aos outros a descarga incumbe em regra,
E aos Indios o transporte. A Gutierres
De tudo entrega a guarda, e a Escovedo
A ordem no depor, a fim que evite

De confusos acervos o amalgama.
Pisa a praia o Cacique; forma um cerco
De tresentos fieis, e em torno deste
Outro maior, composto de mil homens.
Colloca-se na entrada, e d'ella estende
Duas alas que vão ao desembarque.
Pelas praias colloca homens provados,
E nos montes vigias; isto feito,
Outras ordens espalha com prudencia,
Afim que tudo ao centro fiel venha.
Á pericia hespanhola unia o Indio
A destreza e a força: era um prodigio
De cautella, de zelo, e bôa ordem.
Mal chegava uma igara, outra partia,
E assim se esvasiou a nave inteira.
Aquella virgem praia, inda não tinta
Do lixo immundo que a cubiça estampa,
Ora offrecia no bulicio a imagem
De aduana campal de um vasto emporio.

Antes que o sol dourasse no occidente
As orlas do oceano, foi Colombo
No real escaler á terra, e pasmo
Um momento ficou, vendo em tres casas,
De bambús e palmeiras construídas,
Tudo quanto enviara arrecadado.
Ao vidente Cacique a mão aperta

Com affecto e louvor; e este com graça
Á prompta refeição conduz o Nauta,
N'uma taba mui vasta e mui florida,
Onde largo festim se estadeava.

Escapos do naufragio, e tudo a salvo,
Hospedados e fartos, bem dormiram.
Dessa noite em diante foi que os nautas
Os beliches trocaram pelas macas,
Que ao doce embalo das sonoras ondas
O corpo ameigam, e o ar que em roda gyra
Tempera-lhe o calor, e o somno afaga.

Matutino cuidado á praia leva
O saudoso Almirante; ao longe enxerga,
Qual exangue baleia sobre o escolho,
Negrejar entre a espuma a capitanea,
E o agudo chapitéo donde avistara
O Novo Mundo resurgir das ondas.
Ao borrifo das vagas que o salpica
Uma lagrima ajuncta, e diz comsigo:
„Como o Arabe que chora no deserto
O exanime corcel, assim te choro,
Minha nave querida! Estou parado!
Este mar, vasto campo de esperanças,
De horizontes tão grandes circulado,
Onde tu como uma ave esvoaçavas,

O que é hoje a meus olhos? Um deserto!
E deserto peor si um impio eu fôra.
Foge a noite ao que em Deos sempre confia.
Porque não fui avante?! Porque um somno
Sobre a areia do mar levou-me incauto,
E naufrago acordei entre falsarios,
Fronteiro á terra amiga? E porque sinto
Um prazer na desgraça?! É que Deos manda
Que aqui encete aquella obra immensa
Só por elle inspirada, e protegida
Nos revezes continuos e arriscados.
Obedeço, meu Deos, e aqui assento
A pedra basilar da nova Igreja.
Natal eu chamaria esta colonia,
Germen de imperios, si um dever sagrado
Não viesse interpor nos votos d'alma:
Dar-lhe-hei de Isabel o sancto nome.

Pensativo ficou olhando a nave,
Como um vivo que lança o adeos extremo
Sobre a livida face que elle amára,
E que a terra lhe vai roubar em breve.
Da saudosa prisão em que se achava
Dispertou-o o Cacique, que a seu lado
Bondadoso sorria. isto dizendo:

„Já entro na tua alma; sei teus votos;

Custa-te a perda dessa igara immensa,
Que um monstro alado parecêo-me, quando
A vi outr'ora deslizar nas aguas?
Espalha a tua dôr, entrega aos ventos
Esse fumo cruel que te entristece.
Na vasante, hoje pôdes tel-a em terra;
Lenho a lenho virá, e si tens arte,
Rafazel-a não temas, que eu te ajudo.
A mão que talha um arco e tece pennas,
Dirigida por ti poderá muito.
Á pericia dos teus fia o desmancho,
E á dos meus, menos habeis, o transporte.
O que o Indio percebe, faz: não cuides
Que a nós outros escassa foi natura.“

COLOMBO.

Teu nobre alvitre aceito, si o meu tomas.

GUACANAGARI.

Sem sabel-o, no peito já o encerro.
Tudo o que é teu é bom, dice Maboia
Sobre a penha sonora de Iroponti,
Quando o tordo montez inda não tinha
Com seu canto apagado a estrella d'alva.

COLOMBO.

Juncto a ti ficarei: confirmo em pacto
O antigo anhello que teu peito encerra.
O logar em que estamos é exposto,

Sem abrigo, sem porto e segurança:
Convêm outro buscar.

GUACANAGARI.

Escolhe, amigo,
Que todo o Marien é nosso e livre.
Ha não longe daqui larga enseada,
Aberta pelo mar a bem dos peixes,
E onde aos ventos se oppõe um curvo outeiro.
Como dous atalaias vigilantes
Guardam-lhe a entrada dous penhascos altos,
E entre elles uma ilha, eterno leito
Das aves do oceano. No seu seio
Dous ríos, como o céo, desaguam sempre,
Protegidos de um bosque, cujas ramas
Nunca a setta alcançou! Somente ao fundo
Dessa funda enseada sei que fôra
Meu pae, o nadador, e que arrancara
Lá onde a noite habita uma ramagem
De pedra côr de sangue, e umas palmeiras
Tão alvas como as garças que mariscam
No lago Tiburon. O vil caniba
As levou, quando o craneo venerando
De meu pae recortou em ebria taça.
Nesse remanso ficarás seguro.
Alli não uiva o furacão medonho,
Que derriba as florestas e as choupanas,
E o valle entulha de destroços varios;

Mansão tranquilla, só conhece as brizas,
E o canto amavel das canoras aves.
Si te apraz, hoje mesmo lá iremos.

COLOMBO.

Sou grato aos teus favores; mas prefiro
Antes de tudo recolher da nave
Quanto couber no esforço e industria humana;
Porque o mar póde tudo, e tudo estraga.

GUACANAGARI.

Vem commigo ordenar, tudo faremos.

COLOMBO.

CANTO XXXIII.

Disjuncta, e apinhada em terra a nave,
Nem um prego ficou na ingrata areia!
O que a chusma não fez, fel-o o selvagem
Reluctando co'as vagas, empunhando
Com destreza o martello, o escopro, e a serra.
Foi breve a conclusão, e a triste prova
De que a ruina é mais facil que o fabrico.

O engenho é uma luz, uma potencia,
Um fabro que duplica a natureza,
Um semideos que exalta a criatura!
Si ao homem desce, á perfeição o eleva,
Dá vida ao que é inerte, e aclara as trevas:
Si a lyra toma, uma harmonia nasce;
Si o cinzel, o rochedo em deos se forma;
Si o som modula, melodias solta;
Si pega no pincel, a tella vive;

Si empunha o gladio, vencedor conquista;
Si á lei se applica, a humanidade adita;
Si consulta a natura, eil-o que inventa;
Si o compasso maneja, surgem moles;
Si toma o leme, novos mundos acha!

Colombo tinha em sí o dom divino,
Esse dom que revela omnisciencia
Nos da vida misteres não sabidos.
Sobre um alto escarpado, juncto á praia
Do predito logar, ora escolhido,
Novas tendas se ergueram para guarda
De toda a capitanea, alli trazida
Pelos Indios ás costas e em canôas.
O que á gente européa causou pasmo,
E servir-lhe de exemplo deveria,
Foi dos Indios a nimia probidade:
Nada, nada faltou! pôde o selvagem
Vencer o que não vence o branco sordido
Nas côrtes orgulhosas dessa Europa
Tão rica de desdens, tão pobre de honra,
Tão grande em força pelo engenho e arte,
E tão fraca de amor pelo egoismo!
Suando em ledo afan, seguindo as linhas
E as normas do Almirante, Indios e Hispanos
Erguem os muros de um fortim na altura,
E abrem na base um anguloso fosso.

Aos olhos do Cacique alli presente
Era toda essa lida um mundo novo,
Um sonho, uma visão que o encantava!
Pasmado via a fragoa espadellar-se,
Saltar do ferro ardente a chispa em flores,
Ao som do malho, sobre a incude fria;
E a lima rangedoura, sobre o torno,
Imitar da iraponga o crebro sistro;
Aqui via o machado alinhar talos,
Alli ranger a roedora serra,
E alêm a plaina recortando fitas!
Tudo o Indio com tento e luz tocava,
E de tudo inquiria, dando em troco
Algum mimo de rei, que o era d'alma.
Não parava n'um ponto. Emquanto o fabro
Entre pranchas batia a taipa, e os muros
Angulosos subiam, sobre esteios
Crescia o novo templo, dentro ornado
Da talha que adornara a capitanea
Á proa e chapitéo, obra de mestre.
N'área interna do forte poz o Nauta
O quartel, a prisão, os aposentos
De seus officiaes, e sob a terra,
Em seguro deposito, o thesouro
Do que era d'el-rei. Em quinze dias
Vio-se a mole aggressiva coroada
De setteiras nas faces, e de ameias

Redentadas nos ang'los; negrejando
As mortiferas bocas das bombardas,
Nos raparos marinos suspendidas.

Salvaram pela vez primeira em terra
Ao subir o pendão da nobre Hespanha!
No contento geral, no ledo ensejo
Dessa posse real, nem tu, Colombo.
Inspirado de idéas puras, sanctas:
Nem tu, rei da mansão hospitaleira,
Coração generoso, alheio á insidia,
Vistes nas sombras dos vedados tempos,
Por entre as nuvens do porvir, a mancha
Do crime gotejar sangue innocente
Aos pés desse estandarte glorioso,
E desse throno que a natura erguera;
E a missão grandiosa do Escolhido
Pelo vicio alterada, e seus altares
Por nefanda injustiça profanados!
Quem, oh Deos, prevenir os meios póde
Do teus altos mysterios nessa ordem
Que sóbe do polypo ao ser pensante,
Do ephemero insecto á humanidade,
Da ruina e morte á vida e ao progresso,
Da vida temporal á eternidade,
E do homem carnal ao puro espirito?
Ninguem! É teu segredo, teu somente!

Fundada a Villa de Isabel, marcados
Seus limites, e os prazos concedidos
Aos colonos, em fórma authenticada;
Do forte a guarda e o mando da colonia
Entrega o Chefe a Arana; e a Gutierres
O posto immediato. Não a escoria,
Não a gente immoral deixa na ilha,
Mas sim a flor da chusma; porque as fezes,
Mesmo as do ouro mais fino, nada valem.
Ao bondoso Cacique, inconsolavel
Pela ausencia do Nauta, busca allivio
Com promessas e pactos, que em seu peito
Tinham força de lei. As suas flechas
Une as armas iberias, si um assalto
O Caniba intentar; com duplo intuito,
Porque tudo prevê, mostra-lhe a força
Do arcabuz, que supera a setta alada,
Da espada lampejante o talho, e os golpes
Da trifida alabarda; assim a um tempo
Confiança e temor impondo aos Indios.

Retrahido nas trevas da reserva,
Só diz o que convêm, soltando o *fiat*
Dos arcanos da mente a cada facto
Que houvera ponderado. Prompto o forte,
Repara e vitualha a Nina em ordem;
Apura-lhe o velame, e sobre a pôpa

Dous fortes camarotes accrescenta.
Para Elle e Vicente; e assim disposto
Á colonia dirige estes conselhos.

COLOMBO.

Um só navio tenho, e este pequeno!
A Pinta se esgarrou, e só na Hespanha
Hei-de ao certo encontral-a, não sei quando!
Eu parto dolorido por deixar-vos,
Mas em breve aqui estou, rico de meios,
Como sohe abundar sempre a fortuna
Aos que vencem na terra; tereis cedo
Um retorno feliz á patria amada.
Não é da Europa um rei nosso alliado,
Um principe christão que jura e cumpre,
Mas sim varão sincero, typo de honra,
Interprete de um rei justo e excellente!
Si o homem da natura n'elle tendes,
Confiante, benevolo, insuspeito,
Sem refolhos, tendo a alma á flor dos labios;
Tambem tendes o homem primitivo.
Que ás vozes do egoismo não sopita
Os rancores da offensa. Quem não mente,
Não disfarça jamais sua vingança,
Nem recorre á traição, força dos fracos.
Respeitai-o! que em breve será grande
Pela uncção do Messias, pela graça
Da pia baptismal. Sim, respeitai-o

Por sancta gratidão; porque o merecem
Seus brios, seu honor. Deoses não somos
Para elle e os seus, mas sim humanos
Sujeitos ao azar, presas da morte:
Desvendei-os, e o fiz por bem de todos.
Si á impostura convêm um falço apoio,
A mim jamais: a posição é força
Quando a escuda a verdade, que, na lucta
Com varias contingencias, surge intacta,
E mais bella talvez, qual do chão nasce
A verde bananeira, decepada,
Floreando no ar sericos remos,
E o racimo espiral que encerra creme.
O selvagem não guarda a offensa, pune-a;
E só trahido e fraco é que se vinga;
Porque a lei do perdão Christo negou-lha.
Respeitai-o, vos digo: que sois homens,
E mortaes a seus olhos. Ao que é d'elle
Fazei o que exigis que ao vosso façam:
É preceito de Deos, compre seguil-o.
Segui estes conselhos, respeitai-o.
Ninguem lhe afronte os brios, nem as crenças,
Que é amargo o desdem si vem de estranhos.
Não só de amigo o trato urbano exijo,
Isso a todos deveis; mais vos eu peço:
Quero um amor de irmão! respeito á esposa,
Á filha, a seus maiores, a seus chefes,

Porque disto depende a vossa força.
Para excursões e caça espaço tendes,
E objectos para escambo até que eu volte,
E vos possa dizer: estou contente,
Aqui tendes o premio que heis ganhado.
Vossas cartas serão todas entregues,
E as respostas trarei; de porta em porta
Os vossos me verão, dando-lhes novas,
E olvidando um passado bem sombrio.
Eu não levo rancores: tudo esqueço,
Porque Christo é meu norte. Adeos, amigos.

„Agora, Commandante, a vós me volvo,
Porque sois minha fé, minha esperança.
Em vossas mãos eu deixo o Novo Mundo,
O sonho do passado em realidade,
E a missão de plantar aquelles germens
De moral que o porvir tanto fecundam.
As impias gerações são filhas de outras
Que em seu berço insuflaram pelo exemplo
Corrosivo o contagio de seus vicios!
O imperio na cidade se resume,
E esta na familia. O páe que é fraco,
Como chefe destroe: o estado é casa,
E a casa o grande espelho da virtude.
Lembrai-vos que o exemplo é esse espelho
Em que o bem se reflecte, e apura os homens.

Ás maximas do mal, surda, implacavel
Seja a espada da lei. Juiz que olvida
Sua sancta missão perfilha o crime,
E a Deos é responsavel. D'ora avante,
Argus na vista, Briarêo nos membros.
Tudo tendes que ver, palpar ao vivo,
Fomentar, e punir, a tudo attento,
Qual zeloso cultor que imiga planta
Deve logo extirpar. A lei é uma,
E a excepção a deroga e a supplanta
Invadindo-lhe o throno, pondo em campo
O iniquo patronato, o páe das ruinas,
Escolho dos governos, anarchia
Do talento e moral, causa fecunda
De toda a decadencia. Braço alçado,
Tendo após o relampo o raio prompto.
Deveis justo punir. Adeos amigo.

COLOMBO.

CANTO XXXIV.

Após lorga e penosa reluctancia
De oppostos sensos, de encontradas ondas,
Entre um alvitre e outro, dêo de prôa
Ao sueste, buscando um arco de ilhas,
Pelos Indios notado como a cauda
Da lagostra Balanna, fusa em pedra
Pelo páe dos zemeis, que bebe as aguas
De ubekú, quando os braços septicôres
Emerge no oceano, ou da montanha
Sobre o alvéo do río esparge o ouro.
Vellejando ao impulso odoro e grato
Da fresca viração, ao longe, em sombras,
Deitada sobre a onda purpurina,
Uma ilha formosa vio Colombo.
Pairou fronteiro, e na manhã seguinte
Baixou á terra com os seus em gala.
Com solemne pregão no solo planta

De Hespanha as armas; e de Broyo, o Chefe
Ledo recebe as oblações devidas
A um deos, que deos o cria o bom Cacique,
Páe de uma tribu que escapara ao jugo
Do Tolteca aggressor, quando invadira
Os valles do Apalache nebuloso.

Era a ilha opulenta e nemorosa:
Co'a mesma pompa da formosa Cuba.
Fruia ao sol o inceso de mil plantas,
Circuladas dos hymnos de mil aves.

Broyo, que o céo temia, teme a lucta,
E submisso do Nauta aceita a posse!
Beija-lhe o pó das plantas, e supplíca
Contra o Caniba auxilio. A tudo adhere,
Em nome dos seus reis, o Almirante.
Ao grande Precursor, que a fronte ungira
Do Messias divino, vota a ilha.
Porto-rico depois denominada.

Vólta a bordo, e singrando a leste, talha
Um mar coalhado de onze mil ilhotes,
Que por tal compto dedicadas foram
Ás virgens de Colonia. Alli dispersas,
Sobre a onda azulada, duplicando
As varias fórmas, similhavam todas

Açafatas de flores rescendentes,
Eternas fluctuando no oceano!

Na seguinte manhã, ao ver outr'ilha,
Os Lucaios tremeram; corre um joven
Ao leito do Almirante: „Foje, (diz-lhe,)
Lá está Truqueira, a execranda patria
Do Caniba que engole carne humana,
E devora nações; lá está na praia
De arco e lança, e de remo, os crueis olhos
Para nós alongando! Foge d'elle.
O que ao olho não morre, ao braço expira:
Tanto póde o Caniba! Ah! d'elle foge."

Sorrio-se o Almirante; e a voz alçando,
Manda á ilha aproar. Ao ver-lhe os montes,
Guadalupe a chamou: eram imagens
Dos que vira na bella Extremadura.
Prudente, á terra manda um troço armado,
Té onde um fumo azul da selva erguido,
Lar humano indicava. Um outro rancho
Vem pedir-lhe o colher fructos e caça
Sobre as orlas do mar, e elle o consente
A instancias de Martim. Duas mulheres,
Um menino, dos páes abandonado,
E um Lucaio foveiro, a bordo trazem
Os que o Chefe mandara. Veio a noite,

E o rancho não voltou: tudo eram sustos:
Mal o dia rompêo, o proprio Nauta
Co'um reforço maior penetra a ilha,
Bate as selvas da margem; nem vestigios!
Penetram, tudo empenham, tudo empregam:
Roucas as vozes em reclamos baldos.
Ás trombetas e aos tiros recorreram:
Geme o bronze na inflada embocadura,
Entra na selva em recruzados echos,
Gritam todos, e esperam sem que um brado
Venha de longe mitigar as ancias,
Que ao bater das arterias vão crescendo,
Emquanto o desengano abre nos seios
As negras azas que a esperança afogam!
Voltados ao silencio, um pôe sua alma
Nos olhos voadores, outro a essenta
No ouvido, que inclina ao chão sonoro,
E os outros a suspendem nesse espaço
Onde leve bolicio vem fremente
De um respiro de vida dar noticia.

Já do astro da tarde se estendia
A plumbea nuvem que recolhe o canto
Dos ledos passarinhos, e reforça
O zumbir dos insectos, e o murmurio
Dissonoro das fontes e das brizas,
Sem que a elles viesse um som propicio.

Era força voltar. Chegam á nave,
Sentindo as solidões d'agra tristeza,
E aquella dôr incerta, mas pungente,
Que abre e fecha em nossa alma a luz querida,
Como um roto de nuvens pardacentas
Pelos humidos ventos fustigadas.

Na crastina manhã, a par do esforço
A angustia duplicou-se: o trom de bordo
Resoando nos ares, e a batida
De arcabuzes em terra trovejando,
Negativa á esperança inda apresenta!
Té-li por Deos poupada a chusma, acaso
Pasto seria do feroz Caniba,
Ou por feras não vistas devorada?
É duro o vario offego da incerteza,
Quando aos lampos de subita esperança
Enxergamos a lagrima pendente,
E de chofre ao abysmo oco voltamos,
Onde a mente se perde a debater-se!
Que fazer? velejar deixando amigos,
Talvez perdidos, mas com vida ainda?
Esperar sem certeza, tendo em frente
Tantos males? . . Pensoso e triste o Chefe,
Rodeado dos seus, como elle afflictos,
Meditou algum tempo, o tempo azado
Á grande invocação dos crentes puros;

Tempo em que a fé nos muda o ser penoso,
E no imo rebenta em lume heroico
Uma flôr de esperança, de certeza,
Que risonha e segura nos aponta
Sobre o mesmo horizonte outro horizonte!

Manda buscar o Indios capturados,
Adorna-os de avellorios e de guisos;
Ao Lucayo foveiro, todo em sustos,
Promette a liberdade e o chão da patria,
Si o guiar pelas brenhas, ou si a pista
Dos seus na matta errante achar, seguindo-a
Té onde os encontrar com vida, ou mortos.
Ás Indias oura a mente co'um espelho,
Sempre grato á vaidade feminina,
E uns collares de lucidas missangas,
Industria de Veneza. Ellas olharam
Para as joias queridas, e chorando
Uma ao Nauta em soluços dice a custo:

„O grão, que o vento leva á terra estranha,
Acaso chora a planta em que nascera?
A semente levada só tem patria
No chão em que rebenta, em que floreee;
Deslembra a madre planta, por seus fructos
E a nova geração que em torno espalha.
A mulher é semente, o homem terra,

Os filhos fructos, e o amor a patria.
Si o amor da mulher é um vento frio,
Um' onda fugitiva a seus tyrannos,
Para os filhos é fogo e terra firme,
E os meus filhos são filhos de um Caniba.
Não vos posso guiar contra quem amo!
Somos duas irmans, ambas escravas
De um Caniba, que outr'ora vi cruento,
Que não amo, que odeio, e a quem não posso
Trahir, porque nas faces adoradas
De meus filhos o vejo embellecido.
Retomai, si o julgaes, estes presentes,
Talvez fontes de invejas, e sevicias."

„São vossos, minhas filhas, diz o Nauta,
E si outros quereis, posso offertar-vos.
A mulher no amor sitúa a patria,
De ha muito o sei, e vosso amor respeito.
Sois livres; ide ao páe de vossos filhos."

„Não eu (responde o Indio), a quem venceste,
Promettendo o que mais adora o homem.
Si a estas manchas, por um philtro feitas,
Suppostas do Caniba peste em carne,
Devo ainda o viver, sem ser comido,
Tambem devo a esperança de vingar-me.
Não tendes que temer; sei tudo, tudo!

Porque o odio e a vingança são meus olhos.
Si a flecha vence o raio, estás vencido;
Porêm, que vale a flecha sibilante
Contra o trovão que lanças pelos olhos
Quando levas á face esse trocano
De fogo, que expedaça o tronco e a penha?!
Os guerreiros valentes se ausentaram,
E não ha que temer; ao mar se foram
Ha tres soes devastar longinquas terras.
Põe nos teus dedos todos os meus dedos,
Ajunta-os e terás quantos Canibas,
N'uma igara maior que a maior taba,
Foram carne buscar em impia guerra!
O omophago Tuchána, prole antiga
Do Orinoco, é seu chefe. Diz a historia
Que um cedro rebatido pelas ondas
Aqui o trouxe, por desgraça nossa.
Eu o vi remorder meus proprios filhos
Inda vivos em pranto! Irei comtigo
Á taba d'elle a libertar teus pares,
Si inda a fera os retem para engordal-os."

Tremêo o Chefe, e dice: „Eia, partamos:
O egoismo, motor das almas baixas,
Aos olhos do Senhor é crime horrendo.
Dever e caridade, eis o que cumpre
Neste ensejo, sem dar peso ao perigo.

Salval-os é preciso.“
                                        Ordena, e abre
O passo corajoso pelas brenhas
Crivadas de sipós enredadores,
De silvas e de plantas lacerantes.
Marcha á frente o foveiro, e logo o Nauta
Armado de arcabuz. Nesse intrincado
Labyrintho de troncos, de ramagens,
De abysmos traiçoeiros, como cegos
Á mercê de um selvagem caminhavam
Sem temor de perigos, de ciladas,
Quaes meninos que o páe conduz á festa
Por atalho cercado de embaraços!
Quem do seio arrancou-lhes as suspeitas,
O cauto racciocinio, obvio em tal caso?
A esperança e a fé, as duas azas
Do anjo do heroismo, sempre affouto,
Porque os olhos em Deos somente fixa.

„Descancemos aqui. diz o foveiro,
Juncto á gruta fatal, berço de espiritos,
Onde o butio cruel com sangue aplaca
As iras de Maboya, quando envolve
A lua em valliron a nuvem preta,
E intenta devoral-a! Descancemos,
Que eu vou novas buscar nos altos ventos.“

Qual simia lesta ou ave trepadora.
Sóbe, vôa, e de um tronco inaccessivel
As franças ganha do tucano assento!
Cheira o ar, como um galgo; as mãos addita
Ás conchas auditivas, ouve, e desce.
Qual si o lenho com elle ao chão baixasse!
Modula, não a voz, mas o respiro,
E diz quasi em silencio: „O ar fallou-me:
O Tuchana caminha á carne e vinhos,
E o vento conduzio-me o som das flautas.
Pisem todos assim, (mostrando o passo
E o geito em pôr o pé) „que assim se deve.
A folha secca estala, e o ramo avisa,
Como o canto das aves fugitivas.
Por nós temos o vento; o som cá fica,
E a luz, que n'elles bate, nos confunde
Entre os véos matinaes com estas plantas...
Não sentem?! Destaparam as panellas;
Já começa o festim; vamos precautos."

Avante, a passo e passo, e sempre attento
O Indio caminhava, sem que vissem
Entre os ramos o azul do céo brilhante;
Tão cerrado era o matto! Pára o Indio,
E com elle parou toda a partida:
E passando por traz de um tronco e d'outro,
Qual si fôra uma sombra leve e muda.

Assim foi caminhando té sumir-se
Na espessura sem trilho! Um pensamento
Dos animos surgio; ninguem fallava,
Mas diziam nos olhos: — Si não volta,
Onde iremos parar? qual sorte a nossa?!
Como sahir d'aqui, sem sol nem astros,
Si este guia nos foge, trai, ou morre?..
Foi breve a volta, mas de sustos longa.
No retorno do Indio, a fé dobrando,
O valor triplicou. Sempre em silencio,
Sem ver o céo subiram quasi um' hora,
Quando por entre os alinhados troncos,
Na curva opposta da trilhada selva,
Do sol viram os raios prazenteiros
Sobre a c'rôa gentil dos palmitares.
Qual festiva choréa que os saudava,
Sacudindo os cocares resplendentes.

A luz é da materia a intelligencia,
A belleza da fórma, alma das côres,
O guia na extensão sem resistencia,
E a razão animal. Sem ella, a terra
Se povôa de abysmos tenebrosos,
Fóge o livro dos céos, corta-se a vida
No deserto sonoro que a circumda;
Sem ella o viajor marcha dormindo.
Sem o riso das flores, sem que possa

Nos olhos da mulher beber os raios
Conductores do amor. A luz é vida,
Segurança, alegria, aviso, e pasto.

Assim livres e ledos caminhando,
Aos signaes do foveiro vão rompendo
Os extremos da selva. A um passo em falso,
Estala um ramo secco; uma ave arisca,
Pipila e sóbe; um arcabuz dispara!
Echôa ao longe, não o som do tiro,
Mas um brado de alarma, um guáo sinistro!
Sóbe o indio um acclive aspro e trilhado,
E com elle offegando todos sóbem,
Batendo as vistas em desertas tabas,
Onde só viram do banquete esparso
As fumantes vasilhas, e na esteira
Arrojadas crianças em vagidos.
„Venham raios e raios, (grita o Indio)
Porque o medo a fugir não dobra os arcos,
Antes as settas pelo chão derrama.
Por aqui, por aqui, disparem raios,
Que o Caniba não volta quando fóge.“

N'um cercado vizinho o Indio busca
Algum preso retido, e nada encontra.
Vai a um grande redil de altas estacas,
E um Lucayo liberta, atado a um poste,

Derrama os vasos todos, e sorrindo,
Saltando de alegria ao Chefe brada:
„Não ha carnes dos teus, conheço-as todas;
E este irmão. que eu achei com vida ainda,
Assegura que os teus não foram vistos.
Creio-os perdidos no intimo da selva,
Talvez exhautos pela fome e sustos.
Cumpre encontral-os hoje, tendo prompto
Alimento que os salve antes da noite.
A fome rouba o somno, e traz a febre
Delirante, em que a morte nos illude,
E nos leva no meio de banquetes.
Já vi morrer assim: é cousa horrivel!
Nutre o fogo. Behéchio, emquanto eu mato
Estas gordas cotías e estas pacas,
Do Tuchána reserva desprezivel.“

Hirto d'asco e d'horror, se afasta o Nauta
Sem poder supportar o quadro infando
Do homem, pela gula, irmão da fera;
E em quando o cibo se prepara, accurvo
Péde a Deos que alli baixe a nuvem sancta
Que orvalha a caridade, e que o Messias
Pisou para subir á eternidade.
Behéquio não poupou o rei das aves,
Tudo foi degollando: as ararunas
Côr de céo, as aráras, e os loquazes

Papagaios, que ha pouco arremedavam
Do sangrento mister a strophe rude.

Prompto o fardel, e ás costas dos dous Indios,
Descem todos em busca dos perdidos
Por louro trilho que no chão serpeia,
E em breve alcança a desejada praia.
Immutavel no intento, parte o Nauta
A gente em turmas tres: uma que o segue
Batendo as orlas da selvagem ilha,
E aos dous Indios peritos cede as outras.
Mal tinham feito um passo, eis que lhes surge
Da matta, qual guerreiro mal ferido,
Com passo exsangue o transviado mestre
Marejando da face a fome e a morte,
E após, dando-se as mãos, dilacerados,
Semivivos os outros. Uns cahiram
De alegria. e os outros pranteando
A Colombo diceram: „Perdoai-nos!

Generoso e prudente, ao mal não juncta
Um reproche; e doestos firme impede
Co'o gesto senhoril aos que tal ousam.
A imprudencia punida foi no evento,
E o delicto o será em tempo azado.
Vendo isto o foveiro, deixa a carga,
N'um ingá pressuroso lesto sóbe,

Colhe os favos vellosos, tira o nectar
Perolino, e nos labios resequidos
Dos famintos febris derrama aos poucos:
Viram coar-lhes nas intensas veias
O fluido salutar, fugir do rosto
A ossea lividez, e a par do riso,
Florecer a palavra sonorosa.

Pela vida moral sustendo a physica,
Inda quebrada por crueis torturas,
Á Nina voltam no ligeiro esquife.
A seus olhos cançados o oceano,
E os perigos que mostra, tão temidos,
Eram mais gratos que a penosa terra
Deixada com horror: tão dura ha sido
A provança terrivel! Parte o Chefe,
E o dous Indios convida; estes recusam
O escaler, e nas aguas mergulhando
Foram longe surgir brincando ledos:
Meio corpo suspenso, e sempre avante,
Ora nadavam, quaes ligeiros cysnes,
Ora em pulos o corpo corcovando
Simulavam delphins: os pescadores
Da Liguria e Biscaia, ao mar affeitos,
Que ao irado marouço, rebatido
Por frio vendaval, salvam o naufrago,
Pareceriam boias sobre as ondas

Ao lado destes Indios voadores!
Aves marinas, sobre a vaga hirsuta
O oleoso frouxel calmas pousando,
Simulavam os dous; tão bem nadavam!

Refeitos do soffrer, e saciados
Do mestre os socios, já perante o Chefe,
Para indulto do crime, a causa narram
Do desvio terrivel, dos enganos,
E torturas que houveram pelas brenhas.
Com voz contricta o mestre assim dizia:
„A pesca foi pretexto da cubiça:
Os Indios nos diceram que os Canibas
Com ouro se adornavam, todo achado
Nos seus ríos e montes. Penetrámos
Pelas margens de um río, cuidadosos
Sempre na volta, mas buscando ouro.
Ouvimos um gemido humano, e fomos
Entre pedras achar um joven Indio
A estorcer-se sentado, tendo appensa
Ao nariz uma argola de ouro fino!
Um deslumbre fatal, cegando a todos,
Varrêo-nos o dever da mente insana!
Dos signaes que fizemos, o selvagem
Urutú nos dizia gemebundo,
E o calcaneo mostrando envolto em folhas!
No *urutú* ouro vimos, e em seus gestos

E soffrer um estorvo ao nosso intento.
Sobre a argola nazal tendo os meus dedos,
Sequioso inquiria; e elle apontava
Para o río, fingindo os seus meandros.
Entendemos que a mina era mais longe,
E bem claro pedia que o levassem
Ás vertentes, pois que mostrava o ouro,
E até me dêo a argola que aqui vedes.
Nenhum de nós — é tarde — dice ao outro,
Tão cego era o desejo! Carregámos
Sobre nossas espadoas o ferido,
Seguindo a direcção que elle nos dava;
Peja-me o confessal-o: deslembrados
De vós, e do dever, só vendo o ouro!
Veio a noite, e a fome. Descançámos,
Pondo o Indio n'um leito que fizemos
De nossas vestimentas; seus gemidos
Pouco a pouco cessaram. Veio a aurora,
E o Indio, que dormido parecia,
Da morte o frio o tinha emmudecido!
Sobre nós, como um raio introversivo,
Bradou a consiencia: aquelle morto
Matou nossa ambição. Ouvio-se um brado:
Voltemos camaradas, que inda é tempo!
Dobrou-se o passo, e a fome redobrou-se!
Buscando n'agua uma illusão á fome,
Bebemos sem medida, e farta a sêde,

Do río as ondas em suor saíam,
As ancias d'alma e corpo recrescendo:
Nossa marcha afrouxava passo a passo!
Nem um fructo já visto! uns que encontrámos,
De aureas vages, contendo o mel de Hespanha,
Agradaveis no gosto, foram peste . . .
Seguindo as curvas do cançado río,
Nunca á plaga chegámos! Veio a noite,
E que noite, senhor! Não sei si as ancias
Do espirito turbado eram maiores
Do que as dôres do corpo! Eu invejava
A rapidez do río ao mar correndo!
Gemendo e perfilando as frias orlas
Desse río infinito, alfim soubemos,
Pelo encontro de pedras jamais vistas,
Que era outro; mas como ao mar descia,
Com elle aqui viemos. O que vimos
Nessas noites de horror e soffrimentos,
Não alcança o discurso, iguala á ilha
De Satan onde outr'ora te perdemos,
E donde por milagre a nós voltaste!
O que vimos e ouvimos desconcerta
O descrente emperrado, e o impio atroce
Que, á noite, insulta do finado a lousa:
Santelmos voejando, horridos pios,
Vozes afflictas, gemebundas vozes,
E escondidos phantasmas ciciando,

A chamarem por nós. Hirto o cabello
Inda sinto, e no corpo horripilado
Saltar o coração n'um mar de neve!
Pela manhã, postados sobre o morto
Calvos abutres, em mudez sinistra!...
Mostrando nos colmilhos esfaimados
Dura morte, atacou-nos vara ingente
De hirsutos javalis! Vimos o demo
N'um tatú incarnado, porque em bola
Rolando nos fugio, como si fôra
De bombarda um pellouro vomitado.
Perdoai-nos, Senhor; vossa justiça
Que será ante as dôres que soffremos?

COLOMBO.

Si eu não visse, maior seria a penna.
Meia ração a todos, quartos duplos;
E o mestre, por tres dias, soffra o dobro.
Sei que brando a tal culpa é o castigo;
Por esta passo; mas por outra... a antenna...
Os que penam e morrem soffrem menos
Do que os outros que ficam sobre a terra.
Livres do lodo, só a Deos pertencem.
Póde o tempo lenir dôr e saudade,
Mas não da incuria o crime, e os longos fructos,
Que alma e vida corroem, e que na morte
Comnosco vão pesar na eternidade.
Ante Deos, e o rei, do chefe as culpas

Castigadas serão. Si Deos perdôa
Ao contricto no carcer, não desculpa
Ao homem que só segue as leis da carne.
Basta de doctrinar. A postos; larga...

Ao sueste desfralda a Nina as velhas,
Seguindo a curva demarcada em ilhas.
Ao dizer do foveiro era essa a rota
Da terra onde a palmeira em praias de ouro
Garfa o tronco annellado, e pende as alas
Sobre o río oceano, cujas margens
Nunca setta caniba, e ave migrante,
De um surto ousou medir, sem que afundisse!

Á capa, e a sondar passou-se a noite.
Claro rompera o dia consagrado
Á oração e ao descanço. No horizonte,
Entre véos saphyrinos transluzia
Sobre o ermo oceano um vulto alpestre,
Qual leve sombra de nilense esphinge
Que o plinto emerge em areal adusto.
Outra ilha frondente! O Nauta a marca,
E Dominica a chama. Á terra desce,
Toma posse, e recolhe aves e fructas.
Ninguem ousa afastar-se em busca de ouro:
Todos folgam nas praias, recolhendo

Madréporas, coraes, ambar, e conchas
De alveolos iriados, mães de perolas.

Na seguinte alvorada negrejou-lhe
Pela prôa uma terra inda mais vasta,
Uma ilha que unio ás que apossara
Em nome de seus reis; e proseguindo
Para o reino do sol, vio n'outra tarde
Cortando a linha purpurina e aurea
Do rubido horizonte, como as tendas
Acampadas na veiga, um cento de ilhas,
Que á victoria christã dêo em memoria,
Granadinas chamando-as. Dêo-lhes posse
No peryplo e no mappa, nessas folhas
Do livro do porvir, no pégo escripto
Sobre prôa da Nina, e por seu genio
Revelado ao nações! Avante sempre,
Como impellido por divino impulso,
Singrou por largo espaço, até que á sestra
Uma ilha enxergou, e em frente erguidos,
Recrescendo e despindo os véos ethereos,
Tres olympos em linha, coroados
De uma nuvem de prata que os tangia,
Como celtico altar que a neve adorna.
A trina elevação chamou Trindade.
Bolçou-lhe as angras, remontou-lhe os cabos,
E colhêo sobre um vasto surgidouro

Biaberto, e cavado entre recostos,
A certeza de que tacado havia
N'um grande continente. Veio a noite,
A noite conselheira, e n'um abrigo,
Protegido de montes alterosos,
Lançou na vasa as salvadoras ancoras.

Um céo liso e brilhante, não velado
De salinos vapores, se estendera
Ao declive do sol; placida a noite,
Ostentava as tres zonas diamantinas.
Beijando, em lume obliquo, a velha estancia
Que vai do cancro á ursa, fulguravam
O sirio, o plaustro, a lyra, arcturo, e órion;
E nadando entre effluvios rutilantes
A nave, o serpentario, a crôa, as pleiades,
A espiga, o corvo, a aguia e a balança:
Bella, como uma charpa crystalina,
Manando um alvo río, um pego de astros,
Suspenso no infinito, refulgia
A lactea estrada, franqueando o espaço
Á cruz septemtrional, negada ao Ibero,
E ás lucidas myriadas que innundam
O horizonte polar, á Ursa opposto,
Semeado de nuvens resplendentes,
De névoas, de embriões mysteriosos,
De outros céos, em que a vista penetrante

Cede aos vôos da mente audaciosa,
Que só póde abysmar-se no infinito.

Do calmo ancoradouro, um dos tres montes
Ao clarão matutino simulava
Jasmineo aritucúm mostrando as perlas
No melligeno outono, e gotejando
Nas folhas o hydromel do seio odoro:
Era nivea espadana que em resaltos
Espumosos descia, aviventando
O fundo escuro de um frondoso valle,
Thesouro de fragrancia e de harmonia.
Manda Colombo á terra fazer agua.
E lenha, e da floresta, em continenti,
Uma cruz arrancar, emquanto, pio,
A bordo se prepara d'alma e corpo.

Buscando a clara veia, encontra a chusma
Passo humano n'areia, e claro indicio
De fugida n'um covo inda replecto.
Á escuta e á mira, de armas preparadas,
Entram na selva, talham, borborinham,
Sem que sombra lhes désse alarma á lucta.
Presente o Chefe em gala, prompto, os lenhos
Arrastados a um cabo floriverde,
Em nome de Isabel, ao ar subiram
Com solemne pregão, e á voz dos hymnos,
Sempre remate da conquista iberia.

Foi-se o dia em reparos; foi-se a noite
Em sonhos da esperança. Ao quarto d'alva,
Quando todos de pé, e ao gyro promptos,
Do cabrestante, ouvio-se um dos marujos
Bradar ao Commandante: — Uma canôa
De leste se approxima! — Param todos.
A luz nascente se apropinqua a igára
Hirsuta de guerreiros d'arco e lança;
Envolta a fronte e rins de varias pennas,
A phalange remeira as ondas vence,
Chega á falla, e suspende o veloz curso.
Da pôpa erguido um joven, borneando
Longo sceptro empennado, arenga á nave:
Todos o escutam, mas ninguem o entende,
Nem o foveiro que o caniba falla!
Mutua suspeita, revezando as miras,
De um bordo a outro os corações tenteia.
Parados algum tempo, e já na volta,
Chama-os Colombo, mostra-lhes tecidos,
Avellorios, e vasos reluzentes,
Que os faz retroceder, chegar-se á Nina,
Sem jamais atracar: o susto e o medo
Entre o ganho e o receio reluctavam.
Pelos gestos se lia a interna rixa,
E nos vaivens da igara a reluctancia,
E o embate opinioso. Sempre ao largo,
Sensiveis e medrosos, iam, vinham,

Chegavam-se, fugiam, qual costuma
O timido animal que a fome escorja.

Balda foi a chamada; e para engodo
Manda o Chefe dançar á prôa os moços
Ao som do tamborim, flautas, e vozes.
Mal saltita a corôa giratoria
Incitada de alegre e veloz canto,
Deixam remos os Indios, e levantam
Um muro de broqueis, do qual disparam,
Á voz de horrendo apupo, hervadas settas,
Zunindo quaes pellouros, sem que attinjam,
Mercê de Deos, a innocular a morte.
A tão cruento applauso, manda o Chefe
Em revite dous tiros de bombarda.
Arcos, flechas, escudos disparecem;
Desarmada a phalange, a peito aberto,
Palmas batêo, mostrando as mãos vasias,
Signal de suspensão, de paz rogada.
Mal o Nauta dicera: „Ao mar a lancha!"
Eil-os que veem, e o principal dentre elles,
Qual estatua achillea, a nave pisa:
Irradia-lhe a fronte um sol de pennas,
No peito uma couraça de colibrios,
Fimbrada de festões variegados;
Longas manilhas de guarás formadas,
E nas pernas pendentes jarreteiras,

Que ao passo franco e heroico balançavam.
Sorrindo circumvôa os vivos olhos
Pela chusma, dizendo assim aos Indios
No dialecto tupi. d'elle sabido:

„Si a voz de nossos páes sabeis, Caribas,
Minha voz escutai, antes do prelio:
Em paz estamos, porque paz eu trago.
Á voz de guerra respondi co'as armas.
Pois que homens vos julguei, e dessa raça
Que em éras de Tupan gravou na pedra
Do Guayna caudal a propria imagem,
E a grande igara que voava aos ventos!
Illudi-me, estou vendo, porque ao ronco
Do inflammado trovão encontro deoses,
Que não posso aggredir, inda que sorva
De seu odio o suor, e sinta a vista
Cegar-se ao pó que deixa a planta ultrice
Que ao vencido humilhado esmaga a fronte.
Si a paz quereis, a permutar me presto;
Vinde á terra, e vereis minha opulencia.

O FOVEIRO.

Teu discurso, Tuchána, remoçou-me.
Bebi n'elle outra vida, á voz da patria;
Todo inteiro e fiel, em lingua estranha,
Pelos labios de um outro irá ao Chefe.
Não Lucayo nasci na terra estreita,

Mas na grande extensão, lá onde o río
Páe das agnas, Guiena, o mar investe
Quando intenta invadir-lhe as doces plagas.
Folguei de ouvir-te modular as vozes
Da mãe querida, e desse páe valente
Que o collar vencedor sempre augmentava,
E na taba que herdara expunha ao vento
Cem cabeças de tigres que abatera!

O TUCHÁUA.

Como aos deoses chegaste, e foste ás aguas
D'onde o sol se levanta, d'elles patria?

O FOVEIRO.

Era na cheia do meu patrio río,
Quando elle, rival do grande oceano,
Abre a selva á piroga, e, largo e immenso,
Leva ao ninho das aves a tainha,
E o cedro do Caiári ao mar da aurora.
Então eu tinha, de cajús sem folhas,
Quantos dedos tres mãos abertas mostram.
Dava a hora em que ao sol a araceuéra
Vai a prumo saudar alêm das nuvens,
Para á terra descer quando elle a pino
Aquece o dorso do kaiman n'areia,
E aos pés recolhe toda a sombra humana.
Sobre um galho montado, harpão na dextra,
E a irmã ao lado, um surubí mirava,
Que ao longe eu via escurecendo as aguas.

Jacinoca, a celeste borboleta,
Que commigo subira á mesma rede,
Quando junctos meu páe nos abraçara,
De um tentêm, escondido na andiroba,
Escutava o cantar que tudo imita.
Qual si fôra presente, tudo vejo:
O río, nossa imagem repetindo,
E a clara veia do Japy querido
Como nuvem celeste confluindo
No grande paraná côr de pitomba!
Tudo vejo saudoso! Escuta o caso:
Mal termina o tentêm seu hymno vario,
Do fundo do Japy, bolhando sobe
De um bagre encantador á voz tocante,
Que attrai a virgem, que a fascina, e a leva
Á selva de crystal no río occulta,
Negada a olhos de homem, cujas flores
Se irisam como as perlas, e no aroma
Soltam vozes de amor, e melodias!
Não sei como cahio, si por magia!
Sei que a vi baquear, bater nas ondas,
Vir o bagre e prendel-a na cintura
Co'as longas barbas, e fugir com ella
Semimorta e suspensa á flor do río!
Qual flecha pescadora, dei um salto,
Corro a ella nadando, e elle se afunda!
Mergulho, e ao pôr-lhe a mão no pé mimoso,

Volta o bagre ao ar livre, e eu com elle:
E qual caracará que o surto segue
Do urubú. e no ar disputa a presa,
Assim eu pela irmã fui relutando.
Não o pude vencer, sumio-se, foi-se,
E a corrente levou-me a não ver terra!
Vem-me a cãibra mortal, tremo de susto,
Pelos poros me foge a fria vida.
Aos sorvos d'agua, ao bracejar constante,
Eis que um negro kaiman, de guela aberta,
Roncando avança a devorar-me inteiro!
Era a morte, e a morte vida dêo-me,
Porque, a alma suando, á fera avanço,
Galgo-lhe o collo, e nos vellados olhos
Lhe afundo os dedos no terror da morte.
Sólta o monstro um rugido cavo e horrendo,
E qual penha sem vida ao fundo desce,
Mostrando a serra da comprida cauda.
Não podendo nadar, deitei-me em pouso,
E assim ao curso abandonei a vida.
Nem balça de aguapé, nem lenho esmado
A corrente trazia! De repente,
Senti gritos de aves, ólho e vejo
Nadando um cedro immenso perfilado
De rubentes guarás, martins virentes;
A custo apanho uma vergontea, e quando,
No valor da esperança, galgo o tronco . . .

Oh! não sei como o diga! vejo em curvas,
Alçado o collo, para mim fictada
Medonha serpe, aos poucos avançando!
Como em delirio sobre a fera cáio,
E de mim, sem memoria, um dia achei-me
Em lucaya piroga, vendo o lume
Nos braços de um payé que me nutria!
Grato ao rei mariense, quiz a morte
Juncto d'elle encontrar; fui mal ferido,
E o Caniba a seus lares conduzio-me.
D'onde os deoses que vês me libertaram.

O TUCHÁUA.

Transmitte a minha voz: govérno a terra.
Si desejas rever teu berço, fica.
Dar-te-hei n'um grande lenho a flor dos bravos;
Com elles, do Orinoco remontando
O curso, ao Carony serás em breve.
Vingada a Maritani, a serra altiva,
Em dous soes vogarás no Praviana,
E deste descerás á patria amada.
O que dice está feito, si o recebes.

Fiel narra o foveiro a um Lucayo,
Affeito á lingua da hespanhola gente,
Quanto ouvira ao Tucháua, e juncta á offerta
Deste ao Nauta o desejo de ser livre.
Cede o Chefe, e o brinda generoso.

Como sohe, do que ama a gente inculta.
Nega o tel-o aggredido; antes festivo
Aparato fizera dando um baile,
Mostras de paz, de coração de amigo;
E péde, ao dar-lhe mimos de mór conta,
De sereno acolher a festa hispana,
Que em honra sua renovar deseja.

Mal tange o tamborim, soam as flautas,
Rebenta o côro, rodopia a chusma,
Estala no convez o vidro em cacos;
O Indio disparece como um sonho,
Deixando o kanitar aos pés do Nauta.

Em remigio veloz cortava as ondas
Contra o vento a canôa espavorida!
Pelas vistas seguida, pouco a pouco
Na curva do oceano se sumira.
Uns o viram de um salto e de um mergulho
Prender-se á pôpa da canôa, e outros
O foveiro seguil-o como um peixe!

COLOMBO.

CANTO XXXV.

Nos adytos arcanos de nossa alma
Brilha um mystico sol, não eclypsado
Da materia sombrosa, emquanto o morbo
E a velhice o respeitam. Nesse mundo,
Vedado ao lume do bolicio externo,
Tacito gyra o pensamento envolto
De mysterios profundos, que dirigem
A interna vida, e o labor da externa.
Ahi, como em Platão, ás vezes surgem,
Vagas imagens de visões passadas,
Como memorias de uma outra vida,
Que nos fazem dizer: Si não foi sonho,
Já vi o que ora vejo, e não sei onde?!

O olvido que Pamorphio ultriz lançara
Sobre a fronte do Nauta, ao despedir-se,
Não fora inteiramente aos poros d'alma

A amnesia complectar, sumir-lhe as scenas
Do periplo infernal; foi como a esponja
Que na ardosia passou, e que inda deixa
Raros vestigios da equação sapiente.
Tudo o que o Nauta vê, sem saber como,
Já visto lhe parece; mas duvida,
Si o passado arrolando busca as éras;
Fatal poder do involucro terreste.
Sempre attido á materia e aos sentidos.
Confessar o que sente é expor-se á mofa,
E avivar os reclamos da estulticia.

Aos internos lampejos, e aos vislumbres
Desse vago horizonte que o circula,
Cede, e muda de rumo, velejando
Para oeste, e assim dobra o novo Cabo
Em que ha pouco plantara a cruz, e segue
Da ilha a costa té perder-lhe os montes.
Entra no mar azul, e vê-lhe as ondas
Passarem de repente a um flavo turvo,
Como o das aguas dos possantes ríos!
O gageiro, da gavea, nega terra,
Mas accusa do mar o aspecto estranho!
„Um grande río, diz Colombo aos mestres,
No horizonte se occulta; río ingente,
E com elle um paiz maior que a Europa!
Dai-me um balde e vereis si vos illudo.“

E o balde, com assombro da equipagem,
Trouxe ao lume e ao padar agua potavel!
Vendo ao norte cahir a nave á força
Da corrente, singrou ao rumo opposto,
Sem que terra avistasse. Veio a noite
Serena e clara pelo sul erguer-lhe
Novas constellações, astros brilhantes,
Fulgentes nebulosas nunca vistas,
Té que o dia rompêo, e no horizonte
Terra baixa apontou, toda coberta
De frondoso arvoredo. Brada o Chefe,
Contemplando essa linha verdenegra:
„De um vasto continente eis certo o indicio:
São os deltas das fauces do gigante,
Que ao mar vomita este oceano doce!"
Pulam todos ouvindo estes emboras
De Martim, abraçando o Almirante!
„Venceste a grande lucta: é este o golfo
De Bengala, e do Ganges estas aguas!

COLOMBO.

Ah! si fossem,... coalhado o mar verias
De chavecos, de juncas, e de fustas!
Trazendo as pareas das nações vizinhas,
E as joias do Indostão levando em troco;
Si fôra o río em que se banha a aurora,
Outro aspecto, outra vida aqui seria:
As selvas se abririam, descobrindo

Do bramene o pagode portentoso,
E o alcaçar brilhante do nababo!
Não é esta de Brama e Siva a terra,
O solo do rubim, dos diamantes,
Nem estes os vergeis em que gorgeia
Entre aromas o meina, ou livre pasce
O elephante sagrado, amor dos Indios,
Onde a fustalha, abalroando os mortos
Que o río leva a Yama, o deos que os julga,
Segundo a crença do infeliz gentio?
Juncto aos emporios sempre o mar tem vida.
Que terra é esta não o sabe a Europa,
Nem eu, nem tu, que tantas terras vimos.
Talvez seja este o río que o foveiro
Descrevêo-nos, porque lá vejo um tronco
Boiando a esmo, como o que o salvara!
Perto estamos da foz, deve ser grande,
E por ella, sem medo, subiremos,
Té que os olhos descancem, té que ledos
Sobre humanos vestigios se consolem.“

Com o prumo na mão, tento no leme,
Viram tres barras, tres canaes extensos,
Mas vedados por bancos apinhados
De enormes troncos n'um confuso enleio,
Qual floresta abatida e mal queimada.
Passam mais cinco, sem que ousasse o Chefe

O seu curso invadir. A uma aproa,
Foz dilatada, que seria um golfo
Si as louras ondas o padar salgassem:
Era tão larga que de um lado a vista
Mal podia alcançar a opposta margem.
Vence a Nina a corrente ao ledo sopro
De affavel viração: sobe, veleja,
Vendo ilhas formosas desfilarem
Á sinistra, e seu porte contrastando
Co'o dos troncos que vão ao mar descendo,
De ribeirinhas aves perfilados.
Qual menino lançado ao mar da vida,
Caminhando por meio de gigantes,
Assim vogava aquella nave estreita
Por entre esses madeiros millenarios,
Cujo bojo incutia horror e espanto.

Contornando do río a parte cava,
Pasmados íam da assombrosa margem,
Que cantar parecia juncto as nuvens,
Tão alto pelo céo lançava os ramos
Em que as aves seus thalamos teciam,
E seus hymnos de amor harmonisavam!
Velejando e fruindo almas delicias,
Sem que a anchura do río se estreitasse,
Subiram té que a tarde as alcatifas
De rubins e topazios distendesse

Sobre o leito em que o dia luminoso,
Como um heroe cançado, deposita
O fulgente broquel aos pés do leito,
E cerra os véos que o somno conciliam.
Quem nunca juncto a um lar improvisado
Armou a rede ao som da orchestra immensa
Das aves do equador, não tem idéa
Desse hymno ezequial do fim do dia.
Nem do outro que após se ergue nas trevas
Entre dous firmamentos, que parece
Mostrar em cada estrella descambada
Uma lagrima etherea, e em cada flamma
Do errante pyrilampo a alma das flores,
No ar colhendo o gratolente orvalho.

Dêo fundo o Almirante, e aos dous hymnos
De tristeza e soidão, no céo, na terra,
Oppoz os de sua alma esperançosa,
Entoando a devota litania.
Tarde a lua rompêo, e fez do río
Um campo de mercurio, onde incessante
Uma serpe de lume se movia.
Temendo outro sinistro, toda a noite
Velou Colombo, tendo em mão seu livro.
Que o luar, como um cirio, alumiava.

Ao raiar da manhã tudo era nevoa,

E a Nina, d'ella envôlta, parecia
Voar por sobre as nuvens, sem da terra
E do río gozar o bello aspecto.
Ao sopro do terral, e ao lume intenso
Do astro criador, seguia as ondas
O madido bulcão rarefazendo-se,
Mostrando rotos de brilhantes côres,
Em que o céo azulado resplendia,
Como o rosto da esposa pudibunda,
Quando o pronubo véo se move ao vento.
Em pairo, e á espera de horizontes claros,
Estava a Nina, quando todos viram,
Fronteira á prôa, a nevoa escurecendo
A mais, e transluzir a fórma incerta
De um alto vulto a fluctuar a massa!
Negrejando, e crescendo, assusta, e move
O Nauta a bolinar. Eil-o que avança,
Como um penedo de selvosa coma,
Batida do tufão, no ar movendo
Os largos ramos de folhudas franças!
Monte não era, mas balceiro ingente
Boiando á flor do río, e para a nave,
Co'os verdes braços da neblina envoltos.
Como um deos das devezas irritado,
Vindo ao encontro do tenaz piloto
A exprobar-lhe a invasão do escuso imperio.
Treme toda a equipage ao ver propinqua

Aquella selva com minaz aspecto,
Murmurando mil vozes confundidas
Pelos guinchos de aves multiformes,
Que em seus ramos moventes pipilavam;
E mais ainda, ao vel-a de repente
Abrir-se em meio, baquear tonante,
Sumir-se, qual si um raio a espedaçasse!
Na horrenda queda as ondas espirraram
Um diluvio, e no ar zunio fremendo
Rija lufada, que adernou a Nina!
Clareia a nevoa em torno; grita a chusma
Aterrada ao aspecto gigantesco
De hirsuta fronte, ja vizinha á nave,
E no ar removendo a grenha arborea!
Era de um tronco a base e as raizes:
Tanto o medo é fecundo, e muda as cousas!
Serenada a maruja, e de sí mesma
Leda mofando, como sohe o fraco
Que a vaidade fustiga, pede a brados
Ir colher do balceiro umas lembranças.

Animados os nautas, e esquecidos
Do que ha pouco soffreram, pedem todos,
Não já retorno á patria, mas da origem
Desse río saber, colher productos,
Testemunhos indubios do que hão visto,
Como si a volta de um extremo a outro

Lavasse a injuria, e restaurasse os brios
Tantas vezes perdidos! Tal é o homem!
Galerna viração mais os anima
Ao río perlustrar. Colombo cede,
Como cede quem quer. Prosegue a Nina;
As bellezas recrescem, mas não param
Os terrores da chusma, ora fundados.
Passam ilhas frondentes, coroadas
De mil aves diversas; passam praias
Mosqueadas de feras innocentes;
Mas na esteira da nave negrejavam
Esguios jacarés, lançando arrancos
Da boca arreganhada, em que branqueiam
Cerradas filas de vorazes dentes.
Toma Colombo um arcabuz, e visa
Sobre o dorso de um d'elles: parte o tiro,
Silva a bala, resôa, e, em ricochete,
Frizando a onda em compassados arcos,
Foi a longe perder-se, como a pedra
Que rasa a flor das aguas saltitando,
E anneis descreve, que o menino applaude.
Em vão mais tiros repetiram varios;
Nada os espanta, nem do curso os muda.

Ao voltarem do río uma ampla curva,
Sobre o fundo do páramo argentado
Viram montes surgir, e alçando aos poucos

Agudas penedias, altos serros,
Inda sustendo o matutino pallio
De brancas nuvens de um cabeço a outro.
Espalha-se a alegria, vendo ao longe
O homem revelar-se sobre a margem
N'um pennacho de fumo! Já divisam
No meio da seara a cumieira
Da taba enfumaçada, e sobre a praia
Como farta giboia, exposta ao lume
O liso dorso de canôa ingente.
Velejam sempre; á confluencia chegam
De um largo río que outras aguas lança,
E a côr separa sobre a foz em curva.
Dá fundo a Nina, e de improviso a cerca
Um cardume de lenhos, apinhados
De gente fusca e bella, demonstrando
Na leda face o riso hospitaleiro,
E no gesto a brandura de sua alma.

Rompe um safio alarido, rufam caixas,
Mugem aspros borés, trillam inubias,
Chocalham maracás, e a um guao tremendo
Abre-se em alas a fustalha, dando
Largo espaço a uma igara majestosa,
Por cem braços movida, tendo á pôpa
Varão sceptrado, cheio de ouro e pennas.
Mal toca o portaló, de um pulo galga

O varão, qual sariga escapa ao tigre,
O convez, e seguro corre a vista
Pela chusma, que o mira respeitosa.
Aos Lucayos fallou: „Sois de meu sangue,
E entender-me deveis. Quem é o Chefe
Desta gente barbuda, que na alvura
Da pelle, e no trajar mostra ser filha
Desse antigo payé, que outr'ora veio
Das cavernas do Apure ao Orinoco,
E aqui, pisando a onda ao mar descera,
Buscando onde o sol nasce os seus e a patria?
Quem é teu chefe, donde vem, que busca?
Si o páe das aguas, sorvedor dos rios,
Roubou-lhe a terra, ou si a montanha em fogo
A fez tremer, e a sumio n'um lago,
Na terra de Tupan asilo encontra.
Do nobre Guaraun não tema as iras:
Sem offensa não dobra o arco e manda
A flecha a quem lhe pede cibo e rede.
Sua alma é como o río em que nascera,
Que do céo só recebe os dons que espalha.
Onde está pois teu chefe? Não me falla!
Quem me nega seus olhos trama insidias."

Mal o Indio avistou o Heroe dos mares,
Os olhos inclinou, como ferido
De um secreto respeito; mas sentindo

Na espadoa a mão do Nauta, e no seu rosto
O riso paternal que amor inspira,
Beijou-lhe as plantas, e lhe dice: „Falla.
Põe teu peito na voz, que eu nos ouvidos
Minha alma firmarei, abrindo os braços
A teus rogos, si justos parecerem.

COLOMBO.

Não busca asilo e lar quem de alto empenho
Só nutre o coração. Eu te agradeço.
Venho mostar-te a luz, venho remir-te;
E te rogo que aceites sem suspeita
Estes mimos, talvez de ti não vistos."

Pasma o Cacique ao tintinar dos guizos,
E ao brilho das missangas! fica absorto
Vendo o seu rosto n'um pequeno espelho!
De um delirio infantil acommettido,
Caramunhas ensaia, beija o vidro,
E n'elle mira a reflectida chusma,
Sorrindo-se e fallando como um louco!
Chama os seus pressuroso; enche-se a nave,
E alli mesmo reparte os dons que houvera.
Despe da negra coma a facha de ouro
E os discos que pendentes fluctuavam;
Tira o longo festão de aureos crescentes
E perlas colossaes, que ao collo tinha;

E á uma a sua côrte logo o imita,
Depondo um rico acervo aos pés do Nauta.
Inquirido da plaga onde colhera
O ouro e as perlas, mostra-lhe as montanhas
Azuladas, e o mar, assim dizendo:

„Antes que a flecha no arraial infesto
Teu braço plante, florirá tres vezes
O cajú, sem que a igara toque a margem
Do alto río que n'areia encerra
O metal que do sol reflecte o brilho.
Curtir taes penas, combater taes riscos
Só nós podemos, quando o deos da guerra
Tinto de sangue, em sonho se nos mostra,
Incita os bravos, os payés inflamma,
E dobra o arco ultriz, que a morte envia.
A gente do Orinoco só combate
Quando repto acintoso o brio innato
Lhe afronta, e move as iras, ou escuta
Na selva retumbar o passo imigo.
Não intentes lá ir; settas hervadas
De tredas hordas lá te esperam, onde
Ruge o tigre e o jaguar, onde regouga
Fementido gambá com fórma humana.
Si em taba amiga repousar desejas,
Ao valle de Tupan sóbe commigo.
Alli, a esposa o filho ao seio encosta

Sem que a surda giboia á rede chegue,
Chupe o leite materno, e ponha a cauda
Nos tenros labios do enganado infante,
Emquanto o somno lhe entorpece a madre.
Valle risonho, que não vê nos campos
Hirto tamanduá soltando a lingua
Á formiga, flagello da cultura,
Nem a serpe mortal por entre a relva
A cauda chocalhar! Valle tranquillo,
Onde a vespa não medra, nem a aranha,
Que invade o ninho das canoras aves,
E vence ao urutú no dar a morte.
Alli, ao pé da flor sazona o fructo,
Cresce a paca sevada, e vôa em bandos
O orgulhoso perum, mimo da mesa
Em que ferve a garapa, que das flores
Colhera a jatahy. Na minha taba
Canta o japim sarcastico, e festeja
O negro jacamí quem n'ella entra.
Si desejas gozar de quanto é bello,
Ao valle de Tupan sóbe commigo."

Ao singelo convite accede o Chefe.
Parte, levando gente armada e prompta
Para em caso do insidia deffender-se.
Sobre a igara real, juncto ao Cacique,
Toma assento Colombo e os dous Lucayos,

No escaler vão os seus que mais estima,
E na lancha e canôas os soldados.

Penetram pelo río, margeado
De florestas que a idade teem da terra,
E o mostram na opulencia e majestade!
Nunca as orlas medio-lhe a flecha alada,
Nem da funda real o audaz pelouro
Pôde a margem tocar da opposta riba.
Deslisavam nas aguas, emulando
Hespanhoes com selvagens na destreza
Das vogas e dos remos, quando ouviram,
Como a voz de longinqua catadupa,
O ronco do bogio enchendo as selvas.
Faz signal o Cacique, e os remos param;
Pára a regata improvisada, e elle
Com o Nauta caminha: não se ouvem
No liquido mover-se os destros remos
Da canôa real! sempre em silencio,
Ao ponto chegam em que a pino o ronco
Fremo no bosque emmaranhado em echos.
Sorrindo-se o Cacique ao Nauta mostra
N'um tronco enorme sobre a margem curvo
Um mono ruivo rodeado de outros,
Roncando immovel, para o céo voltado:
Sultão da selva, da espumosa boca
Soltava o canto no harêm frondoso,

Em que as servas de amor, embevecidas,
Co'as mãos vellosas, com assiduo empenho
Os seus labios limpavam. Dobra o arco
O Cacique, e na corda embebe a flecha;
Visa, e dispara; cessa o ronco, e logo
Bate juncto da igara o mono horrendo,
Tendo na gorja atravessada a flecha!
Pelos curvos esgalhos ululando
Desce a socia caterva, e baixa em grita
Supina á igara, sacudindo as ramas,
Mostrando os dentes com ferozes guinchos.
Sorri-se o Indio, e nova setta aponta.
Duas bogias, despegando os filhos,
Os poem na frente, para o Indio olhando . . .
Commovido Colombo a setta arranca,
Suspende o tiro, e ao Cacique implora
Respeito á dôr da quadrumana chusma.
Fosse instincto materno, ou fosse egoismo,
Foi tocante o painel! Além proseguem.
Vai-se o río estreitando. Eil-os que passam
Ribas escuras, angustosas margens
De escalvados penedos sotopostos,
Que vão a mais engrandecendo o aspecto
Da lugubre mansão, onde vegetam
Espinhosos tunaes, cardos pungentes,
E o secco musgo, da aridez consocio.
Aqui talhara a natureza as rochas.

Alli cavara tenebrosas grutas,
Que á entrada pendem lacrimosas pedras;
E acolá, bem no alto, erguêo com seixos
Informes barbacans, torres fendidas,
E muralhas em ruinas! Triste o río,
Com sombrios reflexos, mal espelha
O puro azul do céo, que a cada volta
Por sobre a penedia se descobre,
Como um riso augural d'alma esperança.
Contra a corrente, que sussurra, dobram
De esforço os remos: foi ahi que os Indios
Na aposta aos Hespanhoes sempre venceram.
Vai-se o dia a vencer a correnteza;
De um lado e de outro, como rota arcada,
Beijam-se as rochas, mal coando o lume!
De repente se abatem, se separam,
Abrindo um lago luminoso e bello!
Em thronos de verdura encastellados
Vão os montes fugindo harmoniosos,
Té formarem o valle promettido,
O valle de Tupan, mimo da terra!
Assim, no diorama, a tela maga,
Que um templo mostra com sombrias campas,
Muda-se em campos, ou converte as naves
N'um lago ameno da lombarda estancia.

Ao signal das trombetas, corre á margem

Toda a tribu; mas fóge vendo o Nauta
E seus homens em terra. Arenga o Indio,
Os guizos tintinando, e pondo o espelho
Em face dos payés, que pouco a pouco
Se acalmam, e nos seus a paz infundem.
Não perde a chusma o ensejo; ávida sempre,
Alli mesmo permuta ás escondidas
Por um disco ou manilha de ouro fino
Algum prato de estanho, ou velho guizo,
Ou luzente missanga por cem perlas.
Armas, sendaes, barretes, mantos, clavas,
Redes, que em annos fabricara a industria,
Tudo em cambio apresenta a tribu insonte,
Colhendo em troco o que despreza a chusma!
Eram crianças pondo a mão na flamma!

Do Cacique feliz acompanhado,
Pela margem formosa vai Colombo
Contemplando os productos da natura.
Melhor que em Cuba lhe parece tudo.
N'um pelago de lume e de fragrancias
Parece fluctuar sitio tão bello.
Alli, entre a grandeza e formosura
D'aquella primavera majestosa,
Pasmado, a sí dizia o Navegante:
„Aqui se abate o pinho da Curlandia,
O roble celta, que o britão deifica,

O platano da Lycia, e o salomonico
Cedro libanio, que do cimo algente
Dous mundos e dous mares considera!
Que risonhas campinas, que boninas,
Zodiacos da terra! Tudo vejo
Mais bello e grandioso! O que sonhara
No regaço de um anjo o paraiso,
Aqui vê fulgurar, pender nos ramos
O que a terra não vio! A nivea concha,
A flor errante do azulado oceano;
A perola, que a prata e o céo reflecte;
A opalia, que alimenta em leite a flamma;
O candido alabastro, transparente
Como os dedos da infancia; a seda argentea
Delicia das princezas; o velludo
Que Valencia concede aos reis da terra;
O incombusto amianto; a nivea cera,
E o aéreo filó, aqui se encontram
Em flores convertidos: té nas ramas
O purpureo coral se abrolha e encanta!"

Neste enlevo se achava, quando ouvira
Um tropel de selvagens, dando brados,
Ao Cacique chegar de arcos em punho,
E nas fallas confusas, e nos gestos
Mostrar odio e vingança! Logo o Nauta
Sentio no peito atravessado o espinho

De atroz presentimento. Envolto e preso
Pela infrene caterva, que o Cacique
Acalma ameaçando-a, vê Colombo
Pendente clava em occisivo punho!
Tira a espada, e a corta de um só golpe,
E com ella minaz dispersa a turba!
Chega ás tabas, e á frente sai-lhe um mestre,
Protegido dos seus, todo sangrento!
Começava a fallar, quando o Cacique
Lhe atira aos pés desfallecida virgem,
E co'os olhos em sangue fita o Chefe,
E o mestre, que tremêo todo convulso!
„Não preciso indagar, conheço o crime
Da brutal natureza: (dice o Nauta)
Onde vos levarei, que o chão não trema!
A ferros no porão lançado seja
Este monstro infernal, fera sem alma."

Mostras de paz, sorrindo, ao Nauta deram
O Cacique, os piagas, e os guerreiros
Ao verem preso o mestre e manietado.
Despede-se Colombo, demonstrando
No rosto afflicto os pezadumes d'alma.
Barbaro apupo rebentou da tribu
Ao pisar no escaler o Chefe e a chusma.
Tres igaras o seguem, carregadas
De sombrios guerreiros. Caminhavam

Pelo lago em silencio. Um dos Lucayos
Diz ao Nauta: „Senhor, tirai a espada,
E mostrai-vos de pé co'ella suspensa:
Urdio-se uma traição!

COLOMBO.

Como o soubeste?!

LUCAYO.

A filha do Cacique assim m'o dice,
Porque dei-lhe um espelho, sem retorno.
N'aquella grande igara se esconderam
Trinta mergulhadores, que pretendem
Virar este escaler, para roubar-vos
A espada, que tomaram por um raio,
Quando a clava cortastes de um só golpe!
Sei que inda outros virão, e que teremos
Ou aqui ou no río um duro encontro."

Caminhavam tranquillos, quando um silvo
Da igara a um da selva corresponde!
„Eil-os já, diz o Indio; e logo o Nauta
Brandio no ar a espada, olhando em torno.
Cia a igara, e reparte um silvo extenso;
„É de medo o signal, estamos salvos;
Diz alegre o Lucayo ao Almirante,
Que contristado recolhêo-se á Nina.

Passou-se a noite na longura afflicta
De quem teme vindictas; pois que viam
Ao clarão do luar inda as igaras
Mover-se em torno, e lá de hora em hora
Aos sibilos da terra responderem.
Ninguem dormio; passou-se a noite em armas.

Ao volver da manhã e á luz já clara,
Novos presentes lhes mostrou Colombo,
Sem que um Indio viesse recebel-os,
Sempre em distancia, e rodeando a Nina.
Manda o Nauta colher os curvos ferros,
E ao terral desdobrar as velas todas.
Já ía velejando, quando ao longe,
Pela prôa lhe sáiem trinta igaras,
Pedindo a brados do marujo a morte!
Cresce a mais a pocema; voam settas
Perfurando o velame. Sóbe á pôpa,
Vibra a espada no ar o Chefe, e sente
Uma flecha levar-lhe o gorro ás aguas!
Desce, e ordena que sem bala, a um tempo
Descarreguem bombardas e arcabuzes.
Mal o estrondo nos ares estrugio,
A uma os Indios se atiraram n'agua
E n'um mergulho se sumiram todos!
Era bello o painel, ao longe vel-os
Quaes golfinhos do mar á flor subirem,

E de novo emergidos se auzentarem.
Vendo Colombo dous formosos lenhos,
Mandou colhel-os, assim como as armas,
Os remos, e utensis que fluctuavam.

Veleja, passa a foz do río ingente;
Entra no mar azul; passa Trindade;
Conta as ilhas que vira, e já vizinho
De Isabella o suspende um nevoeiro.
Põe-se á capa, e assim passou a noite.
Na seguinte manhã vê dentre a névoa
A sombra de uma nave mal traçando
O velame e cordagem: parecia
Planta hibernada transluzindo o vulto
Através de um crystal embaciado.
Surprezo do que via, e já pensando
Em Lusos, poem-se a postos, no designio
De vencer ou morrer. Em vão procura
Tal encontro evitar, mormente vendo
Do nublado baixel maior o vulto;
Mas do mar a corrente o leva sempre
Para o outro navio. Tudo em armas,
Tudo a postos, de arpéos, prompto ao combate,
E os olhos fitos na propinqua nave,
Na bandeira e feições . . . Eis que se ouve
Bradar Pinzon ao Almirante: „A Pinta!
É Martim que nos busca em Isabella;

O Senhor vos protege; sois eleito!
Á Pinta vôa o Almirante, e logo
O devido signal manda, ordenando
Que Martim a seu bordo prompto venha.

Foi um tiro mortal o que Colombo
Mandou á Pinta. Estremeceram todos;
E Martim, maldizendo a sorte adversa,
Quiz ás ondas lançar-se, mas faltou-lhe
A coragem, que tem só na perfidia.
Assaltado de medos, corre á astucia,
Passa mil evasivas pela mente;
Do teclado infernal apalpa as notas
Dissonoras do embuste e hypocrisia;
Invoca Satanaz, prompto em taes casos,
E o demonio, que o ama, o mar lhe mostra,
E n'elle o suicidio e a liberdade.
Similhante a um novello de serpentes.
Rodeadas de fogo, que as obriga
N'um enleio convulso e sempre em móto
A volverem os corpos confundidos,
Assim na mente de Martim as traças
Se enredavam, sem ter fim nem principio!
Nos thesouros do crime, tão fecundos,
Não acha um meio, uma desculpa azada!
A um novo tiro do Almirante, e ás mostras
Dos seus, que n'alma amplexos já preparam

Aos da Nina e da ilha, cede, e parte
Como o réo que ao supplicio arrasta o crime.
Já toca o portaló da capitanea:
Procura reagir, aduna as forças
Que em livido suor do corpo escapam,
Mas falceia ao subir, e cai sentado:
Tres vezes para o mar olhou, tres vezes
Á vida se agarrou como cobarde.
Ajudado dos seus, tremendo sóbe,
E á pôpa se encaminha titubante.
Como um deos, que no alhar fulmina o homem,
Ante elle a imagem de Colombo se alsa!
Saúda o Almirante, e mudo fica,
Sem saber que dizer. „Aproximai-vos,
E dizei com lisura qual a causa
De vossa deserção?“ dice-lhe o Chefe.
Cabisbaixo, e rolando os tredos olhos,
Martim avança com pesados passos:
Vêm-se em seu peito os repellões da insidia
Bater em ancias, e ondear-lhe as vestes!
Soltando a custo desligadas phrases
Em piratas fallou . . . ao que, de prompto,
Com voz segura lhe interrompe o Chefe:
„Basta, Martim, a tua escusa aceito;
Aos pés de el-rei, sem aggravar teu crime,
Indulto hei de pedir; salvar-te a honra
Por amor de Vicente. Á Hespanha iremos.“

Beijou-lhe a mão o perfido, gelando-a
Co'os trementes, suados, frios labios.

No porto de Isabella ambos dão fundo.
Calam-se as honras que o dever pratica
No vizinho fortim. Ninguem se mostra,
E no entanto se vêm entre as ameias
Cautelosas cabeças espiando.
Desce á terra Martim, galga o outeiro,
Atravessa a estacada, bate á porta,
Entra no forte, disparece, e tarda.
Colombo espera, e de esperar se inquieta.
Já ía para a terra, quando ao longe
N'uma curta piroga vio tres homens.
Suspende, e reconhece logo Arana,
O chefe da colonia, e co'elle Tapia
E Gutierres em trajes de mendigos!
Sem dar peso ao estranho desalinho,
Vai ledo ao portaló, ledo os recebe
Como um páe que saudoso abraça os filhos.

COLOMBO.

CANTO XXXVI.

A bordo, passeando, merencorio,
Co'os ouvidos em Tapia, a vista em terra,
Escuta o Almirante a historia infanda
Da Colonia e seus crimes, e a revolta
Que em bandidos crueis, sem lei, nem chefe,
O nucleo convertêo, que alli deixara.

COLOMBO.

Si eu fôra homem vulgar, descrer devia!
O selvagem, que a Christo desconhece,
Não iguala em seus crimes e destroços
A esta raça sem nome, não da Iberia,
Mas de crus sarracenos prole infesta.
Prosegue, amigo, a narração medonha,
E á vingança prepara este meu braço.

TAPIA.

A cubiça e a luxuria a porta abriram
Dos roubos, dos estupros, e assassinios.

COLOMBO.

Vossa força moral, quando a perdeste?

TAPIA.

Nunca, Senhor! Surprehendidos fomos:
Rebentou-nos a mina, que o segredo
E o disfarce de ha muito solapavam.
Mandou-se castigar o delinquente,
Ninguem obedecêo? Fomos a elle,
E a revolta estalou. Vencidos fomos,
E feridos, qual vês! Eu que cahira
Exangue aos fíos de traidora espada,
Meu corpo aos urubús lançaram rindo.
O relento do céo foi-me propicio,
E o meu sangue invocou a pia dextra
Do Cacique, que prompto soccorrêo-me.
Levado á gruta dos Zemeis, um Butio
As feridas pensou-me, e dêo-me um' herva
Que em somnifera paz conforta e cura!
Dormi dous dias, como dorme um morto,
Pois que o soube depois. A caridade,
Que é timbre do christão, tem-na o gentio,
Como os sanctos a teem; o homem culto
Só cultiva o disfarce: dentro é fera,
Quando o baptismo lhe não desce n'alma.
Dous soes passaram; tinha ao lado o Butio,
Quando a caverna estremecêo em gritos,
Como um corpo que ais poreja, e verte

Da fronte aos pés lamentos incessantes!
Ergo-me, e vejo sobre o chão sangrento
Depor á luz de um facho o nobre corpo
Do gran Guacanagari, que: vingança . . .
E vingança, outra vez, dice morrendo!
O seu rosto, o archote, a turba, os gritos,
E a luz do facho agonisante, tudo
Se empanou nos meus olhos; fui cahindo;
Rolou minha alma n'um abysmo horrendo;
E o resto, Arana o diga.

COLOMBO.

Sim, sem perda.
Mataram-me o amigo? ah! não prolongues
Um silencio que á dôr suspende o pranto.
Arana, continúa, dize; . . . é morto?

ARANA.

Não, mas viver não póde o malfadado.
Depois da lucta, fomos presos ambos.
Houve orgia; não quero descrevel-a:
Na capella passou-se, onde eu e Tapia,
Quaes dous corpos inconhos, dorso a dorso,
Atados, como mortos, nos lançaram,
Semisuspensos para mór escarnco.
Cançado de peccar, a nós chegou-se
Bobadilla, o blasphemo, o ebrio, o monstro,
Com satanico esgar, e dice abrindo
A boca pestilenta: „Inda resistem?

E tirando da cinta aguda faca,
Sobre a pedra do altar a amola, e canta
Rimando injurias contra Deos e os homens
No tom funereo em que pranteia a Igreja.

COLOMBO.

Que infando sacrilegio! o horror não basta!

AVANA.

„Jura ser nosso! . . . tendo o ferro em punho,
Gritou a fera para mim, ou morre!
Não juro, eu dice em duplicado brado,
Porque á minha outra voz firme se unira:
Era a voz do meu Tapia, a voz de um homem!
Já me vinha ferir, acode Ojeda,
Desviando-lhe o ferro: „Commandante!
N'uma praça de guerra é outra a praxe:
O arcabuz é quem pune o réo de morte.
São horas de dormir.“ Ambos se foram.
Batêo a porta, e do ferrolho a chave
Rangêo na fechadura. Mudos ambos,
Como um vasto sepulchro parecêo-me
A capella, que a noite engrandecera!
Si alli morresse a salvação teria.
O tempo em que se espera a morte é breve,
Porque a vida nos fóge na esperança.
Minha alma preparava, quando Tapia
A oração me cortou isto dizendo:
„Estás triste?“ (voltei-lhe) Não, amigo,

E não sei o porque!... „Nem eu; (dice elle,)
Estas cordas me apertam, e as feridas
Já graduam-me a febre latejando.“
Dêo um surdo gemido, que vibrou-me,
Como si o imo estremecesse todo.
Rezei inda outra vez, pensei na morte,
E em quem eu tanto amei, hoje na gloria.
Ah! não foi illusão dos meus sentidos,
Porque Tapia tambem dice que o vira:
No meio da oração, toda a capella
Começou a estalar, como um navio
Entregue ás iras de tufão sinuoso!
Sobre a pedra do altar em que afiara
Bobadilla o cutelo, ambos ouvimos
Crepitar as faiscas, e ambos vimos
Alargadas em discos luminosos
Subirem pela estancia ao curvo tecto
E como um firmamento coroarem
Aquella estancia, que sagrou teus votos!
Senti todo o meu corpo horripilar-se,
E, no cimo do craneo, lancinantes
Espinhos a pungir-me! Cousa estranha!
Batia o coração, medo não tinha!
Bem como uma aura que embebêo n'uma harpa
As brandas azas, e no adejo estende
Um fio de harmonias, tal ouvimos
Como que ao longe e recrescer em ondas,

Que as luzes sobre nós acompanhavam,
Cadentes fluctuando; foi crescendo!
Ouvimos uma voz, duas, e outras
Fremendo melodias nunca ouvidas!
Suspensos, olvidando tudo, tudo,
N'aquelle grato enlevo! . . . um novo lume
Do altar subio como um cometa, e fez-se
Na figura de um Anjo, o céo mostrando!
Quiz fallar-lhe, mas veio um grande estalo,
E logo a escuridão, medonha sempre.
Que horrenda queda! mas dizia-me a alma:
Foi tua esposa que evocaste ha pouco,
Quando, na morte cogitando, ergueste
Saudoso a ella o pensamento grato,
E a esperança de vel-a eternamente.
Perdoai, Almirante, que estas lagrimas . . .

COLOMBO.

São justas, meu amigo; eu as conheço:
São o orvalho do céo na sêcca d'alma.
Ficai juncto da esposa. Não vos quero
Outra queda de espirito: a memoria,
Quando sóbe aspirando luz etherea,
Desvaira si a suspendem nesse adejo,
Ou cai no coração onde emmudece.
Gutierres aqui está, pois tudo vira.

GUTIERRES.

Veio o dia; redobram de ameaças,
Que em muda resistencia desprezamos.
Já cridos mortos pela horda infame,
Seus planos ante nós alli concertam,
E a traição de Martim, que aqui viria
Recebel-os á noite, e dar de vela
Para a Hespanha, e chegar antes que fosses...

COLOMBO.

Deos o trouxe, e burlou-lhe a traça ignobil.

ARANA.

Quando o demonio da cubiça agarra
O humano coração, só morto o deixa.

GUTIERRES.

O dia se passou todo em escarneos,
E ameaças brutaes. Á noite, em juncta
Ante nós, galhofando, decretaram
Para o dia seguinte a nossa morte.
Escolheram Pacheco e Alcaparra,
Habeis no tiro, que aceitaram gratos.
Não poderam dormir; foi tibia a orgia:
Ante o crime velava a consciencia.
Arrastados ao campo, e quando a Arana
Um dos sicarios o arcabuz mirava,
Esperando de Ojeda á voz de fogo,
Qual de raio ferido cai por terra
De occulta flecha traspassado o monstro,

E no chão o arcabuz dispara o tiro.
Aos gritos de Pacheco, accode a turba
Curiosa, assustada! e quando curva
A flecha contemplava, como um raio
Rompe em torno de nós grito de guerra!
Voam settas e dardos, luzem ferros,
Trava-se a lucta; mas que lucta horrenda,
Não de homens, mas de feras braço a braço!
Os do forte saíram, mas entraram
Ao numero cedendo, e os do campo,
Cançados de matar, no chão cahiram!
Não vi mais nada; transportado ás costas
De robustos selvagens, só sentia,
No curso que ao frisão emparelhava,
De vez em quando o açoute da folhagem,
E umas bagas de orvalho; senti noite,
E na gruta me achei, Tapia encontrando!
Creio que exhausto desmaiei na gruta? . .

ARANA.

Cahiste como cai um corpo morto.
D'alli soubemos que, refeita em armas,
A caterva investira á taba regia,
Onde o Cacique, deffendendo um filho
Nos braços maternaes, fôra ferido,
E dos seus transportado á mesma gruta.
Ah! si visses o quadro do combate,

E a vingança cruel d'aquelles monstros,
Teu sangue gelaria nas arterias.

COLOMBO.

Que fizeram? dizei-me por piedade.

ARANA.

Tudo quanto encontraram foi por terra:
Velhas infensas, tenras criancinhas,
Foram preludios do funereo arrojo!
Marcham furentes: e o que foge á espada
Alcança o arcabuz; cai o Cacique,
E ante elle um muro de valentes peitos
Cai traspassado, e outro muro se ergue!
Como tigres feridos, se espetavam
Nas espadas e lanças, vendo as settas
Nos peitos de aço resvalarem todas,
E as maças sobre os elmos rebentarem.
Ardêo a taba, e se desfez em brasas.
Nos ardentes esteios, que cahiam,
Outros lenhos lançados pelos monstros
A fragoa roboravam, crepitando:
E alli, as mães, e os filhos que espetavam,
Co'a ponta de alabarda íam lançando,
Como a pá n'um monturo atira o lixo!
As virgens, oh crueza! semimortas
Pela bruta violencia, ás chammas findam;
E os feridos guerreiros, que invocavam
Pelos seus piedade, eram suspensos

Em longas forcas de improviso alçadas,
E a treze e treze, por memoria a Christo
E aos doze sanctos, se immolavam vivos.
Que scena horrenda! os convulsivos membros
Tremiam ao ardor das labaredas,
O sangue destilando em soro e fumo.
Replectos de homicidios, saquearam
Tudo quanto poderam, consumindo
Pelo incendio o que á espadoa não levaram.
Corre a nova nas brenhas; cautos partem
Ao chão revolto idoneos mensageiros,
E ás tabas voltam confirmando os crimes!
Confederam-se as tribus, tomam armas,
E um só grito de guerra atroa a selva.
Caonabó, o terror da inculta gente,
Põe-se á frente da empresa, que appellida
Guerra sancta, e seus planos apresenta;
Suspende as nupcias, que almejava ha tanto;
Não manda, vai rogar á terna amada,
Não de amor alliança, mas de guerra:
Rainha poderosa, que mil arcos
Põe em campo, si a mão chega ao trocano,
É a bella e heroica Anacoana!
Juram ambos as bodas concluirem
Sobre as ruinas do forte, entre as cabeças
De Ojeda e Bobadilha. Disto sabem
Os rebeldes por Indias que os amavam,

E tremem do porvir. Formam conselho,
E assentaram na astucia, antes das armas.
Parte Ojeda ao Cacique; enche-o de mimos;
Diz-lhe que á morte os delinquentes dera;
Pede-lhe ajuda e protecção aos poucos
Que com elle, fieis, não são culpados;
Chora a morte do bom Guacanagari;
Caonabó lisongeia; Anacoana
Compara á lua, e elle ao sol radiante;
E promette ensinar-lhe a arte dos brancos,
Que a seu mando unirá em breve as tribus.
Com taes manhas, e argucias, e lamurias,
Do credulo selvagem quebra as iras.
Accrescenta, que vem, porque deseja
Satisfazer-lhe um voto, e que lhe cede,
Em prova da alliança e da amizade,
O sino do fortim. Pasma o Cacique,
Que o abraça estremoso, e lhe confessa
Que um reino elle daria por tal mimo,
De ha muito inveja sua, e sonho ardente.
Ojeda accode prompto: „Um deos encerra
Aquelle bronze, a cuja voz os homens
Obedecem na paz como na guerra!
Chama-os á lavra, e fertilisa as messes;
Marca as horas do affan e as do repouso;
Torna os ares alegres e festivos,
E os homens une a tempo, e os dispersa.

Si canta em esponsaes, filhos aos pares,
Formosos como os astros vêm as mundo,
Sem nunca fraquearem, sempre ledos
Na caça, e denodados no combate.
„Dai-mo agora! convulso em riso e pranto,
Brada o Indio, que paz te juro eterna.“
Darei, responde o monstro, si vieres,
Segundo o rito que seu culto ordena,
Buscal-o ao forte; e, si te apraz, conjuncto
Um desses monstros, que vomitam raios,
De bom grado te cedo; e então que chefe
Contra ti ousará mover as armas?!
„Vamos, lhe brada Caonabó pulando,
Que amanhã cantará nas minhas nupcias“.
Acalma-te, e respeita um deos tão grande,
Simulando friesa, dir-lhe Ojeda:
Amanhã, quando o sol medir na sombra
O vulto da palmeira, sê presente
Á porta do fortim. Si a voz ouvires
Do deos voar nos ares, triumphaste,
Porque é teu de bom grado. Revestido
Do uniforme sagrado, que lá temos,
Entrarás no seu templo, e ás espadoas
De um dos teus, que mais valha, has de trazel-o.
„Ás minhas, diz o nescio; não conheço
Quem mais digno do que eu tal gloria colha.“
Á hora em ponto, Caonabó postou-se

Fronteiro ao forte, para o sino olhando.
Ojeda repicou, sorrio-se o Indio.
Abrem-se as portas, e a quadrilha em armas
Pausada avança co'um descante rudo:
Saúda a Caonabó Ojeda, e põe-lhe
Na fronte um gorro de vermelho risso,
Na espadoa um manto de galões orlado,
E nas pernas fimbradas jarreteiras
De guisos, que o selvagem tanto estima.
Com brilhante espiguilha disfarçadas
Ferreas algemas, que gostoso embraça
A victima innocente. Entram no forte;
Bate a porta estrondando, as trancas passam;
E Ojeda co'a manopla fere a face
Do inerme Caonabó! Tropeça o Indio,
Caiem todos sobre elle, e já nas plantas
Grilhões lhe pesam, como a vil escravo!
A India que isto vio, fugio; e ás tribus
Narrou tal caso; lacerava os seios,
Pungia o ventre, em que suspeita um fructo.
Soubemos que apressada Anacoana
Em valer ao esposo atraiçoado,
Ultriz voara á Higuama, estoica, e fera,
E que os butios de Huguei, ouvindo os deoses,
Á rainha trouxeram, tinta em sangue,
A flecha da vindicta; e que em Samana
No amago dos troncos arde o lume,

E o dente da cotia o vão remata
De ligeiras canôas. Os Boécios
Temiveis, e os Ciguaes ardentes foram
A Baorneo engrossar a tribu ousada,
Para dos montes, como pedras soltas,
Ao valle virem de Magana em pranto,
Que chora a sorte de seu rei captivo.
Toda a tribu de Yaquin colhêo resina,
E apresta as flechas que o incendio ateam.
O sertão é um mar que brame em furia,
E cada Indio uma fera infrene e cruda!
Razão teem elles, que á invasão unimos
A perfidia e crueza. Pobres Indios,
Que estranhos á mentira, ao roubo, e á insidia,
O peito insonte ás viboras abriram,
E as viboras, Colombo, . . . mais não digo.

COLOMBO.

Vou á terra atalhar tantas desditas,
Salval-os do exterminio . . .

ARANA.

Onde te arrojas,
Coração generoso?

COLOMBO.

A um dever sacro;
A salvar, e a punir esses malvados.
Meu dever é justiça, e a justiça

Tem no gladio dous gumes: um protege,
E o outro corta impiedosamente.

ARANA.

Serás preso ao chegar, levado á força:
Não ha fé nesta gente! Por seus crimes,
Zombam de tudo, e nem a Deos respeitam.
Não ha força moral quando a anarchia
Se embriaga de sangue, e como o ebrio,
Mais sangue pede no furor da orgia!
Esperai pelo ataque, que, acoçados
Como feras por cães, hão de a teu bordo
Frocurar salvação. Não vas á terra;
Martim lá 'stá com elles, e quem sabe? . . .

COLOMBO.

Si eu morrer, ficareis. Já volto, amigos."

Partio Colombo. Arana em continenti
Manda á pressa um Lucaio á Anacoana,
E outro ao forte com secretas ordens.
Pede á rainha que de prompto venha
Unir-se ao Chefe, libertar o esposo,
E punir os rebeldes; juncta ao rogo,
Para prova, uma lança e uma espada.

Salta Colombo em terra, sóbe ao forte,
Bate á porta, que se abre; chama Ojeda

E seu socio, que promptos comparecem.
Ordena-lhes que o sigam, que obedeçam.
Leva aos labios os dedos Bobadilla,
Sibila, tinem armas dentro, e logo
Despeja a porta n'um tropel a horda,
Que a voz de preso ao Almirante berra.
Mira-os Colombo, e um a um recúa,
Como si visse em seu olhar seguro
Duas lanças surgirem das pupillas!
Alça a mão Bobadilla, Ojeda o imita:
„Basta! dice o Almirante, não me inquinem!
Ninguem me offenda. — E penetrou no forte.
Á capella o levaram, onde Colombo,
Sem mais dizer, se ajoelhou tranquillo.
O silencio dos réos marcava a altura
Do grande crime, e o respeito imposto
Pelo homem que encerra altas virtudes.
Erguêo-se o Nauta, e Bobadilla mudo,
Mas tremendo, as algemas lhe apresenta,
Tanta era a emoção! É que lá dentro
N'aquelle ser, em que o remorso punge,
Inda havia um retraço humano, um ponto,
E esse ponto era a luz da consciencia.
Sem verbo articular, estende os braços
O ancião venerando, e retinindo
As cadeias que os pulsos lhe magoavam,
Ao céo volvêo os macerados olhos,

E baixando-os á corja, esta encolhêo-se,
Como premada, e tropeçando foi-se.

Sentou-se a nobre victima, aguardando
A sorte, e assim dizendo: „É dura a gloria
Que florece co'a palma do martyrio.
Os mysterios de Deos são insondaveis!
Para elles é curto o engenho humano,
Opaca a vista, e obliterada a mente.
Fallecer-me a prudencia, vir incauto,
Como impellido de uma força occulta,
Obra humana não foi, posso affirmal-o:
Eu vim mandado, e quem me manda póde!
Como a nuvem da vida muda as côres! . . .
Que torrente de enlevos e de magoas! . . .
Si meu sangue, si a vida, si estas dôres,
Podem lavar, oh Deos, o porvir triste,
E os males que antevejo, aceito esponte
A grande expiação, como teu filho,
Que por nós padecêo na cruz do crime.
Toma em teus braços, que a humildade afagam,
Esta alma que em ti só vive esperando.
Toquei o cimo em que se perde a vista
Dos homens, porque em ti somente vejo.
Nem tenho indignação! tão alto sinto
Subir minha alma, que desdenho a terra.
Piedade só sinto; ah! sim, perdôa."

E a voz d'alma suspende ao duro estalo
De vergastas crueis!
Abre-se a porta!
A empurros entra Caonabó, e tomba
Sobre o chão, peito em terra, o pó mordendo!
Escorjando convulso rola os ferros,
E geme, como geme em ermas ruinas
Tufão medonho na hibernosa noite.
Corre a elle Colombo, ergue-o, sustenta-o,
E o leva a um bronco cepo, unico assento
Na profanada estancia, e o contempla!
Que altiva majestade! Com seus olhos
Parecia domar os elementos,
E os homens confundir! leão atado,
Que ruge e horror incute, similhava.
Das mãos de Baccio, do factor de Alcides,
Nunca tal norma ao pedestal subira!
Chega-se a elle o Nauta; e quando humano
O ía consolar . . . ergue-se o Indio
Todo tremendo, e para elle avança
Com tensos braços, com as mãos recurvas,
Co'a boca aberta arreganhando os dentes,
E após tres passos, recuando o fixa,
Sólta um grito, desmaia, afrouxa os membros,
E o molle corpo sobre o chão retumba!
De novo o ergue apiedado o Nauta,
E a custo o leva, e o encosta ao cepo.

Arde-lhe a febre nos espessos labios,
Que fogo expiram; nos velados olhos
A lagrima da morte aponta e exsuda,
E na fronte estuosa e seccas faces
A funebre caveira já se estampa.
Colombo o mira, e nesse mixto acerbo
De incertezas, de dôres, e esperanças,
Aquella alma consola, isto dizendo:
„A ti o engano e a insidia, e a mim o crime!
Só é grande o que Deos conserva grande!
Descança, desgraçado!... O céo te ampare...
Volve á paz, e perdôa, sim, perdôa
A quem foi causa involuntaria... „E chora,
Como chora o christão arrependido.
Volta os olhos; caminha; ouve um gemido,
Um outro; pára, volta, e vê da vida
Nas languidas pupillas e nos labios
Do misero brotar um tibio lume,
Qual vê-se entre carvões e mortas cinzas,
Brilhar de vez em quando escusa brasa.
Chega-se o Nauta ao Indio, ao céo levanta
Os olhos, e a Deos pede a fonte sacra
De sua eterna graça. Deos o escuta:
Em lagrimas seus olhos se desfiam,
Que elle apara, e co'as lagrimas baptisa
O infeliz Caonabó. Como um milagre,
Ergue-se o Indio, descerrando os olhos,

E assenta no Almirante a vista clara
Co'um extatico olhar! e pouco a pouco
Nos labios mostra, ao respirar ancioso,
Esse riso que a dôr e a morte envolve;
Murmura, balbucia, e diz a espaços:
„Ia morder-te as mãos, mas vi teus ferros!
Meu odio succumbio! Medi teu fado!
Presa de ingratos tua gloria ha sido,
Qual fòra a minha do traidor Ojeda.
Não te posso odiar, que irmãos já somos
Por destino cruel, por estes ferros.
Caonabó quer morrer. Escuta, e cede:
Dá-me essa fronte veneranda e nobre,
Que eu a quero beijar, limpar-lhe a nodoa
De minhas maldições, assás injustas.“
Foi curto o abraço, e o consorcio d'alma,
Em que dous corações se unem batendo,
E mutuos juram sepultar seus odios.
Nos braços de Colombo, o arranco extremo
Caonabó exhalou, inda beijando-o.

Preso Colombo, Ojeda e Bobadilla
Deixam o forte, transportando a occultas
Seus haveres á praia, onde ancioso
Os espera Martim, e a nova fausta
Da morte do Almirante, suggerida
Por elle aos dous, no penetrar do forte.

Por morto o deram, segurando as graças
Do tredo ingrato, e desviando a pecha
De cobardes perante o vil cobarde.
Vão a bordo, e entre sí logo discutem:
Partir, deixando a Nina, era discordia,
E arriscado ao chegar. Deixal-a é erro:
Gente affecta a Colombo a tripulava:
Os papeis do Almirante lá se achavam,
E Vicente capaz de um desembarque
Á mais leve suspeita de revolta.
„Convêm peital-o, diz Ojeda, e hoje,
Porque o tempo a quem foge é salvaguarda.
A morte de Colombo oura-lhe os olhos,
Porque é homem, e em sí devéras pensa!
Ouvio-o discorrer: ama as grandezas.
É teu sangue, Martim, tudo está dito.
Parte sem perda, e teu irmão convence.“

Remou á Nina o fementido arauto,
E depois de abraçar o irmão, lhe dice:
„Não por mim a ti venho, mas por todos
Propor-te a volta á Hespanha, já que o fado
De algum modo apadrinha a sorte nossa.“

VICENTE.

Que é feito do Almirante, dize, falla?
Tu vieste do forte, e mais dous homens?

MARTIM.

O Almirante?... Morrêo: nós somos tudo.
Toca a nós toda a gloria, e toda a honra,
Sem que usurpal-as um estranho possa.
O posto de Almirante, si o desejas...

VICENTE.

Onde um crime occultar a tantos homens?!
Para qu'impune vivas força é a morte
Não só de teus corréos, mas de nós todos!
Guai de ti, que só vês perfidia no homem,
E até ousas a mim propor infamias!!
A ambição te cegou, e como cego
Palpas a carne, pois não vês mais a alma!
Matar-se um chefe como elle!.. Mentes.
Aqui fico. Esta nave não é minha,
E d'Elrei, da Rainha, e do Almirante.
A não ser teu irmão, agora em ferros...

MARTIM.

Deves ao sangue o não lavar a affronta
Que esse orgulho de escravo ora me irroga.
Eu parto, e vou levar á Hespanha a nova;
E si acaso,... mas não: tu me conheces."

Grita ás armas Vicente; o irmão se evade;
De combate o tropel troveja a bordo!
Tudo se apresta obediente e prompto!
Ás lanchas se unem do Orinoco os lenhos;

Embarcam todos; para terra voam.
Martim suspende, e, a favor do vento,
Pelos liquidos longes se evapora.

De pé, na mão a tuba dos combates,
Com os olhos no forte vai Vicente:
Já quasi toca na revolta margem,
Quando lhe fere da victoria o toque
De cima do fortim, e vê subindo
Na haste nua o pendão real da Hespanha!
E logo, sobre a praia em que já pisa,
Um Lucaio bradar; „Viva Colombo!“
E a trombeta embocar, soando alegre.

Abrem-se as portas do fortim, e o Nauta
Algemado caminha entre Caciques,
Tendo de um lado Anacoana em pranto
Sobre uma rede a lamentar um morto;
E do outro, assentado sobre lanças,
Guacanagari pallido e tristonho.

COLOMBO.

CANTO XXXVII.

Mal chega a bordo, vio Colombo em flammas
Arder o forte, e desfazer-se em ruinas,
E ao longo da esplanada desfilando
As varias tribus, tendo sobre as lanças
Cabeças espetadas. Pensativo,
Das ruinas ao mar volvendo os olhos,
Dice a Arana: „Sumio-se a capitanea,
Que eu amava, qual ama o Beduino
O corcel que o transporta no deserto!“

„E a Pinta dêo de largo! (dice Arana.)
Martim, antes da fuga, aqui fallara
Com Vicente, e foi curto o seu discurso.“
Ao que o Almirante assim replica:
„N'alma do ingrato rebrotou a insidia.
Quiz sondar o irmão, e achou estorvo.
Não o invejo, deixai-o: Deos é justo.

O passo do traidor é lento e incerto,
Porque o crime lhe pesa e o perturba.
Lastimo-o pelo irmão, a quem estimo.
Agora, á Hespanha, e sem parar, amigos."

Manda largar; e costeando a ilha
Procura vitualhar-se, permutando
O que ainda ficara. Vem-lhe a bordo
Um selvagem com fructos; vem-lhe outros
Propôr mais trocas; e elle á terra manda,
Por bom aviso, armada, a gran chalupa,
Que, mal toca na plaga, é setteada!
Trava-se a lucta, corre sangue; vencem
Os de bordo, trazendo prisioneiros.
Eram Ciguaes, e d'elles soube o Nauta
Que só imigos acharia em terra.

Sem viveres a Nina, e d'agua aberta,
Força foi-lhe singrar em Deos fiada.
Dias propicios e galernos ventos
O retorno aditaram, té que o tempo
Variado tornou-se. Houve uma calma,
Com grande pescaria, e festa a bordo.
Brincavam sobre as ondas alguns jovens,
Quando entre elles se vio o horrendo vulto
De voraz tubarão! Mal grita a chusma,
Um dos Ciguaes, que punha um peixe em postas,

Sobre o monstro se arroja, e o desafia,
Tendo na boca atravessada a faca!
Batendo as barbatanas, vôa ao Indino
O monstro, abrindo as bidentadas fauces;
Mergulha o Indio, e no lixoso dorso,
Que o nado obliquo lhe deixava a geito,
Enterra a faca, e o provoca ainda!
Todos curvados sobre a borda, e pasmos,
Entre o susto e o espanto mudos ficam!
Mais pelo cheiro de seu proprio sangue,
Que pela dôr, aguça o monstro a gula,
E o nado e furia activa; mas o Indio
A subitos mergulhos o esfaqueia,
E assim por vezes o deixou exangue,
Volvendo ao lume o pavoroso ventre!
Descem cabos, e o monstro semivivo
Com dez homens luctou, antes que á verga,
Ao som dos vivas da equipage inteira,
Subisse o corpo, que dez metros tinha.
Cheio de prendas e louvor saíra
Da presença do Nauta o joven Indio,
Para ser d'ora avante respeitado!

Depois da festa, da abundante pesca,
O céo se entristecêo; humido vento
Soprou do sul, amotinando as vagas.
Veio o frio, o arauto das tormentas,

E com elle o tufão que enlucta o dia,
Cava o mar, e semeia altos perigos.
Poz prôa a leste o Almirante. Á tarde
Vio ao sueste serpear nas nuvens
O relampo fatal, mudar o vento
Em lufadas oppostas, trapeando
A pobre Nina, mal segura ao rumo.
Dispoz-se o Chefe a resistir á lucta.
Crescêo a escuridão; tintas em lucto
As vagas pareciam. Veio a noite,
E do austro saío mugindo em furia
Medonho vendaval, abrindo as azas
Carregadas de lampos e de raios
Por sobre o negro e rugidor oceano.
Ao baque do trovão gemia o vento,
E a chuva horizontal, cegando os homens.
Como folha arrancada voga a Nina,
Ora subindo a coroar um monte,
Ora descendo á profundez do abysmo!
A fé, guarda do Nauta e seu allivio,
Baixou nessa hora horrenda aos reveis peitos,
Donde aos labios subio tremendo em votos,
Labios assento da blaspheia e embuste.
Como d'agua surgido estava o Chefe
Juncto ao leme a dizer: folga, alivia!
Quando os rebeldes, do porão gritando,
Dão rebate sagrado, promettendo

Um voto á Virgem de Loretto, e um cirio
Á sancta Clara de Moguer, na patria.
Parecia que o céo surdo e irritado
Dobrava as iras! Faz seu voto o Chefe,
E a tormenta não pára! Desce, e á pressa
Escreve a rota, e a descoberta, e a fecha
Em garrafas que ao mar lança, junctando
Um de seus mappas n'um tonel que atira,
Cantando o hymno da esperança á Virgem.
Desde esse instante só se vio um homem
Alerta, e esse homem foi Colombo!
O terror que os sentidos oblitera,
Não dêo tregoas á mente pavorosa
Da equipagem, que morta se cuidava.
Veio o dia mais brando, e ao nordeste,
Por entre os restos da tormenta, a terra
Serenar os espiritos, que á uma
Viram a Hespanha, menos o Almirante.
Chega-se á terra, e surge, e perde o ferro;
E, dando ao largo, na manhã seguinte
Entrou no porto, não sem custo e p'rigo.
Stava em Sancta Maria dos Açores.
Amotina-se a terra á nova estranha
Do achado das Indias, sonho luso
Que a presença dos Indios confirmava,
E o ouro, não cunhado, da equipagem.
Sóbe a nova ao governo; veem refrescos,

Gratuitos mimos do geral Alcaide,
E a noticia de que veria o Chefe
Na seguinte manhã, com toda a pompa.
Sem perda, manda o Nauta meia chusma
A promessa cumprir, e á espera fica.
Correm as horas, e não volta a gente!
Alma batida, novo azar espera.
Muda de fundo para ver a Ermida
D'alli não vista, e suspeitoso sóbe
Ao logar do gageiro, e eis que descobre
Cercada a Ermida, e sua gente presa
Entrando em ala no vizinho forte!
Batia meio dia. Á praia descem
Armados cavalleiros; movem remos
Para a Nina, e ao chegar á falla páram.
Um d'elles pede de antemão ao Nauta
Salvo-conducto por escripto, e chega,
Depois de o dar a um dos seus, que ao largo
Cauto ficara, rodeado de armas.
Por sua alma aferindo a de Colombo,
Não sóbe á Nina, e do escaler pergunta,
Quem é, e donde vem, e o mais que é de uso?
Ao que o Nauta responde, e a seu turno,
Da captura dos seus severo inquire?
„Pouco me importa, (diz o Alcaide ufano)
Que em paz com Portugal esteja a Hespanha,
E menos inda co'as bravatas tuas.

O que val Portugal por mar e terra,
Si o não sabes, pergunta ao mundo inteiro!
Cumpro as ordens de Elrei...

COLOMBO.

João Segundo?

ALCAIDE.

Não ha outro!

COLOMBO.

Impossivel! sei que é justo,
Grande nas vistas, mas no obrar prudente.
Quem me offende a meus reis tambem aggrava;
E Fernando e Isabel sabem vingar-se.

ALCAIDE.

O que eu dice está dicto! Ouve o restante:
Este ponto é fatal, não tem abrigo.
Entra no porto; segurança dou-te
De bens e vida, e liberdade em terra;
E si não, volta á Hespanha, antes que a noite
Minaz aqui te arroje entre os penedos.“

Partio-se o Alcaide. O coração do Nauta,
Aberto ás hostes de crueis embates,
Entre a morte e a traição, sangrou luctando.
Só, com tres marinheiros e empregados,
Que fazer no oceano tormentoso?
Um meio havia, perigoso é certo,
Mas entre os males o menor escolhe.

Liberta os revoltosos que salvara,
E em ferros vinham; a traição lhes mostra.
Tudo n'elles morrera, excepto o odio
Da vizinha nação rival da Hespanha!
Á amnistia clemente unio palavras
Que o herdado rancor robusteceram.
Cahiram a seus pés, jurando ultrices
Morrer com elle combatendo os Lusos.
Foi turva a noite, e apezar disso os guardas
Viram cortada a amarra, e n'um esquife
Galgar as ondas da ressaca o imigo,
E no escuro perder-se, como um sonho!
Fez-se ao mar o Almirante, paira, e entra
Ao romper da manhã no porto ingrato.

Sciente da traição do Alcaide, o povo,
Que é justo quando não infrene pune,
Erguêo-se a brados, protestando contra.
De estandarte na frente á porta batem
Do Alcaide os communeiros, exigindo
A soltura dos presos, e um reparo
A seu brio, ferido em tal insidia
Indigna de Christãos, e Portuguezes!
Ao motim não previsto impõe o Alcaide
As ordens regias. Nega o povo, e o obriga
A exhibil-a de prompto. Diz o Alcaide
Que firmada não fôra, mas que é certa

Por lhe vir de quem veio; e mostra a carta
De um fidalgo assignada. Não accede
O povo, e no furor a carta rasga!
Tremendo o vil mandão logo despacha
Um alcaide menor á Nina, e juncta
Mais dous frades, que o povo idolatrava.
Chegam a bordo os emissarios; pedem
Os papeis de Colombo, e os reconhecem,
Pedindo excusa de um fatal engano.
Uma hora depois a bordo estava
A chusma inteira, e de presentes cheia
Do bom povo da ilha. Alguns diceram
A Colombo, que ouviram sem rebuço
O plano de o prender, cassar-lhe os mappas,
E mandar seus papeis para Lisbôa.

Livre desta Colombo, e outra temendo,
Parte de novo, agradecendo á Virgem
O ter-lhe assim victualhado a nave,
Já quasi exhausta, mas sem lenha e agua.

Era o tempo em que as ruas de Lisbôa
E as de Cadix só viam compungidas
Descalços nautas, conduzindo um rolo
De longo panno, e aos Christãos pedindo
Ao tom grave e soturno de seu canto,
Para a Virgem dos Naufragos esmola.

Era na quadra em que os algentes euros
Solta a ursa polar, e que inda tintos
Da fria noite sobre o mar se arrojam,
As negras azas saccudindo aos nautas;
Era no hinverno, que entristece a terra,
Que bate as ondas, que as irrita, e as róla
De encontro as praias em que rugem, fervem,
Abrindo ao nauta as espumosas fauces
Que entre occultos parceis contêm a morte.
Força era vencer da volta os contras,
Na esperança da gloria e do repouso.
Seis dias decorreram sem perigo,
Antes que um novo assalto os maltrasse,
Rasgando os pannos, adernando a nave,
E expondo-a ás iras do oceano indocil.
Sudoeste cruel, soprando em furia
Por entre nevoas, arrastou a Nina
Té á roca de Cintra, coroada
De roliços penedos sotopostos.
Entra no Tejo, disputando as vidas
Contra a ressaca, que apagara os lumes
De sobre as torres, escalando irosa.
A gente de Cascaes, piedosa vendo
A triste Nina caminhar á morte,
Corre ao templo, supplica, accende cirios,
E invoca a Virgem, dos afflictos madre.
Um desses anjos, que depreza a vida,

E que a historia fallaz desdenha ufana,
Toma um esquife com seus nobres filhos,
E em soccorro da Nina heroico vôa.
Em cada vagalhão vence um perigo;
Chega á nave, e ao saltar cai e sossobra
N'uma vaga que o leva e que o submerge!
Gritam todos a bordo pela Virgem! . . .
E eis que outra vaga, que encapella a nave,
O páe encosta á enxarcia, em que se agarra,
Volve o corpo, e o convez pisa ligeiro;
Alimpa os olhos, corre ao leme, e ordena
A precisa manobra salvadora!
Mas onde os filhos e o ligeiro esquife?
Agarrados ao lenho por dous cabos,
Como destroços de um naufragio jogam
De onda em onda os vigorosos corpos,
Soltando vozes a dizer que vivem:
„Atravessa; coragem; venham boias."
Diz o pratico, e a um tempo a nave e os filhos
Salva, levando a rebatida Nina
Ao porto do Rastello, onde segura
Unhou na vasa do formoso río
O seu ultimo ferro.
Ao seio aperta,
E une ao coração, n'um beijo d'alma,
Colombo ao páe e aos filhos que o salvaram,
Dizendo-lhes em pranto: „Deos mandou-vos!

„Não tenho que vos dar; o céo não tenho!“
Nem eu que vos pedir, porque estou pago:
O prazer que ora sinto é mais que tudo!
Diz-lhe o homem do mar. Adeos amigo.“
„Espera! (inda abraçando-o, diz Colombo)
Toma esta imagem do Cordeiro insonte,
Que aqui tenho no peito; e si algum dia
A desgraça tocar-te, corre á Hespanha,
Procura o Amirante do oceano,
Este amigo que vês . . . e mais não digo.
Beijou a mão callosa ao páe, e aos filhos
Abraçando, lhes dêo votos propicios.

Sobre o adro da Ermida em que hoje se alça
Um marmoreo primor, assombro de arte!
Se apinha o povo com festivo aspecto,
Para a Nina agitando os brancos lenços,
Que niveas pombas adejando fingem.
Da Ermida a ogiva se abre, e ao mar derrama,
Como um hymno de luz, o som do orgam
E das vozes que a Deos sobem cadentes,
Graças levando por salvar a Nina.
Colombo se ajoelha e co'elle a chusma.
Do mar unindo á terra os gratos votos.
Vendo Colombo, já de terra vindas,
Em torno do baixel ligeiras barcas,
A Vicente incumbio do grato acolho

Aos emboras festivos, e da ordem
Que um porto exige, e respeitar se deve.
Duas horas depois houve o encontro
De dous homens, dous nomes, que suspensos
Ficaram no oceano, como o astro
Que os tempos mede, e que illumina os homens!
Fez-lhe a visita o gran Bartholomêo,
Aquelle que plantou as lusas quinas
No Cabo tormentorio! Os dous se olharam,
N'um mutuo pasmo que abraçou a terra!
Livre Colombo, foi á terra logo
Ao Divino Ostensor do mar dar graças.

Corre a nova das Indias entre o povo,
E vôa de Belem a João Segundo,
Antes que a parte official lá fosse!
Na seguinte manhã veio a Colombo
Janifante, outro nauta de renome,
Um convite trazer de Elrei, dizendo
Que Sua Alteza em Santarêm o espera,
E onde gostoso o ouvirá; e logo
Ás ordens do Almirante pôz, já prompta,
A real galeota, em que remavam
Provados nautas, nos seus rostos tendo
Dos afros soes a abassanada estampa.
Resistir era offensa a quem mandava,
E seguir, talvez fosse . . . mas reflecte

Que a insidia é tenebrosa, e fóge ao lume.
Parte, levando Arana, e os dous Lucayos
Trajados como trajam seus caciques.
Passou, e vio Almada debruçada
De sobre a roca marcial, guardando
O mar e a terra; vio em linha os altos
Galeões perfurados, apontando
As terriveis bombardas, e irriçados
De lanças e arcabuzes temerosos;
Chegou aos muros da rainha oceana:
Vio na ribeira trovejando os malhos,
E arcabouços de sobro no estaleiro;
A Casa d'Armas, reflectindo n'agua
O escudo e os redentes mouriscados;
O Castello, elevando aos céos as torres,
E os altos coruchêos tecendo um hymno
Pela voz de mil sinos; vio Alfama
Curvada aos regios paços, qual Fatima
No regaço de Hermingues, traga mouros.
Sobre o río saudoso deslizando,
Seus primeiros amores lhe assaltaram,
E aquella virgem lusa, a Perestrella,
Que a mão lhe dêo, e o coração de esposa.
Passa as lesirias, e a formosa encosta
Salpicada de quintas, té que o lenho
Aporte em Sacavêm, onde uma côrte
De fidalgos gentis veio esperal-o.

Tinha ha pouco chegado do Oriente
Rabi-Abraham com preciosas cartas,
Que em mão lhe dera Covilham ao ir-se
De Ormuz ao reino do Negú, chamado
Preste João, monarcha poderoso,
Conhecido por fama, e nunca visto;
Sagrava os reis, os thronos confirmava,
E aos principes, por graça, concedia
Por traz dos véos do solio, véos espessos,
Que a ponta de seu pé curvos beijassem.
Do sancto e omnisciente mytho havia
O influxo exaltado um emissario
Do reino de Benin, fallando á larga
Das grandezas das Indias, do Oriente,
E excitado em João Segundo a gloria
De ter por alliado um rei tão grande.
Unir a Cruz ás lusitanas quinas,
E leval-as á India, era o almejo
D'aquelle rei que unia á mente a força,
Ao throno os dotes de um engenho egregio,
E ao varão o explendor das boas-artes.

Em vasta sala e grande mesa estavam
De Polo e Lullio os livros, e os peryplos
De antigos viajantes; juncto a Alliaco
Portulanos e mappas. Toscanelli
N'um traçara do globo a imagem crida,

E n'um outro Colombo, mais sabido,
Quanto o Luso invadira e se apossara,
E em tinta incerta, no occidente, plagas.
De compasso na mão, tendo á direita
Nunes co'o astrolabio, Elrei estava,
E á esquerda o arabista de Lamego,
Joseph, que perlustrara parte d'Asia;
Em roda o bispo Ortiz, Rodrigo o physico,
Faria, o escrivão da puridade,
O leal conselheiro, e junctos deste
Vasco da Gama, e o gentil Rezende,
A lyra e o pincel nas mãos unindo.

Entra Colombo, e no real semblante
Colhêo mostras de paz! Venerabundo
Saúda o grande rei; diz-lhe, mostrando
Os dous Lucayos e as singelas armas,
Quanto vira e soffrera, e o que alcançara.

D. JOÃO SEGUNDO.

Á feliz Isabel dai meus emboras,
Que, surda á Salamanca, teve o premio
De quem se não sujeita a alheio alvitre,
E segue a inspiração por Deos mandada.
Tentar é progredir: Dice-o o Infante
Meu tio, quando em Sagres despedira
Teu sogro ao Bojador; quando accedera
A Zarco, o que primeiro as baterias

Dos primeiros canhões firmou a bordo!
Aqui estão os censores de teus planos,
Que inda ha pouco meus planos combatiam . . .

COLOMBO.

Minha presença confundil-os deve,
Si um orgulho tenaz os não deslumbra.
Guardai-vós, grande rei, dos que mais zelam
Do que vós vossa gloria, e o vasso nome:
Desses tenho soffrido, e soffreria
Si uma heroica rainha não houvesse."

Franzio a testa o bispo, e dice: „Ousado!
É de Elrei o conselho que elle improva,
E quem ousa atacal-o, ao rei insulta!
Rodrigo o confirmou, e cochichando
Aqui e alli, emquanto Elrei olhava
Os Lucayos e as armas, foi urdindo
A tela de seus odios e vingança.
Despede Elrei Colombo, dando, em troca
De algumas settas e ornamentos indios,
Ordem franca á marinha de provel-o
De tudo, e do melhor que houver de prompto.
Parte o Nauta feliz, e beija a dextra
D'aquelle que reinou, mandando a todos
Sem nunca ser mandado. Estranha o Nauta
Da linda escolta a ausencia em seu regresso,

E a frieza que vira ao despedir-se
Em alguns, que antes vira prazenteiros.

De palavra em palavra, recresceram
Como balas de neve os commentarios
Ao discurso do Nauta: uns em seus labios
Viram odio e despeito, outros escarneo,
E alguns mofa e desdêm! Os offendidos,
Afastando de sí toda a suspeita,
Um insulto ao monarcha, um crime, viram,
Que, impune, deixaria ao rei, aos nobres,
E ao povo eterna affronta, horror dos tempos!
Um d'elles foi-se a Elrei: pedio justiça,
Tocando no punhal. João Segundo,
Erguendo-se da mesa, fulminou-o
Com esse olhar do engenho soberano,
E, alçando a voz severa, dice a todos:
„Quem tocar em Colombo a Elrei offende!
Vossas vidas da d'elle ora dependem.
Mandai que o guardem". E a Faria ordena
Que o escolte um galeão té as alturas
Em que Sines ao mar demanda a pesca.

COLOMBO.

CANTO XXXVIII.

Coube a Vasco da Gama a guarda honrosa
De Colombo, e o levar de Elrei as ordens.
Generoso, qual era, e obedecendo
Ao brio innato, não temêo vindictas.
Grato a Deos e aos Lusos deixa o Tejo
O grande navegante, e ao mar veleja.
Passa, revendo as marciaes muralhas,
Ha pouco erguidas, e os pharoes esguios,
Como atalaias recalcando as ondas,
Que aos pés lhe espumam, revolvendo o dorso.
Ganha o largo; ao sueste a prôa volta,
Onde o espera a desolada Palos,
E os amigos saudosos, a quem sempre
De tão longe mandara o pensamento.
Do enorme galeão sempre escoltada,
Como um infante protegido, a Nina
Ao grato despedir-se içou as quinas,

E saudou-as conforme a praxe o manda,
A chusma delirava; e elle pensoso
Volvia a mente á transviada Pinta,
E ás traições de Martim, homem bifronte,
Incansavel no mal, fecundo em meios.
Entre seus olhos, como dous abysmos,
O passado e o futuro se mostravam:
Um gotejando lagrimas, e o outro
Lançando em nuvens tenebrosas ondas!
Chegaria primeiro a Pinta a Palos,
E Martim, o embusteiro, urdindo insidias,
Seu nome inquinaria, e sua gloria?
Ou perdido no mar, azos daria
Á prompta ingratidão rasgar-lhe o pacto?
Verdade era que a seu bordo vinham
Da corôa real os empregados,
E os grandes testemunhos, infalliveis,
De que fôra fiel ás regias ordens.
Tinha o seu anjo em Isabel, mas tinha
Em Fernando o demonio da cubiça,
Co'a palavra fagueira em boca infida.
Amargo é o pensar de quem soffrera,
E dos ventos contrarios do destino
Sentira os encontrões, nunca esperados!
Dizia o Nauta em mente, e como atado
Em tristonha prisão: „Quem nesta ausencia
Terá deixado o vão que o lar afflige,

Enluctece a amizade, e quebra affectos?
Virirão meus amigos, e a Rainha,
Minha firme esperança e meu esteio?
É triste e duro o tactear do ausente
N'um vácuo de incertezas e agonias!"

Passou-se o dia. O sol tocava a linha
Do tranquillo oceano, em céo singelo,
Augurio de bonança, mas na terra,
Como presagio de futuro embate,
Pardos rolos de nuvens se estendiam,
Debruadas de sangue. Expira a tarde.
Cai essa meia luz que cobre o homem
Co'as azas melancolicas da noite,
Em que tudo o que é triste se engrandece!
Pungem do Nauta o seio malsoffrido
As luctas da esperança, e esse passado
Que seus olhos contemplam sem remorsos!
Dilue sua alma inteira e seus receios
Na tacita oração. Um pensamento,
Um echo ultriz da consciencia, eleva
Ao céo que o sabe, e que do céo mais tarde
Descerá como um raio sobre a fronte
De Fernando, e talvez da Iberia inteira.

A plumbea luz da noite já toldava
Com sombrio pallor o mar o a terra.

Nas delicias de alegres pensamentos
A chusma divagava, construindo
As doces illusões, que tantas vezes
Lançara no oceano em desespero.
Fronteiro ao occidente, um ponto escuro
Bruxoleia no mar, que avulta sempre
Ao manso velejar, e um lume aponta,
Qual no deserto, ao trote do camello,
Surge a tenda e o lar do beduino,
Que a errante vida em saquear consome.

Terra! terra! bradaram. Sagres, Sagres!
No concavo da náo Sagres rebôa
Com festiva celeuma. De improviso
Tripulam-se as enxarcias e as antenas:
Dos olhos sequiosos partem, voam,
Pelo cabo que extrema a lusa terra,
As almas desinquietas, antevendo
Propinqua a imagem da anciada patria.

Encostado á amurada, fita os olhos
Nesse cabo o Almirante, e diz comsigo:
„Quando a meu lado o Anjo da Esperança
Neste mar me lançou, eu era um nume;
E agora o que sou eu? Não sei dizel-o!
E assim mesmo a meus reis outorgo um mundo!
Mesclei o orgulho á fé, e Deos foi justo!

Calvario e Capitolio, mixto acerbo
De martyrio e triumpho, eis minha vida.
Eu te saúdo, promontorio egregio,
Olympo do oceano, em cujo tópe
O astrolabio nascêo nas mãos de Henrique,
E donde mestre Jácomo medira
No céo a estrada que Nechao sonhara,
E Hannon, e Sataspes. Salve, oh lume
Que o mar esclarecêo, banindo as trevas
Da passada rudeza, e a cujos raios
Foi o Luso plantar no Cabo infesto
As quinas gloriosas, vendo as plagas
Onde a impura Carthago, e a undosa Tyro
Só ousaram tocar co'o pensamento!
Nobre Sagres, triumpho da sciencia,
Cuidei não mais beijar-te a base undosa
Com os olhos desta alma repassada
De tantas amarguras! Sou teu filho,
Como filho do mar: pertenço á tribu
Que em teu alto sentada, do universo
Medio a redondeza! e dice ao nauta:
Vai, triumpha, que o mar é teu escravo!
E o tumido elemento, arfando em venias,
Veio humilde lamber-te as aspras faldas,
E volvendo, captivo, a novas terras
Foi solemne clamando: Gloria ao Luso!

. . . .

„O sol da humanidade, ah! não o eclypsas
Com teu manto real, Fernando ingrato.
Si almejas ampla gloria, pura, eterna,
Esmaga com teu sceptro o vil ciume,
Porque um rei invejoso o throno avilta."

No vitreo ralo da ampulheta horaria
Coou-se o bago extremo; os quartos mudam-se,
E o piloto fiel, tocando o bronze,
Mostra a hora das preces. De joelhos
Devota litania canta a chusma.
Como um orgam sagrado e fluctuante
Troa na immensidade a náo acorde.
Dos labios fervorosos de Colombo
Ascetico perfume se desprende,
Que sóbe como a nuvem perfumada
De thuricremo altar á estancia excelsa
Onde o corpo não soffre, onde a alma extrema
Da esperança os anhelos sacrosanctos.
Apenas dito — Amen — havia o Nauta,
Do curvo tombadilho se alça, e volve
A vista arguta nos sombrios longes,
Onde um frouxo arrebol em branda linha
Marcava ainda o funeral do dia;
E os olhos presos na vizinha terra
Que do mar se levanta, vê, contempla
Baixar sobre ella pardacentas nuvens,

De estranho aspecto, e no ondulado bojo
Faiscarem phosphoricos luzeiros!

Singra a nave o seu curso majestoso,
A terra avança, o nevoeiro avulta,
E os lumes crescem como fogos fatuos,
No ar cruzando os rutilantes globos.
Ninguem os vê! Só tumultua n'alma
Do isolado Almirante um tal presagio!
Sereno adeja na azulada estancia
O Anjo do silencio, pendurando
Os sidereos phanaes da noite amiga.
Geme a brisa, cicia no maçame,
E o mar se adorna de jasmins brilhantes.
O que nunca arriscou saudoso a vida
Pelos desertos do azulado pégo,
Não sente o encanto, a melodia grata
Dessa harpa do oceano que nos une
Á cada onda o coração, em ancias
Pela patria que a mente já divisa.

Já perto ao Cabo o merencorio Nauta
Vê com assombro levantar-se a rocha,
Rolar surdo trovão, e pelos flancos
Não já globos de lume, mas fugazes
Lampos abrirem cavernosas scenas!
Estala o monte de repente, e as nuvens

Entre espadas de fogo se laceram,
E no abysmo da noite se sepultam.
Com horrendo estampido um antro se abre
De ardentes massas, inflammados cimbres
Que o céo escalam co'a estructura infinda!
Do lucido poial fervendo descem
Catadupas de luz ao mar, que as bebe,
E de um río de fogo toma o aspecto.
No centro, inda mais claro, mais brilhante,
Qual da massa do sol fundida estatua,
Um guerreiro se eleva! A tanto lume
Deslumbrado Colombo, cego fica
Como outrora o propheta, quando a face
Do anjo do Senhor ferio seus olhos!

Infusa a noite homerica nos lumes,
Co'as tremulas phalanges busca a nave,
E a nave a cada passo se lhe foge!
Um ponto apenas nas incertas plantas
O segura no mundo, e esse vacilla.
Abre os olhos, despede-os pelas orbitas,
Busca a luz, tacteando convulsivo,
Mas em vão! Tudo é nevoa, tudo é noite!
Intenta blasphemar, mas em seus labios
Assoma a fé que o animara, e falla,
Mas com voz de christão; arranca do imo
Espontanea oblação de seus tormentos,

E alçando os braços para o céo, que busca
Como alando ao Senhor, dice submisso:
„Aceito, oh Grande Deos, este castigo,
Menor que o meu orgulho! Sim, quebrai-me
Como espiga enfezada! Aceito humilde
O naufragio do mundo, a cruel noite
Que ao chão me liga a rastear qual verme
Nas entranhas da terra. Sim, meu Deos;
No abysmo infinito, que me isola
De quanto a luz fecunda e formoseia,
Teu nome exaltarei, como quem sente
Em meia morte o resfriar da vida,
Pois que a vida sem luz é quasi a morte.
Graças, Senhor, que me poupaste os olhos
O ver manchada a tua obra e minha!"

E nisto ajoelhou-se ao céo sorrindo,
E sorrindo ficou. Da intensa nevoa
De seus olhos mil lumes rebentaram,
Celestes arabescos descrevendo;
E após, como que em nuvens transparentes,
Um clarão e mais outro, e vagas fórmas,
E alfim a luz, e a visão querida!

O infeliz viajor, perdido no antro
De escura mina tortuosa e infinda,
Que vê no archote consumida a esprança,

E cai nas trevas, requerendo a brados
A luz e a vida na deserta senda;
E quando exhausto do luctar extremo,
Sente a morte famelica inflammar-lhe
As entranhas e os ossos, pára e entrega
Sua alma e corpo a seu fatal destino;
E então ouve uma voz que diz seu nome,
E ao som de passos, o clarão que anciava
Vir para elle co'uma sombra humana,
Corre e se abraça co'o ostensor da vida,
E de prazer estatico alli fica;
Assim ficara o coração do Nauta
Quando o lume vital abrio-lhe aos olhos,
A sublime visão que o deslumbrava.

Sobre um throno armillar em pé, armado,
Augusto nume com a mão n'um rostro,
Majestoso o contempla. Em lettras helias
No broquel luminoso tinha escripto:
— O Talent de bien faire — como outr'ora
Burilara o factor de cenotaphios
Nesse templo que o páe erguera á Virgem,
Maravilha sem par, labeo da Hespanha,
Ou como no padrão que o mar venera,
No mesmo cabo, e erguido pela filha
Do Imperio Brasileiro, alta rainha,
Das esposas e mães sublime exemplo.

Nobre no gesto e no composto augusto,
Se eleva a imagem da visão sublime,
Qual palmeira que abate o louro heroico.
Na fronte, ungida pelo céo, rutila
A dupla aureola do valor e engenho.
Olhar de semideos, lucida fonte
De justiça e bondade, qual nos labios
Sempre teve benigno; faces roseas,
Como as da virgem que sorrio na Armorica
Ouvindo o amor na apaixonada lyra;
Braço possante, que o venab'lo e a penna
No combate e lycêo iguaes mostrara;
Peito sacrario de reaes virtudes,
Adornado de um saio em que resplendem
Em consorcio immortal a cruz, e as quinas
Ostensoras da fé. Sobre as espadoas,
Da brilhante armadura, expande aromas
Mystica Rosa, virginal emblema.
No grande Navegante pondo os olhos,
Que dous astros no brilho pareciam,
Dest'arte lhe fallou:

„És tu, Colombo!
Não te pejes de haver nos pulsos ferros,
Que o mundo e a ingratidão junctos nasceram:
Guarda-os bem, por que Deos converte em ouro
Os grilhões da injustiça e prepotencia.
Talha o céo pelo engenho a desventura,

Foste grande na dôr, sel-o-has na gloria.
A voz de cem nações em côro erguida,
No velho e novo mundo, ha de o teu nome
Um dia venerar: nega o destino
Ao homem de hoje o premiar tal feito.

COLOMBO.

Quem és tu, que transpões co'a voz celeste
Minha alma das prisões iniquas do homem,
E a collocas nas glorias do futuro.

A IMAGEM.

Eu sou aquelle lusitano Infante
Que d'aqui compassou o largo oceano,
E a terra engrandecêo aos olhos do homem!
Evocado por ti, venho saudar-te.

COLOMBO.

A mim?! Não o mereço. Salve, oh Grande
Ostensor do Oceano, o que primeiro
Plantou a Cruz nas lobregas estancias,
Vio seu móto gravado nos desertos,
E nas ilhas do mar; o que glorioso
Fez das Quinas pendão de altos inicios;
E no alto do Tagrino, e nessas plagas,
Que a mente antiga em pavorosos sonhos
Povoara de unipedes Sciopedes,
De monstros que os bulcões e os raios bebem,
Assentou os padrões da fé de Christo.
Bem vos digo, Senhor! oh! sim, dizei-me

Não meu destino, mas as vossas glorias:
Si o ver-vos é ventura, é mór o ouvir-vos!

O INFANTE.

Nunca soube negar graças ao genio,
Nem premios á virtude: assás mostrei-o.
Da Mauritania, aonde o pé, primeiro,
Puz em Ceuta, brandindo a espada ovante
Pela fé e o meu rei, vi claro, e Lysia
Emporio do universo! Afras correntes,
Preconceitos do medo e da insciencia,
Dolosas crenças e o passado escuro,
Tudo, tudo venci, abrindo a éra
Que ora fechas, trazendo um Novo Mundo,
E o grande exemplo, que o tentar é tudo!
É nossa esta conquista, emquanto a terra
For mãe e sepultura, emquanto os mares
O vento percorrer, e emquanto os astros
O throno de Adonai abrilhantarem.

„Á foz do Tejo o tumido oceano,
Como um leão vencido, atei ovante.
Á minha voz estremecêo no mundo
O olympo tenebroso, e os deoses torpes
Dos barbaros fugiram. Dice, e logo
A sirga visual, que norteara
O antigo palinuro, arrebentou-se;
E as fabulosas métas do oceano,

Esses montes de neve sempre em trevas,
Cahiram, como as torres da cidade
Que vira o sol parar á voz de um homem!
Liguei o Erythrêo ao Indo e ao Ganges,
Benin a Quilimane, e esta á Sumatra,
E o resto ao patrio río, aproximando
O mortifero Nam da extrema Thule,
E os terminos esquivos do universo.
De auricidia e de inveja Adria pungida,
Vôa a Byzancio sobre as azas bronzeas
Do leão de São Marcos, chega ao Turco,
Tira o annel real da mão do Doge,
E o offerta a odalisca favorita;
Pende a espada da Cruz no semilunio,
Abraça o infiel, toma o alfange,
E co'elle arranca contra Lysia, ousado
No oceano e nos mares! Por tal crime.
Labéo da christandade, o céo lhe arroja
Em nua praia o bucentauro altivo,
E sobre o rostro do baixel dourado
Aguia bifronte em punição colloca!

„Do sepulchro das éras vai erguer-se
Novo Lazaro além deste oceano,
Que sobre as plagas, que pisaste ha pouco,
Irá fundar em breve novas Romas,
Que hão de o mundo espantar, quando o colono

Vogar nos ares, submetter o raio,
E em fumantes baixeis cortar os ventos.
Já vejo no porvir a nova idade,
E co'ella o bronze e a lyra que eternisam
A virtude e a gloria! Ah! não maldigas
Na dôr o céo, que é justo, porque os homens
Não teem premio cabal a teus serviços.
O ouro, como as grandezas, se evapora
No tempo, que só guarda altas memorias.
Não esperes d'Elrei al que o silencio.-

E o Nume, rutilando os divos olhos
Estrellas despedia, que, a seu mando
Humanadas, cahiam genuflexas
Em torno de seu solio resplendente!
Eram seus nautas, coirmãos na gloria;
Epopéa animada, resurgida,
Ao futuro sorrindo esperançosa.

O INFANTE.

Eil-os! prole de Lysia, raça altiva
Que a alma espairecia no oceano,
Quando os euros bramiam, condensando
As ondas em vulcões, ou quando ás penhas
C'roadas de trovões subia o pégo,
E o raio encapellando o aniquilava!
Precursores das éras luminosas,
Proejaram vencendo mil azares,

E nas praias adustas e contrarias
Discorreram, firmando a cruz e as quinas,
Co'o valor que o dever e a fé inspiram.
O senso estulto do vulgacho instavel,
Atado ao jugo do fugaz presente,
Nunca os poude abalar, nem os sarcasmos
Da incomplecta sciencia, e os vãos terrores
Dos fracos, sempre ao erro escravisados!
Oito lustros luctaram, té que á patria
Novos lumes trouxeram, novas terras!
São estes os meus filhos, filhos d'alma,
De sciencia e valor nobres exemplos!
Não aves ribeirinhas, costa a costa,
Qual Sidonia e Carthago, mas possantes
Albatrozes no mar, escureceram
Aquelles que em Massilia ratearam
Outr'ora os pólos no fatal empenho,
E os que ao longe mandara a Escandinavia,
E na noite dos tempos naufragaram.
Nestas frontes, de azares buriladas,
Não fulgura do acaso a dubia estrella:
Pantheão de Argonautas e de Alcides,
Ao tozão do commercio a gloria uniram,
E ao serviço real a fé de Christo.

„Eis teu sogro, e teu mestre Perestrello;
Eis Zarco, e Tristão Vaz, os que primeiros

Meu fatidico sonho realisaram,
E no ovante regresso á Lysia deram
Porto-sancto, e Madeira, oasis dos mares.
Archimedes na argucia avantajando,
Foi Zarco, o que inventivo a nave erguera
Em torre marcial, e o que saudara
Entre o rebombo e as enroladas nuvens,
Sobre o mar temeroso a cruz e as quinas!
Admira Giliannes, o Algarvio,
Que o fusco Bojador vencêo, e a zona
Das flores, das mirages, e dos ermos!
Maior que Alcides, profundou meus marcos
Em Nar, e Tider, e co'a prôa ousada
Quebrou as portas do oceano, abrindo
Á Europa desvendada a luz dos mares!
Juncto d'elle e Gonsalo, o donatario
Da ilha em que o bom povo te salvara,
Meditando está Jácomo, thesouro
De profunda sciencia, alma de Sagres,
Que os astros balizou, e dêo aos nautas
Seguro conductor no sol radiante.
Amestrados por elle, ao Cabo-verde
Foi Diniz repousar á sombra ingente
Do baobabe que beija os céos e a terra,
E alberga legiões no cavo tronco;
E o bravo Antão, que das longinquas plagas
Trouxe o ouro e o escravo, os fataes germens

Dos convicios que a plebe endeosara,
E á cubiça da Europa dêo rebate.
Veneza deputou-me Cadamosto;
A França Bettancourt; Nola a Liguria;
E o Imperio Balthazar, o cavalleiro
Buscador das medonhas tempestades!
Capeada co'a tunica evangelica,
Azo encontra a auricidia, e passa occulta
De peito a peito com furor versuto.
Ao mar se arroja Lançarote, o chefe
Da sedenta phalange: infesta as aguas,
E os términos de Gil com sangue lava.
Illudido no feito, infando feito,
Impensado o illustrei. Vicente Dias,
Que o río Barbacim, que a Gambia humente
Descobrio, por meu mando, veio em flores
As lagrimas tornar, que eu pesaroso
Por Gonsalo vertia, trucidado
Nos lodos de Arguim, e pelo martyr
Tristão Nunes, que as ilhas de Bisangos
O nome rememoram. Nesses tempos,
Vi do rei de Farim a eburnea oblata,
E o leão do deserto, que olvidara
De Roma a jaula, vir lamber-me as plantas,
Por Gil Homem trazido! Á cruz de lenha
Os padrões succederam, e os altares
Que Sociro, alvanel, erguêo, e os muros

Baluartes da fé, meu grande empenho.
Desci á sepultura, á terra amada,
Quando Pedro de Cintra e Cadamosto,
Que aqui vês igualmente, alêm vingando
O Zaire, e o Congo, e a Serra tormentosa,
E as terras de Benin, avassallaram.
Venera-os outra vez, pois que já viste
Janifante, e o gran Bartholomêo,
Que o fero Adamastor, do nauta exphinge,
Domou, plantando as quinas triumphantes
Na fronte alpestre que mareja a morte!
No limpido crystal da estrella d'alva,
Espelho do porvir, mostrou-me o Anjo,
Do Evangelho custodio, o Luso em marcha:
Colhendo preito, estadeando o sceptro
Nas vertentes do Nilo, em Songo, em Moses,
Na Abussinia e Gelofia, renovando
Os triumphos de Roma! Nesse espelho,
De mystica videncia, vi teu vulto,
O de Vasco da Gama, o de Pedralves,
E o de Americo, o eterno Florentino,
Que ha de seu nome dar ao Novo Mundo,
Por ti, Colombo, descoberto agora!

COLOMBO.

Si Deos o ordena, não mereço a gloria.
Sim, immortal Infante, oh grande Henrique...“

Mal do preclaro Infante dice o nome,
Disparece a visão! é tudo noite!
Em pleiades de estrellas luminosas
Pelo céo azulado vê Colombo
Subir a turba dos egregios nautas,
E o seu lume assentar no firmamento!
Para o céo, em silencio, e extasiado,
Dice n'alma: „Subi, astros de gloria,
Pharoes eternos dos vindouros nautas,
E guiai-nos de lá por todo o sempre.“

Veio uma noite tão serena e pura
Que no ar diffundia aquella calma
Que sente o infante quando a mãe o achega
Ao terno coração, o afaga, e canta
Ao dormente embalar essa toada
Que em suaves deliquios, manso e manso,
Lhe côa o somno, e felicita a casa.

No humano coração ha duas fontes,
Como em Carrina, de que Plinio falla:
Uma que expelle tudo o que lhe atiram,
E outra que sorve quanto a mão lhe lança:
Como a duvida e a fé! como os instinctos
Da natureza humana, quando toca
No espinho ou na rosa. Sempre os mesmos!
Sonhára, ou vira? interrogava a noite

O perplexo Almirante, olhando em torno,
Sem ver do Cabo a já passada ponta,
E nem nos socios o mais leve indicio
Da finada visão que o molestara!
Cançado desta lucta recolhêo-se,
E a Vicente entregou da nave a sorte.

Clara e limpa rompêo a nova ourora,
E a manhã se passou vendo correrem
Pela prôa as montanhas azuladas.
Do Algarve e da formosa Andaluzia
Em ancia os corações, todos nos olhos,
Gritaram Palos, vendo a foz do Tinto,
As torres de Moguer, e a terra patria.
Corria Março, e o dia em meio, quando
O pescador da praia dice aos velhos,
Que o sol procuram: „Eis a Nina, amigos,
Fluctuando o pendão real da Hespanha,
E a insignia do Almirante! Eil-os chegados!"
E logo ouvio-se, ao portuchar das vélas,
Troar o bronze, e, na explosão de vivas,
Unhar o ferro na querida vasa.
De boca em boca revoando a nova,
Tudo ao porto corrêo: fecham-se as casas,
Salva o castello, os sinos cantam festa,
E ao vento os pavilhões sobem ruflando.
Vem a bordo o Alcaide, e vem Quintero

Saber novas da Pinta, que era d'elle;
Vem mais um frade, a quem Colombo abraça!
Frei Peres era, o seu fiel amigo,
Que em leda convulsão cortava a falla
Com esse pranto da alegria extrema.

Salta Colombo, e, como um rei amado,
Colhe estrondosas ovações de todos!
De verde murta e de odorosas folhas
Se cobre a estrada do Almirante! e as casas,
Pendendo sedas dos balcões, se adornam
De lindas virgens que lhe atiram flores,
E mais que tudo fervorosos vivas!
As maldições da insomnia e isolamento,
As pragas do furor e do abandono,
Louvor são ora, e o pranto da saudade,
Estanque na alegria, manda ao Nauta
Sinceras bençãos, parabens risonhos!
Foi vário o quadro, o enthusiasmo immenso:
A velhice igualou-se á infancia alegre!
Vio-se, como olvidando a sepultura,
Expor ao lume a moribunda face
Para ver o Heroe, e pôr nos labios
Um pallido sorriso, suspendendo
A mão da morte no arquejante peito!
Como cahidos de planeta estranho,
Entre tantos olhares, tantas festas,

Vão os Lucayos, tropeçando os passos,
Porque a vista lhes foge a quanto os cerca!
Entre o Nauta no templo, beija a lage,
E em grato acordo ao *Tantum ergo* segue,
Que o antiste do altar canta, lançando
A Eucharistica bençam d'alma allivio.
Sempre juncto a frei Peres, sai do templo,
E no adro recebe esse outro hymno
Que o povo solta quando em festa aos labios
Manda sua alma, e o coração ardente.
D'alli ao mar lançando a vista alegre,
Como dizendo um grato adeos á Nina,
Pasma o Nauta, e sorri, vendo no porto
Entrar a Pinta embandeirada, e ufana!
Manda logo a seu bordo ordens benignas;
Mas apenas Martim vio de seu plano
Frustrado o primo passo, toma o bote
Com Ojeda e o outro, e disfarçados
Pela terra fugiram temerosos.
Quer frei Peres dar pouso ao Almirante
Na mesma cella em que sonhara outr'ora
A mensagem da Cruz alêm dos mares;
Mas o Nauta recusa, porque o voto,
Incomplecto na ilha, não cumprira;
E lhe roga de abrir o amado templo
Na crastina manhã á chusma inteira.

Não em gala festiva, e ao som alegre
De um povo inteiro, vem de bordo o Nauta
E a chusma, que o precede, mas descalços,
Nuas as frontes, e os semblantes graves;
Quaes naufragos escapos, vão cantando
Té chegar ao convento, onde se prostram,
Cumprem o voto, e a palavra sancta
De frei Peres com lagrimas acolhem.
Recebem do Almirante altos conselhos,
E a graça de o seguirem, si ditoso
De seus reis alcançar uma audiencia.

Livre a chusma, em seus lares festejada,
Mostra o ouro, e as causas que trouxera,
Dizendo quanto vira, e exagerando,
Como o nescio que aspira vanglorioso
A ser alvo da inveja e não de estima.
Taes contos e tal vista fecundaram:
Todos sonham riquezas e viagens.
Um vortice sedento em cada peito
Se eleva, e remoínha, e pede ouro!
Surge do imo do artezão modesto
Um gigante voraz, que pisa as flores
Que a sã probreza do seu berço ornaram;
Quebra a enxada o cultor, fóge da messe,
E a terra, que adorava, repudia,
No mar fitando a vista ourada e inquieta!

O dia nupcial causa asco ao noivo,
E o amor que nutria jaz extincto
Juncto ao gelo da usura e da cubiça!
O estudante deserta e deixa os livros;
O noviço a estamenha rasga, e fóge;
O fidalgo, e o padre, colorindo
Com Deos e a patria a sordida avareza,
Do solar e do templo ambos desertam!
É uma peste, é um moral contagio,
Vertigem que lhes faz a terra odiosa,
E o mar, que hontem temiam, seus encantos.

COLOMBO.

CANTO XXXIX.

De Escudeiro real trajando as vestes,
Á porta bate do Almirante um joven
Com despachos reaes, que o felicitam.
N'uma carta, Isabel outorga ao Nauta
A pedida audiencia, e n'ella ordena
Que marche á Barcelona, onde o espera,
E a flor de toda a Hespanha. Appensas ordens,
Para o bem da jornada e da hospedagem
A tão nobre vassallo, junctas vinham.

A Vicente Pinzon Colombo ordena
Que a Nina deixe, e que outro mestre a leve
Á nova côrte, conduzindo a bordo
As pirogas trazidas do Orinoco,
Dous selvagens, as aves, tudo quanto
Por terra entravaria a sua marcha,
Reservando o que em lista lhe marcava;

E afagando o piloto diz-lhe: „Amigo,
Não me esqueço de ti: sempre a meu lado
Irás até ao throno: veja a Hespanha
Em ti um de seus filhos gloriosos,
E nos bravos da Nina o seu bom povo.
Amanhã, pela tarde, trilharemos
A estrada de Sevilha. Aqui te espero,
E os teus. Vou dar as ordens da Rainha.“

Eil- o em marcha brilhante, acompanhado
De Vicente, da chusma, e dos Lucayos,
Co'uma longa bagagem de caixotes,
E gaiolas, contendo especies raras.
Do alcacer lhe abrio as portas aureas
A rainha andaluza, que se mira
Da Giralda formosa sobre as aguas
Purpurinas do Bétis. De Sevilha,
Desse berço que a Roma dêo tres chefes,
E á Hespanha grandes reis, grandes artistas,
Coberto de ovações saío Colombo.
Do Oróspeda aquilino, e das vertentes
Do Baéça e Marbella, como em ondas,
Os mouriscos zagaes descem aos plainos
Para vir contemplar o quanto a fama
Invasora levara a taes devesas!
Em marcha triumphal, batêo ás portas
De Cordova, a suberba, em cujos muros,

Como gemmas cravadas, brilham, pasmam,
Do agareno cinzel as louçanias!
Haurindo em saudações o grato premio,
Que ao valor engenhoso o povo offerta,
Com passo festival galga as vertentes
Do antigo Tader, que seu curso leva
Á Murcia, que sem reis inda é rainha!
Da edetania princeza, onde primeiro
Batera o prelo que derrama as luzes,
Descêo ao valle de Valencia, á estancia
Onde a natura se esmerou em tudo!
Pousou nos muros da real cidade,
Que á igreja dera um Celestino, e Borgia,
Labéo do solio pontificio, e escarneo!
Seguindo a plaga aragonesa, do Ebro
Gostou a onda caudalosa, outr'ora
Punica raia; e, costeando a margem,
Tarragona saudou, patria de nautas,
Té que o Lybrega visse, e juncto d'elle
Da real Catalunha o grande emporio.

O céo em luz, a terra em primavera,
O mar em calma, e os homens em festejos,
Pareciam c'roar de altas venturas
Os dias de Colombo nesta marcha,
E apagar-lhe as soffrenças do passado.
Já tudo lhe annuncia a vida e o móto

Do commercio, da industria, e da riqueza!
Entre tilias floridas e altos chopos
Divisa um arraial mavorcio, tendo
O aureo escudo que cesarea dextra
Listou co'o sangue do valente Grifa,
E que de Barcelona armas tem sido.
Caminha, e sobre a nava que em declive
De um flanco pyrinaico ao mar se estende,
Avista a gran condeça catalana,
Derramada no plaino, precintada
De marmoreos redentes e atalaias,
Tendo no centro o terreado emporio
De Barcino, que o mar as plantas beija.
Como um acervo de crystaes tisnados,
Ao longe simulava, recortando
No ar as grimpas das sonoras torres,
E os altos coruchêos dos sanctuarios.

No largo páteo de um antigo alvergue
Pára o Nauta, e despacha um dos marujos
A saber si aportara a Nina a salvo;
E no caso de o ser, que desembarquem
Quanto em Palos dictara; e juncto ao paço
Da rainha o aguardem té que chegue.
Manda as caixas abrir, prepara tudo;
Apresta-se o cortejo, põe-se em ordem,
Mas não póde sair! Um cavalleiro

Annuncia a Colombo que a rainha
Lhe mandava uma escolta de seus guardas,
E um formoso corcel, aquelle mesmo
Em que o Nauta vencera o grande Cádix.

Com electrico impulso vôa a nova
Da chegada do Heroe: é tudo móto!
Alvorota-se o povo, deixa a casa,
E ao encontro do Nauta corre em ondas.
Na cidade do affan, do escambo e lucro,
Fecha a tenda o artista, e o fanqueiro
Deixa o caro balcão, e corre á mira
De saber si outros lucros traz Colombo.
Barcelona, em delirio, apaga as forjas,
Deixa o malho e a enxó, e põe ao lado
Do tear a voluvel lançadeira;
No caes, suspende o fardo o mariola,
Abandona o guindaste, e corre aos muros,
Já sonhando trocar ao longe a vida.
Em galas festivaes, fecha a carteira
O Lombardo, e o Judêo encerra o cofre
Da usura, que a piedade desconhece.

Chega a escolta real, formam-se as alas,
Entram na porta, que inda ostenda o marmor
Com que Roma adornava a servitude.
Ruas, sotéas, fluctuando sedas.

Nos matizes e brilho simulavam
Um' outra primavera! Aqui voavam
Ondas de vivas, e acolá de flores;
D'alli descantes sonorosos vinham,
E côros festivaes d'alêm, e as danças
Que a marinha inventara em honra ao Nauta.
Nos balcões debruçadas as fidalgas
A seus filhos o Heroe ledas mostravam,
E a turba alçando os braços, levantando
Os filhinhos no ar, estes o Nauta
Co'os dedos côr de rosa acompanhavam.
Ao bolicio fervente e ao borborinho
Se unia a voz dos sinos, e as lufadas
De estrondosos applausos. Sempre em ordem,
Cortando a multidão, a passo lento,
Vai á frente Pinzon levando aberto
O pendão da conquista, como premio
De sua lealdade, quando o crime
Cruento encandeara, em torno ao Chefe,
De minazes projectos tredo circulo.
Após elle, brandindo armas selvagens
Vão os moços da Nina, e os grumetes;
Seguem-se os mestres, floreando as palmas
E as plantas do Orinoco; vem um grupo
Com postes e gaiolas, em que cantam,
Chilram, atitam, e gorgeiam aves,
Ou pulam micos, entretendo a todos.

Sustendo em varas as pesadas pelles
De enormes jacarés e antas membrudas
Vão os gageiros; mais que a rua extensa,
E em dous páos suspendido, balançava
O escamoso envoltorio da serpente
Que devora de um trago um touro inteiro!
Ao seu aspecto recuava o povo.
Em outros postes e bambús compridos,
Vinha a garrula tribu das aráras
Abrindo as pennas de brilhantes côres,
E os gentis periquitos, e os facetos
Papagaios cantando e discorrendo
N'uma lingua dos Mouros nunca ouvida.
Montado no ginete, sobrepuja
O vulto do Almirante, nobre e calmo.
Chegam á praça, cujo chão cobria
Esse Argus ingente do mil olhos,
Só constante no amor da novidade.
Já lá 'stava da Nina a chusma em gala,
Tendo as canôas nos robustos hombros
Os cinco Indios de urucú pintados,
E cobertos de pennas e de ornatos:
De um salto, os dous Lucayos se apresentam
Nas popas, ostentando o ouro e as vestes
Que sohem seus caciques poderosos
Trajar nas terras d'onde vinha o Nauta.

Apea-se Colombo, e entre as alas
Dos brabantes e helvecios, sóbe ao paço;
Sóbe juncto o cortejo que trouxera.
Quer o povo abelhudo acompanhal-os,
Mas a fria etiqueta oppõe-lhe as lanças.
No vasto corredor que á regia entesta,
Ciosos, alguns aulicos mofavam,
Vendo o paço invadido por tal côrte!
E um d'elles, mais ousado, em face ao Nauta
Sorrindo o apodou; ao que Colombo
Foi surdo, pois sabia por costume
Que a ironia é dos fatuos a sciencia,
E o espirito dos necios o sarcasmo.

No chão da regia bate a vara de ouro
O arauto real. Entra o cortejo;
Castella e Aragão formam as alas.
Vem Fernando e Isabel, sóbem ao throno,
Tendo ao lado os seus grandes e prelados.
Radiavam os olhos da rainha
O sol interno que sua alma abrasa;
E o esposo faiscas despedia
Pelos seus, como um seixo rebatido
Entre angustos penedos. N'ella, as vistas
Sentiam essa aureola sobrehumana
Que eleva os corações; e n'elle as sombras
Desse abysmo que incute o medo e a fuga.

A um signal da rainha, que repete
Um dos grandes da côrte, range e se abre
Da porta o reposteiro. Entra Colombo.
Chega-se ao throno, quer beijar a dextra
De Isabel, mas não beija, que a rainha,
Apertando-lhe a mão, tal não consente.
No fundo do salão se encosta a chusma
Calada e respeitosa. Isabel falla:
„Dom Christovam, cubri-vos, e assentai-vos,
Porque Grande de Hespanha ora vos faço.
Vimos as vossas cartas, mas queremos
Ouvir-vos discorrer neste auditorio
Em que a flor dos tres reinos se ajunctara.
Fallai, Grande de Hespanha, e Almirante
Do Grande Oceano, e Vicerei das Indias.

COLOMBO.

O que heis feito, Rainha, é mais que graça!
É um exemplo real, Senhora egregia,
De que sabeis prezar quem bem vos serve.
Por elle medirá a fama a altura
De vosso grande peito e presciencia:
Não o mereço, mas submisso aceito.
E vós, alto Senhor, e Rei excelso,
A quem cabe igualmente a gloria sancta
De estender nossa fé pelo universo;
Vós, em cuja presença a sancção vejo
Deste premio real, tão mal cabido.

Permitti que eu deponha ás vossas plantas
Minha alma inteira em gratidão conversa."

Sorrio-se o soberano; mas Colombo,
Que lhe via as entranhas tenebrosas,
Opprimido ficou, e alçando os olhos
Para o céo, suspirou; erguêo-se, e curvo
Pedio venia, e dest'arte ao throno falla:
„Parti de Palos, maldições levando
Que o mar sorvera, e as lançou agora
Na foz do Tinto em saudações mudadas.
Singrei feliz as Fortunadas ilhas,
Mas o inferno mostrou-se em Tenerifa!
Satan, que alli tomou de um guanche a forma,
O vulcão ateou; n'um maremoto,
Entre flammas, rescaldo, vento, e calma,
Quiz no abysmo afundir-me! Deos salvou-me;
E em Gomera desfiz o que a perfidia
Ultriz urdira em Palos. Proseguindo,
Vi na Ilha do Ferro o demo em carne
Traçar-me enganos com fataes magias,
Porém Christo salvou-me. Entrei nas aguas
Do temido oceano não trilhado,
E ao pavido clamor da chusma inteira
Cedendo, puz o pé na ilha aziaga
De Brandão, que em miragens passa o anno,
E só n'um dia o navegante acolhe!

Ahi, de Satanaz vi nova argucia,
E minha vida, e a missão de Christo
Quasi perdidas nesse escolho infausto.
Calo os perigos de uma lucta infanda,
Porque temo passar por fabulista,
Ou dar azo a que louco me rechamem.
Sobre o grande oceano, povoado
De horrorosos desastres pela insania,
E por Deos de agradavel majestade,
Soffri, nunca do tempo, sim dos homens.
Foi ardua a lida, e perigosa um dia!
Gastando a vida em magoas incessantes,
Mas sempre avante proseguindo firme,
N'uma noite feliz vi suspendido
Sobre a linha do mar, que o austro banha,
Um Cruzeiro de estrellas, como aquelle
Que o Dante vira com os olhos d'alma!
Grato ao nuncio celeste, e de um impulso
Divinal attrahido, aprôo a elle,
Dous dias naveguei; no terço, á noite,
Vi a oeste uma luz fixa, vermelha,
Qual de immovel pharol, que a cada arfada
Vai crescendo em clarão. Rompêo o dia,
O dia afortunado: vimos terra,
Muitas ilhas com palmas, que brandiam
Parecendo pedir vosso dominio,
E com elle os triumphos do Evangelho.

FERNANDO.

Martim mandou-me um mappa e um roteiro
De suas descobertas; e me pede,
Com razões que apresenta, o real premio
Marcado ao que primeiro visse terra.
Á Rainha entreguei a sua causa...

ISABEL.

Defferido já foi. Ha n'elle embuste,
Si não um crime, que ao depois veremos.
Prosegui, Dom Christovam; sei, e praz-me
De vos dizer que Elrei grato vos ouve.

COLOMBO.

Em vossa alta justiça só confio.
Vimos terra, Senhora, e nesse dia
O pendão, que alli vedes, foi plantado;
E as florestas vernaes do Novo Mundo
De Fernando e Isabel repercutiram
Os grandes nomes, para gloria eterna!
Descrever-vos a terra em seus tres reinos,
Ousadia improficua ora seria,
Tão rica é ella e oppulenta em dotes.
Do Eden, que acolhêo na prisca idade
O divino cazal, páe dos humanos;
Do Elyseo, que afagara a Grecia antiga,
E fôra á Roma renovar seus dolos;
E desse Paraiso septicelo,
Que o mourisco santon no ermo aguarda,

Alli estão as bellezas sempre unidas.
A gente que encontrei é bôa e pura,
Desconhece a mentira, o dólo, e o roubo.
Recebêo-nos amiga, mas em paga . . .
Perdoai-me, Senhora, inda o silencio.
Dessas ilhas passei-me á terra firme,
Ao grande e novo mundo, não banhado
Por mesquinhos rebeiros, como os nossos,
Mas por mares immensos de agua doce,
Valendo cada um da Europa os ríos!
Louvai a Deos, Senhora, por tal premio
Á vossa fé, e amor da humanidade.
Deixai ao Luso as Indias da Oriente,
Que um mar infesto, e o Cabo tormentoso,
Como um Titão factor de tempestades,
Guardam ciosos á europea gente.
Não vos pede Colombo em tal conquista
Mavorcios galeões, guerreiras tropas,
Mas suaves mentores d'alma industria:
Sacerdotes bondosos e instruidos;
Mestres em artes, na cultura, e minas;
Porque povo lá tendes. Peço homens
De tento e de progresso, e não a escoria
Que a Hespanha atira nas prisões do Estado;
O retraço de um povo em terras virgens
Funda o reino do crime, porque, longe,
Ao instincto feroz dá folga impune.

Preparai em favor do novo imperio
Leis severas, e justos magistrados,
Antes que ao mar se atirem cubiçosos
Os Typheos da avareza, e infrenes cubram
Com seu halito infesto e tenebroso
O diadema solar do Novo Mundo.
Ouvi-me, Grandes Reis, por Deos vos fallo:
O reino que apendoa e ostenta o vicio,
Chama as iras do céo, e entrega ao odio
Dos vindouros a gloria que sonhara.
Si o empenho, si a intriga, o dolo e a astucia
Envernisa um malvado, e eleva um Verres
Mensageiro do saque, morte, e estupros,
Póde a lei combatel-o, estando longe
E apoiado por outros? Não, de certo:
Por instincto os malvados se unem sempre;
E eu, que o digo, razões tenho de sobra.
O imperio que vos trago, e que deffendo,
Excede toda a Europa, e parte d'Asia
Em terreno e riqueza, si não vence
Os thesouros da India, como vedes
No que a pressa colhi, vencendo azares.
Não venho de uma joia dar-vos mostra,
Como faz o mercante; venho cheio
De uma grande missão, por Deos querida,
E por vós amparada, certamente.
Lá juncto aos pés da Cruz, terreis vasallos,

Como filhos de amor, ledos, tranquillos;
Almas que de anjos eu diria si ellas
Na fonte baptismal bebido houvessem
A graça do Senhor. Antes que finde
Permitti que ante vós, e a Hespanha illustre,
Eu bem alto agradeça a João Segundo
Minha vida, e favor á vossa empresa.
Vi n'elle o rei, o sabio, e o cavalheiro,
Pois, sem elle, talvez mudo estivesse,
E nas trevas do crime sepultado.
O aspro inicio da missão que tive,
Fielmente o cumpri. Deos protegêo-me."

Quiz ao throno subir, mas co'um aceno
De Fernando e Isabel, parou Colombo.
N'um ledo olhar os reis se interrogaram,
Mas Fernando cedêo á Esposa o sceptro.

ISABEL.

Assás fizestes para nós e o mundo;
Mas ainda vos resta, Dom Christovam,
Fundar no Novo Mundo um novo imperio.
A paz hoje dá folga ao nosso erario;
Em breve partireis, não como fostes,
Mas em grandes navios, e a contento.
Guardai minha palavra, que é fecunda
Porque encerra a d'Elrei, meu nobre esposo.
Vossos conselhos guardarei: vi n'elles

Do vosso amor e zelo a previdencia
De quem para ajudar seus reis nascera!

COLOMBO.

Minha vida e meu braço consagrei-vos,
Como a Deos minha fé, minha esperança:
Premiado já fui, sem que o pedisse,
Mas peço agora, porque sei, Rainha,
Quanto sois grande, generosa, e justa!
General sem soldados não tem louros,
E só damas conquista. Este, que vedes
Tendo na dextra a gloriosa insignia
De vosso novo imperio, assás merece,
Assim como os fieis, que não cederam
Ás impias suggestões da inveja odienta.

ISABEL.

Na capella real véle hoje as armas,
E á manhã cavalleiro hei de investil-o.
Dos outros, dar-me-heis hoje uma lista.
(E voltando-se a Elrei, dice a Rainha)
Por vós, Senhor e esposo, a quem venero,
Tambem fallei agora auctorisada,
Porque sois a grandeza e a esperança
Da nobre Hespanha e do seu novo imperio.
Presinto que meus dias serão breves,
E que vós, Grande Rei, e bom esposo,
Cumprireis o legado que vos deixo.“

Si o pensamento humano se animasse,
Como um vivo zodiaco nos ares,
As diversas imagens figurando,
Que contrastes crueis não mostraria!
Quão poucos corações nobres bateram
Ao galardão do engenho triumphante!
E quantos, alli mesmo, ardendo em ancias,
Como polvos de fogo, pelos olhos
Os coriscos da inveja despediram!

Ao passar pelas alas da nobreza,
N'um recanto, Colombo vio tres padres:
Frei Peres, que na Arrabida o acolhera,
Ximenes, que em Granada vio na côrte,
E Deza, que o susteve em Salamanca.
Humilde lhes beijou as sanctas vestes,
E voltando-se aos nobres que o miravam,
Dice grato e risonho: A estes devo
Favor e acolhimento; e minha gloria
Á Rainha, que vio mais do que os homens.

COLOMBO.

CANTO XL.

A espada que protege o sceptro e o solio,
Não tem força de amor, é violencia;
E o rei que n'ella firma seus direitos
Quebra as leis da razão pelas do arbitrio,
E a memoria dos despotas conquista.
Fernando era egoista, invido, falso,
E ingrato como todo o ambicioso.
Entre a igreja e as tendas collocado,
Co'uma mão no digesto, e outra na espada,
Ao clarão das fogueiras monacaes
Seu poder concentrava, conseguindo
De Catholico o nome: a tanto o cego
Fanatismo elevou seus desvarios!
Rei de tres mundos, sem igual na terra,
Sem a esposa que o braço lhe continha,
As palmas de Colombo desfolhava

Sobre a campa recente da Rainha
Protectora do Nauta. Si era instado,
Nas delongas da lei recursos tinha;
Si convicto de injusto, qual bargante,
Offrecia a Colombo taes permutas,
Que valiam recusas; e assim sempre,
Juiz iniquo, e vendo o Nauta enfermo,
Protelava o cumprir quanto assignara,
Mas sempre urbano e generoso em phrases.
Porêm aquelle que luctou trinta annos,
Que na terra e no mar tanto soffrera,
Que a miseria minava, não cedia
A taes argucias, porque via dentro
Da manopla real a mão do lobo.

Pela ultima vez deixa o alvergue
Em que as dores venciam-lhe os esforços,
Mas não seu coração e os seus direitos.
Chega á Sevilha, e corajoso sóbe
Aquella regia, em que tres annos antes
Pisara ovante, e áquelle throno, aonde
Sentado por seus reis, doara um mundo,
Cujo premio a perfidia lhe sonega.
Contemplando o docel, comsigo dice:
„O solio de Isabel foi arrancado.
E com elle talvez minha esperança!
Calar é revelia; vir é pleito;

Pedir, é um protesto contra o furto.
A injustiça é mortal, o tempo a leva."

No fluxo e no refluxo dos passantes,
Ninguem o conhecêo, nem mesmo os Grandes
Seus iguaes, e os validos que o honraram
No tempo de Isabel, menos dous padres:
Ximenes, já prelado de Toledo,
E Deza, á mitra de Sevilha eleito!
A côrte é a mirage que reflecte
Dos expiros reaes a intensidade:
Parasyta dourada, juncta ao throno
Vive brotando perfumadas flores,
Que retrai si do lenho a seiba esfria.

Abre Elrei a audiencia. Ao solio chega
Colombo, calmo, firme e respeitoso,
E em clara voz o seu direito impetra:
Mostra a sua desdita e lealdade,
E oppõe ao quadro do seu ser as honras
E os triumphos de seus calumniadores,
Dignos da espada que só pune o crime.
As palavras reaes de novo invoca,
Pondo-as nas vistas do universo inteiro.
E Fernando, que ledo e complacente
O escuta attencioso, confirmando
Com brandos gestos quanto expõe-lhe o Nauta.

De novo o engoda com sonoras phrases,
Com futuras promessas, com delongas . . .
A que o Nauta responde um tanto afflicto:
„Os meus serviços processados foram
Por Deos, por vós, e pelo mundo inteiro!
Por Deos, que me levou da empresa ao cabo;
Por vós, que os fructos ja fruis á larga;
E pelo orbe, que attonito os pondera!
Senhor! o ensejo é este. Estou quebrado,
E á méta chego do labor da vida
Consumido de ingratos desenganos.
A justiça concessa após a morte
Do infeliz que soffrêo da iniquidade,
Irrisoria parece, e não tem merito
Ante os olhos de Deos, e ante os dos homens.
Graças não péde quem credor se julga;
Quem, sem sangue verter, vos dêo com gloria
Um imperio maior que a Europa inteira!
Fiz um contracto, que cumpri com honra;
Vosso nome o firmou; é lei, e cumpre . . .

FERNANDO.

Que além não vas, que não abuses tanto
Da clemencia real! Tu devaneias . . .

COLOMBO.

Como quando predice o Novo Mundo.
Honraste-me, Senhor! descer não posso
Sem quebra de uma lei. Meu nome unio-se

A um grande facto humano, a um alto exemplo,
Desses que os tempos nunca, nunca olvidam!
Si do Grande Oceano, si das Indias
Do occidente o commando ja não tenho,
Dizei-o claramente; pois que Ovando,
E Fonseca já tudo me usurparam
No mar, na terra, e o que em Granada tive
De dous punhos reaes, que tanto valem!
Ponderai, grande rei, pedi conselho,
Não a meus inimigos e invejosos,
Mas sim aos homens de preclaro senso.
Que os que tudo desejam sem trabalho,
Tem na boca a mentira sempre ornada.
Vós podeis retrahir vossa palavra,
Porque é lei vosso alvitre; mas a outra,
A da sancta Rainha, essa é sagrada;
Dever de esposo e cavalheiro o obriga,
Si não de legatario, que é mais forte.

FERNANDO.

A memoria da esposa, e meus deveres,
Muito zélo, Colombo!... Bem me entendes?...
Não te nego justiça, mas preciso
De tempo e reflexão. Outros reclamam
Dessa gloria, que a ti somente applicas,
Uma parte que é justa. Não te nego
Serviços e sciencia; mas modera
Em ardor, que nem sempre é bem cabido.

Affeito a um gabo intemperado, offendes
Aos que comtigo partilharam glorias,
E a quem compete no rateio as graças.
Carrion de los Condes, feudo illustre,
E uma larga penção has engeitado!
Que mais queres de mim?!

COLOMBO.

O meu contracto..

FERNANDO.

Talvez aspires igualar-me ao longe? . . .

COLOMBO.

Igualar-vos em que? Onde o meu berço,
E o throno, e a majestade, e o alto prestigio?
Comprehendo, Senhor, da intriga a audacia,
Mas não a crença que um tal dolo afaga!..
Eu me retiro: vejo claro agora.
Nunca mais me vereis, oh! nunca, nunca.
Deixo a meus filhos meu direito intacto,
E a memoria de martyr, que é duravel.
Deixo meus filhos á leal Hespanha,
Patria constante de varões briosos,
Que mais tarde justiça hão de fazer-me,
Si vós mesmo, Senhor, não a fizerdes.“

Sorrio-se o soberano, e retirou-se;
Mas foi seu riso o do pungido orgulho.
A ingratidão no rei é mais que a peste:

Trucida a fé na Patria e na justiça;
Alenta os vicios da ambição, e infunde
No sangue do vassallo o egoismo,
Germen fatal da podridão das almas.
Desgraçado heroismo! O heroe dos mares,
O que os ventos do céo vencera sempre,
E as lufadas da terra, cede agora
Ao bafo de perfidia. Tanto podem
Neste mundo infiel a astucia e o crime!

Curvo ao peso das mágoas da injustiça,
Lá vai Colombo, mal sentindo as dôres
De seu corpo, que as d'alma sobrepujam.
Deixa a côrte e Sevilha, a jaula de ouro
De seus tigres crueis, e ao longe busca
Um asilo escondido, em que elle aguarde
A justiça de Deos, a que nivella
No suggesto da morte o rei e o servo.
„Irei primeiro, (murmurava andando,)
Porque o sinto, mas lá vou esperal-o
Juncto á sancta Isabel, que o céo ja guarda.
Bem m'o dice o Infante lusitano!"

Todos descançam respirando aromas
Na bella veiga em que assentara Pintia
De Roma o braço, quando o teve no orbe.
Na moderna cidade, permeiada

Do Esgueva turvado, tudo dorme.
Menos o servo do altar, sentado
Entre as ogivas que suspendem bronzes:
D'ellas mira o sineiro polygloto
O lar extincto, tendo á dextra a corda
Que esperta os sinos, e desata as vozes
Dos gigantes de pedra, irmãos dos templos.
Gigantes consagrados, que ennobrecem
Valladolid, a bella leoneza,
Vestal do fanatismo, que alimenta
A flamma exicial de Torquemada.
É vespra da Assenção; Maio declina
No leito perfumado. A noite avança.
Sobre a enxerga do pobre, qual banido,
N'um quarto escuso de modesto alvergue,
Jaz o Messias de Oceano enfermo.
Nos pardos muros, onde apenas vêm-se
As cadeias que em premio lhe lançaram,
Ressumbra ainda o sacrosancto aroma
Do incenso que alli queimara ha pouco
O piloto das almas, o que outorga
Ao christão moribundo o pão celeste.
Em extasis divinos enlevado,
Como si a morte o surprendesse orando,
Calmo, Colombo o passamento espera.
Sente o alvéo do río da existencia
Seccar-se em febre, e a onda derradeira

No oceano da morte ir confundir-se.
Immoveis, taciturnos, e escondendo
Nos abysmos da dôr gelado o pranto,
Velam seus filhos e fieis criados.
N'aquella face, venerando espelho
De severas virtudes, como assente
A morte, já mareja a eternidade;
E em sua alma, thesouro de sciencia,
Só a imagem de Christo está presente.
Mudos os filhos, para elle olhando,
Viam no alento do anciar paterno
A fugida dessa alma carinhosa;
E alli curvados sob as negras azas
Do funebre terror, a cada instante,
De joelhos, as mãos frias lhe beijam.

Similhante a uma estrella annuviada,
Que ao brando sôpro do terral nocturno
O brilho cobra, e resplendendo fica;
Assim se anima do Almirante o rosto,
Abrindo os olhos, e fitando immoveis
No vago espaço, do infinito imagem.
Ao funesto signal tremem os filhos,
Chamam por elle, que não falla!... e logo
O psalmo da agonia vão soltando,
De soluços e pranto entrecortado.
„Inda é cedo,... meus filhos, diz Colombo,

Para surgir no porto da verdade . . .
Já vejo a terra, e o boqueirão — da cova.“
Perdoai-nos, Senhor, ambos lhe dizem,
De subito cortando a dôr e o pranto!

„Perdoar-vos.. . de que?... de um sancto zelo?
Responde o páe, erguendo as mãos trementes,
Que elles ungem de beijos, tão saudosos!
„Acalmai-vos, meus filhos, que é preciso.
Quero ainda uma vez, meu bom Diogo,
Teus direitos firmar . . . a lei o pede.
Rasguei o codicillo que fizera
Na Cartuxa, e guardara o bom Gorricio.
Refeito ha pouco, o transcrevi no livro
Do Notario real . . . Ahi tens a copia.
Deixo-te Beatrix, mãe de Fernando.
Minha esposa e senhora. Sê seu filho,
Sua guarda, consolo, e mór ventura;
Que ella tudo merece. Mais que humana,
Seus brazões, formosura, mocidade,
E ainda ácima, o coração perfeito,
Em troco da velhice e da pobreza,
Dêo-me!... e queria partilhar-me as dôres!
Dizei-lhe que morri com ella n'alma,
Louvando os sacrificios que fizera.
Compre os legados que eu ahi disponho:
O immenso cabedal que Elrei me deve,

E que em breve haverás, chega, e de sobra.
Como Grande de Hespanha, e Almirante,
E Vicerei das Indias, não te esqueças
De que humilde nasci, e humilde morro:
As grandezas da terra são de vidro.
Dai-me penna e papel; mas... ai!... não posso;
Sinto a morte nas mãos... estou morrendo.“
E a fronte sobre a espadoa reclinando,
Suspirou, e pendêo-a sobre o peito,
E após cahio. Ao suspendel-o, os filhos
Cuidaram que sua alma se partia
Á esphera immaculada, ouvindo o horrendo
Estertor de seus labios despedido,
E de surdos gemidos compassado
Immoveis todos, sobre o leito curvos,
Nesse angusto silencio em que a esperança
A cada alento vai fugindo . . . viram
Manso e manso voltar-lhe a falla e o gesto,
E sereno dizer, quasi sorrindo:
„Vem chegando o momento . . . Já presinto
O espirito deixar a carne em ruina.
Mal vive o coração, porêm minha alma
Pura e joven se eleva e se illumina!
Sinto na vista um horizonte infindo,
Tão claro como o sol! leio no espaço
Em brilhantes visões, lettras de fogo,
Os arestos de Deos! Vejo o futuro!

Escutai-me, e guardai n'alma o que digo!
Vejo alêm do oceano um grande imperio,
E no seu pavilhão a cruz de Christo!
Vejo guerras,... e ao norte a fronte erguendo
Um Colosso, que a terra e o mar invade!
Que grandezas, que leis, e que sciencia!..
Vejo aqui o altar e o throno unidos;
Vejo o norte fugir de Roma, e a Igreja,
Que meu fim protegêo, luctar vencendo!
Vejo Deza e Ximenes amparando
Tua causa, meu filho! Oh! Deos louvado!
Respira coração!.. Vejo Fernando
Na minha eça espedaçar as iras,
E a ti, Diogo... Que mudança é esta?!
Oh! meu Deos! que mudança inesperada!!!
São teus decretos? Que assim seja...“
E, pasmo,
A Fernando lançou como um sorriso,
E a Diogo uma lagrima secreta.
Resfriada a emoção, dice: „Apromptai-vos;
E escrevei, filhos meus, o que vos dicto;
Escrevei os clarões de uma alma envolta
Nos tibios arreboes do occaso eterno:
— Meu páe, em Christo, e protector constante!
Tu, que inspirado por celeste influxo,
Commigo alaste ás regiões videntes,
Calcando o tecto tenebroso, e as pêas

Da rude Salamanca; tu, que ousado
Nesse indocto concilio a voz prestaste
Á mão que punha no futuro do orbe
O marco secular de novas éras,
E feliz collocava alêm dos mares
A pedra bazilar da Sancta Igreja;
Completa a obra pia que encetaste:
Sóbe á regia, invadida por falsarios,
E arranca pela luz de teus dictames
Do real coração minha justiça.
Torna-o piedoso e justiceiro, pondo
Em seus olhos os olhos do universo.
Salva-o, meu páe, nessa balança recta
Do infallivel porvir, que igual pondera
Os reis e os vassallos, como o Archanjo
Do juizo final. Dize-lhe, oh padre,
Que Christovam Colombo perecera,
N'um leito de aluguel, como um mendigo,
Depois de eleito Grande, e dar-lhe um mundo! —
Assignai-as por mim: mãos já não tenho.
Uma á Deza, arcebispo de Sevilha,
E essa outra a Ximenes, em Toledo
Ponha-se o sello em que a divisa ostenta
De á Castella e Aragão ter dado um mundo
O infeliz que não tem palmo de terra."

Bate-lhe á porta o venerando Peres.

Entra, dizendo que uma voz n'um sonho
O fizera partir, e que a verdade
Do que ouvio está vendo. O amigo abraça
Com ternura, e Colombo ánimo cobra.
Dá-lhe o padre a noticia de que Ovando
Enviara mais ouro, e de que a Hespanha
Como louca se arroja onde ha navios!
„Os mendigos de Palos (diz frei Peres),
Opulentos voltaram! e os afagos
Dos que outr'ora nas ruas lhes cuspiam
Revólta o coração! Já não ha classes,
Confundio-as o ouro, o rei de todos!
O reino espiritual é só dos velhos,
Porque os moços no ouro um deos acharam!
Tudo é cubiça e sordidez nos homens:
Despe o monge o borel, fóge do claustro
E vai ser tanganhão; o cavalleiro
Larga a espada, e converte a nobre tenda
Em barraca fanqueira; o magistrado
Abre as portas do carcer, sólta o crime,
E dá foga ao carrasco! Eu tremo, amigo!
Já vejo o luxo a empobrecer a Hespanha,
E a pobreza invejosa odiar a vida
Do labor virtuoso, e da modestia!
As virtudes antigas . . .“
„Basta, padre;
(Diz Colombo anciado, e as mãos junctando)

Basta, sim que eu não quero pesos n'alma.
Dai-me novas de Deos, da vida eterna;
Que da terra não sou, desde o momento
Em que a vi tão cruel; a Deos voltado,
Dei a ella um perdão no adeos extremo.“

Passou-se a noite em orações e pranto.
Com lucida razão de vez em quando
Seus filhos consolava o moribundo.
Veio a luz e o dia celebrado
Em que a Igreja memora o complemento
Da missão de Jesus, dia solemne.
Nos setenta mosteiros da cidade
Soava meio dia. „Agora, oh padre;
(Diz Colombo que houvera calmo estado)
Á igual hora Isabel deixou a terra:
Rezemos ambos da agonia o psalmo.“

. . . .

E quando o padre, soluçando, dice:
Tudo está consummado — ouvio do Nauta,
Como um murmurio de soterrea fonte:
„Nas tuas mãos, Senhor, deponho esta alma.“
Houve um grande silencio.. E quando o olharam,
Tinha o Anjo da morte nos seus labios
Dado o beijo que sorve a luz da vida.

Descança, oh lyra, pois findei meu canto:
Tua nota final foi uma lagrima
Ao Grande Iniciador do Novo Mundo,
Martyr da inveja e da perfidia humana!
Perdoa-me, Colombo, si do engenho
A impericia excedêo o amor do vate.
Cantor das selvas, como ellas rude,
Dei-te flores silvestres, mas fagueiras,
Como o solo da patria que te devo.
Da siderea mansão em que fulguras
Juncto ao Cruzeiro, que primeiro viste,
Cinge o manto solar e o diadema
Dos eleitos, e desce, e acolhe o metro
Do canto filial, e deposita-o
Aos pés do throno do brasilio padre,
Pedro Segundo, Deffensor Perpetuo,
Que as palmas cinge no Uruguay colhidas;
Deposita no solio triumphante
Esta prova de amor, de alto respeito;
Que depois da victoria veem os hymnos,
Vem a paz, e com ella as bôas-artes.
Descança, oh lyra, té que o echo extremo
Do bronze ovante no Huamaitá vencido
Alegre chegue a teu saudoso exilio,
E unir tu possas, n'um ditoso enlevo,
Teus sons ao hymno triumphal da patria.

Sobre as timidas azas da esperança
Vai, meu canto, impetrar benigno indulto
Do Escol preclaro que o Brasil adita,
E meigo afaga as tentativas nobres.

Adeos, adeos, meu companheiro de annos,
Sonhado á luz do bello sol brasilio,
E ao algente clarão do exilio esponte,
Entre amor e saudade, riso e pranto.
Como um amigo que consola a vida,
Tu me adoçaste em horas pranteadas
O fel amargo da existencia, quando
Vi dous Anjos insontes, duas filhas,
Pelo bafo da morte congelladas,
Cahirem como folhas resequidas,
Nas areias do Sprée, do río infausto.
Tu me illudias, antepondo ao lucto
A estancia luminosa, onde minha alma,
Presa á lyra que evoca, discorria
Como uma ave sem prole e encarceirada,
Que ora geme ou floreia suspirando.
Tu me illudiste e consolaste sempre,
Quando ouvia gemer o austro infecundo
Que sécca as fontes, petrifica os rios,
Cobre o céo de bulcões, o dia esconde,
As nuvens pulverisa em brancos flocos,
E a natura amortalha n'um sudario.

Comtigo ao coração, então voava
Ás bellas plagas da querida patria,
E a imagem sua de esplendor cercada
Ante os olhos do espirito amoroso
Mais me imflammava no arrojado empenho.

FIM.

RESTRICTED CIRCULATION

197[illegible]68